

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral
Ano XII – 2/2021

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é financiada com recursos da Chancelaria de Presidente do Conselho dos Ministros no âmbito do projeto de apoio aos poloneses e polônicos no exterior. Esta publicação expressa somente o ponto de vista dos autores e não pode ser identificada com a opinião oficial da Chancelaria da Presidência do Conselho dos Ministros.



Projekt jest finansowany przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków Kancelarii Prezesa Rady Ministrów w ramach zadania publicznego dotyczącego pomocy Polonii i Polakom za granicą”. Publikacja wyraża jedynie poglądy autora/ów i nie może być utożsamiana z oficjalnym stanowiskiem Kancelarii Prezesa Rady Ministrów.

Fundo editorial / Fundusz Wydawniczy:
Pe. Jan Sobieraj, SChr
Província da Sociedade de Cristo

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa

no Brasil - Ano 12, n. 23 (jul./dez. 2021) – Curitiba : v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzisław MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*
Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)*
Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*
Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*
Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*
Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ) - In memoriam*
Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*
José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*
Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*
Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*
Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Thaís Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*
Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*
Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*
Waldemiro GREMSKI – *Pontifícia Universidade Católica - PR*
Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*
Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920
90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda.
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL

..... 12

Wstęp

..... 19

POLÔNIA

Polska

A LEITURA NACIONAL DA “MORALIDADE DA SENHORA DULSKA”

..... 26

Narodowe czytanie “Moralność Pani Dulskiej”

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA APÓS DEPOSITAR A GRINALDA NO TÚMULO DO CARDEAL WYSZYŃSKI

..... 29

*Wypowiedź prezydenta Polski po złożeniu wieńca na grobie
kardynała Wyszyńskiego*

A BEATIFICAÇÃO DO CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI E DA MADRE ISABEL CZACKA

..... 31

*Beatyfikacja kardynała Stefana Wyszyńskiego i Matki Elżbiety
Czackiej*

Marcin PRZECISZEWSKI

CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI,

PRIMAZ DA POLÔNIA	33
-----------------------------------	----

Kardynał Stefan Wyszyński, Prymas Polski

<i>Andrzej OTOMAŃSKI</i> CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI: “NÃO PODEMOS DEPOSITAR AS COISAS DIVINAS NOS ALTARES DE CÉSAR. NON POSSUMUS”	48
---	----

Kardynał Stefan Wyszyński: „Nie możemy składać Bożych rzeczy na ołtarzach Cezara. Non possumus”

<i>Jacek MOSKWA</i> UM RETRATO DA MADRE ISABEL CZACKA – A CEGA MÃE DOS DEFICIENTES VISUAIS E DOS QUE ENXERGAM	55
--	----

Postać Matki Elżbiety Czackiej – niewidoma matka niewidomych oraz tych, którzy widzą

<i>Małgorzata GOSIEWSKA</i> SOLENIDADE DA ENTREGA DE PRÊMIOS DO XVIII CONCURSO DE PIANO FRYDERYK CHOPIN (21 DE OUTUBRO DE 2021)	69
--	----

Gala wręczenia nagród XVIII konkursu pianistycznego im. Fryderyka Chopina (21 de outubro de 2021)

ARTIGOS

Artykuły

Henryk SIEWIERSKI

HÁ 200 ANOS NASCEU CYPRIAN NORWID	72
<i>200 lat temu urodził się Cyprian Norwid</i>	
<i>Marzena NYKIEL</i> SERÁ QUE PERMANECEREMOS SURDOS AO APELO DE NORWID? “AI DA NAÇÃO QUE APODRECE NO SILÊNCIO!”	78
<i>Czy pozostaniemy głusi na apel Norwida? “Biada narodowi, który gnije w milczeniu”!</i>	
<i>Albina CARLESSO</i> PEDAGOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CONCEITO DE EDMUNDO BOJANOWSKI	82
<i>Pedagogia rozwoju i integralnej edukacji w koncepcji Edmunda Bojanowskiego</i>	
<i>Elżbieta BUDAKOWSKA</i> AS TAPEÇARIAS ANTIGAS – OBRAS-RIMAS DA ARTE DA TECELAGEM DO SÉCULO XVI – NAS RESIDÊNCIAS REAIS POLONESAS	89
<i>Arrasy - arcydzieła sztuki tapicerskiej szesnastego wieku – w polskich rezydencjach królewskich</i>	
<i>Leszek WĄTRÓBSKI</i> GRAVADOR POLONÊS EM SELOS E NOTAS MUNDIAIS	93
<i>Polski grawer na znaczkach i banknotach światowych</i>	
<i>Mariano KAWKA</i>	

HÁ 150 ANOS OS POLONESES ASSINALAM A PAISAGEM PARANAENSE	99
<i>150 lat temu Polacy zaznaczyli parański krajobraz</i>	
<i>Paweł NIKODEM</i>	
SAPORSKI – “O PIONEIRO DOS SEMEADORES”	110
<i>Saporski – pionier siewców</i>	
<i>Jan PITOŃ</i>	
RESUMO BIOGRÁFICO DE SAPORSKI	163
<i>Streszczenie biografii Saporskiego</i>	
<i>Cláudia Regina Kawka MARTINS</i>	
MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE POLONÊS	178
<i>Wspomnienia polskiego imigranta</i>	
<i>Hércules Vinicius HOFFMAN E SOUZA</i>	
QUANDO O CORAÇÃO BATE MAIS FORTE	189
<i>Kiedy serce bije mocniej</i>	
<i>Krzysztof GŁUCHOWSKI</i>	
HERANÇA	192
<i>Dziedzictwo</i>	
<i>Nilton Jair PROENÇA</i>	
FUNDAÇÃO JOSÉ WALENDOWSKY	202
<i>Fundacja Józefa Walendowskiego</i>	

**TOMÁS LYCHOWSKI – POETA, PINTOR, PROMOTOR
DA CULTURA POLONESA NO BRASIL**

..... 206

*Tomasz Łychowski – poeta, malarz, promotor polskiej kultury
w Brazylii*

André Luiz de SOUZA DIAS

**IGNACY FELCZAK: A EXTRAORDINÁRIA VIDA DE UM
“ANCESTRAL” EM PROL DO BRASIL**

.....208

Ignacy Felczak: Niezwykłe życie “pradziadka” na korzyść Brazylii

POEMAS

Wiersze

Tomasz ŁYCHOWSKI

**SESQUICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA
NO PARANÁ**

.....212

150-lecie emigracji polskiej do Parany

Tomasz ŁYCHOWSKI

PARA ALÉM DO HORIZONTE

para Fryderyk Chopin e August Zamoyski

.....215

Poza horyzont

Fryderykowi Chopinowi i Augustowi Zamoyskiemu

RESENHAS

Przegląd literacki

Cláudia Regina Kawka MARTINS
GLATZ, Rosemari. *O voo da águia – 150 anos da imigração polonesa no Brasil*. Brusque: Ed. UNIFEBE, 2021.
.....217

Mariano KAWKA
MARIN, Iraci José. *Histórias de ontem*. Caxias do Sul-RS:
Editora São Miguel, 2021, pp. 96
.....221

CRÔNICAS

Wydarzenia

Schirlei Mari FREDER
**REINAUGURAÇÃO DO “MARCO HISTÓRICO
DA IMIGRAÇÃO POLONESA” EM CRUZ MACHADO-PR**
.....223
*Reinauguração “historycznego znaku imigracji polskiej”
w Cruz Machado-PR*

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
**COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DA PRESENÇA
POLONESA EM CURITIBA**
.....232
Obchody 150-lat obecności polskiej w Kurytybie

Simão VALENGA, CM
PADRE LOURENÇO BIERNASKI, CM (1929-2021)
.....271
Ks. Wawrzyniec Biernaski, CM (1929-2021)

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE

FESTEJA A DATA NACIONAL DA POLÔNIA	281
<i>Wspólnota polonijna w Porto Alegre świętuje święto Narodowe Polski</i>	
<i>Zdzisław MALCZEWSKI SChr</i> A VISITA OFICIAL DO EMBAIXADOR DA POLÔNIA A PORTO ALEGRE	286
<i>Oficjalna wizyta ambasadora Polski w Porto Alegre</i>	
 RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO CONSULADO HONORÁRIO DA REPÚBLICA DA POLÔNIA NO RS – ANO 2021	302
<i>Sprawozdanie z działalności Konsulatu honorowego Rzeczypospolitej Polskiej w stanie Rio Grande do Sul – Rok 2021</i>	

EDITORIAL

Com satisfação e alegria estamos apresentando aos prezados leitores mais um número do nosso periódico. Com alegria, visto que temos muito material para partilhar com as pessoas que se interessam pela Polônia, pelos contatos entre os nossos países com antigos laços de amizade, bem como com aquelas que desejam conhecer mais de perto a nossa coletividade polônica brasileira. No periódico não damos preferência a autores ou aos artigos publicados. Simplesmente, nas diversas seções, publicamos os artigos de acordo com a sequência das datas em que ocorreram importantes eventos.

Na primeira seção, *POLÔNIA*, publicamos textos de temática variada. O primeiro texto apresenta aos leitores a “leitura nacional” deste ano, que tem sido a obra *A moralidade da Senhora Dulska*, de autoria de Gabriela Zaporska. Neste ano de 2021 a leitura comum foi inaugurada pelo casal presidencial Agata e Andrzej Duda. Esse programa foi iniciado em 2012 e foi idealizado por Agnieszka Celeda, diretora da Agência de Cultura, e a ação foi promovida pelo então presidente da Polônia Bronisław Komorowski. A primeira leitura nacional envolveu a leitura da obra de Adam Mickiewicz *O Senhor Tadeu*, que se realizou no dia 8 de setembro de 2012. A intenção era que a leitura de importantes obras literárias de autores poloneses extrapolasse os muros das escolas e se tornasse presente na vida social amplamente entendida. A cada ano aumenta o número dos lugares onde se realiza a leitura comum de uma obra selecionada. Nos últimos anos envolveram-se nessa iniciativa coletividades polônicas de diversos países do mundo.

No dia 12 de setembro de 2021 realizou-se no santuário da Divina Providência em Varsóvia a beatificação do cardeal Estêvão Wyszyński, Primaz da Polônia, e da Madre

Elżbieta Czacka. Em razão da pandemia da Covid-19, a data da beatificação foi adiada, visto que ela devia realizar-se no dia 7 de junho de 2020. Ao cardeal Wyszyński dedicamos o discurso do presidente da Polônia Andrzej Duda, pronunciado após ele ter depositado uma grinalda de flores sobre o sarcófago na catedral de Varsóvia para honrar o Primaz da Polônia, que durante a ditadura comunista foi o baluarte da Igreja e dos valores nacionais poloneses dos seus compatriotas. Publicamos igualmente dois textos relacionados com o cardeal Wyszyński: de Marcin Przeciszewski e de Andrzej Otomański. No dia da beatificação do cardeal Wyszyński foi igualmente beatificada a deficiente visual Elżbieta Czacka, que transformou a casa religiosa em Laski, perto de Varsóvia, num instituto para crianças deficientes visuais, bem como num lugar de encontros para pessoas que buscam a verdade e o sentido da vida. A figura da nova beata e a sua permanente obra são apresentadas aos leitores por Jacek Moskwa.

O tema seguinte relacionado com a Polônia é o Concurso Internacional Frederico Chopin. Małgorzata Gosiewska descreve a solene cerimônia da entrega dos prêmios aos vencedores do concurso. A edição deste ano desse concurso já foi a décima oitava sucessiva.

A segunda seção, intitulada *ARTIGOS*, se inicia com um texto dedicado ao poeta e emigrante polonês Cyprian Kamil Norwid, cujo aniversário dos 200 anos do nascimento é comemorado neste ano. Em seu texto, Henryk Siewierski apresenta-nos a riqueza da obra poética do grande polonês, que em sua vida enfrentou dificuldades materiais, mas, sem se render, generosamente partilhou com as pessoas da sua geração a riqueza das suas reflexões pessoais, da sua fé, da poesia. Vale a pena enfatizar que em seus muitos pronunciamentos o papa S. João Paulo II fazia alusões à profunda poesia espiritual de Norwid. Igualmente Marzena

Nykiel dedica a Norwid as suas reflexões e pergunta se permanecemos surdos ao apelo desse poeta, cuja mensagem é extremamente atual para os dias de hoje. Não somente para os poloneses, visto que a poesia é universal e não pode ser limitada por fronteiras geográficas ou políticas.

Neste ano ocorre o aniversário dos 150 anos da morte de Edmundo Bojanowski, um patriota e um homem de profunda fé que viveu na zona de ocupação prussiana. A Irmã Albina Carlesso – pertencente à congregação religiosa fundada por Edmundo Bojanowski, cujo carisma é a assistência às crianças pobres e às pessoas solitárias – apresenta em seu artigo a atualidade da educação desenvolvida segundo a pedagogia de Bojanowski. As suas filhas espirituais exercem o ministério no Brasil desde 11 de fevereiro de 1954.

No artigo seguinte, afastamo-nos de figuras humanas para uma arte não muito difundida. Elżbieta Budakowska apresenta aos leitores a história da arte da tapeçaria. Graças a esse artigo o leitor poderá conhecer os gobelinos provenientes do século XVI e que adornam as residências reais na Polônia. Em seguida afastamo-nos da arte da tapeçaria, para no artigo seguinte debruçar-nos sobre uma outra manifestação da arte, ou seja, a gravura. Leszek Wątróbski apresenta-nos a figura de um gravador polonês presente em selos e cédulas de dinheiro de diversos países do mundo.

O texto de Mariano Kawka transporta-nos do tempo presente aos primórdios da imigração polonesa no Paraná. No ano corrente recordamos e contemplamos os 150 anos da presença dos poloneses, do seu trabalho, da sua contribuição para o desenvolvimento do Paraná em variados aspectos, bem como o mosaico étnico do estado. Nessa mesma seção publicamos um texto de Paweł Nikodem dedicado a Sebastião Saporski, considerado o pai da imigração polonesa na região meridional do Brasil. O mencionado texto foi publicado nos anos setenta do século passado na revista *Anais da Comunidade*

Brasileiro-Polonesa, que foi editada por um grupo de intelectuais polônicos em Curitiba. O artigo seguinte dedicado a Sebastião Saporski é o texto do Pe. João Pitoń CM, incansável pesquisador da história da imigração polonesa no Brasil, que nos apresenta uma síntese biográfica e a diversificada obra de Saporski.

A vida da comunidade dos imigrantes é constituída pelo destino de diversos indivíduos que tomaram a decisão de deixar os seus familiares, o seu país e de empreender uma longa viagem ao desconhecido Brasil, que se tornou para eles um baluarte de segurança, de estabilidade, bem como de trabalho em prol da nova pátria. Cláudia Regina Kawka Martins, em seu estilo peculiar de apresentar a história, deu-se ao trabalho de apresentar a vida e as memórias de um imigrante polonês. Em 1994, juntamente com seu pai Mariano Kawka, ela realizou uma entrevista com o seu tio José, que veio ao Norte do Paraná em 1937. Em seu artigo, a autora busca apresentar a vida do último imigrantes polonês que juntamente com a família se estabeleceu na colônia Gleba Orle, situada nas proximidades da atual cidade de Arapongas. José Kawka faleceu neste ano. As recordações registradas pela autora permanecerão como um testemunho da vida na Polônia do entreguerras, bem como na nova realidade imigratória no Norte do Paraná.

O texto seguinte é breve, e nele o autor, Hércules Vinicius Hoffman e Souza, expressa as suas emoções após ter visitado a Polônia. Desde então, o seu coração pulsa mais forte com a lembrança do país dos seus antepassados e com a consciência das suas raízes polonesas.

Ao fazer uma ordenação das minhas coleções, encontrei o texto de Krzysztof Głuchowski intitulado *Herança*. Li esse texto do meu amigo, ex-participante do Levante de Varsóvia, jornalista, que após deixar a Inglaterra decidiu fixar residência no Rio de Janeiro. Tenho consciência de que esse

texto não foi até agora publicado no Brasil e de que o seu autor, olhando do outro lado da nossa realidade humana, com certeza sorri ao perceber que a lembrança dele perdura entre aqueles com quem viveu em amizade. Com certeza esse texto nos conscientizará muito de uma geração que passou heroicamente pela provação da vida para assumir uma outra guarda.

No texto seguinte, de Nilton Jair Proença, os leitores tomarão conhecimento da Fundação José Walendowsky, instituída em 2013 em Brusque, Santa Catarina, onde em 1869 se estabeleceram os primeiros imigrantes poloneses, procedentes de Siołkowice, perto de Opole. A mencionada Fundação tem por objetivo a preservação da memória sobre a presença polonesa naquela região desse estado meridional brasileiro.

Na continuidade do nosso periódico o leitor encontrará um breve texto da Rádio Polonesa, emitido no primeiro semestre de 2021, com uma recordação sobre Tomás Lychowski, residente no Rio de Janeiro. Nesse breve texto esse carioca polonês é apresentado como poeta, pintor, líder polônico, bem como divulgador da cultura polonesa.

O último texto dessa seção, de autoria do militar brasileiro André Luiz de Souza Dias, apresenta aos leitores um outro imigrante residente na mais bela cidade do mundo, no Rio de Janeiro. Ao escrever a respeito do último combatente polonês no Brasil – Inácio Felczak (que por muitos anos foi presidente da Associação dos Combatentes Poloneses e que tomou a decisão de dissolver oficialmente a atividade dessa associação em razão do falecimento dos seus membros), o autor trata-o como seu “bisavô” e procura apresentar a biografia desse imigrante e a sua vida em prol do Brasil.

Na seção seguinte, *POEMAS*, publicamos duas poesias de Tomás Lychowski, apresentadas em duas línguas – polonês e português. A primeira é dedicada aos 150 anos da imigração

polonesa no Paraná, e a segunda, a Frederico Chopin e ao conde e escultor Augusto Zamoyski, que por vários anos desenvolveu sua atividade artística no Rio de Janeiro. Uma das obras de Augusto Zamoyski é o monumento a Frederico Chopin, situado na Praia Vermelha, no bairro da Urca, na Cidade Maravilhosa, como os brasileiros chamam carinhosamente a antiga capital do seu país, Rio de Janeiro.

A seção seguinte, intitulada *RESENHAS*, encerra a apresentação de dois livros publicados neste ano. Cláudia Regina Kawka Martins analisa a obra de autoria de Rosemari Glatz, que por ocasião dos 150 anos da vinda dos poloneses ao Brasil dedicou o seu trabalho aos imigrantes poloneses que vieram de Siołkowice a Brusque. No livro intitulado *O voo da Águia – 150 anos da imigração polonesa no Brasil*, a autora não somente fala dos nossos agricultores, mas também assinala a influência dos tecelões poloneses no desenvolvimento de Brusque e da região. O livro também apresenta muitas informações sobre a Polônia. Assim, pois, o leitor conhecerá a história da colonização polonesa em Brusque, mas também o país atual, do qual há 152 anos emigraram os poloneses em busca de liberdade e de dignas condições de vida para si mesmos e para as futuras gerações. O livro é enriquecido por uma grande quantidade de ilustrações do Brasil e da Polônia.

O livro seguinte é apresentado por Mariano Kawka. Seu autor é José Iraci Marin, que é de origem italiana, mas cuja esposa é de origem polonesa. Ele já publicou vários livros dedicados à colonização polonesa na região montanhosa do Rio Grande do Sul. Desta vez, em seu último livro publicado, apresenta 13 histórias ou fábulas. Com isso o autor demonstra mais um talento seu, pois, além de historiador, revela-se também fabulista. O mencionado livro foi publicado em verão bilíngue – em português e em polonês.

A última seção do atual número, intitulada *CRÔNICAS*, encerra muitas informações a respeito de

importantes acontecimentos ocorridos nestes últimos meses do ano 2021. Entre as reportagens publicadas, enumero cronologicamente: a reinauguração do “Marco histórico da imigração polonesa em Cruz Machado, no estado do Paraná”; as comemorações dos 150 anos da presença polonesa em Curitiba; a memória do Pe. Lourenço Biernaski CM (benemérito sacerdote não apenas polônico, líder social, arquivista, autor de diversas publicações); os festejos, pela comunidade polônica de Porto Alegre, do aniversário da recuperação da independência da Polônia e a visita oficial do embaixador da Polônia a Porto Alegre. O leitor encontrará igualmente nessa seção informações sobre alguns eventos que ocorreram com a participação do embaixador do Brasil na Polônia, bem como de diplomatas poloneses no Brasil.

Caros leitores! Vocês estão recebendo mais um número do nosso periódico. Alimento a esperança de que os textos nele publicados lhes serão interessantes e de que despertarão um maior interesse pelas questões nele abordadas. Desejo-lhes uma agradável leitura!

Zdzislaw Malczewski SChr
Redator

W S T Ę P

Z satysfakcją i radością przekazujemy Drogiemu Czytelnikowi kolejny numer naszego periodyku! Z radością, ponieważ mamy dużo materiału, aby się nim podzielić z osobami, które się interesują Polską, kontaktami między naszymi zaprzyjaźnionymi od zawsze krajami, jak też pragną poznać bardziej naszą brazylijską społeczność polonijną. W czasopiśmie nie dajemy preferencji autorom czy też publikowanym tekstom. Po prostu w poszczególnych działach kolejność artykułów zamieszczamy według kolejności dat, w których odbywały się ważne wydarzenia.

W pierwszym dziale *POLSKA* zamieszczamy teksty o różnorodnej tematyce. Pierwszy tekst przybliży czytelnikowi tegoroczne narodowe czytanie, którym było dzieło „Moralność Pani Dulskiej” autorstwa Gabrieli Zapolskiej. Wspólne czytanie w obecnym 2021 r. zainicjowała para prezydencka Agata i Andrzej Duda. Narodowe czytanie zainicjowano w 2012 r. i jego pomysłodawcą była Agnieszka Celeda dyrektor Biura Kultury, a akcję zorganizował ówczesny prezydent Polski Bronisław Komorowski. W ramach pierwszego narodowego czytania było dzieło Adama Mickiewicza „Pan Tadeusz”, które odbywało się 8 września 2012 r. Intencją tej akcji było, aby lektura ważnych dzieł literackich polskich autorów wyszła poza mury szkolne i stała się obecna w szerokim rozumieniu życiu społecznym. Z każdym rokiem wzrasta liczba miejsc, gdzie odbywa się wspólne czytanie wybranej lektury. W ostatnich latach do narodowego czytania włączyły się społeczności polonijne w różnych krajach świata.

12 września 2021 r. odbyła się w świątyni Opatrzności Bożej w Warszawie beatyfikacja kardynała Stefana Wyszyńskiego, Prymasa Polski oraz Matki Elżbiety Czackiej.

Ze względu na pandemię Covid-19 beatyfikacja została przesunięta w terminie, gdyż miała się odbyć 7 czerwca 2020 r. Kard. Wyszyńskiemu poświęcamy przemówienie prezydenta Polski Andrzeja Dudy wypowiedziane po złożeniu wieńca kwiatów na sarkofagu w katedrze warszawskiej by uczcić Prymasa Polski, który podczas dyktatury komunistycznej był ostoją Kościoła i polskich wartości narodowych swoich rodaków. Zamieszczamy także dwa teksty związane z kard. Wyszyńskim: Marcina Przeworskiego oraz Andrzeja Otomańskiego. W dniu beatyfikacji kard. Wyszyńskiego była również beatyfikowana niewidoma Elżbieta Czacka, która z domu zakonnego w Laskach koło Warszawy uczyniła ośrodek dla dzieci niewidomych, a także centrum spotkań dla ludzi poszukujących prawdy i sensu życia. Postać nowej błogosławionej i jej trwające dzieło przybliży czytelnikowi Jacek Moskwa.

Kolejny temat związany z Polską, to międzynarodowy konkurs Fryderyka Chopina. Małgorzata Gosiewska opisuje uroczystą galę wręczenia nagród dla zwycięzców konkursu Chopinowskiego. Tegoroczny konkurs to już był osiemnasty z kolei.

Drugi dział zatytułowany *ARTYKUŁY* otwiera tekst poświęcony poecie i emigrantowi polskiemu Cyprianowi Kamilowi Norwidowi, którego 200 rocznicę urodzin obchodzimy w bieżącym roku. Henryk Siewierski w swoim tekście przybliży nam bogactwo poetyckiej twórczości wielkiego Polaka, który w swoim życiu borykał się z trudnościami materialnymi, ale nie poddając się, hojnie dzielił się z ludźmi swojej generacji bogactwem osobistych przemyśleń, wiary, poezji. Nasza współczesna generacja odkrywa wielkość poezji Cypriana Kamila Norwida. Warto podkreślić, że w swoich wielu wystąpieniach publicznych papież św. Jan Paweł II odwoływał się do głębokiej duchowej

poezji Norwida. Również Marzena Nykiel poświęca Norwidowi swoje refleksje i stawia pytanie, czy pozostaniemy głusi na apel Norwida? Przesłanie poety jakżeż jest aktualne na współczesne czasy. Nie tylko dla Polaków, gdyż poezja jest uniwersalna i nie może być ograniczona granicami geograficznymi czy politycznymi.

W obecnym roku mija 150-rocznica śmierci Edmunda Bojanowskiego, Wielkopolanina, patrioty i człowieka głębokiej wiary żyjącego pod zaborem pruskim. Siostra Albina Carlesso – należąca do zgromadzenia zakonnego założonego przez Edmunda Bojanowskiego, którego charyzmatem jest opieka nad biednymi dziećmi, samotnymi osobami – w swoim artykule ukazuje aktualność wychowania prowadzonego według pedagogiki Bojanowskiego. Jego córki duchowe pełnią posługę od 11 lutego 1954 r. w Brazylii.

W kolejnym artykule odbiegamy od postaci ludzkiej do sztuki niezbyt powszechnej. Elżbieta Budakowska przybliży czytelnikowi historię arcydzieła sztuki tapicerskiej. Dzięki temu artykułowi czytelnik pozna arrasę pochodzącą z XVI wieku, a zdobiącą rezydencje królewskie w Polsce. Odchodzimy od sztuki tapicerskiej, aby kolejnym artykule pochylić się na innym przejawie sztuki, a mianowicie na grawerstwie. Leszek Wątróbski przybliży nam postać polskiego grawera obecnego na znaczkach i banknotach światowych.

Tekst Mariana Kawki przenosi nas ze współczesności do początków osadniczej emigracji polskiej w Paranie. W bieżącym roku wspominamy i spoglądamy na 150 lat polskiej obecności, pracy, wkładu w różnorodny rozwój, a także w etniczną mozaikę Parany. W tym samym dziale zamieszczamy tekst Pawła Nikodema poświęcony Sebastianowi Saporskiemu, uważanemu za ojca polskiej emigracji w południowym regionie Brazylii. Wspomniany tekst był publikowany w latach siedemdziesiątych ubiegłego wieku w

„Anais da comunidade polono-brasileira”, jakie wydawała grupa polonijnych intelektualistów w Kurytybie. Kolejnym artykułem poświęconym Sebastianowi Saporskiemu jest tekst ks. Jana Pitonie, CM (nieustrudzonego badacza dziejów polskiej emigracji w Brazylii) przybliżający nam biografię wszechstronnie utalentowanemu Saporskiemu.

Na życie społeczności imigrantów składają się poszczególne losy indywidualnych postaci, które podjęły decyzję opuszczenia swoich bliskich, kraju i wybrania się w daleką podróż do nieznanego kraju Brazylii, który stał się ostoją bezpieczeństwa, stabilności, a także pracy dla nowej ojczyzny. Cláudia Regina Kawka Martins, w swoim osobistym stylu przybliżania historii, podjęła się wyzwania przybliżenia życia i wspomnień polskiego imigranta. W 1994 r. wraz ze swoim ojcem prof. Mariano Kawka przeprowadziła wywiad ze swoim wujkiem Józefem, który przybył do północnej Parany w 1937 r. W artykule autorka stara się przybliżyć życie ostatniego imigranta polskiego, który wraz z rodziną osiedlił się w kolonii Gleba Orle położonej w pobliżu dzisiejszego miasta Arapongas. Józef Kawka zmarł w bieżącym roku. Wspomnienia zapisane przez autorkę pozostaną świadectwem życia w Polsce międzywojennej, jak też w nowej rzeczywistości imigracyjnej na północy Parany.

Kolejny tekst jest krótki, w którym autor Hércules Vinicius Hoffman e Souza wyraża swoje odczucia po pobycie w Polsce. Od tamtego czasu jego serce bije mocniej na wspomnienie kraju swoich przodków, jak też posiadanej świadomości o swoich polskich korzeniach.

Przy porządkowaniu moich zbiorów znalazłem tekst Krzysztofa Głuchowskiego zatytułowany „Dziedzictwo”. Przeczytałem ten tekst mojego przyjaciela, byłego powstańca warszawskiego, dziennikarza, który po wyjeździe z Anglii zdecydował zamieszkać w Rio de Janeiro. Mam świadomość, że ten tekst nie był dotąd publikowany w Brazylii i że jego

autor spoglądając z drugiej strony naszej ludzkiej rzeczywistości z pewnością uśmiecha się dostrzegając, że pamięć o Nim trwa nadal wśród tych, z którymi żył w przyjaźni. Z pewnością tekst uświadomi nam wiele o pokoleniu, które bohatercko przeszło przez próbę życia i odchodzi na drugą wartość.

W kolejnym tekście autorstwa Niltona Jaira Proençy czytelnik pozna powstałą w 2013 r. fundację Józefa Walendowskiego w Brusque, w stanie Santa Catarina, gdzie w 1869 r. osiedlili się pierwsi polscy imigranci pochodzący z Siołkowic koło Opola. Wspomniana fundacja ma na celu zachowanie pamięci o polskiej obecności w tamtym regionie południowego brazylijskiego stanu.

W dalszej części naszego periodyku autor znajdzie krótki tekst Polskiego Radia, które wyemitowało w pierwszym półroczu 2021 r. ze wspomnieniem o Tomaszu Łychowskim mieszkającym w Rio de Janeiro. W krótkim tekście polski carioca ukazany jest jako poeta, malarz, działacz polonijny, a także jako promotor polskiej kultury.

Ostatni tekst w tym dziale autorstwa brazylijskiego wojskowego André Luiz de Souza Dias przybliży czytelnikowi kolejnego imigranta mieszkającego w najpiękniejszym mieście świata, w Rio de Janeiro. Autor pisząc o ostatnim kombatancie polskim w Brazylii Ignacym Felczaku (wieloletni prezes Stowarzyszenia Polskich Kombatantów, który podjął decyzję o oficjalnym rozwiązaniu działalności tego stowarzyszenia ze względu na odejście do wieczności jego członków) traktuje go jako swojego „pradziadka”. Autor stara się przedstawić biografię imigranta i jego życie na korzyść Brazylii.

W następnym dziale *WIERSZE* zamieszczamy dwa poematy Tomasza Łychowskiego. Wiersze są w dwu językach: polskim i portugalskim. Pierwszy poświęcony jest 150-leciu emigracji polskiej do Parany, a drugi Fryderykowi Chopinowi i hrabiemu, rzeźbiarzowi Augustowi Zamoyskiemu, który

twórczo spędził kilka lat w Rio de Janeiro. Jednym z dzieł Augusta Zamoyskiego jest pomnik Fryderyka Chopina stojący przy czerwonej plaży (Praia Vermelha) w dzielnicy Urca w „Cidade Maravilhosa”, jak z serdecznością Brazylijczycy nazywają dawną stolicę swego kraju, Rio de Janeiro.

Kolejny dział zatytułowany *PRZEGLĄD LITERACKI* zawiera streszczenie dwóch książek, jakie ukazały się w bieżącym roku. Cláudia Regina Kawka Martins omawia dzieło autorstwa Rosemari Glatz, która z okazji 150-rocznicy przybycia Polaków do Brazylii, poświęciła swoją pracę imigrantom polskim przybyłym z Siołkowic do Brusque. W książce zatytułowanej „Lot Orła. 150 lat imigracji polskiej w Brazylii”, wspomina nie tylko o naszych rolnikach, ale także zaznacza wpływ polskich tkaczy na rozwój Brusque i jego regionu. We wspomnianym wydaniu książkowym duża część jest też poświęcona Polsce. Tak więc czytelnik pozna historię polskiego osadnictwa w Brusque, ale również współczesny kraj, z którego przed 152 laty wyemigrowali Polacy w poszukiwaniu wolności i godnych warunków życia dla siebie i przyszłych pokoleń. Książkę ubogaca duża ilość kolorowych zdjęć z Brazylii i Polski.

Kolejna książka przedstawiona jest przez Mariano Kawkę. Jej autor José Iraci Marin będący włoskiego pochodzenia, ale mający żonę o polskich korzeniach, wydał już kilka książek poświęconych osadnictwu polskiemu w regionie górzystym stanu Rio Grande do Sul. Tym razem w kolejnej wydanej przez niego książce publikuje 13 bajek. Autor ukazuje swój kolejny talent, poza pisaniem historii stał się także bajkopisarzem. Wspomniana książka wydana jest w dwóch językach: portugalskim i polskim.

Ostatni dział obecnego numeru zatytułowany *WYDARZENIA* zawiera wiele informacji o ważnych obchodach, jakie miały miejsce w ostatnich miesiącach kończącego się 2021 r. Wśród zamieszczonych reportaży

wymieniam chronologicznie: reinaugurację „historycznego znaku imigracji polskiej w Cruz Machado, w stanie Paraná”; obchody 150-lat obecności polskiej w Kurytybie; wspomnienie o ks. Lourenço Biernaskim, CM (zasłużonym duszpasterzu nie tylko polonijnym, działaczu społecznym, archiwście, autorze wielu publikacji); świętowanie przez wspólnotę polonijną w Porto Alegre rocznicy odzyskania niepodległości przez Polskę i oficjalna wizyta ambasadora Polski w Porto Alegre. Czytelnik znajdzie również w tym dziale wymienione niektóre wydarzenia, jakie miały miejsce z udziałem ambasadora Brazylii w Polsce, a także polskich dyplomatów w Brazylii.

Drogi Czytelniku! Otrzymujesz do rąk kolejny numer naszego periodyku. Mam nadzieję, że publikowane w nim teksty staną się dla Ciebie interesujące, a także, że wzbudzą większe zainteresowanie poruszonymi kwestiami! Miłej lektury życzę –

Zdzisław Malczewski SChr
redaktor

A LEITURA NACIONAL DA “MORALIDADE DA SENHORA DULSKA”*

A Ação Leitura Nacional está sendo organizada pelo Presidente da Polônia desde 2012. Ela foi iniciada pela leitura comum de “O Senhor Tadeu” de Adam Mickiewicz. Em 2013, em toda a Polônia realizou-se a leitura das obras de Aleksander Fredro, e durante as edições seguintes foram lidas sucessivamente: a “Trilogia” de Henryk Sienkiewicz e “Boneca” de Bolesław Prus; em 2016 – “Quo vadis” de Henryk Sienkiewicz, e em 2017 a leitura da Leitura Nacional foi “As bodas” de Stanisław Wyspiański. Em 2019 as leituras foram oito dos mais importantes contos poloneses, incluindo autores como Żeromski, Prus, Konopnicka e Schulz. Há um ano, nas condições das restrições epidemiológicas, foi lida a “Balladyna” de Juliusz Słowacki. (PAP)

No Jardim Saxão, o Casal Presidencial inaugurou a Leitura Nacional 2021 com uma narrativa sobre as pessoas. Sem política e com uma mensagem moral universal – enfatizaram o presidente Andrzej Duda e a Primeira Dama Agata Kornhauser-Duda durante a Leitura Nacional 2021 no Jardim Saxão em Varsóvia. Ali, como em milhares de outros lugares na Polônia e fora das suas fronteiras foi lida a “Moralidade da Senhora Dulaska”.

Não se trata de uma tragifarsa sobre a grande história, ali não há política. Trata-se de uma narrativa sobre as pessoas, que de forma muito simples descreve os tipos de caráter – disse o Presidente da Polônia. Como acrescentou, Gabriela Zapolska,

* www.prezydent.pl (acesso aos 5 de setembro de 2021).

de forma exagerada, mostrou a hipocrisia e a falsidade de Dulska. – Muitas coisas que ela faz são feitas para o público. Em certos momentos isso se transforma em crueldade – disse Andrzej Duda. O Presidente acrescentou que não se deve esquecer que também o marido dela é uma personagem negativa, visto que renuncia à responsabilidade e prefere “não se incomodar”. – Será que não encontramos tais pessoas na nossa vida diária? Talvez seja por isso que gostemos tanto dessa tragifarsa, porque tais pessoas se encontram entre nós. Vale a pena recordar a “Moralidade da Senhora Dulska” para fazer um exame de consciência – enfatizou, convidando à escuta da obra.

Andrzej Duda recordou que “Moralidade da Senhora Dulska” foi também o primeiro filme sonoro polonês. Os organizadores apresentaram trechos daquele filme de 1930. Nessa adaptação, a ação da peça foi transferida a Varsóvia. A ação do filme se desenvolve, por exemplo, no Jardim Saxão, na Praça Saxônica de então, diante do Palácio Saxão, cujo idealizador de reconstrução é o Presidente Andrzej Duda.

A Primeira Dama Agata Kornhauser-Duda lembrou a história do surgimento da peça e da sua estreia há 115 anos. Observou que desde o início a comédia contou com o grande interesse do público teatral em Lvov e em Cracóvia. – No decorrer de seis meses a peça foi vista por cinco mil pessoas, o que na época foi um grande sucesso – acrescentou a Esposa do Presidente da Polônia. Na sua opinião, o interesse pela tragicomédia era provocado pela sua comicidade e sua profunda ironia. – Dessa forma Zapolska desnudou a moralidade da burguesia da época – afirmou.

A “Moralidade da Senhora Dulska” foi escrita no decorrer de alguns dias entre outubro e novembro de 1906. A peça de

autoria de Gabriela Zapolska apresenta uma história que se desenrola numa casa burguesa do início do século XX. O nome da heroína da peça instalou-se em definitivo na arte polonesa – o comportamento de Dulaska é a definição do obscurantismo, da hipocrisia burguesa e da estreiteza de pontos de vista, aliada a uma alta avaliação dos próprios valores morais. A “Moralidade da Senhora” Dulaska foi muitas vezes apresentada nos palcos, além de ter tido várias adaptações cinematográficas e espetáculos televisivos.

Para o encerramento do encontro deste ano no Jardim Saxão, o Presidente da Polônia anunciou que dentro de um ano as leituras da Leitura Nacional serão as “Baladas e romances” de Adam Mickiewicz. Como esclareceu, isso servirá para comemorar o bicentenário da sua publicação.

Como já se tornou tradicional, neste fim de semana a leitura foi organizada em muitos lugares na Polônia e fora das suas fronteiras.

RESUMO – STRESZCZENIE

Od 2012 r. organizowane jest w Polsce narodowe czytanie. Wspomniane wydarzenie ma na celu wyjście poza mury szkolne z propozycją, aby społeczeństwo zainteresowało się literaturą będącą dziełem polskich autorów. Do tegorocznej akcji narodowego czytania wybrano dzieło Gabrieli Zapolskiej „Moralność Pani Dulskiej”.

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA APÓS DEPOSITAR A GRINALDA NO TÚMULO DO CARDEAL WYSZYŃSKI*

Prezados Senhores e Senhoras!

Este é um dia muito esperado e muito importante – creio que não apenas para a Igreja polonesa, mas sobretudo para os fiéis, de maneira especial para todos aqueles que se lembram do Primaz Cardeal Wyszyński; para aqueles que viveram aquele tempo e naquele tempo, quando o Primaz obteve grandes méritos para a nossa sobrevivência como nação, como cristãos, como católicos; quando foi detido pelos comunistas; quando pela sua inquebrantável postura deu o testemunho não apenas do que é a Igreja polonesa, mas também de como somos nós, os poloneses.

Ele também sinalizou para lá, para muito além da nossa fronteira oriental, que os poloneses não se submeteriam, que seriam eles mesmos e permaneceriam com as suas raízes, com a sua tradição, com a sua fé até o fim. E que isso é mais importante do que muitos outros valores. E depois aquela cena incomum, quando ele é abraçado pelo Santo Padre na Praça de S. Pedro em Roma – a sua grande vitória.

Com toda a certeza, hoje é um grande dia. Penso que é um grande dia para nós todos. Muito me alegro porque – apesar da pandemia, apesar dos muitos problemas que se apresentam – finalmente hoje chegou o dia em que a Igreja proclamará beato o nosso Primaz Wyszyński, o Primaz do Milênio. E

* www.prezydent.pl (acesso aos 13.09.2021)

porque no número daqueles que cumprem um papel importante, ele estará junto ao trono de Deus. Este é realmente um momento muito especial para nós todos.

Muito me alegro com isso e penso que vivenciam fortemente este momento muitas pessoas que acreditam na Polônia. Ele foi uma grande figura. Digo que não foi em vão que ele foi chamado o Primaz do Milênio. Ele viveu em tempos especiais, difíceis – entre os mais difíceis para a Igreja na Polônia – e persistiu, soube dar conta das dificuldades, sobretudo preservando a dignidade, porque isso era extremamente importante. Preservando uma grande dignidade!

Obrigado.

RESUMO – STRESZCZENIE

W dniu beatyfikacji kardynała Stefana Wyszyńskiego (12 września 2021 r.) prezydent Polski Andrzej Duda złożył wieniec przy sarkofagu Prymasa Polski w katedrze św. Jana Chrzciciela w Warszawie. Szef państwa w krótkim przemówieniu scharakteryzował postać hierarchy, który w czasach dyktatury komunistycznej był symbolem wolności narodu. W swoim nauczaniu starał się podtrzymywać wśród Polaków wielowiekowe wartości narodowe oparte na wartościach chrześcijańskich.

A BEATIFICAÇÃO DO CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI E DA MADRE ISABEL CZACKA*

No Santuário da Providência Divina em Varsóvia realizaram-se [no dia 12.09.2021] as solenidades da beatificação do Cardeal Estêvão Wyszyński e da Madre Isabel Czacka. Participaram da liturgia o Presidente da Polônia Andrzej Duda com sua Esposa Agata Kornhauser-Duda, a Chefe da Chancelaria da Presidência da República Grażyna Ignaczak-Bandych e a direção da Chancelaria.

Além dos religiosos, participaram das solenidades representantes das mais altas autoridades da Polônia, do serviço diplomático e do exército, bem como convidados do exterior. No total, estiveram presentes cerca de 7 mil pessoas.

A Santa Missa foi presidida pelo Prefeito da Congregação das Causas dos Santos Cardeal Marcello Semeraro.

Em ação de graças pela graça da beatificação, em nome da Nação foram oferecidos Dons de Agradecimento do Presidente da Polônia: um cálice de Missa como dom de agradecimento pela beatificação do Cardeal Estêvão Wyszyński e uma vela litúrgica como dom de agradecimento pela beatificação da Madre Isabel Rosa Czacka.

Os Dons do Altar foram oferecidos durante a liturgia pela Chefe da Chancelaria da Presidência da República Grażyna Ignaczak-Bandych, pelo substituto da Chefe da Chancelaria da

* www.prezydent.pl (acesso aos 13.09.2021).

Presidência Piotr Ćwik e pelo Chefe do Gabinete da Presidência Paweł Szrot.

Após as solenidades o presidente encontrou-se com o Cardeal Marcello Semeraro. Participaram do diálogo também a Chefe da Chancelaria da Presidência da República Grażyna Ignaczak-Bandyk e o Ministro Adam Kwiatkowski.

RESUMO – STRESZCZENIE

12 września 2021 r. w świątyni Opatrzności w Warszawie odbyła się beatyfikacja kardynała Stefana Wyszyńskiego oraz Matki Elżbiety Czackiej. Nowa błogosławiona była pochodzenia szlacheckiego i w młodości utraciła wzrok. Wstąpiła do zgromadzenia zakonnego, gdzie była wzorem wierności Ewangelii, a także w swojej działalności zorganizowała szkołę dla niewidomych dzieci w Laskach koło Warszawy. Dom zakonny w Laskach stał się także centrum spotkań ludzi pragnących pogłębienia swojej wiary, jak też tych, którzy będąc niewierzącymi poszukiwali prawdy.

CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI, PRIMAZ DA POLÔNIA*

*Marcin PRZECISZEWSKI***

No dia 12 de setembro [de 2021] o Primaz do Milênio Cardeal Estêvão Wyszyński foi elevado em Varsóvia à glória dos altares. Recordemos a sua figura e as suas recordações.

Filho de um organista de aldeia

Estêvão Wyszyński nasceu no dia 3 de agosto de 1901 em Zuzela sobre o Bug, na zona de ocupação russa, na fronteira da Mazóvia e de Podlasie. Era filho de Estanislau (1876-1970) e de Juliana Wyszyński (1877-1910) nascida Karp. Seu pai não possuía uma propriedade, mas era organista. O futuro cardeal educou-se na zona fronteira da Polônia e da Lituânia. Sua mãe era um devota de Nossa Senhora de Ostra Brama, e o pai, de Nossa Senhora de Częstochowa. Em casa eram fortemente cultivadas as tradições católicas. A religiosidade de Estêvão Wyszyński herdada do ambiente familiar era bastante simples, mas ao mesmo tempo aprofundada, com um forte matiz mariano. Justamente esse matiz se intensificou nele após a morte da mãe, que faleceu no dia 31 de outubro de 1910 (ele tinha então 11 anos).

Estêvão se educou numa família numerosa, visto que seu pai se casou novamente. Teve um bom relacionamento com os irmãos do segundo casamento. Tinha também um

* www.ekai.pl (acesso aos 13.09.2021).

** Jornalista, redator da Agencia Católica de Informação (KAI) em Varsóvia, na Polônia.

excelente contato com o pai. Juntamente com ele, participou da ilegal restauração dos túmulos dos revoltosos de janeiro [de 1863]. Estêvão, ainda menino, tornou-se coroinha.

Aluno inteligente e escoteiro

Em 1912 prestou os exames e iniciou os estudos em Varsóvia no ginásio particular de Wojciech Górski, onde a língua de ensino era a polonesa. Desde setembro de 1915, em razão da frente russa-alemã que impedia o caminho a Varsóvia, continuou os estudos em Łomża, na Escola Comercial Masculina Piotr Skarga. Durante os estudos em Łomża ingressou no escotismo que então surgia, o que teve um grande significado para a sua formação posterior. Pertenceu ao ambiente escotista, que havia sido inaugurado em Łomża pelo Pe. Casimiro Lutosławski, uma das mais eminentes personalidades da Igreja de Varsóvia, instituidor da Cruz Escotista e, após a recuperação da independência, deputado pelo Partido da Democracia Popular.

Vocação sacerdotal

Quando se decidiu pelo sacerdócio, não escolheu o seminário diocesano em Płock, de nível médio, mas, de forma mais ambiciosa – o seminário em Włocławek. Nos anos 1917-1920 frequentou o Liceu Pio X em Włocławek, após cuja conclusão ingressou no Seminário Maior daquela cidade.

Ordenação sacerdotal com um sinal de interrogação

Ele era uma pessoa de saúde frágil. Tinha os pulmões doentes e, quando estava concluindo o seminário, havia dúvida se valia a pena ordená-lo. Foi ordenado individualmente, por força de uma decisão especial do bispo, no dia 3 de agosto de 1924 em Włocławek, pelo bispo Dom Wojciech Owczarek. Celebrou a primeira Missa no dia 5 de agosto de 1924 em Monte Claro para – como escreveu – “ter uma Mãe que não morre”.

Sacerdote dos operários, promotor da doutrina social católica

Após a ordenação, por um ano trabalhou como vigário na paróquia da catedral em Włocławek, foi prefeito na escola da fábrica de celulose e redator do diário diocesano *Słowo Kujawskie* (Palavra de Kujawy).

Em 1925 iniciou os estudos na Universidade Católica de Lublin, na área do direito canônico e da doutrina social católica, concluídos em 1929 com a defesa do doutorado a respeito do direito da Igreja à escola. Foi aluno do Pe. Prof. Antoni Szymański, um dos mais eminentes representantes poloneses da doutrina social católica. Em Lublin conheceu também o Pe. Władysław Kornilowicz, que teve uma grande influência na sua formação espiritual e intelectual.

Durante a estada na Universidade Católica de Lublin ligou-se com o ambiente do “Renascimento” (movimento dos jovens intelectuais católicos). Graças ao “Renascimento”, aproximou-se dos intelectuais católicos, com os quais manteria estreitos contatos até a morte.

Em 1929 ganhou uma bolsa de estudos científica graças à qual visitou centros científicos na Áustria, Itália, Bélgica, Holanda e Alemanha especializados na doutrina social católica. Familiarizou-se, por exemplo, com a atividade da Ação Católica, de associações cristãs e de sindicatos. Um fruto dessa viagem foi a publicação *Principais tipos de ação católica no exterior* (Lublin, 1931).

Após a volta a Włocławek em 1930, foi professor no seminário, diretor da Universidade Operária Cristã e assistente eclesiástico dos Sindicatos Cristãos, além de articulista e, a partir de 1932, redator-geral do *Ateneum Kapłańskie* (Ateneu Sacerdotal), ao qual conferiu um perfil específico, sociocultural. Na época esse era um periódico inovador e que ao mesmo tempo adotava uma posição

inteiramente concorde com a doutrina da Igreja – ao que Wyszyński durante toda a sua vida atribuiu uma grande importância. Também deu aulas de economia social no Seminário de Włocławek. Nos anos trinta [do século passado] o Pe. Wyszyński publicou o livro intitulado *Os intelectuais na vanguarda do comunismo*.

Atuou também na Ação Católica, organizando por exemplo a União Católica da Juventude Operária e uma rede de Universidades Católicas Populares. O envolvimento social do Pe. Wyszyński foi percebido pelo Cardeal Dom Augusto Hlond, que em 1937 o convidou para fazer parte do Conselho Social do Primaz da Polônia.

O trabalho como caminho à santidade

Um livro seu publicado após a guerra traz o título *O espírito do trabalho humano*. Trata-se de uma clara e profunda exposição da teologia do trabalho, tema que por anos permaneceu presente em seu pensamento e em sua homilética. Ele apresentava o trabalho como um importante caminho à santidade. O fundador da Opus Dei, S. Josemaría Escrivá, conhecia esse livro e o recomendava como leitura espiritual aos seus assistidos espirituais. Por inspiração sua, em 1957 esse livro foi traduzido para a maioria das línguas europeias.

Relações com a Obra de Laski

Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, prevendo que poderia ser procurado pela Gestapo, deixou Włocławek. A partir de 1940 foi capelão das crianças deficientes visuais e das Irmãs Franciscanas Servas da Cruz em Laski, que haviam encontrado abrigo em Kozłówka, na região de Lublin, e depois em Żułów. Em outubro de 1940, diante da ameaça de uma doença pulmonar, viajou por um breve período de tempo a Zakopane, onde numa revista de rotina foi detido, mas conseguiu fugir antes que fosse estabelecida a sua identidade.

Em junho de 1942 viajou a Laski, perto de Varsóvia, onde – como capelão do instituto para deficientes visuais – permaneceu até o final da guerra. Em Varsóvia deu aulas em universidades clandestinas. Em 1944 juntou-se ao Exército Nacional com o pseudônimo Radwan II. Durante o Levante de Varsóvia foi capelão no hospital dos revoltosos em Laski. Em março de 1945 voltou a Włocławek, onde foi reitor do Seminário Religioso, que estava necessitado de uma reconstrução. Ao mesmo tempo, em razão da falta de padres, exterminados pelos alemães, exerceu a função de pároco em duas paróquias, bem como de redator de *Ład Boży* (Ordem Divina) e do *Ateneum Kapłańskie* (Ateneu Sacerdotal).

Bispo de Lublin

Foi nomeado bispo no dia 4 de março de 1946. Lembrava que a nomeação o havia deixado “muito assustado”. Pediu um tempo para pensar, mas rapidamente o convenceram as palavras do Cardeal Hlond, o qual lhe disse que um pedido do Papa não pode ser negado. Foi ordenado bispo no dia 12 de maio de 1946, em Monte Claro, e o seu ingresso na catedral de Lublin ocorreu no dia 26 de maio. Organizou a diocese destruída pela ocupação, visitou as paróquias, pronunciou numerosos sermões, especialmente nos bairros operários de Lublin, pregou retiros, organizou cursos de catequese, deu aulas na Universidade Católica de Lublin e lhe prestou assistência como grão-chanceler.

No dia 22 de outubro de 1948 inesperadamente faleceu o Cardeal Augusto Hlond. Antes da morte, ele apontou como seu sucessor o Bispo Estêvão Wyszyński. Pio XII tomou a decisão de nomeá-lo no dia 12 de novembro, e no dia 16 de novembro assinou a bula pela qual convocava Wyszyński para a função de arcebispo de Gniezno e de Varsóvia e Primaz da Polônia. No entanto, segundo a opinião da Conferência do Episcopado da Polônia, as funções de Primaz da Polônia como

metropolitana de Gniezno e arcebispo de Varsóvia deviam permanecer separadas, com o que o Papa não concordou.

Primaz da Polônia

A tomada de posse do novo Primaz na catedral de Gniezno ocorreu no dia 2 de fevereiro de 1949, e na catedral de Varsóvia, no dia 6 de fevereiro de 1949 (a catedral de S. João ainda se encontrava em ruínas). Na carta que por ocasião da tomada de posse encaminhou aos fiéis de ambas as dioceses, escreveu: “Eu não sou político nem diplomata, não sou ativista nem reformador. Sou, no entanto, o vosso pai espiritual, o pastor e o bispo das vossas almas, sou apóstolo de Jesus Cristo”.

Estêvão Wyszyński recebeu plenos poderes da Santa Sé, que lhe couberam como herança do Cardeal Hlond. Esses poderes lhe davam o direito de legado pontifício diante de toda a Igreja na Polônia, a jurisdição sobre as áreas anteriormente dominadas pelos alemães, direitos especiais relacionados com os católicos do rito latino que viviam na área da União Soviética, bem como a jurisdição sobre os ritos católicos orientais na Polônia.

As fronteiras da transigência

Após terem falsificado as eleições em janeiro de 1947 e eliminado a oposição política e a resistência clandestina anticomunista, os comunistas deram início a uma intensa luta com a Igreja, que tinha por objetivo eliminar a Igreja da esfera pública e a sua subordinação ao Estado. No início de 1950 o Estado assumiu a Caritas, as terras da Igreja e grande parte dos seus imóveis. Foram fechados hospitais, escolas e editoras dirigidas pela Igreja, e seguiu-se a extinção das associações católicas. Por isso, diante dessa nova situação o Primaz se esforçou por encontrar para a Igreja um “modus vivendi” com as autoridades. Acreditava que, se os comunistas haviam

assumido o governo na Polônia em razão das condições geopolíticas, por algum tempo eles tinham que exercê-lo. Por isso concordou com o “Acordo” de 1950, que pelo período de vários anos de enfurecido stalinismo refreou um ataque frontal contra a Igreja. Em troca da condenação dos destacamentos guerrilheiros que continuavam a lutar e do reconhecimento da nova fronteira ocidental, obteve a anuência para o ensino da religião e o funcionamento da Universidade Católica de Lublin.

No entanto, a prontidão para o entendimento da parte do Primaz tinha limites estritamente definidos. Em setembro de 1953, diante de uma tentativa dos comunistas de assumir o controle das nomeações da Igreja e, assim, do controle do Episcopado, o Primaz Wyszyński (desde janeiro cardeal) pronunciou-se categoricamente: “*Non possumus*” (Não podemos) – conscientemente expondo-se à prisão. Em maio de 1953, em nome do Episcopado, o Primaz escreveu um memorial a Bolesław Bierut que se encerrava com as palavras: “Se fôssemos colocados diante da alternativa: a subordinação da jurisdição eclesiástica como instrumento do poder leigo ou o sacrifício pessoal, não hesitaríamos. Seguiremos a voz da nossa vocação apostólica e da nossa consciência sacerdotal, caminhando com a paz interior e a consciência de que não demos motivo à perseguição, de que o sofrimento nos cabe unicamente em razão da causa de Cristo e da Sua Igreja. Não depositaremos as coisas divinas nos altares de César. *Non possumus*”.

O internamento

Três meses depois, no dia 25 de setembro de 1953 o Primaz Wyszyński foi detido. Sem um ato de acusação, processo ou sentença, permaneceu preso por três anos – até 28 de outubro de 1956. Até o outono de 1956 permaneceu em diversos lugares de isolamento: Rywałd Królewski (até 12 de

outubro de 1953), Stoczek Warmiński (até 6 de outubro de 1954), Prudnik Śląski (até 26 de outubro de 1955) e Komańcza (até 28 de outubro de 1956).

A Grande Novena

Durante a permanência do Primaz em Komańcza surgiu o texto dos Votos da Nação Polonesa de Monte Claro, idealizados como uma renovação dos votos de Lvov de João Casimiro, dos tempos do Dilúvio sueco. Visto que o Cardeal Wyszyński continuava preso, o texto dos votos foi lido pelo bispo Dom Michał Klepacz no dia 26 de agosto de 1956, na presença de cerca de um milhão de peregrinos vindos a Monte Claro.

Após recuperar a liberdade, nos anos 1957-1966 o Primaz dirigiu a Grande Novena, que devia preparar a nação para as comemorações do Milênio do Batismo da Polônia. Tratava-se de um amplo projeto de renovação social, de transformação moral da nação, naquela ocasião direcionado contra o sistema comunista como fonte da degeneração moral da sociedade. Por iniciativa do Primaz, teve início a Visitação, ou seja, a peregrinação de Nossa Senhora em forma de uma cópia da Imagem de Monte Claro por todas as paróquias polonesas. A novena encerrou-se no dia 3 de maio de 1966 com o Ato da Entrega da Nação a Nossa Senhora pela liberdade da Igreja na Polônia e no mundo.

Esses grandes projetos pastorais do Cardeal Wyszyński – realizados num Estado comunista – produziram na Igreja universal uma gigantesca impressão. A maioria das hierarquias olhava para isso com espanto e admiração. Saiu ganhando com isso a Igreja na Polônia, tendo-se tornado naquele tempo um ponto de referência para a Igreja universal.

Participação no Concílio Vaticano II

Nos anos 1962-1965 o Cardeal Wyszyński participou ativamente dos trabalhos do Concílio Vaticano II, primeiramente na sua preparação e depois nas deliberações de todas as quatro Sessões. Durante a primeira Sessão conciliar foi nomeado pelo Papa João XXIII membro da Secretaria dos Assuntos Extraordinários, e depois, pelo Papa seguinte Paulo VI, membro da Presidência do Concílio. O Primaz discursou diversas vezes durante os encontros plenários, apresentou memoriais por escrito, pronunciou palestras ou concedeu entrevistas. Envolveu na corrente dos trabalhos conciliares toda a Igreja na Polônia, inaugurando nela as orações na intenção do Concílio, entre as quais as Vigílias Conciliares com Maria de Monte Claro. Na III Sessão do Concílio os bispos poloneses apresentaram um memorial especial ao Santo Padre pedindo que Maria fosse proclamada Mãe da Igreja e que a Ela fosse entregue o mundo. Isso ocorreu no dia 21 de novembro de 1964, no encerramento da III Sessão. Para a grande alegria de todos os bispos, o Papa Paulo VI proclamou Maria Mãe da Igreja.

Mensagem aos bispos alemães

O Cardeal Wyszyński foi também um dos idealizadores da famosa mensagem dos bispos poloneses e bispos alemães, o que contou com a veemente reação das autoridades comunistas. No encerramento dos debates do Concílio Vaticano II, na carta dos bispos poloneses aos alemães aceita pelo Primaz, foi escrito: “Nesse espírito cristão e ao mesmo tempo muito humanitário, estendemos a Vós as nossas mãos dos bancos do Concílio que se encerra, concedemos o perdão e pedimos o perdão. E se Vós – bispos alemães e padres conciliares – apertardes fraternalmente as nossas mãos estendidas, só então poderemos comemorar na Polônia com a consciência tranquila o nosso Milênio de forma

inteiramente cristã”. Essas palavras provocaram uma reação quase que histórica da parte das autoridades comunistas.

Em 1972, graças aos longos anos dos empenhos de Wyszyński, a Santa Sé confirmou definitivamente as dioceses polonesas nas terras ocidentais e setentrionais e reconheceu a fronteira ocidental da República Popular da Polônia.

Em setembro de 1978 o Cardeal Wyszyński realizou uma viagem à Alemanha, que se tornou um sinal do perdão cristão e do desejo da união e da paz. Em Fulda a delegação polonesa encontrou-se com a Conferência do Episcopado da Alemanha. Além disso visitou Colônia, Nevigés, Munique, Dachau, Frankfurt, Mogúncia. “A Europa – falou então o Primaz – deve perceber novamente que ela é a nova Belém – para o mundo, para os povos e as nações. [...] Em meio às atuais guerras e notícias sobre guerras, a Europa – que obteve pela Igreja a paz universal, que o mundo não é capaz de dar, não pode ser continuamente uma fábrica de munições, um mercado e uma fornecedora internacional de armas, não pode continuar sendo um polígono de experiências de guerra ou lugar de tormento para os povos e as nações”.

Crítico da *Ostpolitik* do Vaticano e promotor da fé no Leste

O Cardeal Wyszyński não concordava com a *Ostpolitik* do Vaticano – política diante dos países do bloco comunista – e em razão disso teve um relacionamento difícil com os sucessivos secretários de Estado da Santa Sé, desde Domenico Tardini até o Cardeal Jean-Marie Villot, dos tempos de Paulo VI.

O Cardeal Wyszyński foi o “intermediário com a Santa Sé para os padres que trabalhavam além da fronteira oriental da Polônia”. As anotações do Primaz revelam que em 1957 ele obteve do Papa Pio XII poderes especiais (“*facultates specialissimae*”) relacionados com os católicos do rito latino

que viviam na área da União Soviética. Esses poderes extraordinários, conferidos “por escrito ou oralmente” (“aut scripto aut ore tributae”), foram prolongados para o Primaz pelos papas seguintes. Em outubro de 1978, antes da audiência com João Paulo II, anotou que lhe pediria a confirmação dos poderes de 1957, visto que, na sua opinião, “eles ainda são necessários”. No dia 26 de outubro de 1978 eles lhe foram atribuídos.

O Cardeal Wyszyński promovia ordenações clandestinas de religiosos que atuavam na URSS. No dia 30 de junho de 1967 administrou a sagração episcopal ao Pe. Jan Cieński na capela particular dos primazes da Polônia em Gniezno. O bispo clandestinamente ordenado tinha os direitos de bispo auxiliar da arquidiocese de Lvov. Uma outra importante personalidade da Ucrânia soviética que teve contato com o Cardeal Wyszyński foi o Prof. Henryk Mosing. No dia 20 de setembro de 1961, em Varsóvia, o Cardeal Wyszyński lhe concedeu a ordenação do diaconato, e na noite de 21 de outubro de 1961, a ordenação sacerdotal. Essa cerimônia se realizou em estrito segredo no convento das Irmãs Servas da Cruz em Laski, nos arredores de Varsóvia. O Pe. Mosing atuou por muitos anos como padre ilegalmente, atingindo os mais distantes rincões da União Soviética. O Primaz Wyszyński ordenou igualmente uma série de outros sacerdotes que trabalharam na URSS, mas não conhecemos o seu número exato.

Uma parte importante do ministério do Primaz no Leste foi a coleta de informações sobre a situação da Igreja naquela área e a sua transmissão ao Vaticano. Os informantes de Wyszyński eram tanto religiosos como pessoas leigas. Um dos importantes interlocutores do Primaz foi o Pe. Władysław Bukowiński, prisioneiro dos campos de concentração e sacerdote que trabalhou no Cazaquistão, que em 1965 teve a possibilidade de visitar a família na Polônia.

As comemorações do Milênio

O Primaz presidiu todas as solenidades milenares de 1966, percorrendo, juntamente com todo o Episcopado, a “Rota do Milênio” numa grande ação de graças da nação e da Igreja. Em todas as estações milenares proclamou a palavra de Deus. No entanto, a perseguição da Igreja não cessava. As autoridades desferiram um ataque extremamente violento contra a pessoa do Primaz: não concordaram com a vinda do Santo Padre Paulo VI a Monte Claro.

O ponto culminante das solenidades milenares foi a festa da Rainha da Polônia, 3 de maio de 1966. Naquele dia o Primaz, juntamente com todo o Episcopado, diante de uma multidão de milhares de fiéis reunidos aos pés de Monte Claro, promoveu o memorável Ato da total Entrega da Polônia à servidão da Mãe de Cristo pela liberdade da Igreja na Polônia e no mundo. Do ponto de vista político, um sucesso do Primaz foi sobretudo a preservação da independência e da autonomia da Igreja católica diante do Estado comunista – graças ao que se tornou possível defender o que restava da autonomia social dos poloneses.

No dia 5 de setembro de 1971, cumprindo os compromissos milenares da Nação, com senso de responsabilidade por toda a Igreja, o Primaz da Polônia realizou em Monte Claro, juntamente com todos os bispos poloneses, o Ato da entrega a Maria, Mãe da Igreja, de toda a família humana.

Em outubro de 1971 viajou a Roma para mais um Sínodo dos Bispos e participou dos trabalhos da Congregação dos Sacerdotes e da Comissão Pontifícia da Revisão do Direito Canônico. Juntamente com dois mil peregrinos da Polônia, participou na Basílica de S. Pedro, em Roma, das solenidades de beatificação do Pe. Maximiliano Kolbe.

Teologia da Nação

O Primaz Wyszyński foi o autor do original conceito da “teologia da nação”. Esse conceito parte da pressuposição de que a nação é uma comunidade natural, tão natural quanto a família e – além disso – é o veículo temporal de certos valores sobrenaturais. O Primaz compreendia a nação como certa forma de existência do ser humano – inclusive na esfera sobrenatural – de acordo com a verdade teológica de que a graça se edifica sobre a natureza.

Conclave histórico

No dia 26 de agosto de 1978 o Cardeal Wyszyński participou do conclave que elegeu o Papa João Paulo I, e no dia 16 de outubro do mesmo ano, do conclave que elegeu o Cardeal Karol Wojtyła como Papa.

Nos dias 2-10 de junho de 1979 recebeu o Santo Padre João Paulo II na Polônia, durante a primeira peregrinação dele à Pátria.

Defensor dos direitos humanos

Durante os acontecimentos de março de 1968, o Primaz assumiu categoricamente a defesa dos direitos fundamentais do ser humano e da Nação. Clamava ele: “É proibido agredir! Um cristão nunca levanta a mão contra ninguém, porque vê em todos a dignidade de filhos de Deus. A pessoa atingida pode parecer maltratada. Porém maltrata-se mais aquele que agride do que é aquele que é agredido. [...] Caríssimos, superai o ódio com o amor”.

Após os trágicos acontecimentos no Litoral em dezembro de 1970, o Primaz pronunciou estas comovedoras palavras: “A vossa dor é a nossa dor comum. Se eu pudesse, com senso de justiça e ordem, assumir toda a responsabilidade por aquilo que ultimamente aconteceu na Polônia, eu a assumiria de bom grado. [...] Porque dentro da Nação deve

haver uma vítima que redime as culpas da Nação. [...] Quanto eu gostaria neste momento – se esse sacrifício fosse aceito – proteger a todos da dor, do sofrimento”. O Primaz relacionava a sua esperança de mudanças com o fato de que o comunismo é um sistema tão degenerado que – mais cedo ou mais tarde – deve cair. Acreditava que justamente para aquele momento era preciso preparar-se, sem se expor a excessivas perdas, mas educando as pessoas para interiormente serem livres.

A doutrina do Primaz Estêvão Wyszyński (síntese)

Após a eclosão das greves no Litoral em agosto de 1980, o Primaz se encontrou com Edward Gierek, e depois, no dia 26 de agosto, pronunciou um sermão em Monte Claro. Falou nele da necessidade da liberdade sindical e da necessidade de reivindicar as liberdades sociais. Inaugurou dessa forma a posição do Conselho Geral do Episcopado, que no dia 28 de agosto divulgou uma declaração que apoiava claramente os postulados dos grevistas. Enviou ao Estaleiro de Gdańsk Romuald Kukułowicz como seu emissário especial. Diante da tensa situação político-social, o Primaz Wyszyński tomou iniciativas que tinham por objetivo suavizar os conflitos na linha governo-oposição. Nos anos 1980-1981 exerceu o papel de mediador nas negociações entre as autoridades e o “Solidariedade”. Mas, acima de tudo, durante o tempo todo o Primaz se preocupou em preservar na Polônia a paz social. No último encontro com a direção do “Solidariedade”, em março de 1981, afinou as posições radicais e disse: “Certamente nem os senhores nem eu nos perdoaríamos se fosse derramado o sangue ainda que fosse de um menino”. Estava convencido de que não havia nenhuma chance num confronto de força com o regime. Acreditava que naquele momento era preciso concentrar-se na edificação de estruturas e na autoeducação, para dispor de mais força nas etapas seguintes do desenrolar da situação.

Os últimos passos

Em março de 1981 ocorreu o início de uma doença mortal causada por um tumor. No dia 22 de maio de 1981 o Primaz pronunciou as últimas palavras ao Conselho Geral do Episcopado. Disse naquela ocasião: “Não apresento nenhum pedido na minha intenção à Mãe Santíssima. [...] Sempre admirei a vossa viva fé e o vosso zelo apostólico, do qual nem sempre me mostrei à altura. Somente sentimentos de gratidão. De ninguém – a mínima mágoa. De ninguém – a mínima decepção. A todos deixo o meu coração, que não leva consigo nenhuma restrição em relação a nenhum dos bispos, aos sacerdotes e ao povo de Deus. Todas as esperanças estão na Mãe Santíssima. E, se houver algum programa – esse programa cabe a Ela”.

O Primaz da Polônia Cardeal Estêvão Wyszyński faleceu no dia 28 de maio de 1981 em Varsóvia, na solenidade da Ascensão do Senhor. Estava com 80 anos, 57 dos quais vividos como sacerdote. O esquife com o seu corpo descansou nos subterrâneos da catedral de S. João em Varsóvia, e o sepultamento no dia 31 de maio de 1981, com a participação do Cardeal Agostino Casaroli, representante do Santo Padre, que se encontrava no hospital após o atentado sofrido, transformou-se numa grande manifestação religiosa e cívica.

RESUMO – STRESZCZENIE

Katolicka Agencja Informacyjna zamieściła na swoim otwartym portalu artykuł redaktora Marcina Preciszewskiego przybliżającego życiorys kardynała Stefana Wyszyńskiego, Prymasa Polski. Mamy nadzieję, że udostępnienie tego tekstu naszym Czytelnikom, będą mogli lepiej postać odważnego obrońcy wiary i wartości narodowych w czasach dyktatury komunistycznej w Polsce.

**CARDEAL ESTÊVÃO WYSZYŃSKI:
“NÃO PODEMOS DEPOSITAR AS COISAS
DIVINAS NOS ALTARES DE CÉSAR. NON
POSSUMUS”**

*Andrzej OTOMAŃSKI**

O Primaz do Milênio, Cardeal Estêvão Wyszyński, é um novo beato na Igreja. Eis a sua breve biografia. Nasceu no dia 3.8.1901 em Zuzela, nas margens do Bug, numa família com tradições em levantes: seu avô, por ter participado do Levante de Janeiro [de 1863], foi exilado de Podlasie. O jovem Estêvão foi conhecendo a história visitando os túmulos dos revoltosos espalhados pelas florestas da região. Seus pais eram promotores do culto mariano. Após concluir o ginásio, ingressou no seminário religioso em Włocławek, onde no dia do seu aniversário, 3 de agosto de 1924, recebeu a ordenação sacerdotal. Celebrou a primeira Missa em Monte Claro. Um ano depois iniciou os estudos na Universidade Católica de Lublin, e após a sua conclusão viajou pela Europa Ocidental, familiarizando-se com a atividade das organizações católicas. Após a volta, tornou-se professor de Direito Canônico e de Sociologia no seminário onde havia estudado em Włocławek. Em breve tornou-se redator-geral do *Ateneum Kapłańskie*

* Autor nasceu em 1960 em Pabianice, na Polônia. Estudou na Politécnica em Łódź. Durante o regime comunista na Polônia atuava ativamente no movimento Solidariedade. Em 1989 emigrou para Alemanha. Desde 1990 reside com sua família na República da África do Sul, onde atua na sociedade polonesa. Edita um boletim informativo em polonês “Polonia Semper Fidelis”.

(Ateneu Sacerdotal). Naquele tempo participou de muitas iniciativas sociais, tendo sido percebido pelo Primaz da Polônia Cardeal Augusto Hlond, que o convocou para o seu Conselho Social.

Após a eclosão da guerra ocultou-se com a família em Warka, temendo a detenção por ter escrito um artigo dedicado aos crimes nazistas. Lá uma irmã religiosa convidou-o para vir a um instituto para deficientes visuais em Laski, perto de Varsóvia, onde trabalhava o seu amigo da Universidade Católica de Lublin Pe. W. Kornilowicz. Durante uma visita ao convento das Irmãs Ursulinas em Zakopane foi detido pela Gestapo. Não tendo sido reconhecido, alguns dias depois voltou a Laski. Junto à instituição local surgiu um hospital campal do Exército Nacional, do qual o Pe. Wyszynski tornou-se capelão. A experiência de ter prestado a assistência sacerdotal aos revoltos feridos influenciou sem dúvida a sua postura posterior durante o governo dos comunistas, quando ele teve como objetivo evitar o derramamento de sangue. Em fevereiro de 1945, com a libertação de Włocławek, tornou-se reitor do Seminário Religioso, e em março de 1946 foi nomeado bispo de Lublin, tendo recebido a ordenação episcopal em Monte Claro. Após uma recusa inicial, ele foi convencido a aceitá-la pelo Primaz Hlond. O seu lema episcopal foi "Soli Deo" (Unicamente a Deus). Após a morte do Cardeal Hlond em 1948, de acordo com o seu testamento, Wyszynski foi nomeado bispo de Gniezno e de Varsóvia, ou seja, ao mesmo tempo Primaz da Polônia. O que o convenceu a aceitar essa função foi novamente a vontade do Cardeal Hlond e um diálogo com o Cardeal Adão Sapieha.

Logo após ter assumido a dignidade de Primaz, as autoridades intensificaram as repressões contra a Igreja, a começar, em março, de 1950, pelo confisco dos bens eclesiais. Contrariando a vontade do Vaticano, o Primaz Wyszynski entrou em acordo com os comunistas, tendo

assinado em abril de 1950 um tratado que regulamentava as relações Estado-Igreja. As autoridades permitiram o ensino da religião nas escolas, o funcionamento da Universidade Católica de Lublin e de faculdades de teologia nas Universidades de Cracóvia e Varsóvia. O preço disso era a convocação dos padres a respeitarem a autoridade, a cooperarem na reconstrução do país e a apoiarem os esforços na consolidação da paz. Por ter assinado esse acordo, o Primaz Wyszyński foi duramente criticado. Os comunistas não perdoaram, porque já em janeiro de 1951 foi detido o bispo de Kielce Czesław Kaczmarek, o qual, após uma brutal investigação, foi acusado de espionagem e de colaboração com os alemães. Foram também afastados os administradores apostólicos convocados pelo Vaticano para as Terras Ocidentais, tendo sido substituídos por religiosos obedientes ao regime. Apesar de tudo o Vaticano apreciou a postura do Arcebispo Wyszyński, e no dia 12.01.1951 o Papa Pio XII o incluiu no Colégio Cardinalício. No entanto os comunistas não permitiram que ele viajasse para receber o chapéu cardinalício. A luta com a Igreja se agravou após a promulgação, em fevereiro de 1953, do decreto sobre a ocupação dos postos eclesiásticos somente com a autorização das autoridades. Com isso a atitude conciliatória do Primaz da Polônia, Cardeal Estêvão Wyszyński, chegou ao seu final.

Diante da radical ingerência nos assuntos internos da Igreja, os bispos poloneses encaminharam uma carta em resposta à política das autoridades, na qual apareceram as memoráveis palavras: “Não podemos depositar as coisas divinas nos altares de César. *Non possumus!* (Não podemos!)”. O episcopado polonês protestou contra a usurpação dos seus direitos pelos comunistas, e depois que o conteúdo da carta foi revelado pelo Primaz, o Birô Político do Partido Operário Unificado Polonês proibiu-lhe “o exercício das funções resultantes dos postos eclesiásticos por ele até então

ocupados” e ordenou o seu internamento no dia 25 de setembro de 1953. O Cardeal Wyszyński foi detido durante a noite, e a operação foi dirigida por oficiais soviéticos do Serviço de Segurança polonês. Após uma semana de permanência em Rywalda, o Primaz foi detido por um ano em Stoczek Warmiński, Prudnik e finalmente Komańcza. O Cardeal Wyszyński utilizou os três anos de internamento para a elaboração de um programa de renovação da vida religiosa, encerrado nos Votos Nacionais de Monte Claro. Em dezembro de 1953 realizou o ato da entrega a Nossa Senhora. Elaborou também as premissas da Grande Novena antes das comemorações do Milênio do Batismo da Polônia, que tinha como um elemento importante a peregrinação de uma cópia do Ícone de Monte Claro, o que provocou a fúria dos comunistas.

Quando no dia 26 de agosto de 1956 veio um milhão de peregrinos para o terceiro centenário dos Votos de Lvov de João Casimiro, no trono primacial vazio descansava um ramalhete de flores. As exigências de libertação do Cardeal Wyszyński surgiram na onda do degelo em outubro de 1956, e no dia 26 daquele mês, em face da dramática situação política (possibilidade de intervenção soviética), Gomułka decidiu libertar o Primaz. No entanto, este apresentou a questão em palavras duras: primeiramente devia ser devolvida a liberdade de ação da Igreja, inclusive a livre distribuição dos postos. Esses postulados foram cumpridos, e dois dias depois o hierarca voltou a Varsóvia, entusiasticamente saudado por uma multidão de fiéis. Em setembro, num encontro com os religiosos da arquidiocese da Varsóvia, dedicado ao início da Grande Novena, o Primaz pronunciou estas palavras proféticas: “Os nove anos de preparação para o Milênio devem transformar interiormente toda a Polônia. A sorte do comunismo será decidida em nosso país. Quando a Polônia se cristianizar, ela se tornará uma grande força moral, e o

comunismo ruirá por si mesmo. O seu destino não será decidido na Rússia, mas na Polônia, pelo seu catolicismo. Nós mostraremos ao mundo como lidar como comunismo, e o mundo inteiro nos será grato por isso". Antes das eleições para o Parlamento, o Episcopado fez um gesto de reconciliação, recomendando a participação nas eleições, o que os comunistas reconheceram como uma manifestação de fraqueza e em breve renovaram os ataques à Igreja (restrições na esfera da educação, da construção de santuários etc.).

Em 1964 o Episcopado da Polônia, sob a direção do Primaz, encaminhou a famosa mensagem aos bispos alemães, convocando à reconciliação com as palavras: "Concedemos o perdão e pedimos o perdão", o que provocou uma propaganda contra a Igreja e os hierarcas, e ao Primaz foi negado o passaporte para viajar a Roma. Ele participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II. Desempenhou também um papel significativo na organização das estruturas da Igreja na Terras Recuperadas, levando à criação de dioceses normais naquela região. Participou do conclave de 1978 e da eleição da Karol Wojtyła para papa. Ocorreu então uma memorável cena de prestação de homenagem, quando João Paulo II ajoelhou-se diante do Primaz do Milênio, como ele mesmo certa vez o havia chamado. O Cardeal Wyszyński foi um dos autores do programa da peregrinação de João Paulo II à pátria em junho de 1979, que abalou o comunismo com a célebre invocação: "Que desça o Vosso Espírito e renove a face da terra. Desta terra". Nos anos 1980-81 Wyszyński foi o mediador informal entre as autoridades e o Solidariedade, prestando-lhe apoio e amparo, mas ao mesmo tempo convocando ao diálogo e à responsabilidade pelo bem da pátria.

Quando no dia 28 de maio de 1981 o Primaz faleceu como vítima do câncer, João Paulo II continuava no hospital, com prognóstico incerto de recuperar a saúde, de maneira que

aqueles foram momentos de grande incerteza a respeito do que aconteceria a seguir. O sepultamento do Primaz foi na capital a maior manifestação de polonismo, de fé e de patriotismo desde o tempo da despedida do Marechal José Piłsudski. Numa faixa branca e vermelha sobre o ataúde do Primaz encontrava-se a inscrição: “Ao rei não coroado da Polônia”, pois muitas vezes ele havia sido chamado príncipe da Igreja. Após o seu sepultamento, em reconhecimento dos seus méritos os comunistas anunciaram um luto nacional de três dias, o que era algo sem precedente nos países sob a dominação soviética. A Polônia perdeu não apenas o seu Primaz, mas também um eminente estadista, patriota que – em suas próprias palavras – amava a Polônia da mesma forma que a Deus. E foi por ela que demonstrou heroísmo, comprovando nos anos do seu internamento que também a transigência tem os seus limites.

Para concluir, quero citar dois fatos do livro do Pe. B. Piasecki e de R. Zając *O Primaz Wyszyński desconhecido*. Contam eles que o Pe. Kołakowski queria construir uma nova igreja em Varsóvia, mas as autoridades apresentavam continuamente diversos obstáculos. Durante um encontro com Gomulka o Primaz abordou a questão da construção da igreja. Gomulka disse que concederia a licença se fosse afastado aquele pároco da capital, com o que o Primaz não concordou. Diante disso o primeiro secretário declarou que não haveria a autorização, e então o Primaz afirmou que expediria um decreto permitindo às pessoas guardar a Eucaristia em Suas casas. Quando Gomulka disse: “O Senhor não vai fazer isso”, o cardeal respondeu com determinação: “Vou fazer mesmo!”. Algumas semanas depois veio a autorização para a construção da igreja. O Primaz relatou certa vez o caso da conversa de um bispo com o chefe do Departamento das Religiões. O ministro Bida havia convidado o bispo Dom Choromański e queixou-se diante dele de que os padres falavam muito do demônio, ao

que o bispo respondeu que o demônio é uma categoria teológica. Então o ministro comentou: “Mas as pessoas pensam que o demônio somos nós”. O bispo respondeu: “Senhor ministro, o demônio é uma besta inteligente...”.

A beatificação do Cardeal Estêvão Wyszyński, em setembro [de 2021], é o coroamento do processo iniciado em maio de 1989. Quarenta anos após a morte do Primaz do Milênio, a Igreja reconheceu oficialmente o heroísmo das suas virtudes, a respeito do que o Povo de Deus já sabia há muito tempo.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor tekstu Andrzej Otomański mieszkający od 1990 r. w Republice Południowej Afryki, gdzie prowadzi także społeczną działalność publicystyczną. W zamieszczonym powyżej tekście autor przybliżył postać niezwykłego obrońcy wiary i polskości w trudnych czasach narzuconej Polsce dyktatury komunistycznej, która nie tylko, że zwalczała Kościół, ale także w swoim działaniu wprowadzała ateizację społeczeństwa. Dzięki odważnej i nie strudzonej posłudze pasterskiej kardynała Stefana Wyszyńskiego, Prymasa Polski władze komunistyczne miały duże trudności w realizacji swojej ideologii jakżeż obcej mentalności i wartościom narodu polskiego.

**UM RETRATO DA MADRE ISABEL CZACKA
– A CEGA MÃE DOS DEFICIENTES VISUAIS
E DOS QUE ENXERGAM***

*Jacek MOSKWA***

As beatificações paralelas da Madre Isabel (Rosa) Czacka, fundadora de uma grande obra de ajuda aos deficientes visuais, e do Cardeal Estêvão Wyszyński nos fazem lembrar a estreita cooperação deles. O futuro Primaz da Polônia foi durante a ocupação alemã capelão do Instituto para Deficientes Visuais em Laski. Foi ali que no dia 1 de novembro de 1942 ele se encontrou pela primeira vez com oito jovens mulheres que sob a direção de Maria Okońska tornaram-se com o tempo as suas mais próximas colaboradoras e as suas “guarda-costas”. Após a guerra, Laski foi para ele o refúgio e o lugar de encontros com religiosas e com intelectuais e líderes católicos leigos.

Laski é para o catolicismo polonês um lugar simbólico. O centro situado numa região florestal, que é ao mesmo tempo uma instituição de reabilitação e formação de pessoas – sobretudo de crianças – atingidas pela deficiência que impossibilita a visão do mundo, e ao mesmo tempo convento das Irmãs Franciscanas que dirigem esse trabalho, parece ser a quintessência dos melhores elementos do cristianismo, mobilizando a imaginação e o coração.

Essa obra excepcional começou a surgir quando a condessa Rosa Czacka perdeu a visão. Aliás, difícil se torna

* www.ekai.pl (acesso aos 13.09.2021).

** Jornalista da imprensa e da televisão, escritor, vaticanista.

dizer em que momento isso aconteceu. Nascida em 1876, a herdeira de uma estirpe proprietária de terras muito benemérita para a Polônia, ela foi perdendo a visão aos poucos, para o que contribuiu o fato de ela ter caído de um cavalo. Ela ficou completamente cega em 1898, com a idade de 22 anos.

Desde a infância cresceu num ambiente profundamente religioso. Foi educada sob a proteção da avó, Pelagia Sapiéha. Nos joelhos dela aprendeu, com apenas alguns anos de idade, a ler em francês o livro *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, uma obra que moldou tantos santos. Mais tarde ela lia esse livro todos os dias e, quando ficou inteiramente privada da visão, ouvia os leitores que o liam.

A avó ensinou a Rosa a oração, incutiu nela o estilo da vida espiritual que com o tempo devia compensar a cegueira dela. A menina se educou na tradição de relações próximas com a hierarquia da Igreja católica, distintivas da aristocracia polonesa. Um irmão do pai dela – Feliks Czacki – foi o Cardeal Włodzimierz Czacki. Igualmente a mãe dela, Zofia Ledóchowska, era oriunda de uma família relacionada com a Santa Sé.

Por isso Rosa tratou a perda da visão não como um castigo, mas como uma graça divina. Ao mesmo tempo, no entanto, aceitou a infelicidade que a atingiu de maneira prática – ela a tratou como um desafio social. No início do século XX os deficientes visuais eram rejeitados pela sociedade, deixados à sua própria sorte. Em muitos países já era conhecido então o alfabeto que na primeira metade do século XX havia sido inventado pelo francês Louis Braille. Mas nas terras polonesas ele tinha pouca divulgação. A própria Rosa Czacka só aprendeu esse alfabeto em 1908, isto é, cerca de dez anos após ter perdido a visão. Foi também naquela época que ela começou a organizar em Varsóvia uma instituição de assistência aos deficientes visuais. Em novembro de 1908 ela se

encontrou com um grupo de pessoas que queriam assumir essa tarefa. Mas no início havia falta de recursos. Nos anos seguintes Rosa Czacka destinou para esse fim a suas cotas da herança do pai e do irmão dele – o cardeal. No entanto, o primeiro asilo em Varsóvia só podia acomodar seis moças cegas. Esse asilo se localizava num mísero barraco. Entretanto as coletas realizadas entre amigos e familiares próximos começaram a dar resultados, o que possibilitou o desenvolvimento em escala maior da ação assistencial e publicitária. A Condessa Czacka realizou naquele período viagens ao exterior, à Suíça, Áustria, Alemanha e França, onde se familiarizou com métodos de ajuda aos deficientes visuais. O mais significativo foi o encontro, em 1911, com Maurice de La Sizeranne. Esse francês, cego desde os nove anos de idade, tornou-se para ela um modelo a ser imitado, próximo também em razão das bases profundamente católicas da sua obra. A Sociedade de Assistência aos Deficientes Visuais, registrada no dia 11 de maio de 1911 em Varsóvia pelas autoridades russas tinha, no entanto, um caráter leigo. A questão da sua religiosidade despertou desde o início diversas tensões.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial afastou Rosa, que se encontrava com familiares na Volínia, da Sociedade deixada em Varsóvia, que, com a ausência da proprietária, começou a decair. Os três anos de permanência em Żytomierz, onde foi forçada a estabelecer-se após a requisição do patrimônio da família e onde passou quase todo o tempo da guerra e da revolução, transformaram-se para ela num grande retiro, após o qual voltou a Varsóvia já vestindo o hábito de terciária franciscana. A pequena cidade na Volínia – por ser sede de diocese – constituía um importante centro de vida romano-católica naquela região. Além da catedral, havia ali a igreja do seminário e o próprio seminário, onde um dos professores era o Pe. Władysław Krawiecki, que se tornou confessor e diretor espiritual de Rosa, a qual fez com ele o

noviciado individual da Ordem III de S. Francisco e vestiu o hábito.

Após voltar a Varsóvia, no final de maio de 1918, a religiosa deu início à ação organizacional de uma nova congregação franciscana – das Servas da Cruz, congregando ao mesmo tempo as primeiras vocações. Essa iniciativa contou com a benevolência do arcebispo de Varsóvia Aleksander Kakowski, bem como do núncio apostólico, que havia vindo após a recuperação da independência da Polônia – Achille Ratti, o futuro Papa Pio XI.

No entanto, nos degraus intermediários da cúria de Varsóvia os propósitos da condessa cega foram tratados com reserva. “Essa velha cega teve a ideia de fundar uma congregação” – teria dito o Pe. Aleksander Fajęcki. Esse notário da cúria da arquidiocese foi, no entanto, mais tarde o visitador da congregação fundada por Czacka e examinava as irmãs antes da vestidura. Mas ele fazia isso de uma forma malévola, provocando nas religiosas diversas inquietações.

Entretanto, mostrou-se providencial o encontro com um outro sacerdote da arquidiocese de Varsóvia – o Pe. Władysław Korniłowicz. Após a morte do Pe. Krawiecki ele assumiu a assistência espiritual à nascente congregação. Ao mesmo tempo desenvolveu uma pastoral muito proveitosa entre os intelectuais de Varsóvia. Concentrou-se em volta dele um grupo de jovens de ambos os sexos chamado “Círculo”. Havia entre eles jovens mulheres ligadas com o ginásio varsoviano dirigido pelas “Senhoritas Edviges” – Edviges Kowalczyk e Edviges Jawurk. Entre essas jovens mulheres uma era professora e as outras, alunas desse estabelecimento. Algumas delas, de origem judia, foram batizadas pelo Pe. Korniłowicz. Graças a ele tornaram-se colaboradoras de Isabel Czacka e, mais tarde, até religiosas. Desse círculo era oriunda também uma filha de fazendeiros, Zofia Sokołowska, uma talentosa escultora, estudante da Academia de Belas Artes de

Varsóvia – a primeira vocação intelectual da nova congregação, cuja primeira constituição foi aprovada em 1922. Inicialmente ela se denominava Irmãs dos Cegos de S. Francisco Seráfico, para a seguir adotar o atual nome de Irmãs Franciscanas Servas da Cruz. A sua vocação devia ser o trabalho com as pessoas desprovidas de visão, e a premissa espiritual – a expiação pela cegueira espiritual da humanidade.

A ação da fundadora se desenvolvia em duas direções. A construção da nova comunidade religiosa prosseguia devagar, quando, no entanto, causava cada vez mais problemas a Sociedade da Assistência aos Cegos, que funcionava havia mais de uma década. As pessoas com ela envolvidas haviam recebido com reserva o fato de Rosa Czacka ter voltado do Leste vestindo hábito de religiosa. O trabalho com os deficientes visuais manquejava, dificultado principalmente pelas dificuldades na obtenção de recursos materiais para o seu sustento. O núcleo de Varsóvia estava localizado numa residência de alguns cômodos na Rua Polna. As crianças desprovidas de visão tinham que dormir ali em cestos para roupa. Nas memórias das suas assistentes fala-se até de fome, porque algumas vezes até faltava pão.

O desenvolvimento da obra de Madre Czacka

No limiar dos anos vinte [do século passado] mostraram ser providenciais para a assistência aos cegos dois acontecimentos: a doação de alguns hectares de terreno arenoso na localidade de Laski, nos subúrbios de Varsóvia, na borda da Floresta de Kampinos, bem como a conversão, ou antes a volta à Igreja católica de Antoni Marylski. Em 1922, esse jovem de 28 anos, de uma conhecida família de fazendeiros, tinha atrás de si um passado tempestuoso. Durante a guerra mundial havia lutado como soldado de cavalaria no exército russo e depois havia servido por algum

tempo no regimento polonês de Dowbor-Muśnicki. Juntamente com Józef Czapski, mais tarde um famoso pintor, foi expulso do exército por ser adepto do pacifismo pregado por Lev Tolstói. Juntamente com um irmão de Marylski e as irmãs de Czapski, eles se encontraram em 1917 na revolucionária Petrogrado, onde fundaram uma espécie de comuna religiosa. Após ter partido da Rússia, esse jovem permaneceu por algum tempo na França, para finalmente voltar à Polônia. Ele se matriculou na Universidade de Varsóvia, estudou filosofia e continuou buscando o seu caminho. Na primavera de 1922 uma colega o convenceu a ir ouvir um pregador famoso entre os jovens. Ele viu o Pe. Władysław Korniłowicz junto ao altar, tão cansado que tinha dificuldade para pronunciar o sermão. Apesar disso, ao ouvi-lo, Marylski sentiu como que um deslumbramento: com o olhar da alma percebeu o sentido da doutrina de Cristo e da existência da Igreja com os seus sacramentos. O Pe. Korniłowicz lhe disse depois que havia pedido que rezasse pela sua conversão uma religiosa cega, que se encontrava hospitalizada. Marylski a visitou alguns dias depois na Hospital S. José, onde a Irmã Isabel Czacka se encontrava após a remoção de um tumor maligno.

“Aquilo foi como que um segundo deslumbramento após aquele primeiro, que vivenciei na capela na Rua Piękna” – recordava Marylski numa palestra às Irmãs Franciscanas gravada em 1972. – “Eu vi um rosto resplandecente de maravilhosa felicidade e de uma profunda alegria que brotava do fundo da alma e iluminava os seus traços, a tal ponto que não se tinha a impressão de estar diante de uma pessoa cega. Havia tanta expressão naquele rosto! Ela tinha uma voz verdadeiramente bela, e brotava dela algo que cativava os corações. A gente se humilhava, sem nada compreender, porque o mistério do sofrimento oculto naquele rosto resplandecente de alegria tornou-se um enigma para mim:

como pode alguém que tanto sofre estar ao mesmo tempo alegre?”.

Esse é o mais belo retrato literário da fundadora da Congregação das Franciscanas Servas da Cruz, da Sociedade de Assistência aos Cegos e do Instituto de Laski. Surgiu meio século após o acontecimento descrito. Antoni Marylski a acompanhou até a morte dela em 1961. Até durante as poucas viagens pelo país e pelo exterior eles trocavam cartas escritas no alfabeto Braille quase todos os dias. Ela tratou o Toninho como seu filho e depositou nele grandes esperanças. Sobretudo ele se tornou o construtor do conjunto chamado inicialmente Różanna, a partir do nome de batismo dela. Surgiram os primeiros prédios residenciais, um pequeno convento, chamado S. Francisco, e ao lado dele uma capela interessante pelo aspecto arquitetônico, construída de troncos de madeira, e mais tarde dois grandes internatos para meninos e meninas deficientes visuais.

O centro de Laski era administrado como se fosse um pouco uma fazenda. Todas as decisões mais importantes – com a autorização da Madre Czacka – eram tomadas por Antoni Marylski. Muitas vezes isso até dava margem a certas tensões no relacionamento com as religiosas. O instituto de Laski era, com efeito, dentro da Igreja polonesa da época, um lugar de singular cooperação de uma congregação religiosa feminina com um grupo de leigos de ambos os sexos. Ambas as colunas dessa obra – as religiosas e os leigos – encontravam um firme apoio no “Círculo” do Padre Kornilowicz. Era através dele que se abrigavam sob as asas da Madre. Convém mencionar os mais eminentes: Leon Czosnowski, Henryk Ruszczyk, Zygmunt Serafinowicz (irmão do poeta Jan Lechoń), Witold Świątkowski. Todos eles pertenciam à Ordem III de S. Francisco. A Madre Czacka sonhava que eles podiam tornar-se o embrião de um ramo leigo da congregação por ela fundada, o que, no entanto, não ocorreu. Das senhoras leigas

que dedicaram inteiramente a vida aos deficientes visuais lembremos Irena Tyszkiewiczowa (mais tarde, na vida religiosa, com o nome de Maria Franciszka), Katarzyna Branicka, Alicja Gościmska, ou ainda Helena e Zofia, filhas do eminente filólogo clássico, o Professor Kazimierz Morawski. Zofia se apresentou em Laski em 1930 com a idade de vinte e seis anos, e ali permaneceu até 2010, quando faleceu com a idade de 106 anos. Durante a maior parte desse tempo ela se dedicou à seção dos donativos, a mais importante, porque o Instituto dos Cegos existia graças à beneficência – nacional e estrangeira.

Apesar de tudo, as pessoas leigas, embora importantes, permaneciam como a parte menor do ambiente. A sua base era constituída pela Congregação feminina das Franciscanas Servas da Cruz, cujo traço singular – inclusive em escala de Igreja universal – era a presença de convertidas de origem judia. E elas vinham por intermédio do Padre Kornilowicz. Um papel especial coube a Zofia Landy. Ela nasceu numa família judia, propriamente sem religião, que se distinguia por um forte patriotismo polonês. Pertenceu a ela o ginasião Michał Landy, assassinado na Praça do Castelo em Varsóvia no dia 8 de abril de 1961 quando levantou a cruz carregada anteriormente por um outro participante de uma demonstração patriótica.

Zofia estudou filosofia em Paris, onde conheceu o eminente pensador católico Jacques Maritain e sua esposa Raissa, também de origem judia. Após a volta foi se encontrar com o Padre Kornilowicz para esclarecer certos problemas relacionados com o pensamento de Stanisław Brzozowski, que um pouco antes da sua morte precoce aproximou-se do catolicismo. À Madre Czacka ele foi conduzido por uma outra Zofia, a já mencionada Sokołowska, em cuja casa de fazenda a jovem professora dava aulas particulares. Em 1928 Zofia Landy tornou-se franciscana, com o nome de Irmã Teresa da

Cruz. Após a morte precoce da já mencionada Zofia, ingressou na vida religiosa a sua amiga mais próxima, a terceira xará – Zofia Steinberg, de uma família judia, nesse caso muito ortodoxa. Fez parte da elite da Congregação a Irmã Miriam (Maria) Gołębiowska, e Bronisława Wajngold, uma intelectual judia, musa de Jerzy Liebert, na Congregação uma das mais importantes figuras, a segunda mestra de noviciado. Entre as franciscanas de Laski não faltaram naturalmente – em proporção maior ainda – vocações de famílias católicas, sobretudo camponesas e fazendeiras. As convertidas, no entanto, conferiam à Congregação um singular colorido intelectual e espiritual.

Os laços verdadeiramente familiares que uniram Isabel Czacka com Antoni Marylski diziam respeito também às outras irmãs. Ela lamentou a morte prematura de Zofia Sokołowska – Irmã Catarina das Chagas de Jesus Cristo, na qual via a sua sucessora. A sua amiga, a médica Zofia Steinberg, Irmã Catarina da Chaga do Lado de Jesus Cristo, judia e socialista por convicção, estimada líder social, era por ela apresentada como modelo às outras religiosas. Nos últimos anos de sua vida, quando se encontrava sob a proteção dela, chamava-a “Katarzusia” (Katinha).

Por sua vez Zofia Landy – Irmã Teresa da Cruz – foi a mais próxima colaboradora da Madre na área mais importante para Laski, isto é, na tiflogia, ciência dos problemas relacionados com a perda da visão, com a ajuda e a reabilitação das pessoas atingidas por essa deficiência. No entanto isso não esgotava os seus criativos interesses. Educada filosoficamente, escrevia excelentes ensaios sobre religião e literatura. Os seus textos eram publicados no periódico *Verbum* (Palavra), que constituía o cartão de visitas intelectual do ambiente do “Círculo” e de Laski.

Graças à Irmã Teresa, bem como ao Padre Kornilowicz e a Antoni Marylski, esse centro estabeleceu contatos com

eminentes representantes do personalismo católico da Europa Ocidental. Nos últimos dias de agosto de 1934, realizou-se em Varsóvia o Congresso Tomista Internacional, do qual participou Jacques Maritain. Ele também visitou Laski e a sede varsoviana da editora Verbum. Naquele período veio também um outro filósofo e teólogo tomista, o suíço Charles Journet, mais tarde nomeado cardeal pelo Papa Paulo VI. Ele registrou a respeito dessa estada belas palavras, como que uma síntese da visão de Laski da perspectiva ocidental: “Encontramos em certo recanto da Polônia – e isso será uma das mais belas recordações em nossa vida – uma Igreja verdadeiramente franciscana, pobre até o desnudamento, mas abundante de misericórdia; uma Igreja que acolhe bondosamente todas as misérias do corpo e da alma, e ao mesmo tempo todas as buscas da arte mais moderna; repleta de maravilhoso respeito aos anseios do papa, mas ao mesmo tempo livre de qualquer formalismo, livre como as nuvens no céu. Não demonstrava severidade nem desprezo diante dos judeus, mas sabia encontrar o mistério da abertura a eles das portas do santo Batismo. Desconhecia a mentira, sincera até o exagero com aquela sinceridade eslava, desvairada e maravilhosa...”.

Após a eclosão da guerra em setembro de 1939 a obra da ajuda aos cegos desenvolveu-se em diversos níveis. Além do instituto em Laski e da sua filial no bairro varsoviano de Wola, na Rua Wolność, surgiram seções em Vilnius e na Silésia. Funcionava o chamado Patronato – um sistema de assistência às pessoas também desprovidas da visão, mas que permaneciam em suas próprias casas. Transformaram-se numa emanção do “Círculo” do Pe. Korniłowicz a revista acima citada e a Editora Verbum, bem como a Biblioteca de Ciência Religiosa, que difundiam uma versão modernizada da filosofia tomista, bem como a reforma litúrgica.

No verão de 1939, quando se intensificava a ameaça de guerra, parecia que Laski, situada fora de Varsóvia, na borda

da Floresta de Kampinos, seria um lugar seguro. No entanto, desde os primeiros dias de setembro, batalhas aéreas começaram a ser travadas acima da área do Instituto, que também foi bombardeado, e o internato dos meninos foi parcialmente destruído. Felizmente, as crianças desprovidas de visão já não haviam voltado das férias, tendo permanecido apenas um grupo de cegos adultos. Mais tarde travaram-se nessa área encarniçadas lutas terrestres.

A Madre Czacka se encontrava naquele tempo numa casa de campo em Varsóvia, na Rua Wolność, que no dia 25 de setembro foi bombardeada. A religiosa cega sofreu uma lesão do globo ocular, o que intensificou a deficiência dela com sofrimento adicional. O Padre Korniłowicz também deixou Laski. Eram amplamente conhecidos os seus sermões pacifistas dirigidos aos alemães. Era evidente que com a ocupação ele se encontraria em perigo. Ele se abrigou primeiramente em Żułów, onde se encontrava mais uma filial do Instituto, e depois na propriedade dos Zamoycki em Kozłówka, onde encontrou um outro padre, o Pe. Estêvão Wyszyński, de Włocławek, que também tinha que ocultar-se em razão das condenações públicas no nazismo. A partir de junho de 1942 ele assumiu a pastoral das irmãs e do grupo de crianças cegas em Laski. Passou ali dois anos e meio, até o término da guerra.

O antecessor do Pe. Wyszyński no cargo de capelão havia sido o Pe. Jan Zieja. Ligado com esse lugar desde os seus primórdios, durante a ocupação esteve envolvido nas mais importantes ações conspiratórias. Reconheceu-se que isso poderia constituir uma ameaça para os pensionistas cegos, as irmãs e os funcionários leigos. No entanto o Pe. Wyszyński também conspirava, talvez em menor escala. Ele fez o juramento de capelão do agrupamento do Exército Nacional na Floresta de Kampinos com o pseudônimo Radwan III, mas, como sacerdote, não participou diretamente das lutas. Quando

em agosto de 1944 começaram a chegar a Laski, vindos da Varsóvia em luta, os revoltosos feridos, ele trabalhou no hospital e lhes proporcionou a assistência espiritual.

Há relatos de que, quando no final de 1948 o então bispo de Lublin Estêvão Wyszynski foi nomeado arcebispo metropolitano de Gniezno e Varsóvia, as franciscanas de Laski rezavam pedindo que fosse afastado o perigo da sua prisão, ou até da sua morte. Os acontecimentos posteriores mostraram que essas ameaças eram inteiramente reais. A nomeação do antigo capelão da sua Obra para o mais elevado posto na Igreja polonesa coincidiu no tempo com o início de uma nova deficiência da Madre Czacka, que após um derrame cerebral ficou mais afastada ainda do contato com o mundo exterior. Dois anos antes, em 1946, havia falecido o Pe. Władysław Korniłowicz. Com a aprovação do Primaz Wyszyński, a Madre fundadora transmitiu as rédeas do governo à sua sucessora. Com poucas exceções, os moradores de Laski a viam raramente, de longe, na sua cadeira de rodas. Sabiam, no entanto, que na cela ascética, ao lado da capela, continuava a pulsar o coração de Laski. As notícias sobre as questões mais importantes não chegavam a ela. Ela sabia, por exemplo, da detenção e dos três anos de internamento do cardeal. Ela se afastou em 1961, mas toda a espiritualidade da Congregação das Servas da Cruz e da Sociedade de Assistência aos Deficientes Visuais continuou concentrada em torno da sua pessoa.

No centro do pequeno cemitério onde estão sepultadas as Irmãs Franciscanas e outras pessoas ligadas com a obra de Laski, de acordo com a sugestão do Cardeal Wyszyński, surgiram três tumbas: do Padre Korniłowicz, da Madre Czacka e de Antoni Marylski. Em razão do início do seu processo de beatificação, em 1978 os restos mortais do Pe. Władysław foram transportados a uma igreja em Varsóvia, na Rua Piwna. No entanto, os procedimentos relacionados com a

elevação dos Servos de Deus aos algares possuem os seus meandros. Verificou-se que a beatificação da religiosa cega ocorreu mais depressa que a do seu diretor espiritual.

Ao escrever os meus livros sobre Laski, eu refletia com frequência sobre o mistério da irradiação da obra da Madre Czacka. Por que era justamente ela que atraía um grupo numericamente pequeno, mas eminente, de pessoas convertidas? Por que se sentiam atraídos por esse lugar autores da estatura de Zbigniew Herbert, Antoni Słonimski ou Zygmunt Kubiak? Por que essa obra era tão atraente para pessoas da esquerda católica, como Tadeusz Mazowiecki e outros ativistas do círculo “Więź” (Vínculo), mas também da leiga, como Jan Strzelecki ou Adam Michnik, que justamente ali escreveu o livro tão importante para a minha geração *Igreja – esquerda – diálogo?* O que liberava uma avalanche de beneficência, que nos mais difíceis anos do stalinismo ajudou a manter o Instituto por intermédio do *Committee for the Blind of Poland* (Comitê de Ajuda aos Cegos na Polônia), com atuação nos Estados Unidos da América e em outros países? O que, finalmente, originava aquele singular “espírito de Laski”, assinalado pela pobreza franciscana e pelo amor aos mais frágeis – às crianças cegas –, mas também pela sensação de um específico humor? A resposta a essas perguntas se encontra no rosto da Madre Czacka.

RESUMO – STRESZCZENIE

12 września 2021 r. wraz z kardynałem Stefanem Wyszyńskim została beatyfikowana Matka Elżbieta Czacka. Z pewnością postać nowej błogosławionej jest praktycznie nieznaną dla Brazylijczyków, jak też dla społeczności polonijnej żyjącej w Brazylii. Mamy nadzieję, że zamieszczony artykuł Jacka Moskwy przybliży życie i działalność nowej błogosławionej, która będąc niewidomą potrafiła ze swego

| Polônia

cierpienia uczynić wiel dobro dla dzieci upośledzonych tą chorobą, jak też dla ludzi poszukujących w jej domu zakonnym w Laskach koło Warszawy pogłębienia swojej wiary. Laski stały się w Polsce symbolem miejsca, gdzie ludzie widzący poszukiwali wartości, których wewnątrz nie potrafili dostrzec. Matka Elżbieta Róża Czacka była pionierką polskiej tyfologii.

Nowa błogostawiona swoją pracą pomagała ociemniałym czuć się pełnosprawnymi osobami w społeczeństwie.

**SOLENIDADE DA ENTREGA DE PRÊMIOS DO
XVIII CONCURSO DE PIANO FRYDERYK CHOPIN
(21 DE OUTUBRO DE 2021)**

*Małgorzata GOSIEWSKA**

Na quinta-feira, 21 de outubro, no Grande Teatro em Varsóvia, aconteceu uma festa de gala cerimonial de premiação do XVIII Concurso Internacional de Piano Fryderyk Chopin. O vencedor foi Bruce (Xiaoyu) Liu, representando o Canadá. O segundo prêmio - *ex aequo* - foi para Alexander Gadjiev (representando a Itália e a Eslovênia) e Kyohei Sorita do Japão, enquanto o terceiro prêmio foi para o espanhol Martin Garcia Garcia. O quarto prêmio foi - também *ex aequo* - para Aimi Kobayashi do Japão e o representante da Polônia Jakub Kuszlik. O evento contou com a presença do presidente Andrzej Duda e de sua esposa. Entre os convidados também estava o ministro da cultura, patrimônio nacional e esporte Piotr Gliński. Durante a solenidade, em nome da presidente do Parlamento Elżbieta Witek, os prêmios para o segundo lugar foram entregues pela vice-presidente do Parlamento Małgorzata Gosiewska. O Parlamento foi também representado pela vice-presidente Małgorzata Kidawa-Błońska e pelo vice-presidente Piotr Zgorzelski.

– Gostaria de agradecer a todos os pianistas que se inscreveram para o concurso, os artistas, aos maravilhosos músicos que tocam a música de Chopin diariamente. Obrigado por vocês se apresentarem para a competição, por

* Deputada para o Parlamento e vice-presidente do Parlamento da República da Polônia.

colocarem nela seu coração, seu esforço e suas enormes emoções. Estamos orgulhosos porque Chopin foi um polonês, porque andou por esta terra. Em sua música ouvimos a Polônia, mas sua música não é mais polonesa, é mundial. Ele é o nosso grande orgulho – disse o presidente Andrzej Duda durante a cerimônia na Ópera Nacional. – Foi um concurso recorde, com provavelmente o maior nível pianístico da história, que resultou em até 12 participantes sendo admitidos na etapa final, dos quais seis se tornaram laureados. Trata-se de uma grande conquista desses jovens maravilhosos, de todos aqueles que participaram desta competição. A audiência ao redor do mundo também bateu recordes, dezenas de milhões foram ouvintes e assistiram ao nosso concurso – enfatizou o ministro da cultura, patrimônio nacional e esporte Piotr Gliński.

O Júri do Concurso, composto por 17 representantes de música mundial de piano encabeçado pela presidente Katarzyna Popowa-Zydroń, conferiu os seguintes prêmios e distinções:

Primeiro prêmio e medalha de ouro: Bruce (Xiaoyu) Liu (Canadá).

Segundo prêmio e medalha de prata: Alexander Gadjiev (Itália e Eslovênia), além de Kyohei Sorita (Japão).

Terceiro prêmio e medalha de bronze: Martin Garcia Garcia (Espanha).

Quarto prêmio - *ex aequo* - Aimi Kobayashi (Japão) e Jakub Kuszlik (Polônia).

Quinto prêmio: Leonora Armellini (Itália).

Sexto prêmio: J. J. Jun Li Bui (Canadá).

Os vencedores dos prêmios especiais foram:

Prêmio pelo melhor desempenho das mazurcas: Jakub Kuszlik (Polônia).

Prêmio da Filarmônica Nacional pela melhor execução de um concerto: Martin Garcia Garcia (Espanha).

| Polônia

Prêmio Krystian Zimerman pela melhor execução de uma sonata: Alexander Gadjiev (Itália e Eslovênia).

Distinções foram concedidas a:

Eva Gevorgyan (Rússia), Hyuk Lee (Coreia), Kamil Pacholec (Polônia), Hao Rao (China).

As audições do XVIII Concurso ocorreram a partir de 3 de outubro. 87 pianistas de todo o mundo participaram da competição.

O Concurso Internacional de Piano Fryderyk Chopin acontece a cada cinco anos em Varsóvia. Foi iniciado em 1927.

RESUMO – STRESZCZENIE

21 października 2021 r. w Teatrze Wielkim w Warszawie odbyła się uroczysta gala wręczenia nagród XVIII międzynarodowego konkursu pianistycznego Fryderyka Chopena. Zwycięzcą został Bruce (Xiaoyu) Liu, przedstawiciel Kanady.

HÁ 200 ANOS NASCEU CYPRIAN NORWID

*Henryk SIEWIERSKI**

O ano de 2021 foi declarado na Polônia o ano de Cyprian Norwid (1821-1883), também conhecido como Cyprian Kamil Norwid, um dos maiores poetas e dramaturgos poloneses, pintor e escultor, e na cultura polonesa uma importante referência de pensamento que reconhece e valoriza a linhagem cristã e multicultural da Polônia e da Europa. Crítico de todas as formas de etnocentrismo e colonialismo, Norwid defende uma atitude de abertura dialógica em relação ao outro. Precursora da moderna poesia polonesa, a obra de Cyprian Norwid faz parte da tradição viva, presente na contemporaneidade. Entre os autores estrangeiros que dedicaram os seus estudos a Norwid, destacam-se Roman Jakobson, Hans Robert Jauss e George Gömöry.

Nasceu em Laskowo-Głuchy, uma aldeia perto de Varsóvia, em 24 de setembro de 1821. Órfão desde cedo, foi educado por parentes. Aprendeu ler na casa da sua bisavó, decifrando uma tradução polonesa do *Dom Quixote*. Ainda menino, mudou-se para Varsóvia, onde em 1830 presenciou o levante contra a ocupação russa, frequentou o liceu e, mais tarde, cursou belas-artes. Em 1840 começa publicar os seus poemas e a crítica reconhece nele um dos maiores talentos da sua geração. Os seus primeiros poemas, ainda marcados pela poesia dos românticos da primeira geração (Mickiewicz, Słowacki e Krasiński), foram bem recebidos pela crítica, mas depois, na medida em que a sua poética ia tomando um rumo

próprio, ele ganhava a fama de um "poeta sombrio", excêntrico e incompreensível. Em Varsóvia tem intensos contatos com os meios artísticos, mas também com os meios da resistência patriótica, como Karol Levittoux, líder de uma conspiração dos jovens que preso cometeu o suicídio se imolando com fogo. Acompanhado pelo amigo, viajante e escritor Władysław Wężyk, cruzou a Polônia pesquisando a cultura popular e registrando, em desenhos, as paisagens, os tipos humanos e a arquitetura. Em 1842 deixa a Varsóvia para aprimorar a sua formação em Dresden, depois passa temporadas em Florença e Veneza e, em 1845, fixa a residência em Roma. À Polônia que naquela época sofria o tríplice jugo da Rússia, da Prússia e da Áustria, nunca mais voltará. Em 1846 vai a Berlim onde assiste aulas na universidade e, acusado pelas autoridades prussianas de participar da conspiração na Polônia, é preso. Libertado passa um mês no hospital onde se ocupa da tradução da *Comédia Divina*. Em 1847 volta a Roma onde durante a Primavera dos Povos integra um grupo dos defensores do papa Pio IX. Em 1849 instala-se em Paris, onde participa da vida cultural da diáspora polonesa, dialoga e faz amizade com seus maiores representantes, como Frederico Chopin, Adam Mickiewicz, Juliusz Słowacki. Três anos depois, diante dos problemas financeiros e um amor infeliz, decide a migrar para os Estados Unidos. Em Nova Iorque trabalhava como desenhista e escultor. Sabia apreciar a dinâmica do progresso e os valores da democracia americana, mas a solidão, problemas financeiros, e ao que chamou de falta de história, o fez retornar a Europa, em 1854 e, depois de uma estadia em Londres, já se encontra novamente em Paris. Anos depois, quando soube que foi condenado à morte um líder dos negros americanos na luta contra a escravidão, John Brown, reagiu com muita indignação e dor, expressos nos poemas *Ao cidadão John Brown* e *John Brown* (1859). Envelhecido, quase surdo e cada vez mais

isolado, sem meios de subsistência, no fim da sua vida Norwid abrigou-se no Asilo de São Casimiro nos subúrbios de Paris, refúgio para emigrantes idosos mantido por freiras polonesas, onde em 23 de maio de 1883 veio a falecer. Esquecido pelos seus contemporâneos é descoberto só no início do século XX, pelos modernistas, e reconhecido como o seu precursor. Em 2001 a terra da vala comum do cemitério em Montmorency, onde foi sepultado, foi trazida para a Polônia e colocada num panteão na catedral real de Cracóvia.

Em dois diálogos poéticos, intitulados *Promethidion*, publicados em Paris, em 1851, Norwid fala de uma relação harmoniosa entre o bem, o belo e o trabalho como condição necessária da arte futura na Polônia. O belo é definido como "uma forma de amor" e como um componente indispensável do trabalho. A separação entre a esfera do espírito e a esfera do trabalho, entre as belas artes e as artes aplicadas é vista por Norwid como uma ameaça de quebrar a "coluna vertebral da nação", tanto mais grave, por se tratar de uma nação privada do seu próprio Estado.

Embora se manifestasse contra a ocupação estrangeira em sua pátria, Norwid considerava as insurreições polonesas ações precipitadas, falava sobre "martírios desnecessários", possíveis de serem evitados se o heroísmo fosse praticado não unicamente nos campos de batalha, "mas em todos os aspectos da vida continuamente", uma vez que "as batalhas só acontecem porque o heroísmo não é praticado em todos os campos da vida" e por isso "são a cirurgia e não o remédio". Segundo ele, o poeta deveria defender a pátria e a cultura nacional não só incitando o povo à luta ou satisfazendo uma outra necessidade social ou política. Porém, Norwid não advogava uma autonomia da poesia no estilo parnasiano. Defendia, sim, a autonomia do artista, para que ele possa criar

não apenas aquilo que agrada ao público, mas, sobretudo, procurar a verdade e "dar a palavra adequada à coisa".

A *summa* poética de Norwid, o ciclo *Vade-mecum* (1866), composto de cem poemas, é um divisor de águas na história da poesia polonesa. Numa linguagem poética própria, embora enraizada na tradição da poesia polonesa, Norwid enfrenta os problemas da cultura e civilização da Europa da segunda metade do século XIX, introduzindo temas novos, numa forma em que a reflexão intelectual, a emoção e a imaginação se complementam, a ironia serve para dominar as antinomias que acompanham o destino humano e a experimentação formal e inovações pré-simbólicas coexistem com certo tradicionalismo.

As suas reflexões e ideias sobre a arte e o trabalho, sobre a sociedade, a nação e o indivíduo tinham caráter inovador e são lembradas até hoje com muita frequência. O traço característico desse pensamento é a tentativa de criar uma personalidade aberta, inconciliável com qualquer tipo de autoritarismo. O conceito de homem em que se baseia a reflexão social de Norwid pressupõe que os principais valores humanos têm a sua base em modelos da cultura diversificados e sucessivamente enriquecidos. Portanto, nem os instintos individuais ou coletivos, nem os parâmetros sociais ou biológicos podem definir exclusivamente o ser humano.

Norwid rejeitava também qualquer tipo de etnocentrismo. Por isso era tão severo na sua avaliação do pan-eslavismo e do messianismo, assim como de todas as manifestações de xenofobia e nacionalismo, e não os tolerava, embora na Polônia não se tivessem manifestado em forma agressiva e estivessem ligados à luta pela independência e à defesa da identidade nacional ameaçada. Enquanto o programa poético de Norwid procurava superar as unilateralidades do classicismo e do romantismo, o seu pensamento social rejeitava todas as tendências absolutistas,

optando pelo pluralismo social e dando muita importância à opinião pública.

Porém, tanto quanto, ou talvez até mais do que suas considerações filosóficas, interessa aos modernos a experiência norwidiana com a linguagem. No poema *O Piano de Chopin* (poema XCIX do *Vade-mecum*), uma das maiores realizações líricas de Norwid e de todo o período pós-romântico, é um bom exemplo da técnica norwidiana¹. O pano de fundo histórico do texto remete-nos a um atentado contra a vida do general russo, Teodor Berg, Governador Geral do czar Alexandre II na Polônia, durante a insurreição de 1863. Como represália ao atentado, os cossacos invadiram e incendiaram o palácio dos Zamoyski em Varsóvia. O piano de Chopin, guardado no palácio, foi encontrado por eles e atirado janela abaixo.

George Gömöri, poeta e estudioso da obra de Norwid, pondera que *O Piano de Chopin*, abriga também, além das associações históricas e culturais, um reflexo impressionista da música de Chopin: “certos elementos do estilo do compositor tais como o ‘tom sussurrante’ e os acordes *impromptu* são (...) urdididos na sua textura”. Gömöri chama atenção ao fato de o poema ter sido composto com base em princípios musicais e que, “quando lido em voz alta, ele soa como uma peça de música, escrita para o instrumento da *vox humana*. Contudo, os elementos eufônicos não sobrepesam o conteúdo; eles não

* Professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB).

¹ Este poema e os outros textos de Norwid relativos ao Frederico Chopin foram publicados em tradução para o português no livro: Cyprian Norwid, *O piano de Chopin*. Tradução e Introdução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

adornam meramente mas explicitam e amplificam 'a mensagem' ”².

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia zarys biografii Cypriana Norwida oraz podkreśla znaczenie jego twórczości jako prekursora nowoczesnej poezji polskiej, a także artysty i myśliciela, którego rozważania o sztuce, kulturze, polityce, historii i współczesności inspirowały pokolenia i wciąż nie tracą na aktualności.

² George Gömöri, *Cyprian Norwid*, New York: Twayne Publishers, 1974, p. 59.

**SERÁ QUE PERMANECEREMOS SURDOS
AO APELO DE NORWID?
“AI DA NAÇÃO QUE APODRECE NO SILÊNCIO!”***

*Marzena NYKIEL***

São transcorridos hoje 200 anos desde o nascimento de Cyprian Kamil Norwid. Embora ele não tivesse tido a oportunidade de desfrutar durante a vida a plenitude da glória, as gerações que se lhe seguiram trazem o seu pensamento entretido em poesia como um archote numa luta sombria. Ele conheceu a dor da derrota, da emigração, da luta e da infâmia. Compreendeu como são importantes a fidelidade e a verdade, a coragem, a determinação e o valoroso amor, inclusive à Pátria, especialmente num momento em que ela é dilacerada e dominada pelos inimigos. Advertiu contra a mentalidade servil, cujos sintomas, que se manifestavam no decorrer dos séculos, estavam levando a Polônia à perdição. O que ele diria hoje? Dois séculos depois estamos enfrentando as mesmas ameaças e essa mesma pequenez, contra as quais Norwid advertia os seus contemporâneos.

Na obra de Norwid são muitas as palavras fortes, amargas, decididas e repletas de condenação direcionadas aos traidores, aos mentalmente fracos e aos mentirosos cujas motivações pusilânimes destroem a Polônia. A negociação do bem comum e a busca de aliados estrangeiros, com prejuízo para a própria pátria, eram para ele um fenômeno inadmissível. E, embora os seus poemas palpitem de ardor

* <https://www.wpolityce.pl> (acesso aos 27 de setembro de 2021).

** Jornalista, redatora do portal <https://www.wpolityce.pl>.

pela Polônia, de esperança da recuperação da plena liberdade, não poupam golpes desferidos contra os escravos mentais. Norwid assinalava claramente que, embora a culpa dos ocupantes fosse evidente, os próprios poloneses era também os culpados pela sua situação e por não serem capazes de se livrar do domínio estrangeiro. Chamava também a atenção para o fato de que nunca o domínio estrangeiro é tão absoluto que não se possa encontrar nele algum espaço de liberdade e de esperança que proporcione uma saída a ações libertadoras. Numa carta a Adam Czartoryski enfatizava: “Ai dos vencedores! Porque já não são capazes de vencer a si mesmos. A escravidão destila o veneno”. Apontando para os violentos efeitos da submissão ao servilismo mental, espiritual, escreve: “Pelo assassinato da palavra profética, pelo pecado contra o espírito bom perecem as sociedades!”.

Não desmembraram e não desmembram a Polônia os numerosos batalhões dos ocupantes, mas uma só coisa: a embriaguez com o patriotismo inculto e a falta da coragem cívica – alarmava numa carta a Józef Bohdan Zaleski. Por sua vez, nas *Cartas aos emigrados*, com toda a força enfatizava que a escravidão imposta pelos ocupantes não era total e não podia ser eterna:

“O braço que oprime uma porção do nosso país não se desenvolveu nunca tão amplamente, nem pode jamais desenvolver-se a ponto de cobrir com a sombra da obscuridade todas as faces da Polônia. Sempre haverá entre os seus dedos uma cunha pela qual o brilho do sol poderá abrir caminho. Dessa forma ensina-nos a Providência o respeito à boa vontade e a conquista de coisas grandes a partir das pequenas”.

Advertia que “a insuficiência do pensamento – queremos ou não queremos – acarreta o cativo”, que é preciso dela defender-se pelo conhecimento da verdade e pela coragem na sua proclamação. No entanto, contestava com dor

a postura daqueles que não são capazes de reconhecer a verdade.

Os escravos sempre e em toda a parte serão escravos – dá asas aos seus braços, e eles irão varrer as ruas com essas asas – escrevia numa carta a Michał Kleczkowski em 1856. Ele também inseriu essa metáfora no texto de *A Spartacus*:

“Oh, escravos, oh! tristes cativos: se a alguns de vós crescessem nos braços as asas de um Querubim... iríeis com essas asas varrer as ruas. Porquanto, quem é escravo, escravo permanece, ainda que por sete vezes receba as asas da verdade da humanidade, do seu futuro e do seu objetivo”.

E hoje? Quão profunda e verdadeiramente se apresentam as palavras do Quarto Vate nas situações cotidianas do nosso presente. Por vezes se pode ter a impressão de que, embora com tão grande dificuldade nos tenhamos libertado das garras do cativo, numa parte da sociedade polonesa a mentalidade colonizada se encontra presente da mesma forma que outrora. No entanto – como escrevia Norwid – “A Pátria é uma grande obrigação coletiva” e, ao realizá-la, “não é preciso reverenciar as Circunstâncias, e ordenar às Verdades que permaneçam por trás da porta”. Mas para isso é necessária a sabedoria e a coragem, a capacidade de reconhecer a verdade e a sua heroica defesa. Inclusive daquela do dia a dia.

O heroísmo não se encontra somente nas batalhas, mas em todos os campos da vida e sempre. De fato, as batalhas só acontecem porque o heroísmo não é praticado primeiro nos campos da vida – lembra o Poeta.

E nós temos em excesso aqueles campos da vida em que seria preciso demonstrar o heroísmo. E isso diz respeito a todos, em todos os níveis da vida sociopolítica. É verdade que as armadilhas da modernidade influenciam de forma cada vez mais feia a nossa natureza. Cegados pelo imediatismo, perdemos a virtude da visão a longo prazo. Não somos

capazes de defender a dignidade, não somente a nacional, mas a nossa própria. Permitimos tornar-nos inofensivos com os argumentos mais banais do provincianismo. Há aqueles que pelo mandato de “progressistas” são capazes da maior palhaçada, e até de trair os interesses da Polônia. E a nossa situação geopolítica não mudou nem um pouco. Os tempos são outros, as ameaças diferentes, mas continuamos a lutar com os usurpadores apetites dos nossos fortes vizinhos. E continuamente o nosso maior inimigo é a mentalidade servil daqueles que estão prontos a entregar a causa polonesa, a soberania polonesa e a diversidade cultural polonesa a influências estrangeiras. Por isso, neste segundo centenário do nascimento do Poeta, o apelo de Norwid deve ressoar com força excepcional e atingir aqueles que aparentemente o compreendem. Há demasiadas ingerências externas nos nossos assuntos internos e ocorrem muitas decisões cujos efeitos serão irreversíveis. Que este pensamento de Norwid confira coragem aos que se calam:

“Uma nação que se indigna tem direito à esperança, mas ai daquela que apodrece no silêncio”.

RESUMO – STRESZCZENIE

W bieżącym roku obchodzimy 200 rocznicę urodzin Cypriana Kamila Norwida, który pozostawił bogate dziedzictwo literackie. Autorka pochylając się nad dorobkiem poetyckim i postawą patriotyczną Norwida stawia społeczeństwu polskiemu odważne pytanie: czy pozostaniemy głusi na apel Norwida!

W tym roku dedykowanemu Norwidowi warto się zastanowić nad jego wypowiedzią: “Naród czujący się niegodnym do posiadania prawa do nadziei, wówczas zgnije w ciszy”!

PEDAGOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CONCEITO DE EDMUNDO BOJANOWSKI

*Albina CARLESSO**



“Os que têm o entendimento e são sábios resplandecerão com o fulgor do firmamento; e todos quantos se dedicam a conduzir muitas pessoas à verdade e à prática da justiça, serão como as estrelas: brilharão para sempre, por toda a eternidade”! (Daniel 12,3)

As Irmãs Servas da Imaculada Conceição da Virgem Maria)¹ celebram os 150 anos da partida de Edmundo Bojanowski deste mundo para a casa do Pai (1871 – 2021).

Sua existência e resposta ao chamado de Deus se assemelha a um canteiro de terra boa que possibilita às mais

* Superiora Provincial das Irmãs Servas da Virgem Imaculada no Brasil.

¹ As Irmãs Servas da Imaculada Conceição da Virgem Maria iniciaram sua atuação no Brasil para realizar o carisma do Bem-Aventurado Edmundo Bojanowski a partir de 11 de fevereiro de 1954.

diversas sementes germinarem, florirem e produzirem seus frutos. Deus permanece fiel no seu desejo de fazer multiplicar o bem no mundo e Edmundo acolhe com amor a graça de ser instrumento em suas mãos. Para a cultura da época, Edmundo foi extremamente ousado e fez a diferença. Na condição de leigo, funda uma Congregação de Vida Consagrada e como herança, deixa às Irmãs o desafio de desenvolver o dom de amar e cuidar dos bens mais preciosos: a família, as crianças e os jovens. Seria ultrapassado pensar que, ainda hoje, as crianças, aos jovens e as famílias necessitam de toda proteção possível?

Proteger a família para garantir o que papa Paulo VI chamou de *civilização do amor*. Conforme Opiela, (p. 19), a educação, portanto, pertence a toda a civilização do amor, dela depende e em grande medida, contribui para a sua edificação.

O interesse sobre o pensamento de Edmundo em relação à educação está mais evidente do que nunca. Constatamos que sua obra é atemporal e por isso, fonte de inspiração para homens e mulheres no nosso tempo.

Breve biografia

Somente para recordar e também para os que não o conhecem, Edmundo Bojanowski, nasceu em 14 de novembro de 1814 em Grabonóg (Poznan, Polônia). Seu pai, descendente de uma família nobre da Silésia, possuía as terras de Grabonóg, Placzkowo e Bojanowo. Sua mãe Teresa, irmã do famoso General Jan Nepomucen Uminski, provinha também de uma família influente. Junto com seu irmão Teófilo, Edmundo cresceu em um ambiente harmônico.

Aos quatro anos ficou gravemente enfermo (acredita-se que se tratasse de uma pneumonia), mas foi curado de

maneira inexplicável pela medicina. Isto é comprovado por um documento no Convento dos Oratorianos em Gostyn, onde também se pode ver ainda hoje um ex-voto de gratidão que retrata o Olho da Divina Providência. Sua mãe atribuiu a melhora repentina à intercessão de Nossa Senhora, à qual suplicara intimamente que auxiliasse o seu filho.

Cedo revelou uma excelente capacidade intelectual. O seu principal interesse era a literatura. Uma extensa correspondência mantida com amigos no país e no exterior, já em tenra idade, lhe conferiu uma participação direta na vida intelectual e literária de sua época.

Aos 18 anos, em 1832, começou a estudar na Faculdade de Filosofia em Wroclaw. Depois, na universidade de Berlim, estudou Belas Artes.

Os planos de Edmundo de concluir com êxito os estudos e, a partir de então, empregar a sua capacidade numa função equivalente revelaram-se irrealizáveis devido à doença. Porém, ele não desistiu. Ouviu o chamado de Deus e começou, com a sua riqueza de espírito e de coração, a servir às pessoas no âmbito de sua vida. Epidemias de cólera haviam trazido uma desgraça indescritível para os camponeses empobrecidos, deixando órfãs inúmeras crianças. Dia e noite, ele visitava os doentes e prestava auxílio espiritual aos moribundos. Para as crianças órfãs fundou um orfanato, chamado de “Instituto” ou “Casa de Misericórdia”, contíguo a um pequeno hospital para doentes sem recursos. Um amigo médico cuidava deles. Ele próprio havia adquirido algumas noções de medicina e organizou, na sua residência em Grabonóg, uma farmácia utilizada com grande assiduidade.

Já há muito, ele pensava em criar oportunidades de instrução para os camponeses. Instituiu pequenas bibliotecas

públicas e empregou toda a sua energia no esforço de elevar o nível da população rural através da revitalização das tradições. Com esta base cultural, pretendia reconquistar as pessoas para uma vida de fé, para uma formação consciente de sua existência no espírito da Boa Nova.

Em sua concepção pedagógica, tinha claro que todo esforço educacional deveria começar na criança. O seu objetivo principal era o amparo infantil em aldeias, em que as crianças poderiam ficar no seu próprio ambiente, com a sua característica cultural, sendo criadas para uma experiência de Deus e de fé.

Nas pegadas de Edmundo

Principalmente na Polônia, mas não só, surgem simpósios, seminários conferências sobre o Programa Pedagógico de Edmundo Bojanowski. Estudiosos se debruçam para conhecer a fundo estes princípios educacionais. Na elaboração de tais princípios, Edmundo analisou criteriosamente a história passada e a realidade atual. Foi partindo deste olhar que apontou para a forma correta de utilizar as experiências do passado para o renascimento da humanidade através da educação no conceito de proteção. Para um grande número de crianças e jovens na atualidade falta este zelo, faltam medidas preventivas para evitar expô-las a experiências traumáticas. Apesar de ser um homem aberto a tudo o que servia para o bem das crianças e a sua educação, não aceitava de forma acríticas as novidades. Uma simples transposição de conteúdos e métodos, porque em determinado local deu certo, não era suficiente para Edmundo. Acreditava que era preciso partir do ponto onde as crianças e os jovens se encontravam. Para tal, “Edmundo tomou em consideração, com efeito, tanto as conclusões das análises da história, dos condicionamentos socioculturais e das experiências nessa área das creches anteriormente fundadas no Ocidente, como as

concepções desenvolvidas da ajuda e da educação nelas organizadas” (Opiela, p. 257).

Considerava importante em todas as etapas do desenvolvimento da pessoa e da educação não perder de vista a dimensão física - a pessoa com um corpo interagindo com o mundo e a natureza. A dimensão moral - a pessoal espiritual com o coração voltado para Deus e para o bem e o belo. A dimensão dos costumes - a pessoa com um senso de pertença a um povo, crescendo nas relações sociais. Enfim, a evolução deste desenvolvimento capacitaria o ser humano para moldar em si posturas baseadas em valores.

Edmundo, com sua pedagogia, visava construir uma proteção para a edificação dos fundamentos do caráter forte e da personalidade das crianças, para que no futuro, na sua vida e ação, tivessem condições de edificar e servir à família, à nação e à Igreja.

Agindo na contra mão dos rumos que a sociedade estava tomando, ficava mais claro e forte a necessidade de estruturar um planejamento para o renascimento da civilização pela educação. Uma educação que tenha uma pedagogia do desenvolvimento e da educação integral, que tenha por objetivo a defesa da pessoa e da família. Estas são as bases do conceito de proteção de Bojanowski. Para tal realização, desempenha um papel importante a educação precoce, a educação infantil, como tempo de construção do fundamento para o processo da vida inteira do desenvolvimento integral da pessoa. Embora se concentrasse na educação das crianças, ele tinha em mente a pessoa no pleno contexto do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento durante a vida toda, bem como dos seus condicionamentos. Já nesta época Edmundo atribuía maior importância à formação

das emoções e sentimentos do que aos conteúdos propriamente ditos para o aprendizado cognitivo. Estava convicto de que é preciso ensinar antes a criança a viver do que a ler e, de modo especial, ensinar com a qualidade da própria vida.

Para Bojanowski a maior ameaça para um bom e sadio desenvolvimento da pessoa, da família, da nação, da humanidade é a decadência moral provocado pela falta de equilíbrio entre as dimensões do espírito, da natureza e do tempo, enfim, entre as leis inscritas na criatura pelo Criador. Para ele, a natureza, obra de Deus, é fonte de conhecimento a respeito do desenvolvimento do ser humano e da humanidade. A natureza tem suas leis próprias e, quando desrespeitadas, deixam consequências para a pessoa e o ambiente. É o que observamos hoje no mundo inteiro. Observar os fenômenos catastróficos que estão acontecendo deveria ensinar algo ao ser humano, como a necessidade de mudar seu modo de tratar a natureza e o meio ambiente.

Para finalizar esta breve abordagem, é importante dizer que a metodologia pedagógica de Bojanowski incluía a utilização de brincadeiras, de jogos, de narrativas, de provérbios, de poesias, de canções, de danças e ritmos. Estas atividades lúdicas naturalmente favorecem ao desenvolvimento natural das potencialidades da criança, sua criatividade, sua autonomia e as habilidades no relacionamento com os colegas.

O programa de educação de Bojanowski não visava somente as crianças e os jovens, mas toda a coletividade do local. Foi também com este objetivo que pensou em uma instituição que de forma sistemática servisse ao bem comum. Este trabalho orgânico a partir das bases, deveria ser realizado

nas instituições de educação, como lugar de encontro também das famílias e do povo. Esta interdependência entre a instituição e as famílias possibilitava a troca de valores, de expressões fraternas e união. Destas práticas, o mundo contemporâneo está muito carente.

Portanto, considerando a atualidade da pedagogia de Edmundo, sua existência terrena terminou no dia 7 de agosto de 1871, mas seu legado perdura ao logo dos 150 anos após sua morte. Edmundo Bojanowski faleceu, mas seus sonhos se realizam através da Congregação por ele fundada. Somos chamadas/os a dar continuidade à obra do Bv. Edmundo, que é a obra de Jesus Cristo. Que o amor seja o norteador das nossas ações.

Bibliografia

Opela, Ir. Maria. A pessoa e a família diante dos desafios civilizacionais. A pedagogia do desenvolvimento e da educação integral no conceito de proteção de Edmundo Bojanowski, ed. Universidade Católica de Lublin, 2019.

RESUMO – STRESZCZENIE

W bieżącym roku przypada 150 rocznica śmierci Edmunda Bojanowskiego, Wielkopolanina pochodzenia arystokratycznego, który wyrażał wrażliwość na biedę wieljskich dzieci. Poświęcił swoje życie делом charytatywnym wobec tych maluczkich i jako osoba świecka założył zgromadzenie żeńskie, którego celem będzie opieka nad biednymi dziećmi, samotnymi, chorymi. Siostra Albina Carlesso, pełniąca posługę przełożonej prowincjalnej wśród brazylijskich córek duchowych błogosławionego Edmunda Bojanowskiego. Autorka w artykule ukazuje aktualność wychowania prowadzonego według pedagogiki wypracowanej przez błogosławionego Edmunda Bojanowskiego.

AS TAPEÇARIAS ANTIGAS – OBRAS - PRIMAS DA ARTE DA TECELAGEM DO SÉCULO XVI – NAS RESIDÊNCIAS REAIS POLONESAS

*Elżbieta BUDAKOWSKA**

Em 2021 passam-se 55 anos desde que a Polônia recuperou mais de 130 peças de tapeçarias históricas e 24 caixas contendo preciosas peças antigas das coleções do castelo de Wawel, removidas para o Canadá após o ataque do III Reich contra a Polônia no dia 1 de setembro de 1939. A recuperação dessas valiosas obras-primas teve uma ampla repercussão na sociedade polonesa, cuja herança cultural e cujas coleções artísticas eram sistematicamente destruídas ou saqueadas pelo ocupante alemão nos anos 1939-1945. O processo da recuperação da propriedade da nação polonesa ainda continua, embora ele não seja simples, visto que muitas obras de arte já passaram às mãos de proprietários particulares, o que torna difícil a sua recuperação. Outras desapareceram sem deixar vestígio.

No entanto, querendo preservar as valiosas peças históricas reunidas nas residências reais polonesas, já no início da guerra, em setembro de 1939, os poloneses empreenderam urgentes ações para as proteger num lugar seguro no exterior. Foi o que também aconteceu com as valiosas coleções reunidas no Palácio Real em Wawel, Cracóvia. Foram empacotadas ali 20 caixas contendo por exemplo o famoso *szczyrbiec* – a espada de coroa dos reis poloneses, insígnias reais, coleções de tapetes e gobelinos, bastões de comandantes-em-chefe,

* Universidade de Varsóvia.

armaduras de hussardos, estandartes, preciosas peças de ourivesaria e obras de arte constituindo parte da herança nacional. Essas coleções empreenderam uma longa viagem, com o objetivo de protegê-las do perigo da destruição. Foram removidas tanto por via marítima como por via terrestre, através da Romênia, da França e da Grã-Bretanha, até que no dia 15 de julho de 1940 foram trazidas ao Canadá, a bordo do transatlântico polonês MS Batory, construído em 1936. Após serem levados a Ottawa, as tapeçarias foram depositadas no Arquivo Nacional canadense, e depois escondidas no Museu da Província de Quebec.

Após o término da guerra em 1945, apesar dos insistentes empenhos das autoridades polonesas, esses objetos de museu permaneceram no Canadá por mais alguns anos. Finalmente, como resultado de prolongadas conversações, ocorreu a devolução desses tesouros depositados no Canadá. Eles voltaram no dia 16 de janeiro de 1961 e puderam continuar servindo à nação polonesa como uma das mais valiosas coleções do museu do Wawel em Cracóvia.

Entre os objetos recuperados encontraram-se retratos de membros das famílias reais e da nobreza, tecidos com motivos históricos e religiosos, paisagens e cenas de gênero de autoria de artistas italianos, holandeses e flamengos, bem como objetos da arte utilitária tais como móveis, utensílios, artigos de ouro e também militares.

No entanto, são tratadas de forma especialmente emocional as tapeçarias das coleções do rei Sigismundo II Augusto, que se encontravam entre os tesouros recuperados. Esse rei era filho de Sigismundo I o Velho e de Bona Sforza, duquesa de Milão e de Bari. Ele nasceu em 1520 em Cracóvia e faleceu em 1572 em Knyszyn. Foi uma figura pitoresca dos vínculos comuns da Polônia e da Lituânia. Desde 1529 exerceu a dignidade de Grão-Duque da Lituânia, e em 1520, como rei da Polônia, assumiu as rédeas do governo do Estado.

As antigas tapeçarias, como tecidos artísticos que imitavam uma imagem, confeccionadas de finos fios de lã com o acréscimo de fios de ouro e seda, eram extremamente caras naquela época. Aos proprietários que as adquiriam elas conferiam dignidade e prestígio, bem como testemunhavam o status material deles. Eram fabricadas em manufaturas na cidade francesa de Arras, de onde tiram o seu nome (*arrasy*), bem como em Flandres.

O rei Sigismundo II Augusto era um grande apreciador dessas tapeçarias. Começou a encomendá-las em Flandres já em 1548. E até o ano 1560 reuniu uma considerável coleção, que contava cerca de 360 tapetes, que representavam sobretudo cenas mitológicas, bíblicas, motivos vegetais e paisagens. Essas tapeçarias, adaptadas aos cômodos do castelo, ornamentavam as dependências de Wawel, e ocasionalmente eram utilizadas em solenidades reais. Quando já era sabido que o rei Augusto não deixaria um herdeiro legal do trono, num testamento redigido em 1571 ele legou as coleções de tapetes a suas três irmãs: Sofia – duquesa de Brunswick, Catarina – rainha da Suécia e Ana – futura rainha da Polônia. De acordo com a vontade do rei, após a morte delas a coleção devia passar a ser propriedade da República da Polônia. Para aquela época, essa era uma prática incomum.

Nos séculos seguintes as tapeçarias tiveram de enfrentar diversas vicissitudes do destino, da mesma forma que o destino não poupou trágicos eventos à Polônia. Mas sempre foi possível recuperá-las como um bem nacional. Atualmente expostas na residência dos reis poloneses no castelo de Wawel, em Cracóvia, constituem uma das mais valiosas coleções no mundo e, como queria o rei Sigismundo II Augusto, são propriedade da República da Polônia. Possuindo o seu valor histórico, são admiradas por numerosos visitantes da Polônia e do exterior. Encontram-se entre eles pessoas de origem polonesa residentes em diversos países do mundo.

RESUMO – STRESZCZENIE

W 2021 r. mija 55 lat od czasu odzyskania przez Polskę ponad 130 historycznych arrasów, które z początkiem drugiej wojny światowej zostały wywiezione do Kanady. Polska stara się odzyskać tysiące dzieł sztuki, cennych manuskryptów, książek, które podczas wojny zawłaszczyli sobie okupanci niemieccy i sowieccy. Wiele dzieł zostało sprzedanych prywatnym osobom. Jest trudno po tylu latach odzyskać skarby narodowe, które zostały zawaszczone przez okupantów.

Autorka przybliży Czytelnikowi historię polskich arrasów, które zdobiły i na nowo ozdabiają rezydencje królów polskich.

GRAVADOR POLONÊS EM SELOS E NOTAS MUNDIAIS

Leszek WAŁTRÓBSKI*

Czesław Słania - artista gráfico, gravador de corte do Reino da Suécia, autor de mais de 1000 selos postais para 28 países do mundo, detentor do certificado do *gravador mais perfilado* do mundo, concedido a ele pela editora do Livro de Recordes Guinness. Ele desenhou notas, por exemplo, para Inglaterra, Venezuela, Brasil, Israel, Bélgica, Argentina. Vencedor de numerosos concursos, durante os quais seus selos foram reconhecidos como os mais bonitos do mundo. Ele recebeu, por exemplo, a Medalhas Rel na Suécia, a Cruz de Cavaleiro na Dinamarca, a Ordem de São Carlos em Mônaco. Ele é considerado um gênio com um senso magistral de perspectiva e forma. Suas obras, que são um modelo inatingível para outros artistas, são caracterizadas por extraordinária precisão e arte.

Czesław Słania, chamado durante anos *de rei do estilete e gravador do século XX*, nasceu em Czeladź, perto de Będzin, em 1921, em uma família mineira. Desde cedo, ele mostrou habilidades manuais. Suas obras eram miniaturais, refletindo a realidade com a precisão da fotografia.

Durante a ocupação alemã, Słania juntou-se à guerrilha, onde ele foi usado principalmente para forjar

* Jornalista e doutor em ciências humanísticas, pesquisador das diásporas polonesas e das minorias étnicas em diversos países do mundo.

carteiras de identidade e outros documentos. As unidades militares polonesas que acompanharam os russos incluíram o jovem cartunista em suas fileiras. Quando ele chegou com os soldados a Zagłębie, a guerra terminou. Słania deixou o exército com o posto de tenente.



Depois de passar no exame de maturidade, ele entrou na Academia de Belas Artes em Cracóvia. Seus primeiros trabalhos foram pranchas, gráficos e desenhos fielmente elaborados no manual em sete volumes para estudantes de medicina *Anatomia Humana*, publicado sob a editoria do Prof. Tadeusz Rogalski.

Em 1947 ele praticou na Tipografia Nacional em Cracóvia, onde se familiarizou com a técnica avançada de gravura. Isso fez com que ele dedicasse os próximos dois anos de seus estudos na Academia aos segredos da arte da gravura, especialmente à técnica de gravura de cobre e à técnica de gravura em metal. Quando voltou da tipografia para estudar, ele já sabia que o estilete combinado com um formato em miniatura seria a paixão de sua vida. Ele executou o seu trabalho de diplomação, a *Batalha de Grunwald* de Jan Matejko, em gravura de aço, na forma de um selo postal, o que lhe trouxe grande reconhecimento do ambiente.

| Artigos

Imediatamente após a formatura, Słania iniciou a cooperação com os Correios Poloneses em Łódź. Na fábrica de papéis valiosos conheceu os segredos do design e da produção de selos. Após a mudança da fábrica para Varsóvia, ele aprimorou ali o seu sob a supervisão de um conhecido gravador, M. R. Polak.

O primeiro selo oficial de Słania, emitido por ocasião do 80º aniversário da Comuna de Paris, apareceu em março de 1951. De acordo com os cálculos, *o mago do estilete* elaborou para os Correios da Polônia, nos anos 1951-1956, 22 selos e 14 projetos. Ele considera dois como os mais valiosos e os preferidos - o monumento a Copérnico e o monumento aos Heróis do Gueto - também em Varsóvia. Quando em 1956 passou a ser vendido seu próximo selo da série dos Jogos Olímpicos em Melbourne 1956, com o conhecido lançador de dardos polonês Janusz Sidło, Czesław Słania deixou o navio "Mazowsze" em Estocolmo e começou um novo capítulo de sua vida. Ela começou a sua vida de emigrado lavando pratos num restaurante. O estilete e a lupa estavam no fundo da mala, à espera de de tempos melhores.



Hoje, em termos do número de selos gravados, Czesław Słania é um recordista mundial. Já há muito tempo ultrapassou mil peças. Nenhum outro gravador trabalhou para tantos correios e países do mundo como ele. Além disso, 6 de seus selos foram considerados os mais bonitos do mundo.

Ele também recebeu muitas encomendas de governos de vários países para a produção de cédulas – Inglaterra, Argentina, Bélgica, Brasil, Israel, Cazaquistão, Lituânia, Portugal, Uruguai, Venezuela. Foi para o último desses países que Słania confeccionou a primeira nota com uma denominação de 10 bolívares. Mas tudo começou com a pintura em aquarela de uma nota de 20 dólares para comemorar a reeleição do General D. Eisenhower como presidente. Esta nota foi enviada por Słania à Embaixada dos EUA em Estocolmo como um presente ao presidente. No entanto, como era impossível distingui-la de uma nota real, os policiais, acompanhados pela Interpol, apareceram na casa do mestre. Na presença deles ele teve que refazer um fragmento

da nota para fazê-los acreditar que o presente ao presidente era um exemplar único, e não a impressão de uma placa de gravação.



Słania também fez gravuras ou retratos de personalidades famosas na forma de selos, sem o nome do país e sem denominação. Foi assim que surgiram, por exemplo, as gravuras de atrizes famosas, pessoas do mundo da política - Nixon, de Gaulle, Churchill, J. F. Kennedy e reis: da Grã-Bretanha, Suécia, Arábia Saudita. Há uma grande quantidade desses retratos em miniatura. No entanto, Słania prefere fazer gravuras com a foto de sua mãe.

A fama do maior artista de gráficos em miniatura rapidamente se espalhou pelo mundo. Retratos de governantes na Suécia, Dinamarca ou Mônaco, feitos com maestria, lhe trouxeram valiosas condecorações e títulos nacionais. Várias exposições filatélicas, nacionais e

estrangeiras, também foram organizadas para ele, apresentando suas realizações.

RESUMO – STRESZCZENIE

W powyższym artykule autor przybliży nam postać Czesława Ślani artysty grafika, który posiada w swoim dorobku ponad tysiąc znaczków pocztowych wyemitowanych w 28 krajach. Ponadto artysta przygotował projekty pieniędzy papierowych używanych w Anglii, Wenezueli, Brazylii, Izraelu, Belgii i Argentynie. Polski artysta grafik otrzymał wiele nagród, został zwycięzcą w konkursach i jego znaczki są uznawane za najpiękniejsze w świecie.

HÁ 150 ANOS OS POLONESES ASSINALAM A PAISAGEM PARANAENSE

*Mariano KAWKA**

Cento e cinquenta anos é um aniversário significativo para se comemorar. Os cronistas e historiadores da imigração polonesa no Brasil definiram o ano de 1871 como o marco inicial da colonização polonesa no Paraná, pois foi naquela data que um grupo de imigrantes, dois anos antes estabelecido em Santa Catarina, transmigrou para esse estado brasileiro e se estabeleceu nos arredores de Curitiba, iniciando um processo que nos anos seguintes traria ao Paraná e ao Brasil milhares de poloneses, na sua grande maioria camponeses em busca de condições de vida melhores que aquelas oferecidas na sua pátria de origem.

A rigor, talvez essa história se tenha iniciado um pouco antes, como veremos a seguir, mas o ano de 1971 representa o início de um fenômeno intenso, coletivo e geralmente organizado. Cento e cinquenta anos depois, é um ícone que convida a uma avaliação e reflexão.

Os poloneses descobrem o Paraná

A primeira família polonesa a se estabelecer no Paraná foi a de Jerônimo Durski (1824-1905). Ele foi um dos primeiros imigrantes que se estabeleceram na colônia Dona Francisca (atual Joinville), em Santa Catarina, tendo chegado ao local em 1851. Em 1866 resolveu mudar-se com sua família, de seis

* Professor, tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

filhos, para Lapa, no Paraná. Exerceu o magistério em várias localidades (Palmeira, Campo Largo, Colônia Órleans, Campo Comprido, Portão-Curitiba). A sua incansável atividade didática fez com que se tornasse conhecido como o Pai das Escolas Polonesas no Paraná.

Um pouco depois, em 1870, estabeleceu-se em Curitiba Sebastião Edmundo Wos Saporski (1844-1933), vindo de Blumenau-SC, aonde havia chegado em 1868. Tendo observado a colonização alemã desenvolvida em Santa Catarina, ocorreu-lhe a ideia de que também os poloneses, cuja pátria na época se encontrava sob dominação estrangeira, poderiam ser envolvidos nesse movimento, tanto mais porque naquele tempo o governo brasileiro estava desenvolvendo uma política imigratória, com a finalidade de povoar e desenvolver o interior brasileiro. Auxiliado pelo Pe. Antônio Zielinski, que era pároco em Gaspar, perto de Blumenau, empenhou-se pela realização desse projeto.

Os pioneiros

Assim, em 1869 o primeiro grupo de imigrantes poloneses, que veio em dois transportes, composto cada um de 16 famílias, se estabeleceu na região de Brusque-SC. Lá eles foram localizados no loteamento denominado Sixteen Lots, situado numa região montanhosa, pouco adequado à agricultura e que já havia sido abandonado por imigrantes irlandeses. Além disso, o ambiente daquela região colonizada pelos alemães não favorecia a adaptação dos poloneses ao lugar. Diante disso, Saporski e o Pe. Zielinski, que possuía amigos na corte do Rio de Janeiro, se empenharam por encontrar uma outra área para a colonização polonesa. A escolha recaiu sobre o Paraná, mais especificamente sobre a região próxima a Curitiba. Assim, no dia 9 de outubro de 1871, aquelas 32 famílias polonesas, num total de 164 pessoas, desembarcaram no porto de Antonina, após uma viagem de

navio que havia sido iniciada em Itajaí no dia 30 de setembro daquele ano. A vinda desse grupo deu início à imigração colonizadora coletiva dos poloneses ao Paraná, que agora completa 150 anos de história.

São estas as famílias que deram início à colonização polonesa no Paraná em 1871: Fabiano Barcik, Gregório Chyla, Leonardo Fila, Baltasar Gbur, Gaspar Gbur, Baltasar Gebza, Leopoldo Jelen, Estêvão Kachel, Antônio Kania, Francisco Kania, André Kawicki, Martim Kempka, Filipe Kokot, Brás Macioszek, Simão Otto, Valentim Otto, André Pampuch, Vicente Pampuch, Boaventura Polak, Francisco Polak, Paulo Polak, Martim Prudlik, Miguel Prudlo, José Purkot, Simão Purkot, José Skroch, Domingos Stempka, Tomás Szajnowski, Tomás Szymanski, Augusto Walder, Valentim Weber e Nicolau Wos.

Não tendo encontrado em Santa Catarina terras e condições favoráveis para o seu estabelecimento definitivo, dois anos depois essas famílias viajaram até Curitiba e estabeleceram-se nas proximidades da capital paranaense, onde receberam lotes de 2-3 alqueires nas localidades de Paiva, Mercês e Pilarzinho. O episódio da transmigração desse grupo de imigrantes ao Paraná é o marco inicial do vasto movimento migratório que fez desse estado brasileiro o lugar de destino preferido dos poloneses que vieram ao Brasil. Uma marca icônica desse fenômeno social é que os topônimos Paraná e Curitiba até adquiriram a sua própria forma em polonês: *Parana* e *Kurytyba*.

A expansão colonizadora

Já em 1873 vieram ao Paraná 64 famílias polonesas da Prússia Ocidental e fundaram a colônia Abranches, nos arredores da cidade. Em 1875, imigrantes poloneses se estabelecem na colônia de Santa Cândida. Em 1876 vieram alguns milhares de emigrados poloneses da Prússia e da

Galícia, que foram igualmente estabelecidos nas proximidades da capital paranaense, nas colônias: Santo Inácio, Órleans, Dom Pedro, Riviera, Dona Augusta, Lamenha, Tomás Coelho. Essas colônias formavam um complexo que recebeu o nome Nova Polônia. Nos anos seguintes foram surgindo novas colônias polonesas nas proximidades da capital e em todo o Sul do Paraná.

Afirmam os historiadores que no final do século XIX o número dos poloneses no Paraná já ultrapassava os 50 mil. A importância desses números ressalta quando comparados com a população total do estado, que em 1888 era de 187.548 habitantes. Em consequência da colonização, no início do século XX o estado já contava aproximadamente 300 mil habitantes, um quarto dos quais era constituído por poloneses e ucranianos. Curitiba, naquela época, contava cerca de 30 mil habitantes.

Percebe-se que as primeiras colônias polonesas surgiram nos arredores de Curitiba, mas a partir da última década do século XIX e nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial os poloneses se haviam estabelecido em diversas localidades da região Centro-Sul do estado, em cidades como Araucária, Campo Largo, Castro, Guarapuava, Imbituva, Ipiranga, Irati, Joaquim Távora, Lapa, Marechal Mallet, Palmeira, Paulo Frontin, Ponta Grossa, Prudentópolis, Rebouças, Reserva, Rio Azul, Rio Negro, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Teixeira Soares, União da Vitória. Com isso, no início da década de 1920, o total dos poloneses no Paraná (incluindo os seus descendentes no Brasil) já se aproximava dos 100 mil.

As últimas colônias polonesas

Após a recuperação da independência da Polônia em 1918, o movimento migratório ao Paraná prosseguiu, e na década de 1920 foram fundadas novas colônias, agora mais

para o oeste do estado, como por exemplo Amola Faca (atual Virmond), fundada em 1921.

Na década de 1930 a Liga Marítima e Colonial (*Liga Morska i Kolonialna*), da Polônia, começou a promover a colonização de Morska Wola (atual Faxinal), no vale do rio Ivaí, no Oeste do estado. Nessa mesma época, quando a inglesa *Paraná Plantations Ltd.* (mais tarde Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) começou a colonizar o Norte do Paraná, chegaram a ser fundadas colônias polonesas nessa região: Warta, nos arredores de Londrina (1934), que recebeu poloneses transmigrados principalmente de Santa Catarina, e Gleba Orle, no atual município de Araçongas (1937), formada por um grupo de poloneses vindos da Polônia e outros que vieram do Sul do estado ou de Santa Catarina. Essas duas colônias encerram o processo da migração colonizadora, que em 1939 foi interrompido pela eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Muito além da agricultura

A colonização polonesa no Paraná teve um caráter sobretudo agrícola. Até a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes eram quase todos camponeses que pretendiam obter no Brasil um pedaço de terra particular para viver, trabalhar e desenvolver o seu projeto de vida. Mas eles foram muito além disso. Já a partir do início do século XX começaram a vir ao Paraná poloneses que eram intelectualmente mais preparados e que aqui desenvolveram uma atividade diversificada, concentrada em núcleos urbanos, e que seguiu nas mais diferentes direções. A eles se iam juntando pouco a pouco os filhos e descendentes dos primeiros imigrantes, que também buscavam realizar-se em tarefas e profissões diferentes da atividade predominantemente rural dos primeiros colonos.

É significativo que já o idealizador da imigração polonesa ao Brasil, o acima citado Saporski, trabalhou como engenheiro agrimensor e até se envolveu na política, tendo sido eleito deputado estadual para a gestão 1912-1913. Em anos posteriores outros cidadãos de origem polonesa seguiram os seus passos, sendo conhecidos entre eles nomes como os de: Nicéforo Modesto Falarz (1893-1984), que foi deputado estadual na década de 1920; Bronislau Ostoja Roguski (1913-1972), que foi deputado estadual e federal; Edvino Donato Tempiski (1913-1995), que foi vereador em Curitiba e depois deputado estadual; Roberto Wypych (1928-2020), que foi deputado estadual e na década de 1980 chegou a ser senador. Em época mais recente, são muitos no Paraná os vereadores e prefeitos de origem polonesa.

Da mesma forma, nomes de poloneses e seus descendentes tiveram uma atuação marcante em outras áreas, como a medicina, o direito etc. Alguns deles, como o Dr. Simão Kossobudzki (1869-1934), o Dr. Júlio Szymanski (1870-1958), fizeram parte do grupo dos pioneiros da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na área do direito, podemos citar o Dr. Sigismundo Gradowski (1897-2000), um dos pioneiros dos estudos jurídicos no Paraná.

A literatura e as artes também tiveram os seus representantes, como o escritor Ladislau Romanowski (1902-1997), autor de romances e livros infantis, ou o poeta Paulo Leminski (1944-1989). João Zaco Paraná (1884-1961) foi um conhecido escultor e professor de belas-arts. Suas obras podem ser vistas em Curitiba, por exemplo na Praça Eufrásio Correia (“O Semeador”) e no Jardim Botânico (“Amor Materno”).

Na área das artes cênicas foi expressiva a participação do ator e coreógrafo Tadeu Morozowicz (1900-1982). Significativamente, foi ele que proferiu o discurso de recepção

ao papa João Paulo II por ocasião da sua visita a Curitiba, em 1980.

Os poloneses também foram no Paraná grandes incentivadores do esporte, principalmente através da Sociedade de Educação Física Junak (a futura Sociedade União Juventus). Nesse setor merece ser citado o atleta João Sobocinski (1906-1995), que em 1929 foi presidente do Junak. Em 1924 ele introduziu no Paraná o vôlei, na época uma modalidade esportiva ainda pouco difundida no Brasil. Participou da fundação da Federação Paranaense de Futebol e, como famoso atirador do Junak, obteve numerosos troféus estaduais, nacionais e internacionais.

Uma categoria especial de imigrantes tem sido a dos religiosos e das religiosas, pertencentes a diversas congregações, que praticamente desde o início da colonização acompanharam os emigrados poloneses, prestando-lhes assistência espiritual, beneficente e educacional, através do seu diversificado ministério, inicialmente direcionado aos compatriotas, mas que posteriormente se estendeu a toda a sociedade paranaense.

Pelo exposto, verifica-se que a agricultura teve a significativa contribuição dos poloneses, mas a ação deles assinalou a paisagem paranaense também em outras áreas, nos espaços mais diversificados.

O contingente populacional polonês

De acordo com pesquisas realizadas pelo historiador Ruy C. Wachowicz, entre 1869 e 1934 entraram no Brasil 105 mil imigrantes poloneses, a metade dos quais se estabeleceu no Paraná. Um censo promovido pela União Central dos Poloneses (*Centralny Związek Polaków*) de Curitiba em 1937 informava que naquele ano havia no Paraná 92 mil poloneses e seus descendentes. Novamente eles constituíam cerca da metade dos poloneses no Brasil, cujo total era de 217 mil

pessoas. Segundo Wachowicz, em 1937 a população polonesa do Paraná era de 88.605 pessoas. Como o total dos habitantes do Paraná era então de 937.000, eles constituíam 9,45% da população. Esses dados são também confirmados por pesquisadores poloneses. Jerzy Mazurek, por exemplo, estabelece para o final da década de 1930 o número de 220 mil poloneses no Brasil, dos quais 88 mil viviam no Paraná.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, em consequência do deslocamento populacional provocado por esse conflito, vieram ao Paraná mais alguns milhares de imigrantes poloneses. Mas estes em geral não eram agricultores e na sua maioria fixaram-se em centro urbanos maiores, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Curitiba.

Integração na nova pátria

Com o passar do tempo, tornou-se inevitável, no Paraná, o contato normal entre indivíduos de grupos étnicos distintos, que começavam a considerar-se e legalmente eram brasileiros, embora o sobrenome estrangeiro (muitas vezes graficamente deturpado) denunciasse a sua origem alienígena. Por outro lado, o sobrenome polonês podia ser uma herança do casamento, sem que a pessoa tivesse origem polonesa. Chega-se, então, a uma situação de certa forma paradoxal: o sobrenome polonês nem sempre comprova a descendência polonesa, mas um sobrenome não polonês também não significa que alguém não tenha raízes polonesas.

Dessa situação resulta a grande dificuldade para se definir com precisão quem pertence a esse grupo e estabelecer o número exato de descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil ou no Paraná. Com efeito, existem os descendentes propriamente ditos e ainda aqueles descendentes “por contágio”, isto é, em razão de casamentos interétnicos. Pela mesma razão, uma pessoa de descendência polonesa pode “migrar”, através do casamento, para um outro grupo étnico,

mas – evidentemente – sem deixar de fazer parte do grupo polônico.

Como hoje o grupo populacional paranaense ligado a raízes polonesas está plenamente integrado na população geral, para definir a percentagem dos “polônicos” (pessoas com traços mais ou menos acentuados de polonismo) no Paraná talvez seja suficiente fazer uma atualização dos números fornecidos pelas estatísticas elaboradas no final da década de 1930. Em 1937 a população do Paraná era de 937 mil, e a população polônica era então (de acordo com o Prof. Ruy C. Wachowicz) de 88 mil, ou seja, perto de dez por cento da população geral. Hoje a população paranaense é de um pouco mais de 11 milhões de pessoas. Calcula-se que a sua população de raízes polonesas ou ligada ao grupo étnico polonês é de cerca de 1,2 milhão de habitantes, um quarto deles (300 mil) residentes da região de Curitiba.

Conclusão

Esse grupo de poloneses emigrados ao Brasil, como acontece com todo grupo de pessoas emigradas a um outro país, tornou-se parte de uma outra cultura. Eles se tornaram mais um dos elementos multiétnicos que moldaram a população brasileira, principalmente no Sul do País, e de forma predominante no estado do Paraná. Aqui, em geral, eles encontraram a realização dos seus sonhos. Com muitas dificuldades, é verdade, e até enfrentando tragédias, por exemplo em forma de epidemias de tifo ou de cólera que eclodiram em alguns núcleos da colonização. Mas no seu todo a grande aventura migratória deles teve um final feliz.

Com o passar dos anos eles se integraram à vida e à cultura local. Isso, no entanto, não os impede de preservar certas características da sua cultura de origem, especialmente na culinária, no folclore, nos costumes religiosos, conferindo,

assim, um traço de singularidade ao estado brasileiro em que se estabeleceram em maior número.

Bibliografia

BOSZCZOWSKI, Mário Venício. Aspectos da colonização polonesa no distrito de Warta, município de Londrina, estado do Paraná. *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, ano XI, 1/2009. Curitiba, 2009, pp. 73-83.

FILIPAK, Paulo; KRAWCZYK, João. *Fastos da Sociedade União Juventus*, fascículos I e II. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1978.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

KAWKA MARTINS, Cláudia Regina. *A presença eslava na formação de Arapongas*. Curitiba: Gráfica Vicentina Editora Ltda., 2007.

MALCZEWSKI, Zdzislaw; WACHOWICZ, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina Gráfica e Editora, 2000.

MAZUREK, Jerzy. *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

NIKODEM, Pawel. Saporski – “O pioneiro dos semeadores”. *Anais da Comunidade Polono-Brasileira*, vol. I, ano 1970. Curitiba, pp. 57-92.

PITONÍ, Jan. Saporski w ramach lat. *Kalendarz Ludu 1971*. Curitiba, 1971, pp. 74-80.

SEMICEK, Paulo. Volta ao mundo na cidade. *PINÓ – Gazeta do Povo*, abril de 2021, ano 1, n. 7, pp. 130-139.

WACHOWICZ, Ruy C. Aspectos da imigração polonesa no Brasil. *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, ano I, I/1999. Curitiba, 1999, pp. 10-39.

RESUMO – STRESZCZENIE

Nazwa Parana kojarzy się z obecnością Polaków w Brazylii. Półtora wieku temu, w 1871 r., pierwsza grupa imigrantów polskich osiedliła się w pobliżu stolicy tego stanu, Kurytyby. Była to grupa 32 rodzin (164 osób), która dwa lata wcześniej, w 1869 r., z inicjatywy Sebastiana Edmunda Wosia Saporskiego, osiedliła się w sąsiednim stanie Santa Catarina, lecz tam nie napotkała na dogodne warunki życiowe.

W latach następnych zaczęły przybywać nowe grupy imigrantów z Polski, należących prawie wyłącznie do warstwy chłopskiej, zajmując nowe tereny kolonizacyjne, przeważnie w południowej części stanu. Ten proces migracyjny został przerwany przez I wojnę światową, wznowił się po zakończeniu wojny i przetrwał do wybuchu II wojny światowej. Podczas tej wojny i w latach następnych osiedliła się jeszcze w Brazylii znacząca grupa przesiedleńców wojennych, tym razem już należących często do warstwy bardziej wykształconej, którzy się osiedlili przeważnie w większych miastach.

Z upływem czasu ci emigranci i ich potomkowie zespolili się ze społecznością brazylijską, przyczyniając się do różnorodnego rozwoju swojej nowej ojczyzny, już jako jej prawni obywatele. Potomkowie emigrantów polskich w Paranie i w innych stanach Brazylii nadal przechowują cechy kulturalne, zwyczaje i tradycje odziedziczone od swoich przodków.

SAPORSKI – “O PIONEIRO DOS SEMEADORES”

*Paweł NIKODEM**

I

Inúmeros são os pioneiros que encontramos na História do Brasil. Entre os que são mais exaltados pelos seus feitos extraordinários, encontram-se os bandeirantes, os quais desbravaram as virgens selvas do solo brasileiro e dessa forma lançaram as bases para a edificação desta imensa nação.

Os imigrantes aqui advindos, a partir do século XIX, não deixaram, entretanto, de realizar uma tarefa semelhante. A colonização de imensas áreas do território brasileiro comprova a sua capacidade de trabalho, o amor à terra, a dedicação ao seu cultivo, a assimilação e a lealdade à nova pátria.

Como vieram para o Brasil tão numerosos e morigerados trabalhadores poloneses? Por que escolheram o Estado do Paraná, e não outro, para a sua fixação?

A essas e outras indagações procuraremos responder no decorrer do presente trabalho. Para tanto utilizamo-nos das seguintes fontes:

* Paweł Nikodem (1892-1982) – natural da Polônia, foi secretário do Consulado da Polônia no Paraná e redator do semanário “Gazeta polska w Brazylii”. É autor de várias monografias sobre o Brasil, publicadas em jornais poloneses, bem como na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. Possui vários estudos sobre problemas atinentes à imigração polonesa no Brasil, entre os quais o presente trabalho, focalizando a figura de Edmundo Wos Saporski, originalmente publicado em português em *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. I, ano 1970, p. 57-92. Tradução: Mariano Kawka.

| Artigos

1 – “Gazeta polska w Brazyliai” – periódico pioneiro em língua polonesa no Brasil, editado em Curitiba durante 50 anos (1892-1941). Saporski foi seu redator a partir de meados de 1893 até meados de 1894.

2 – “A imigração e a colonização polonesa no Paraná” – ensaio, publicado no “Almanaque Alemão” em Curitiba, editado por Anthon Schneider, impresso nas máquinas do semanário “Der Bedachter” em 1896. É um artigo muito amplo tratando sobre a colonização polonesa no Paraná, com fotografias das colônias de Órleans, Rio dos Patos e São Mateus. O artigo não traz assinatura. Mas esse fato justifica-se pelo fato de preceder o artigo uma descrição das colônias alemãs e pelo episódio provocado pelo batalhão germânico na Revolução Federalista de 1894. Isso deu ao artigo a possibilidade de ser atribuído à redação. É certo, porém, que além de Saporski ninguém seria capaz de um trabalho tão pormenorizado. O fato é confirmado por “Przegląd polski” (Revista polonesa), número 5 de 1960, revista mensal que publicou o citado artigo em polonês.

3 – “Eco de Porto Alegre”. – Residente na capital gaúcha, o conhecido impressor Félix Bernardo Zdanowski, autor de um “Método de português sem mestre” (para poloneses), tencionava, nos fins do século [XIX], editar um periódico para uso dos colonos radicados no Rio Grande do Sul. Com o intuito de estudar as possibilidades, publicou por dois anos consecutivos um “Almanaque” meticulosamente acabado. Reconhecendo em Saporski um perito no assunto, pediu-lhe informações. Como resposta, apareceu no Anuário de 1902 uma resumida mas substancial biografia sob o título “Algumas palavras sobre S. E. Saporski”.

4 – “Memórias”. – Saporski iniciou suas “Memórias” no crepúsculo de sua vida, desejando deixar a seus descendentes uma lembrança, servindo-se para isso da língua portuguesa. Escreveu em forma de palestra: fala de si na terceira pessoa,

subscrevendo-se com o pseudônimo Eti. O curso da narrativa inicia-se a partir de 1867, momento em que o autor se perdera às margens do rio de La Plata, e termina em 1912, em meio a atividades e preocupações dispensadas aos imigrantes de Lublin e Galícia estabelecidos às margens do rio Ivaí e Iguaçu, onde o idoso pioneiro, a exemplo do professor Jerônimo Durski, tinha que preocupar-se com o prato de feijão, trabalhando como simples auxiliar de engenheiro. As “Memórias”, não tendo sido aproveitadas aqui, foram enviadas a Varsóvia, onde foram publicadas em 1939.

5 – “Memorando sobre a colonização polonesa no Brasil”. – Trabalho pouco volumoso, mas de inestimável valor. Escrito em polonês, língua na qual o autor era mestre, apesar de meio século o separar da Polônia. É uma nova redação do artigo nº 2, apoiada pela junção de um artigo do “Almanaque” de Schneider. O trabalho é aperfeiçoado por dois importantes acréscimos: a) tabela cronológica da fundação das colônias polonesas (que se elevavam a 35), com o número de colonos no momento da fundação: 56.892 pessoas; b) testemunho da Câmara Municipal de Curitiba, do dia 15.10.1873, sobre os colonos de Pilarzinho, em que se declara que “são excelentes lavradores”. Saporski aprontou essas anotações em 1920, mas só foram publicadas após a sua morte. Deu-lhes destaque o “Almanaque do Jornal Polonês” de 1939, ao festejar o 70º aniversário da vinda dos primeiros poloneses ao Brasil. A publicação foi acompanhada por 7 fotografias, algumas explicações e registro de nascimento do autor. Tudo sob o título: “Donde provém a Família dos Pioneiros”.

II

Quem era Edmundo Saporski antes que se apresentasse no Paraná? Vejamos sua certidão de nascimento, extraída dos livros paroquiais da localidade em que veio ao mundo:

| Artigos

Nome e sobrenome: Sebastião Vos

Pai: Simão Vos

Mãe: Edviges Kampa

Nascido em Stare Siolkowice

Dia do nascimento: 19 de janeiro de 1844.

Não há dúvida de que se trata do mesmo personagem. Na sua autobiografia, publicada no “Almanaque” do Sr. Zdanowski, escreve: “Sebastião Edmundo Vos Saporski nasceu aos 19 de janeiro de 1844 em Siolkowice, perto de Opole.”

A colônia Siolkowice tomou o nome da palavra “siolo” ou “siólko”, que significa pequena povoação, lugarejo. Situa-se à margem direita do Odra, a 20 quilômetros da cidade de Opole rumo a Wroclaw, que é capital dessa região, isto é, o sudoeste da Polônia, região conhecida por Silésia. Esta se compõe de três municípios: Katowice, Opole e Wroclaw. Desde tempos imemoriais a região é habitada por poloneses, pelo que, mesmo depois de duas guerras mundiais, voltou a fazer parte da Polônia.

Os imigrantes trouxeram e guardaram recordações felizes a respeito do pai de Sebastião. Reconheciam nele um líder nato e mui serviçal. Conserva-se até hoje um livrinho descoberto por jornalistas, com assinatura de Simão Vos datada de 1836.

Além de outras atividades, trabalhava em transportes, servindo-se naturalmente de uma carroça. Conheciam-no todos os habitantes da redondeza, pois era ele o “repórter”, o “jornal noticioso” do lugar. Na época o jornal era novidade, encontrando-se somente nas cidades maiores, enquanto que no interior as notícias eram transmitidas de boca em boca.

Assim os colonos entravam em contato com o que acontecia na Polônia e no mundo através de seu vizinho Simão Vos, aliás homem de largos horizontes e digno de confiança. Foi através dele que chegaram a tomar conhecimento de uma “nova” terra, o Brasil.

O Brasil era então uma nação jovem. Tinha apenas iniciado a colonização de suas vastas áreas e parecia não ter sorte com os imigrantes. Declarações oficiais comprovam que de 1830 a 1835 o Brasil não havia recebido um único imigrante europeu. Wos soube algo a respeito dessa terra exótica, situada no rumo do sol poente. Desse algo, comunicou uma parte a seus conhecidos. Em todo o caso, o país da eterna primavera, onde não havia neve nem geada, onde florestas imensas esperavam por desbravadores, ecoou favoravelmente nos tímpanos dos ouvintes. Gostaram igualmente do emblema da nova terra, cujo nome chegou ali na forma latina – Brasilia. Imediatamente acharam a sua raiz em “brzoza” (bétula), árvore maravilhosa, de casca branca e frondosa copa. “Brzoza” – a bétula – já havia servido de inspiração a inúmeros poetas, entre os quais Mickiewicz, que inicia a sua epopéia “Pan Tadeusz” (O Senhor Tadeu) num bosque de bétulas.

A notícia corria de boca em boca. A semente germinava. Em pouco tempo o tema ocupava o primeiro lugar nos encontros familiares e sociais.

A família de Simão fora abençoada com 10 filhos: 4 rapazes e 6 moças. Sebastião era o segundo entre os rapazes.

Nascera pouco antes de um período (1845-1847) em que terrível falta de alimentos havia tomado conta da região. Os cereais não produziram o fruto esperado. Isso provocou a fome, que por sua vez foi causa, segundo nos afirma João Wantula, escritor local, de uma epidemia de tifo que veio a ceifar muitas vidas. Não raro, famílias inteiras pereciam, e os mortos jaziam sem sepultura dias a fio. Os imigrantes guardaram por muito tempo a lembrança desses tristes dias. Ainda há poucos anos, os colonos mais idosos radicados nas redondezas de Curitiba narravam fatos horripilantes daqueles tristes dias.

Mesmo as famílias mais abastadas passaram fome, visto que não havia onde comprar alimentos.

Nada sabemos sobre o que fez na ocasião o Sr. Simão para matar a fome de sua numerosa família.

Quando Sebastião atingiu a idade escolar, seus pais começaram a pensar nele, pois mostrava-se corajoso, apesar de doentio e débil. Certo dia o pai o abraça e, depois de o acariciar, coloca a mão sobre a sua cabeça dizendo suavemente:

– Sebastião, é tempo de pensares no teu futuro. A nossa família ficará, segundo o costume, com o primogênito. Tua herança é mundo ilimitado... Sê forte e dá bom exemplo a tuas irmãs e a teus irmãos mais novos, que hão de seguir o teu caminho. Não temas! O mundo é grande. Acharás um lugar para ti. Sabes, meu garoto, que tua mãe e eu concordamos em enviar-te à escola? O estudo te garantirá um futuro mais risonho. Vai, meu filho, e estuda, estuda com afinco e que Deus te acompanhe.

Sebastião dirigiu-se a Opole e iniciou os estudos. Não era fácil. Com efeito, antes de iniciar os estudos era necessário aprender o alemão, visto que na província não se ensinava em polonês, para assim germanizar a região. Mas o nosso jovem lutava corajoso e perseverante, até que conseguiu entrar no ginásio. Ali se distinguia em matemática, geografia, história natural e física. Gostava desses assuntos, o que lhe facilitava a aprendizagem. Mas não gostava de línguas antigas, às quais na época se dava grande importância. Ainda lhe era difícil o alemão, e já devia tentar domesticar o latim, o grego e o francês. Não raro a escalada lhe parecia impossível. Mas logo vinham as férias, e com elas o merecido descanso.

Voltando à escola, dedicava-se com afinco ao estudo. Não lhe faltava vontade nem capacidade, mas sua natureza frágil, debilitada pelas privações, revoltava-se, até que o venceu, obrigando-o a interromper os estudos antes do exame de maturidade. Tendo recuperado a saúde, empregou-se como carteiro, tencionando em breve apresentar-se à banca

examinadora. Infelizmente seus cálculos falharam: a enfermidade retornara, e o médico prescreveu mudança de clima. Aconselhou-o a procurar clima quente.

Assim, em vez de se tornar acadêmico, a sorte o forçava a abraçar o estado de emigrante, com todas as suas privações.

A caminho da nova pátria Sebastião mudou de nome, tornando-se Edmundo Saporski. Sua família explicou que o fato foi motivado pelo desejo de fugir do serviço militar na odiada Prússia. Na época, a Prússia preparava-se para a guerra contra a França. Ora, esta era, desde havia muito, aliada e amiga da Polônia. Não admira, pois, que o jovem fizesse tudo para evitar combater contra seus amigos. Combateria, e de bom grado, contra o opressor de sua terra. Mas isso se realizou muito mais tarde, somente em 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial.

Chegando a Londres, então senhora dos mares, *Wos Saporski* viu-se diante do imenso oceano, com possibilidades de cruzá-lo em todas as direções, já que as rotas marítimas eram livres. Mas como escolher o rumo? Sabia das colônias polonesas nos Estados Unidos, fundadas no Texas em 1854. Mas não se decidia. As dúvidas o assaltavam. Havia pouco os Estados Unidos tinham estado em guerra consigo mesmos...

No porto atracou o navio "Emma". Estava carregando trilhos e iria para a Argentina. Sebastião viu-se tentado a subir no convés, onde seis marinheiros trabalhavam. Iriam para La Plata? Isso o alegrou. Conhecia duas línguas latinas: o latim e o francês. Não lhe seria difícil entender mais uma: o espanhol.

III

Dirigindo-se então a La Plata, *Wos Saporski* visita o Paraná como turista, travando conhecimento com o novo continente em Paranaguá. Logo que o navio foi descarregado, contratou-se novo frete, apressando-se para transportar madeira do

Paraná para o Uruguai. Vieram, portanto, a Guaraqueçaba, donde para o rio de La Plata era exportada madeira para construção, e bananas e palmitos para a alimentação. Os uruguaios necessitavam de madeira bruta, beneficiando-a em casa. Nas matas de Antonina e Paranaguá logo se começou a sentir falta de madeira de lei. Foi por isso que os marujos foram procurá-la no norte da baía de Paranaguá.

Guaraqueçaba contava apenas algumas casas esparsas, não havia ruas nem cais. Faltava água, a qual era transportada em canoas de fontes distantes. Sobre serrarias nem se falava.

Apesar de quase desabitada, Guaraqueçaba era um ponto importante no sistema de transportes. As pessoas que quisessem viajar para São Paulo, partindo de Curitiba, dirigiam-se a Guaraqueçaba, não a Paranaguá, onde os navios raramente eram vistos. De Guaraqueçaba ia-se através de Ararapira, Cananéia, Iguape, ora por mar, ora por terra, e atingia-se o porto de Santos.

Mais tarde, viam-se não raro nesse caminho grupos de imigrantes poloneses. Eram famílias que, abandonando a inacessível colônia de Periquera-Açu, procuravam melhores condições de vida além das serras de Paranaguá.

À pobreza de Guaraqueçaba opunha-se a exuberante riqueza das selvas que ornavam as serras de Quitumbé. Ali havia madeira suficiente para tudo e o acesso era fácil, pois a madeira era lançada na água e dali guinchada para o navio.

Agora, passados cem anos, admiram-nos as manobras calmas e seguras ali executadas pelo “Emma”, que atravessava as águas da Argentina, do Uruguai e do Brasil sem que nada e ninguém lhe impedisse o caminho. O navio, a bordo do qual está o emigrante da Silésia, não é interceptado por ninguém. O serviço alfandegário ainda está por nascer. Raros eram os navios na época, e o “Emma” fazia festa onde aportava. Eram tempos de liberdade absoluta. Não havia necessidade de passaportes, não havia consulados, ninguém pensava em

notas fiscais. Ao contrário da velha Europa, onde os vizinhos consideravam-se mais inimigos do que amigos, porque cada um limitava os direitos dos outros, aqui, no Novo Mundo, reinava a cordial amizade.

Quando o “Emma” levantou âncora, Sebastião sentiu-se triste e despediu-se levando saudade. A lembrança das imensas regiões desabitadas que esperavam pelos desbravadores exerceu considerável influência sobre ele, orientando seus futuros passos.

IV

Em Montevideú despediu-se dos marujos e desembarcou como imigrante. A sorte o ajudou. Encontrava-se num porto movimentado e livre, dentro de uma cidade que então ocupava o terceiro lugar na América do Sul, isto é, depois do Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Saporski estabeleceu-se no centro de Montevideú, donde podia observar com facilidade todo o movimento. Trabalhava num clube suíço-alemão de importadores, como atendente de bar. Foram seus patrícios que lhe conseguiram esse emprego. Logo ao desembarcar percebeu que os poloneses não eram raridade em Montevideú. Seu colega, um alemão, lhe avisara que havia poloneses no porto.

– Como você os reconheceu?

– Pelos palavrões que os ouvi dizer ao tomar um drinque. Por esse meio eu os reconheceria ainda que fosse no fim do mundo. A seguir travamos conhecimento. Conversamos um pouco. Eles virão visitá-lo.

Entre os colegas que se tornaram mais íntimos de Saporski, interessam-nos pelo seu grau de cultura dois imigrantes: um trabalhava no Ministério da Agricultura como engenheiro, e o outro servia no Exército Brasileiro como tenente. Infelizmente

não lhes conhecemos os nomes, e não há possibilidade de identificá-los.

Não era invejável a situação do nosso estudante. Sua ocupação consistia em arrumar as mesas, lavar os copos. No clube conversava-se sobre importação, sobre preços, pagamentos a fazer... Falava-se ora alto, ora baixo, conforme o assunto.

Saporski não podia esperar auxílio de ninguém. Desejava obter um trabalho melhor, mas era um expatriado cuja pátria havia sido riscada dos mapas. Não havia ali Consulado que garantisse por ele...

O que aconteceria se para cá viesse o seu pai Simão, a perambular com a sua carrocinha carregada com o arado, grade e sementes? Acredite-se ou não, parece que no Uruguai não há mais terra livre. Tudo já está ocupado. Se viesse para cá, seu pai teria que procurar uma fazenda e pedir ao dono um trabalho qualquer. Teria que trabalhar como simples operário, para depois tornar-se empreiteiro e arrendatário.

Saporski convenceu-se em breve de que o Uruguai não era para ele mais que um ponto na sua viagem rumo ao desconhecido. O Uruguai não necessitava de sua ciência. Seus logaritmos não eram necessários para tosquiar ovelhas. Não era necessário conhecer Homero para tratar de gado. Não lhe agradava essa vida, e para introduzir-se na classe dos grandes comerciantes era necessário trabalhar com dinheiro.

Do Uruguai partiam caminhos para todo o continente. Isso facilitaria o prosseguimento de sua viagem. Tinha possibilidades de ingressar na vida militar, como muitos de seus colegas fizeram. Bastava dirigir-se ao consulado da Argentina ou do Brasil e inscrever-se na campanha militar travada contra o Paraguai desde havia três anos. Aceitavam-se com facilidade mesmo os estrangeiros, a quem se prometia facilidade de promoções e boa carreira logo que o conflito terminasse. Falava-se com admiração dos voluntários poloneses por seu comportamento militar. Em particular

sobressaíam os veteranos do Levante de 1863, por sua experiência e tática.

Havia outras possibilidades. Um tenente brasileiro de descendência polonesa, homem viajado e experiente, convidava-o para as cordilheiras, onde não faltava trabalho nas minas de ouro e cobre. Alguns imigrantes dirigiram-se para a Argentina e falava-se que não se arrependeram.

Quem sabe para onde se dirigiria o nosso jovem, não fosse a lembrança de Guaraqueçaba. A visão da floresta não lhe saía da memória. Mas como chegar até lá? Como tornar-se um habitante daquelas paragens sem perder a própria cultura, sem tornar-se um ermitão?

V

Certo dia veio-lhe ao encontro um homem de meia-idade, cansado do trabalho, e sem cerimônia lhe declarou com sotaque alemão que viera diretamente falar-lhe. Dizia chamar-se Frederico. Saporski, admirado, perguntou de que se tratava. – Sou um estrangeiro aqui – respondeu Frederico. – Não tenho conhecido algum. Ouvi falar a seu respeito e vim pedir-lhe um favor, que aliá para mim significa tudo.

– De que se trata?

– Sou dono de umas toalhas de mesa, lembrança de um restaurante que possuí em Porto Alegre, no Brasil. São novas e estão em perfeito estado. Desejo livrar-me delas. Certamente o clube precisará delas. Vendo por qualquer preço...

– Sim, compreendo. Estamos precisando mesmo disso, mas o negócio é com o presidente, e não comigo. Tenho certeza de que os diretores se interessarão. Fale com eles.

– Ih, diretores, caro amigo. Há entre eles alguns que me conhecem. Conhecem-me do tempo em que os meus negócios prosperavam. Não desejo que me vejam no estado em que estou. Não suportaria seus sarcasmos. Vim pedir-lhe que se

encarregue de falar-lhes. Disseram-me que o senhor é um sujeito serviçal. O senhor é polonês. Minha esposa quis que eu falasse com o senhor.

O jovem estudante, depois de vários anos de estudos e, a seguir, das longas viagens, adquirira certa experiência de vida. Mudara muito a sua natural inclinação para acreditar em tudo. Desconfiado, fixou o interlocutor. Este, porém, continuou:

– É a sorte do imigrante, meu caro. Peço-lhe um favor. Talvez um dia lhe possa retribuir – justificava-se o visitante.

A solicitação foi atendida. Sebastião conseguiu satisfazê-lo, pelo que travaram amizade. O jovem tornou-se amigo da família, aliás sem filhos. Frederico já fora viúvo e casara-se novamente, com uma viúva. O primeiro marido desta tinha sido um polonês. Frederico descendia de uma nobre família de Brunswick. Sebastião tornou-se seu filho adotivo, recebendo em troca gratidão e reconhecimento paternais.

A família viera, havia muito tempo, do Velho Mundo. Estavam, por conseguinte, melhor habituados ao Novo Mundo. Possuíam um restaurante e iam indo muito bem. Mas, arriscando demais e não dando atenção a conselhos de amigos, venderam tudo. A seguir mudaram-se para o Uruguai. Ali a sorte não lhes ajudara. Não tinham mais forças para trabalhar. Montevideú nada tinha para oferecer-lhes. Urgia regressar ao Rio Grande, antes que a miséria batesse à porta.

– Você irá conosco? – perguntou Frederico, certo dia, ao filho adotado.

– Irá, meu filho, não diga que não – continuou a esposa de Frederico. Não o deixaremos aqui sozinho.

– Os filhos andam pelos caminhos dos pais – garantiu o interrogado. E ao mesmo tempo levantou a questão:

– O que é que eu vou fazer no Brasil?

– Oh, isto é de menos. Nós o levaremos para ser pioneiro, meu caro, para a vida de pioneirismo nas selvas. Eis tudo!

– Pioneiro, pioneirismo... – repetiu o jovem, gaguejando um pouco. Não compreendo bem – concluiu.

– Filho, eu não sou um homem instruído. Não sei falar bem – desculpou-se Frederico. Explico-lhe simplesmente. Veja, o Uruguai não é mais um país que necessite de desbravadores. Não temos o que fazer aqui. Nem nós nem você. Outra coisa é o Brasil. Isto sim é terra... própria para nós.

Sebastião meditou por alguns momentos e a seguir perguntou:

– Também na Europa faltou espaço para pioneiros?

– Faltou, sim. Você acertou. Quem sentia vocação para tal vida emigrava para terras distantes.

O jovem respirou profundamente.

– Portanto – disse – damos o honroso nome de pioneiro àquele que desbrava as florestas com o intuito de alargar as fronteiras do país?

– Sim, e também àquele que se dedica ao trabalho que se lhe apresenta, acrescentou o homem.

A seguir os três embarcaram num navio que fazia escala na ilha de Santa Catarina. Para o casal isso era como voltar à pátria. O filho adotivo, porém, vinha com a intenção de dominar a selva tropical, sua conhecida apenas de relance ao passar por Paranaguá. Sentia-se bem porque vinha acompanhado. Não seria um ermitão solitário. Como bagagem, traziam talheres e outros objetos domésticos: machados, serras e espingardas, além de acolchoados de penas.

– Amanhã cedo atracaremos em Desterro – comunicou o oficial subalterno, a única pessoa a quem interessava o lugar do destino dos nossos passageiros.

– Estamos perto da nossa casa brasileira – disse com alegria a esposa de Frederico.

– O que é que pretendem fazer neste “Desterro”, ao lado dos antigos desterrados? – interrogou o marinheiro, acentuando o

nome da cidade e o seu anterior significado – lugar de desterro.

– Somos colonos, vamos cultivar a terra – retorquiu Frederico.

– Ah, colonos, colonos. Na última viagem transportamos duas ou três famílias que de lá fugiam. Sonhos e nada mais. Estão à procura de vagabundagem. Eu também tive esses sonhos. Agora estou de volta e aposto que este navio não me verá mais.

– Faltou coragem e perseverança nos sonhos – acrescentou Sebastião com certo orgulho, encerrando a conversa.

O caminho conduzia os três para a margem do rio Itajaí, para Blumenau, para a colônia do farmacêutico de Brunswick. Era o destino pré-estabelecido. Frederico, quando jovem, fora amigo de Hermann Blumenau. Dirigia-se à casa deste, certo de que seria bem recebido. Mas enganou-se. Hermann naquela ocasião encontrava-se na Europa, e Frederico em breve faleceu.

Isso, porém, não teve maiores conseqüências para Sebastião e sua mãe adotiva. A colônia recém-fundada recebeu o jovem entusiasta, que com sua mãe adotiva estabeleceu-se num arrabalde da nascente cidade. Trabalho não faltava. O jovem estudante foi trabalhar como auxiliar de inspetor na construção de uma estrada. Logo depois abriu uma escolinha, a pedido dos colonos, que lhe garantiram a manutenção. Ensinava em alemão, naturalmente. Aos colonos importava arrancar seus filhos ao analfabetismo, e na redondeza não havia escola.

Eis o caminho palmilhado pelo nosso imigrante, Sebastião Edmundo Wos Saporski. Ora por terra, ora por mar, aportou finalmente em Itajaí, estabelecendo-se no centro da colonização alemã, no Estado sul-brasileiro de Santa Catarina. Corria o ano de 1868. Blumenau ainda não havia celebrado seu vigésimo aniversário.

VI

Entre os numerosos imigrantes que aportaram no Brasil, inúmeros eram poloneses, que para cá vieram seguindo o caminho dos alemães. Entre os poloneses, Saporski não era o primeiro nem o último.

Infelizmente restam-nos poucas informações a respeito de tudo isso. Como marco de orientação, podemos tomar o fato conhecido de que, após a emigração dos poloneses da margem leste do rio Odra, os alemães habitaram essas terras. Dizemos isso sem pretensões, apenas como fato histórico. A exemplo do Brasil, cujas fronteiras custaram não poucas preocupações, ou a exemplo da Polônia, que no ano de 1945 reconquistou sua independência, orientamo-nos pelo seguinte princípio: “Não entrego o que é meu e não quero o que é teu”.

Os fatos nos são fornecidos pelos dados estatísticos imigratórios do Brasil. Ainda que a organização “Serviço de Povoamento”, do Rio de Janeiro, não reconhecesse os poloneses, é fácil perceber a sua presença nas estatísticas, consultando-se sob o nome dos então ocupantes da Polônia. É significativo o caso dos austríacos. Nada se sabe a respeito do que os habitantes dos montes Cárpatos sabiam a respeito do Brasil. Dizia-se: terra boa, fértil, onde cresce o centeio e o trigo e há laranjas... Os imigrantes da Alemanha eram bastante freqüentes, mas o fluxo aumentou muito quando as colônias das margens do rio Odra sentiram que lhes faltava espaço para habitar.

Podemos também descobrir algo examinando as colônias alemãs. Desde a lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, até a baía de São Francisco, em Santa Catarina, encontram-se com facilidade nomes eslavos entre os alemães.

Começemos pelo Rio Grande do Sul. Os alemães vieram para lá em 1824, fundando, a 25 de agosto, o lugarejo de São Leopoldo, situado a 34 quilômetros ao norte de Porto Alegre.

Atualmente essa data está sendo comemorada como o Dia do Colono.

Houve ali, entre os alemães, colonos de outras etnias? Fez-se essa pergunta o Pe. João Piton, que foi vasculhar os arquivos gaúchos, para examinar os antigos "Avisos", onde estão inscritos os nomes de todos os imigrantes. O Padre João acertou o caminho. Nos grossos volumes datados desde 1824, descobriu com satisfação os nomes: Godowski, Bilski, Bialek, Pokorny, Tiablicki, Osowerda, que evidentemente nada tinham de alemão (Almanaque do "Lud", 1964).

Quanto a Jerônimo Durski, sabemos que desembarcou em São Francisco, Santa Catarina, acompanhado de Pedro Rodowicz e Emílio Gebstatel ("Lud", n. 31, 1963).

O mesmo se dava em Blumenau, onde se afirmava que só os colonos alemães tinham o direito de adquirir terras. Conta-nos Saporski, nas suas "Memórias", que se encontrou com alguns poloneses da Silésia (p. 37-49), e com um grupo maior da Pomerânia (p. 30).

O primeiro autor que se dedicou ao trabalho de examinar a participação dos poloneses na colonização germano-brasileira foi Edmundo Gardolinski.

VII

Como por acaso, Saporski chegou a Itajaí quando a imigração alemã começou a intensificar-se. Ao mesmo tempo vieram os primeiros e indecisos colonos da Áustria.

Os dados estatísticos apresentam os números:

Número de imigrantes

ano	da Alemanha	da Áustria
1866	360	-

| Artigos

1867	1.128	-
1868	3.779	104
1869	375	-
1870	6	14
1871	296	

Esses dados foram extraídos do “Relatório do Ministério da Agricultura de 1921”, Rio de Janeiro, 1922. No que diz respeito ao triênio 1866-1868, os estatísticos declaram que seus relatórios baseiam-se nas declarações do Sr. H. Blumenau.

Os imigrantes vinham em grande número. A escolinha de Saporski tornava-se cada vez mais barulhenta, e cada novo imigrante que vinha despertava uma onda de saudades no professor.

O movimento escolar foi de grande utilidade para o jovem professor. Ali ele entrou em contato com os habitantes, aprendeu seus costumes, além de subir muito na escala social. Com efeito, agora se sentia bem entre os maiores da colônia, os comerciantes e industriais, o sacerdote católico e o pastor protestante. A colônia estava sob a administração do seu fundador. Era necessário integrar-se na sociedade, pois não havia lugar para pessoas marginalizadas.

O professor sentia-se bem e cada vez mais seguro de si. Iniciou a correspondência com a Polônia. Quando em Montevideú, parecia-lhe não ter o que escrever. Agora tudo havia mudado. Quanto mais escrevia, mais idéias lhe surgiam na mente.

Por vezes as descrições vinham acompanhadas de evidentes exageros. É o caso em que Sebastião descreve o seu trabalho na construção da estrada. Na ocasião não declarara que tipo de estrada era essa, e seus leitores pensavam naturalmente que fosse uma rodovia respeitável. E assim sendo amuavam-se, pois para se dedicar à construção de estradas não era necessário sair da pátria, já que esta também sentia falta delas.

Certo dia o pai de Sebastião recebeu outra carta, que o impressionou sumamente.

É que Sebastião escrevera que tinha adquirido 50 hectares de terra, onde planejava plantar cana-de-açúcar e construir uma serraria. Quanta terra! – admirava-se o velho. Não sabia que a terra fora adquirida graças ao falecido Frederico.

O velho só se acalmou quando recebeu outra carta. Esta lhe dizia que seu filho era professor.

Sebastião era prudente apenas num ponto, e não soltava as rédeas do seu entusiasmo: não convidava ninguém para vir ao Brasil. Recordava-se perfeitamente da falta de terra na sua Polônia, mas não era fácil resolver o problema.

Duvidava. Temia a máquina administrativa da imigração. Nas suas “Crônicas” fala-nos sobre o assunto. Das lutas que travava consigo mesmo... Contudo o assunto não lhe saía da cabeça, e quanto mais lutava tanto mais consciência tomava do problema.

No “Almanaque de Schneider”, destinado aos alemães, nem se podia pensar em escrever algo sobre o assunto. Era necessário prudência e tino diplomático. Decidiu entender-se com os patrícios. No “Almanaque de Zdanowski” publicou uma nota: “Colonização em Blumenau?” Sem dúvida, mas ali os poloneses eram germanizados. As anotações de 1920 acusam claramente: “Quando os imigrantes voluntários escasseavam entre os alemães, procuravam-se então os poloneses”. O que fazer? Não se podia fazer uma nova prova de “escravidão”. Esta já era suficiente na Polônia. Mas o que fazer se os colonos das margens do rio Odra esperavam ansiosos pelo momento de emigrar? Eles viriam sem dúvida. Sem rumo e sem destino. Viriam para a liberdade e ali seriam germanizados sem que nada se pudesse fazer. Qual a solução? Tudo estaria bem se fosse fundada uma colônia própria. Mas, embora fosse fácil imaginar, não seria fácil realizá-lo. Sabia que ao Sr. Blumenau a colonização havia custado naquela época 16.000 dólares, sem

falar do auxílio que tinha recebido de Berlim. E a colônia teria morrido havia tempo se o governo federal não a socorresse nos momentos de decadência e de crise. Onde tirar o dinheiro para empreender tal obra? Como encaminhar o assunto ao Ministério da Imigração? E como escolher o lugar para a nova colônia?

VIII

Felizmente pôde encontrar-se com uma outra pessoa que se preocupava com os mesmos problemas. Era o vigário da paróquia de Gaspar, Pe. Antônio Zielinski. Pessoa enigmática, inclinada mais à contemplação do que à ação. Natural de Lvov, tinha vindo ao Brasil passando pelo México e pelos Estados Unidos, onde havia entrado em contato com a colônia dos poloneses no Texas. No Brasil foi recebido com entusiasmo, sendo logo destinado para Blumenau. Precisava-se de um homem de confiança e de um observador, disseram-lhe os funcionários. Chegando à colônia, não encontrou o que esperava. Receberam-no friamente e com desconfiança, antes como intruso e espião que como pastor.

Aqui no Brasil sua missão devia ser útil. Consistia ela em aproximar os homens, em estabelecer contatos entre eles, que por iniciativa própria dificilmente se encontravam. A amizade deve ser estimulada, e isso é provocado pelas circunstâncias. Assim, se um gaúcho se encontra na Europa com um nordestino, logo se estabelece uma conversação íntima. O mesmo aconteceu com o Pe. Zielinski ao se encontrar com Saporski. Provinham de pontos diferentes da Polônia, mas, logo que se encontraram, vieram à tona seus problemas comuns referentes ao Brasil.

– Sabe – segredou o padre – que no Rio de Janeiro esperam por imigrantes poloneses e que se admiram porque não vieram junto comigo? Já refleti sobre o assunto. Pensei em

trazer alguns, porque a gente não se sente bem entre estranhos. Mas não conheço quase nada por aqui. Seria preciso agir, influenciar os responsáveis, e nada disso sou capaz de fazer.

– Visto que o Senhor conhece o Rio de Janeiro, tente experimentar. Talvez seja possível convencer os responsáveis a nos darem uma gleba de terra em prestações, para colonizá-la. Isso seria possível?

– Olhe, meu rapaz, não pense que o Brasil é o Uruguai. Não confunda, porque jamais sairá do caminho errado. O Brasil é um país terrivelmente desabitado. Apenas comunique ao governo que quer abrir uma colônia e terá colonos. O resto virá como por encanto.

Os interlocutores não pararam aí. Elaboraram um memorial, pedindo uma concessão para a colonização polonesa. Assinaram-no ambos e despacharam para o Rio de Janeiro. Para redigi-lo, pediram auxílio a um brasileiro, visto que nenhum dos dois ainda dominava bem a língua portuguesa.

A resposta do Rio veio por intermédio do governador da ilha do Desterro, com a data de 11.5.1869. O Ministério da Agricultura aceitava a oferta com carinho. Para facilitar o desenvolvimento da iniciativa, os concessionários deveriam indicar o porto de embarque na Europa e examinar de perto a área escolhida para a colônia.

Era preciso ser dono de boa imaginação, bastante coragem, e também arriscar, para se embrenhar selva adentro, quase sem recursos. O dedicado Ministro da Agricultura não sabia em que dificuldades estava metendo os autores do requerimento ao perguntar-lhes onde desejavam abrir sua colônia. Os iniciadores não sabiam decidir-se. O Brasil parecia-lhes grande demais para se poder escolher dentro dele um lugar qualquer. Meditavam, procuravam, examinavam, escolhiam, até que surgiu como por encanto o Paraná. Sobre o Paraná, todas as fontes contidas nos três Almanques falavam como de algo

conhecido por si, sem necessidade de ulteriores explicações. Contudo, as “Memórias” apresentam o caso de outra forma. A estrada para o Paraná era indicada pelo relatório do engenheiro Antônio Rebouças, então publicado pela imprensa. Continha uma descrição do interior paranaense, com particularidades de Palmeira, cidadezinha situada a 100 quilômetros de Curitiba.

Muito se falava na época a respeito do engenheiro citado, pois era ele quem dirigia a abertura da Estrada da Graciosa, primeira estrada carroçável no Paraná. Uniria Curitiba a Antonina, vencendo em serpentina a serra do Mar, com a altitude de 900 metros. A Graciosa tinha apenas 90 quilômetros de extensão. Mas os trabalhos se prolongavam indefinidamente. Não foi Rebouças quem iniciou os trabalhos, nem ele os concluiria, apesar de ter lutado ali por cinco anos.

A descrição encontrada por Saporski relatava as pesquisas levadas a cabo no sertão, nas proximidades do rio Ivaí. Ao engenheiro Rebouças o Paraná deve duas outras iniciativas na exploração das riquezas naturais: a construção da primeira serraria e a descoberta de barricas de pinho para a erva-mate, que substituiriam os sacos de couro denominados serrões. O Paraná, em gratidão pelos trabalhos por ele prestados, honrou-o com uma cidade que traz o seu nome, situada à beira da estrada de ferro Ponta Grossa–União da Vitória, além da colônia italiana situada não longe de Curitiba, ao lado da colônia polonesa.

Para Saporski e para o padre, o relatório do engenheiro não era fundamentalmente mais do que a confirmação de descrições mais antigas, legadas por descobridores e noticiários jornalísticos, que provinham de imigrantes de Joinville e Blumenau radicados em Curitiba.

A notícia da tentativa de fundar uma colônia polonesa chegou em breve aos chefes da colônia de Blumenau. Foi recebida com

desdém, e em resposta veio um enérgico “não”. Logo foram tomadas providências para que o projeto não fosse adiante.

A primeira vítima foi naturalmente o professor. Ainda que não dependesse da administração local, foi afastado do cargo. Caluniado como se fosse traidor, refugiou-se junto ao vigário de Gaspar. Ali ele se acomodou em um rancho, juntamente com Francisco Mocko, recentemente vindo da Polônia e, segundo se dizia, parente de Saporski.

Para liquidar com o vigário, esperaram com paciência até que se apresentasse a oportunidade. Mas, esgotada a paciência, atacaram de noite a casa paroquial. O padre, vendo-se em apuros, conseguiu escapar, depois de apanhar bastante. Ao amanhecer, o povo se reuniu. Ninguém tinha dúvidas quanto aos organizadores do ataque. Não se duvidava igualmente de que o ataque seria repetido. A comissão da igreja, sentindo-se incapaz de resistir, procurou salvar o vigário facilitando-lhe a fuga.

Na noite seguinte um grupo de paroquianos, bem armados, embarcou em três canoas, levando consigo o padre com destino a Itajaí, donde ele tencionava embarcar para o Rio de Janeiro, para comunicar o fim de sua missão. Saporski e Mocko acompanharam o padre até Itajaí, acreditando que ali ele estaria seguro.

Ao despedir-se, o Padre Zielinski prometeu manter contato por correspondência. No entanto foi inútil esperar qualquer sinal de vida ou qualquer notícia dele.

IX

Poucas semanas antes daquela trágica noite, viera a Gaspar uma notícia secreta, mas com bastante atraso, sobre um grupo de famílias polonesas que se dirigiam para o sul de Blumenau, ou seja, Brusque. O professor sobressaltou-se e procurou certificar-se. Isso era não apenas arriscado, mas muito

perigoso. Foi, pois, sozinho, sem permitir que Mocko o acompanhasse, pois este era responsável por uma família, e também sem o sacerdote, para não provocar os luteranos. Após um dia inteiro chegaria ao local. Acompanharia o Itajaí, rio acima, e a seguir o Itajaí Mirim. Mas era necessário atravessar pela perigosa Blumenau, porta de Brusque.

Saporski saiu em trajes de caçador, com alimentos, armas e outros utensílios necessários. Antes de chegar a Blumenau, tomou o caminho da serraria, deixando de lado a cidadezinha. Pouco adiante não mais havia estrada. O jovem enveredou por uma picada. Ali a cada passo poderia ser atingido por uma flecha venenosa, atirada pelos índios botocudos, donos daquelas paragens. Felizmente o silêncio da selva só era quebrado pelos ruidosos macacos.

Sobre o encontro com os patrícios, fala o próprio cronista, que por várias vezes relatou o caso.

No “Almanaque de Schneider” (1869) lê-se o que segue:

Aos 9 de setembro de 1869 desembarcaram em Itajaí 16 famílias polonesas provindas da Alta Silésia. Foram transportadas para a colônia de Brusque, nas margens do Itajaí Mirim. Ocuparam os 16 lotes de terra abandonados pelos irlandeses.

O lugarejo situava-se a três horas de viagem da cidade mais próxima, Águas Claras. Situava-se em meio à selva virgem, onde abundavam os temíveis botocudos. Vieram com a intenção de estabelecer-se no Paraná, onde o governo imperial, atendendo ao pedido de 10 de abril de 1869, encaminhado por Edmundo Saporski e pelo Pe. Zielinski, demarcou terras na bacia do Iguaçu, no local em que vinte anos mais tarde o governo republicano abriria as primeiras colônias.

Em Brusque os imigrantes imediatamente começaram a sentir os rigores do clima. Sentiam calor insuportável, e a alimentação era inadequada, o que, somado ao constante

receio dos ataques dos índios, tornou a atmosfera insuportável. Faziam o impossível para emigrar dali quanto antes, como fizeram os irlandeses. Estes foram levados de volta à Europa por conta do governo. Mas os poloneses não desejavam voltar ao Velho Mundo. Queriam apenas mudar-se para um lugar de clima temperado, que sabiam existir, porque haviam sido informados por cartas.

Segundo o “Almanaque de Zdanowski” (1902), desenvolveu-se do seguinte modo a história desse primeiro grupo de famílias:

Saporski foi testemunha ocular de como eram germanizados os imigrantes eslavos em Blumenau. Isso o levou, com o auxílio do Pe. Antônio Zielinski, vigário da paróquia de S. Pedro dos Apóstolos e de Blumenau, a dirigir um pedido ao Imperador D. Pedro II, para expressar o seu desejo de fundar uma colônia polonesa no Estado do Paraná, explicitamente na bacia do Iguaçu, em Rio Negro. Sobre o local, ambos possuíam conhecimentos detalhados no que diz respeito ao clima, à fertilidade da terra, etc. Aos 10 de abril de 1869, Saporski e o Pe. Zielinski dirigiram um pedido ao governo brasileiro no Rio, tencionando abrir uma colônia, acrescentando a súplica de 16 famílias de Czestochowa que desejavam vir e estabelecer-se no Brasil. Aos 11 de maio de 1869, o Ministério da Agricultura atendeu ao pedido, concedendo a licença para a abertura da colônia.

As 16 famílias citadas, sem esperar pela demarcação das terras destinadas à colônia, aportaram, em agosto de 1869, em Itajaí, donde foram enviadas para Brusque. Pouco depois vieram mais 16 famílias, que o Sr. Saporski encontrara na mesma colônia em dezembro do mesmo ano. Saporski, ao saber da vinda de seus patrícios, dirigiu-se através de florestas e campos, freqüentemente visitados pelos índios, passando

entre Brusque e Gaspar, para Sixteen Lots. Os poloneses ali estabelecidos muito se alegraram ao saber dele que havia terreno reservado para eles na província vizinha do Paraná. Requereram logo ao Imperador que os transferisse e concedesse terrenos para 32 famílias.

A descrição feita nas “Memórias”, por volta de 1910, informa:

No pedido feito ao governo marcamos o porto de Hamburgo para o embarque. O recrutamento de imigrantes deveria ser feito nas redondezas de Czestochowa, em Biala Góra. O governo tinha demorado com a resposta definitiva. Enquanto isso veio a Gaspar a notícia da vinda de um grupo de famílias a Brusque, Estado de Santa Catarina. Essas famílias foram estabelecidas em Sixteen Lots, perto do rio Itajaí Mirim. (...) Na estrada de Brusque encontrava-se um enorme barracão, onde as famílias foram alojadas. Havia 16 famílias. Todas pobres e maltratadas. Provinham da Silésia, como os colonos já estabelecidos em Sixteen Lots. A pedido de Saporski, um dos imigrantes o conduziu no mesmo dia a Sixteen Lots.

Os poloneses em Sixteen Lots muito se alegraram com a vinda dos dois patrícios. Choraram de alegria e ao mesmo tempo de tristeza. Expuseram a situação desesperadora em que se encontravam. Eles viviam numa contínua tensão nervosa. Temiam os animais selvagens, estavam sendo molestados pelos mosquitos e esperavam a qualquer momento o ataque dos antropófagos botocudos. Eti (Saporski) os consolava e acalmava, aconselhando e convencendo a que se mudassem para o Paraná, onde ele e o Pe. Antônio já haviam providenciado o terreno. Explicava que no Paraná a terra era fértil, adequada à cultura de trigo e batata, e que o clima de lá assemelhava-se ao da Europa.

Infelizmente, à mudança dos imigrantes opunham-se obstáculos intransponíveis. Os responsáveis pela imigração

proibiam categoricamente que isso fosse feito. Só o Imperador podia dar a permissão. Mas era necessário redigir um pedido escrito e levá-lo pessoalmente. Os pobres colonos não tinham nenhum meio a seu alcance que lhes possibilitasse a viagem para o outro Estado. Em vista disso, Eti redigiu ele mesmo o pedido, assinou-o juntamente com todos os colonos e voltou a Gaspar pelo mesmo caminho por que viera.

Em 1920 Eti nos legou uma perspectiva nova da cena de Brusque. Sem temer a ninguém, resumiu-o corajosamente em suas “Memórias”:

A imigração polonesa data no Brasil do ano de 1869, quando as primeiras 16 famílias vieram, a bordo do vapor “Victoria”, ao porto de Itajaí, em Santa Catarina. Essas famílias, com 78 pessoas, foram estabelecidas na colônia de Brusque, na linha de Sixteen Lots, abandonada pelos irlandeses. No ano seguinte vieram mais 16 famílias, da parte da Silésia ocupada pela Prússia. (...) Estas deviam estabelecer-se no Paraná, às margens do rio Iguaçu. Mas, sem esperar que a colônia fosse aberta, dirigiram-se para Hamburgo, donde os agentes alemães as despacharam para Santa Catarina.

Eti não terminou a sua missão com o estabelecimento de contato com os imigrantes em Brusque. Uma vez iniciada a obra, dirigiu-se ao Rio de Janeiro. Na época a viagem marítima era relativamente barata. As despesas foram cobertas pela mãe adotiva e pelo Pe. Zielinski.

A sua curta estada no Brasil, de apenas um ano, não o impediu de chegar ao chefe supremo da Nação. As cartas de apresentação, escritas pelo padre vigário, lhe facilitarão o caminho.

Mas nem foram necessárias, porque toda quinta-feira o palácio do Imperador permanecia aberto a todos que tivessem algum

problema a resolver com o monarca. Não havia restrições. D. Pedro II, com seu espírito democrático, admitia até os escravos à sua presença. Contava-se que certo negro veio queixar-se da sua dura sorte. O Imperador ouviu-o e a seguir disse: “O que é que eu posso fazer, filho? Veja, você só tem um senhor que manda em você, e eu sou escravo de todos os cidadãos, livres e escravos”.

Saporski foi informado na ante-sala que a mudança de colonos de um Estado para outro era um problema muito sério, dependente da vontade exclusiva do Imperador. Os terrenos em Santa Catarina eram pertencentes à Coroa. Deviam ser colonizados antes que os outros. Havia pouco os irlandeses, protegidos pelo governo inglês, tinham dado dor de cabeça, e eis que surgia um novo problema, agora com os poloneses.

Contudo o emissário quis arriscar a sorte. No palácio misturou-se entre os que desejavam audiência. Quando chegou a sua vez, inclinou-se com dignidade diante do Imperador, beijando a mão que este lhe apresentara.

– Majestade, venho apresentar a súplica de 32 famílias de colonos – disse, desembolsando a carta cuidadosamente redigida.

Na época vivia-se no Brasil à moda patriarcal, e o exemplo vinha da cima.

– Ah, mas isto são assuntos do Ministério da Agricultura, não meus – respondeu o Imperador e acenou para o Ministro parado a seu lado.

– Compadre, venha aqui e veja do que se trata.

Diante do Imperador era proibido fazer qualquer objeção. Mas o nosso pedinte arriscou:

– O caso é com Vossa Majestade, não com o Ministério.

– Está bem, está bem – retorquiu D. Pedro, e começou a atender outro pedinte.

O filho do colonizador, Pedro, contando as providências tomadas por seu pai no Rio, costumava afirmar que no caso da

transferência dos colonos faltava encontrar patronos entre os cafeicultores, cultivadores de fumo e cana-de-açúcar, que então exerciam considerável influência no Ministério da Agricultura.

Sebastião, jovem de 26 anos, foi alvo de admiração e simpatia por parte dos cortesãos. Viam nele um “caudilho” que tinha sob suas ordens 30 famílias. Estas, segundo os economistas da imigração, representavam um capital de 5.000 contos de réis.

Mas as propostas oferecidas por cafeicultores e outros não foram aceitas por Eti, que, encantado pelas terras e pelo clima do Paraná, voltou a Gaspar para prestar contas de sua missão.

O brasileiro não gosta de negar abertamente qualquer coisa. Defende-se como pode com evasivas, exercitando assim a paciência própria e dos outros. Mas Saporski e o Pe. Zielinski ainda não sabiam disso. De acordo com a etiqueta de imigrantes recentes, e de acordo com o dito “dá-se um jeito”, esperavam confiantes no Imperador.

Não se dava o mesmo com os responsáveis pela imigração em Blumenau, já conhecedores dos costumes brasileiros. Logo que tomaram conhecimento do que se estava preparando, procuraram adiantar-se à decisão do governo. Liquidaram barbaramente o Pe. Zielinski, que segundo a opinião deles era a mola mestra de todo o entendimento polono-brasileiro.

X

O grupo de imigrantes de Brusque contava 164 pessoas, vindas em dois turnos. Vejamo-las segundo os meses de chegada e classe de pessoas:

meses	famílias	crianças	pais
agosto- setembro	16	46	32
outubro	16	54	32

total:	32	100	64
--------	----	-----	----

Todos eram casais novos. No primeiro grupo com 2 ou 3 crianças, e no segundo com 3 ou 4.

Segundo a estatística brasileira, o ano de 1869 trouxe uma onda de imigrantes superior a qualquer dos anos situados entre 1863-1870. No ano de 1869 o número de imigrantes atingiu a cifra de 11.527 pessoas, a saber: 6.347 portugueses, 332 espanhóis, 58 suíços, 20 belgas, 1.052 italianos, 538 franceses, 375 ingleses, 375 alemães, 2.430 diversos. As rubricas destinadas aos austríacos, russos, suecos e turco-árabes não apresentam nenhum imigrante. Os poloneses não aparecem como tais, visto que a Polônia não existia na época como país soberano. Foram incluídos entre os alemães, como provam os passaportes que chegaram até nós.

Observações:

- 1) A vinda rápida dos imigrantes, bem como a resposta à carta do além-mar, a qual trouxe a notícia da abertura da colonização, provam que os emigrantes estavam prontos para a viagem. Eram homens sem posses. Nada tinham para vender. Esperavam apenas pela ordem de partida.
- 2) A época das plantações já vinha bem adiantada, não permitindo o aproveitamento do solo.
- 3) O grupo de poloneses da Silésia elevava-se a 1,5 por cento de todos os imigrantes vindos no ano. Não é na quantidade que está o valor e a importância, mas sim no seu caráter pioneiro, no fato de serem voluntários e na centena de crianças.
- 4) Diante do número relativamente baixo dos alemães (375), os poloneses, com 164 almas, desfrutavam uma situação privilegiada, constituindo 44 por cento da soma de ambos. Isso constitui um comentário explícito e claro, que se podia apresentar aos comerciantes de Hamburgo.

Apesar de terem sido redigidas por quatro vezes, as “Crônicas” de Saporski são incompletas em alguns pontos.

Em primeiro lugar, não nos legou os nomes dos pioneiros. Nenhum sobrenome deles veio até nós. Saporski juntou as assinaturas de todos os colonos, apresentou-as a governo e, contudo, ao narrar esses fatos, sempre evitava os nomes, como se se tratasse de fatos sem importância. É uma grave falha para a nossa lembrança e para a História.

Apenas em 1920, atendendo a um pedido especial, e tendo já concluído as suas “Crônicas”, aprontou a lista dos pioneiros. Conseguiu identificar 30 famílias (cf. Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil, de Casimiro Gluchowski, p. 13-14, onde se encontram em ordem alfabética). Faltam apenas duas famílias, que permanecem desconhecidas.

Mas ao que parece tratava-se de Leonardo Fila, um dos primeiros habitantes [poloneses] de Curitiba (novembro de 1771) e José Skroch, do qual descende a primeira universitária paranaense [de origem polonesa], Dra. Ladislava Wolowski Mussi, médica conhecida em Santa Catarina.

Intriga-nos igualmente a aldeia Biala Góra, situada perto de Siolkowice. Foi dali que vieram os primeiros colonos, dando impulso à abertura da colônia. E é só isso que sabemos a respeito. A prontidão deles foi o pivô da futura febre imigratória.

Aproximava-se o fim do ano. A Guerra do Paraguai, que já durava cinco anos, estava terminando. Esperava-se que isso influísse na imigração, mas não influiu. O afluxo de imigrantes europeus diminuiu sensivelmente. No ano de 1870 vieram ao Brasil apenas 5.158 imigrantes, respectivamente 4.458 portugueses, 379 diversos, 187 suíços, 64 suecos, 38 espanhóis, 16 franceses, 6 alemães, 7 italianos, 3 ingleses.

Apesar da resistência da administração de Blumenau, apesar das indecisões do governo do Rio, e apesar do número de imigrantes que vinha decaindo muito, Saporski não desanimou.

Buscando uma solução, decidiu dar o passo capital: preparou-se para vir ao Paraná. Veio acompanhado por sua mãe adotiva. Francisco Mocko ficou em Itajaí como ponto de contato entre seu amigo e o grupo de imigrantes.

Nas viagens marítimas não era difícil encontrar paranaenses. Eti encontrou um ainda na capital de Santa Catarina. Era o juiz Dr. João Franco, pertencente a uma família curitibana de destaque. Ao juiz agradou a idéia da abertura de uma colônia no Paraná e, como estivesse de viagem a Curitiba com o intuito de visitar seus parentes, Eti viu nele um protetor. Saporski descreve o juiz em suas “Crônicas” como sendo um homem interessado em ajudar os colonos poloneses. Mas por que se mostrava- interessado? Certamente porque já conhecera alguns dos poloneses, que tinham vindo antes da imigração propriamente dita.

Em Antonina, onde desembarcou em 1870, esperava-o a estrada já batida, embora não perfeitamente acabada, a Graciosa. Por ela já circulavam carrinhos protótipos das carroças dos futuros colonos, que foram chamados carros de dois eixos, permitindo a viagem de Antonina a Curitiba em dois dias, e em casos de emergência havia a possibilidade de vencer o trajeto em um dia.

XI

Seria isto uma colônia ou uma cidade? – perguntava-se Eti, ao percorrer as ruas de Curitiba, no dia seguinte ao da sua vinda, tentando estabelecer seus primeiros contatos na terceira etapa da sua viagem migratória.

Na época Curitiba em nada se distinguia de outras cidades brasileiras, nascidas espontaneamente no meio das selvas. Contudo deve-se admitir que ali já tinham sido iniciados os primeiros trabalhos de urbanização. Já fora urbanizado o Largo da Matriz, e o cemitério ali existente, transferido para outro local. O Largo agora servia de pasto e ponto de estacionamento, enquanto esperava por melhores tempos.

O resto da cidade consistia em dez vielas curtas, estreitas e irregulares, e alguns lugares destinados a futuras praças. Como se fosse uma praça-forte, Curitiba possuía apenas duas saídas para o “mundo exterior”: na parte leste a estrada acompanhando o rio Belém, e ao sudoeste o caminho das tropas ao lado do rio Ivo. O restante das ruas simplesmente acabava no mato.

As casinhas baixas, bastante próximas umas das outras, pareciam formar um muro de defesa, não fossem os espaços livres recobertos de ervas silvestres. Acima das casinhas elevavam-se dois ou três edifícios denominados “sobrados”. Nestes antevia-se um progressista porvir. Dos brejos situados nas beiras dos riachos elevava-se o monótono concerto das rãs. Quem andava à noite, dava os passos com cuidado, temendo “atropelar” alguma rã.

Pelo comércio, aliás muito fraco, os brasileiros não se interessavam. Só os imigrantes possuíam lojas, pertencendo estas a quatro portugueses e dois franceses. Sobre mascataria síria e depósitos alemães ainda ninguém falava. Os paranaenses só pensavam no beneficiamento da erva-mate. Ao longo do rio Belém tinham levantado uma fileira de moinhos movidos a água. Era a única indústria existente na capital paranaense.

Podia-se percorrer a cidade em uma hora, mas o novato não tinha pressa. Entrava nas lojas para se apresentar e bater um papo. Ao se encontrar com os transeuntes, cumprimentava-os

e voluntariamente parava para conversar. Fazia perguntas e respondia a outras.

Os habitantes já estavam acostumados a cenas semelhantes. Ali todos se saudavam, sem atender à dignidade ou classe a que as pessoas pertenciam. Mas agora estranhavam, porque o jovem era desconhecido de todos. Todos voltavam os olhares para ele. Viam em Saporski algo de muito diferente. Admiravam-no: homem culto, bem comportado, poliglota. Em realidade o seu português ressentia-se da influência do espanhol. Mas com isso os paranaenses já estavam acostumados, e isso contribuía para tornar o novato um tanto familiar. Em breve sua fama correu de boca em boca e andava na frente dele.

A primeira pessoa que veio visitá-lo era um funcionário público.

– Ilustre senhor engenheiro – disse – eu sou encarregado do serviço da estrada de rodagem que vai a Campo Largo... Por ordem dos meus chefes, quero pedir-lhe um grande favor: Venha supervisionar as nossas obras! É coisa urgente, urgentíssima mesmo. Amanhã estará à sua disposição uma parelha de cavalos.

O segundo interessado era um fazendeiro do rio Tibagi, coronel, descendente direto de antigos bandeirantes, homem de muita cerimônia. Mostrou dois vidrinhos reluzentes e transparentes, um cheio de ouro e outro de diamantes, e disse: – Excelentíssimo Senhor Doutor Edmundo “Sá do Bosque”, tenho a honra de convidar Vossa Excelência para ir a Tibagi como hóspede de minha humilde casa, a fim de tomar conta de meus garimpos.

Não faltaram nem delegações. Apresentaram-se os emissários protestantes luteranos:

– Senhor Professor Saporski, decidimos convidá-lo para tomar conta da nossa escola.

– Certamente os senhores sabem que não sou luterano.

- Isso não influi no magistério.
- Esclareço que o meu alemão não é fluente. Sou polonês.
- Tanto melhor. Sendo o senhor lacônico, não dado a confidências, será entre nós agente de concórdia.

Depois de Londres e Montevideu, de hora em hora o Sr. Sebastião se via diante de nova encruzilhada. Qual das ofertas devia ser aceita?

Escolheu o magistério, com a condição de que a escola seria particular dele, e não um colégio evangélico teuto-brasileiro. Sua resolução foi influenciada pelo pensamento de que no interior não poderia ocupar-se com a vinda dos colonos de Brusque.

É difícil opor-se à impressão de que na loteria da primeira noite em Curitiba não foi o primeiro prêmio que coube ao impertinente noviço. Aceitando ofertas brasileiras, Eti teria desde logo alcançado as altas esferas interessadas na colonização, e ao mesmo tempo teria facilitado a sua própria entrada na terra, tão maternal para todos, sem exceção.

De qualquer maneira, com essa decisão a capital paranaense ganhou um dos seus primeiros postos culturais, sem despende um tostão. Naquela época os governos não se incomodavam com o analfabetismo do povo.

O Colégio Saporski funcionava em pleno centro da cidade, na Rua das Flores, hoje Quinze de Novembro.

XII

O campo das atividades escolares do Professor Eti cresceu passo a passo, até chegar às soleiras dos lares brasileiros.

Junto com a urbanização, a instrução primária dava seus primeiros passos. Já existia o Liceu Paranaense, única escola de ensino médio. Com seus conhecimentos adquiridos no estrangeiro, o ilustre Professor Edmundo não recusava os pedidos dos ervateiros e conselheiros, preocupados com a

impossibilidade de enviar seus filhos para as escolas de São Paulo. Multiplicava-se, tentando instruir os jovens de hoje e homens de amanhã, a quem seria entregue a direção do Estado. Lecionava, portanto, matemática e geografia, bem como as línguas de alcance mundial.

As aulas particulares abriam-lhe as portas das residências curitibanas. Nos dias de sol as aulas eram ministradas num enorme galpão com as janelas abertas, o assoalho de madeira, cujo mobiliário se compunha de uma mesa e alguns bancos. Num canto, um pequeno altar caprichosamente arrumado completava a decoração.

Aproveitando a ocasião, o professor falava sobre seus protegidos de Brusque e sobre a miséria a que estavam sujeitos. E logo a conversa passava a girar em torno da Polônia e dos poloneses, a quem chamavam também polonos, polacos, polônios, poloninos. Não nos admiremos disso, pois na época eles eram quase desconhecidos.

O dever de um professor não consiste só em ensinar. É preciso também estudar, alargar sempre mais seus próprios horizontes. Saporski dedicava-se, pois, ao estudo da História do Brasil, não só por obrigação, mas sobretudo porque amava sua nova Pátria. A seguir interessava-o muito a colonização do Paraná e suas possibilidades.

Os conhecimentos assim adquiridos trouxeram-lhe inesperada recompensa: descobriu que um mesmo ideal unia as duas Pátrias suas. Ambas aspiravam à paz e à liberdade.

Desde os primeiros tempos do Brasil soberano até 1869, haviam sido criados dentro das fronteiras do Paraná os seguintes núcleos coloniais, povoados por imigrantes de procedência européia:

1) Rio Negro, nas margens do rio do mesmo nome, para onde o governo de São Paulo havia mandado duas levas de imigrantes, uma de açorianos no ano de 1816, e outra de alemães em 1827.

2) Teresa Cristina, no rio Ivaí, por iniciativa particular do médico francês Jean Maurice Faivre, que veio no ano de 1847 com 87 patrícios seus.

3) Superagüi, na península do mesmo nome, perto de Guaraqueçaba, em 1852, por iniciativa particular de 15 famílias suíças e francesas, acompanhadas por duas alemãs.

4) Assungüi, hoje Cerro Azul, fruto da autonomia provincial, para onde as autoridades encaminhavam, a partir do ano de 1857, grupos dispersos vindos por acaso da Alemanha, Inglaterra, Irlanda, França, Suíça, Itália e da província vizinha de Santa Catarina.

5) Argelina, núcleo estabelecido em 1869 nas vizinhanças de Curitiba (hoje subúrbio). Os colonos provinham de cinco países: Argélia (colônia africana da França) – 39 pessoas; Alemanha – 36; Suíça – 24; Suécia – 10; Inglaterra – 8. No total 117 imigrantes. A área do núcleo abrangia 276 hectares e era dividida em 33 chácaras de 8 hectares cada uma.

Era um verdadeiro campo de experiências que se espalhava quase por todo o território paranaense, começando junto ao Atlântico e penetrando pelos sertões do rio Iguaçu e da serra da Esperança.

Entre todas essas fundações, uma só veio a corresponder às expectativas, a mais antiga, Rio Negro, também chamada Mata do Sertão ou Sertão da Mata. Esta cresceu e prosperou. Dois fatores serviram-lhe de amparo: de um lado a invejável posição junto à estrada de bovinos e muares, que ligava o interior de São Paulo (Sorocaba) ao Rio Grande do Sul (Vacaria), e de outro o elemento humano capaz de agüentar as agruras da vida do mato.

O proveito das quatro tentativas restantes era pequeno, quase desanimador. Superagüi evaporou-se, abandonada quase que totalmente pelos habitantes. Teresina era o exemplo de uma árvore mal plantada. Não vingava, murchando de ano em ano, retirada de Curitiba a uma distância de um mês de viagem a

cavalo, através de caminhos inóspitos. Do mesmo modo Assungüi, situada na região montanhosa, demasiado quebrada, parecia uma barrica fendida, incapaz de conter em si qualquer coisa. Não era diferente a sorte de Argelina, que, em vez de sustentar Curitiba, mantinha-se à custa das ruas da cidade. O infortúnio de Argelina tinha várias desculpas, entre elas a pobreza do solo, a proximidade da vida urbana e o elemento humano inadequado.

Segundo as velhas crônicas, o território paranaense recebeu, no período 1825-1871, inclusive o primeiro ano da colonização polonesa, o afluxo de 1.450 imigrantes, divididos em 14 nacionalidades, como segue: alemães – 1.039. Prússia – 917; Hamburgo – 19; Baden – 8; Hanôver – 6; austríacos – 117 (poloneses, segundo o “Dicionário do Paraná” de Ermelino Agostinho de Leão, p. 114); suíços – 85; poloneses – 78; franceses – 53; portugueses – 27; romenos – 21; dinamarqueses – 21; húngaros – 12; ingleses – 5; belgas – 5; americanos – 4; italianos – 2; espanhol – 1.

O fato de os alemães, sobretudo os prussianos, serem os mais numerosos explica-se pelos fugitivos de D. Francisca de Blumenau. O professor Durski fala deles na sua biografia. Ele também pertencia aos pioneiros da colonização alemã em Santa Catarina e abriu a picada por onde os imigrantes se mudavam para o Paraná.

Saporski não se deixou abater pelos exemplos de colonização malsucedida. Um dia, prosseguindo na sua missão voluntária, entrou pela porta da paróquia curitibana. O vigário, muito serviçal e compreensivo, era o Pe. Agostinho Machado Lima. Este, após ter conhecido o novo paroquiano e seus projetos de colonização, apresentou-o ao seu nobre rebanho. Não o assustaram as idéias liberais de Eti.

No paço, novamente sorriu para o imigrante a costumeira sorte, igual à da primeira noite: conheceu o Vice-Presidente da

Província, Dr. Agostinho Ermelino de Leão, homem de larga visão.

O Dr. A. E. de Leão (1834-1901), eminente jurista, Vice-Presidente da Província do Paraná (quatro vezes), fundador do Museu Paranaense, pertence à galeria dos mais ilustres filhos da Terra dos Pinheirais. No terreno internacional chefiou comissões organizadoras da representação paranaense nas exposições mundiais de Filadélfia, Viena, Paris, e na exposição polonesa de Lvov no ano de 1894. Legou à posteridade valioso arquivo de documentos históricos, aproveitados por seu filho Ermelino Agostinho de Leão, autor do importante e insubstituível “Dicionário do Paraná”.

Ao grupo dos amigos de Eti juntou-se Aurélio Campos, fiscal da Câmara Municipal, ou seja, um funcionário que ocupava um posto-chave. Era sogro do comerciante José Nabo, português ativo, que havia ocupado o primeiro lugar entre os comerciantes locais, tendo construído na Rua das Flores um prédio que rivalizava com o do Presidente. O genro desejava transformar os poloneses em seus fregueses, e o sogro procurava aumentar a arrecadação municipal.

XIII

“Todo começo é difícil”, reza um velho ditado popular. Diametralmente oposto foi o desenvolvimento da missão de Saporski. Aqui a largada foi mais fácil do que o resto da corrida. Para alcançar a meta desejada, teve que sofrer, lutar e afastar obstáculos.

O Presidente da Província do Paraná, Dr. Venâncio José de Oliveira Lisboa (1870-1872) era completamente diferente do Vice-Presidente, Dr. Leão. Preocupava-se com o desenvolvimento da Província que governava, mas os insucessos anteriores aguçaram-lhe a prudência. No jovem professor de 26 anos via um entusiasta de pouca experiência.

Os poloneses de Brusque eram por ele considerados um bando de ciganos desejosos de mudar continuamente de um lugar para outro. Mesmo assim, estaria disposto a levá-los a Assungüi, para longe de Curitiba. Porém Eti se opunha a isso. Alguns habitantes de Curitiba tomaram posição contra os poloneses de Saporski. Chamavam-nos de forasteiros. Imigrantes já estabelecidos na Capital, ciosos de sua cômoda posição e de seu privilegiado monopólio, por serem os únicos fornecedores de produtos de granja para as famílias curitibanas, temiam a concorrência de novos colonos.

E foi concebido um plano bem urdido: era necessário tirar a iniciativa das mãos do teimoso silesiano e fundar uma colônia por conta própria. O Presidente, Dr. Lisboa, não se oporia por certo, pois esta seria batizada com o seu nome. Sobre essa nova colônia, a sexta do Paraná, que deveria atrapalhar o caminho do caudilho imberbe e de suas trinta indesejáveis famílias de Brusque, o Professor Sebastião nos conta os seguintes pormenores: “Colônia Dr. Venâncio, fundada em 1871, no lugar denominado Cachoeira, a 12 quilômetros de Curitiba: contém uma área de 3.000 hectares, repartida em 31 lotes. Começou com 143 imigrantes, sendo 116 alemães e 27 suecos”. (“Corografia do Paraná”, Curitiba, 1899, p. 281).

Diante dessa emergência, Saporski resolveu chamar delegados de Brusque. Estes apareceram em breve. Vieram a pé, pois não tinham com que pagar a viagem marítima. A viagem de 200 quilômetros não podia ser considerada como uma excursão turística. Vieram como andavam os bandeirantes, como o descobridor Cabeza de Vaca, isto é, de pé no chão. É uma pena que o cronista Eti, ao relatar o fato, não tenha mencionado seus nomes, mas no meio de tantos acontecimentos ele esquecera até da mãe adotiva que havia trazido ao Paraná e sobre a qual nada mais nos diz. A viagem dos enviados realizou-se à moda dos garimpeiros, mas suas conversas em Curitiba desenvolviam-se à moda de sitiantes, agricultores.

Em primeiro lugar discutiam o problema da alimentação, do trigo e da sua moagem. A seguir procuravam resolver outros problemas próprios dos imigrantes. No mais não tinham o que falar, pois é sabido que tais problemas não se resolvem a distância.

Poucos dias depois a Rua das Flores foi testemunha de como os interessados, o padre vigário, o professor e os dois enviados dirigiram-se às autoridades locais. O Vice-Presidente deu carta livre, permitindo a vinda dos imigrantes. As 32 famílias viram-se livres do impedimento que lhes impedia o caminho ao Paraná.

Em Itajaí não se passou sem atritos no último momento. As autoridades de Blumenau enviaram um destacamento de policiais para fazer voltar o grupo que se preparava para emigrar. Por sorte, o capitão do navio se opôs aos perseguidores.

– Como? – dizia ele. – Não posso transportar passageiros porque não sei lá quem se opõe?

Cento e cinquenta passageiros eram coisa rara, e sabia que as autoridades de Curitiba lhe pagariam o transporte.

XIV

Nos anos futuros, quando Curitiba tomou consciência dos benefícios que lhe trazia a colonização, surgiu o costume de receber triunfalmente os imigrantes. A orquestra tocava marchas alegres, os bumbos a acompanhavam. Enquanto os canhões ribombavam, o céu era riscado por fogos de artifício, e os tradutores e governantes vinham à frente, prontos para prestar serviços.

O grupo de Brusque não era esperado por ninguém. As carroças de Antonina, que transportavam as mulheres, crianças e bagagens, acompanhadas pelos homens e rapazes,

estacionaram diante da escola na Rua das Flores. O Sr. Edmundo queria seus patrícios? Ei-los aqui!

Eti, não tendo sido avisado, deu a aula por terminada e ocupou-se com os cansados viajantes. Devia acomodar a todos quanto antes, pois de um lado a multidão de imigrantes esperava por ele e, de outro, os curiosos se acotovelavam com sorrisos sarcásticos. A acomodação foi feita ainda no mesmo dia. Os senhores Langemann, Brocatio, Meister e o açougueiro Schmidt permitiram que suas habitações fossem ocupadas, embora exigissem que lhes fosse pago o aluguel.

O tesouro da Província financiou a viagem de Santa Catarina a Curitiba. De Antonina a Curitiba, as carroças cobraram 50.000 réis cada. Mas, para transportar os recém-vindos, faltaram recursos até aos carroceiros.

Estes argumentavam que tinham a obrigação de trazer os imigrantes até a escola, nem um pouco adiante. Iniciou-se, pois, uma discussão sobre o caso e sobre o salário dos transportadores. Mas um dos senhores que tinha alugado a casa pagou o reclamado, terminando assim a disputa.

Saporski não nos transmitiu a data da vinda dos imigrantes. Sabemos apenas, graças às suas “Memórias”, que foi no ano de 1871, depois de dois anos de luta para conseguir a licença. O “Almanaque de Schneider” determina melhor, pois afirma que os colonos vieram a Curitiba pelos fins de setembro de 1871, dois anos após o seu desembarque em Santa Catarina.

Os viajores se abrigaram enfim. Mas e a alimentação? Vieram pobres e esfomeados, sem recursos para nada. Certo dia, reunindo-se em grupo, apresentaram-se diante dos governantes, como que em greve de fome. O Presidente Dr. Lisboa escolheu Saporski como bode expiatório. Mandou chamá-lo para que recolhesse o povo da rua. O caso terminou quando Saporski, compadecendo-se dos famintos, sacou de 350.000 réis depositados no negócio do Sr. Nabo e distribuiu às famílias, dando 10.000 réis para cada uma. Esse dinheiro,

Saporski obteve de uma viúva, de presente. (Teria sido de sua mãe adotiva?)

Mas tudo estava em ponto morto. Até que o governo de Curitiba se preocupou com eles.

No Brasil não são raros os casos em que a municipalidade assume a responsabilidade, dando assim rumo ao desenvolvimento e progresso. A Câmara Municipal era preenchida por eleições livres. Era, pois, o povo que mandava. Nos tempos coloniais a municipalidade tinha ainda o poder de tomar medidas e mesmo de opor-se às instâncias superiores. Aqui aconteceu o mesmo.

Os vereadores, às vezes tachados de republicanos, concluíram que era necessário apelar ao Ministério da Agricultura. O que adianta que anualmente venham cerca de 30 famílias, se não há sinal de progresso? Se assim continuar, os vizinhos são capazes de dividir a Província do Paraná, e então Curitiba se tornará uma cidadezinha sem importância. Os pais da cidade resolveram dar cidadania aos recém-chegados, torná-los habitantes da cidade, estabelecendo-os no final das ruas, para assim aumentar a cidade. A população da cidade aumentou em 27 por cento. Desde que Curitiba era Curitiba, nunca houvera um progresso tão notável.

Como outras cidades, a capital do Paraná possuía um patrimônio municipal. Consistia em grandes áreas de terras livres, situadas nos arredores da cidade. O tesouro da comuna elevou-se quando se iniciou o levantamento das terras abandonadas pelos primitivos habitantes. O dito tesouro era aproveitado para o desenvolvimento da cidade e provinha da venda das terras ou do seu arrendamento.

A quantidade de terras livres era enorme e perturbava o desenvolvimento da cidade. Curitiba não possuía nenhuma colônia. Vivia desamparada entre a floresta e os campos. Era um caso raro.

Ao conselheiro que escolheu o lugar para a colônia é necessário reconhecer o acerto da escolha. Indicou a região ao norte, a meia hora de viagem do centro. O terreno era pouco montanhoso, com boa mata e solo fértil. Ótimo para a agricultura. A região chamava-se Pilarzinho. Além disso, havia lotes livres em outros quarteirões, como Mercês, Paiva e Santa Quitéria.

O nome Pilarzinho provém do nome espanhol de peregrinação. Pilarzinho significa pilar pequeno. Outro eco de festas e peregrinações a Pilar era muito conhecido em Antonina, cidade rica em tradições, outrora chamada Nossa Senhora do Pilar da Graciosa, donde seus habitantes até hoje denominam-se capelistas.

XV

A lista dos imigrantes vindos de Brusque é a seguinte, sendo assinalados com 1 os que vieram antes, isto é, no navio “Victoria”, e com 2 os posteriores:

- 1) Barcik Fabian (Fabiano) – 2
- 2) Chyla Gregorz (Gregório) – 2
- 3) Fila Leonard (Leonardo) – 2
- 4) Gbur Balcer (Baltasar) – 1
- 5) Gbur Kacper (Gaspar) – 1
- 6) Gebza Baltazer (Baltasar) – 2
- 7) Jelen Leopold (Leopoldo) – 2
- 8) Kachel Stefan (Estêvão) – 1
- 9) Kania Antoni (Antônio) – 1
- 10) Kania Franciszek (Francisco) – 1
- 11) Kawicki Andrzej (André) – 2
- 12) Kempa Marcin (Martim) – 2
- 13) Kokot Filip (Filipe) – 1
- 14) Macioszek Blazej (Brás) – 2

| Artigos

- 15) Otto Szymon (Simão) – 1
- 16) Otto Walenty (Valentim) – 2
- 17) Pampuch Andrzej (André) – 1
- 18) Pampuch Wincenty (Vicente) – 2
- 19) Polak Bonawentura (Boaventura) – 1
- 20) Polak Franciszek (Francisco) – 1
- 21) Polak Pawel (Paulo) – 2
- 22) Prudlik Marcin (Martim) – 2
- 23) Prudlo Michal (Miguel) – 1
- 24) Purkot Józef (José) – 2
- 25) Purkot Szymon (Simão) – 1
- 26) Skroch Józef (José) – 2
- 27) Stempka Dominik (Domingos) – 1
- 28) Szajnowski Tomasz (Tomás) – 2
- 29) Szymanski Tomasz (Tomás) – 1
- 30) Walder August (Augusto) – 2
- 31) Weber Walenty (Valentim) – 1
- 32) Wos Mikolaj (Nicolau) – 1

Para o estabelecimento dos novatos, prestou inestimáveis serviços o Sr. Aurélio Campos. Aos homens garantiu trabalho na conservação das ruas. Para as mulheres procurou serviços domésticos e de jardinagem, junto a seus amigos. Ainda graças a ele iniciou-se sem demora a demarcação dos lotes, no que Saporski também tomou parte, exercitando-se como agrimensor.

Como recompensa pela demora de dois anos, a ação foi rapidíssima. A cada família coube um bom pedaço de terra, cuja posse era garantida pelas “Cartas de Foro”. Com o início de outubro, os caçadores de Pilarzinho ouviram sobressaltados o eco produzido pelos machados e pelas serras e o estrondo dos pinheiros que tombavam.

Como em tempos antigos, trabalhavam em grupos, passando de um para outro sitiante. Esse costume de ajudar-se

mutuamente, trabalhando em conjunto, numa atmosfera de alegria e com o lema “todos por um e cada um por todos”, chamava-se às margens do Odra “pobada” – mutirão.

– É o nosso mutirão! – clamavam cheios de admiração os curitibanos. Puxirão de caboclo, puxirão de carijó.

Era o puxirão mesmo. Era como que o noivado celebrado entre a nova Pátria e os seus novos habitantes.

Por ocasião do nonagésimo aniversário da imigração foram publicados alguns pormenores arquivados, referentes àquela época. A Câmara Municipal de Curitiba forneceu as primeiras Cartas de Foro no dia 28 de novembro de 1871. Foram contemplados: Barcik Fabian, Fila Leonard, Kania Franciszek, Kempa Marcin, Kokot Filip, Macioszek Blazej, Otto Szymon, Pampuh Wincenty, Polak Franciszek, Purkot Szymon, Finowski Tomasz e outros. Este último não figura na lista acima. Pertenceria por acaso aos que vieram antes da imigração, como o professor Jerônimo Durski? Eram eles os primeiros poloneses honrados com o título de cidadãos da Capital do Paraná. Edmundo Saporski e Francisco Mocko receberam suas Cartas de Foro no dia 22 de maio de 1893.

No mês de outubro de 1893 nasceram no Pilarzinho as três primeiras crianças brasileiras de origem silesiana: João Chyla, filho de Gregório Chyla e Maria Chamuk, nascido a 6 de outubro; Úrsula Barcik, filha de Fabiano Barcik e Edwiges Purkot, nascida a 21 de outubro; Leopoldo Kokot, filho de Filipe e Raquel Kokot, nascido a 28 de outubro. Foram batizados e inscritos no livro apropriado pelo Pe. Agostinho Lima, que acrescenta claramente serem eles filhos de poloneses.

O Diretor da Fazenda e Agricultura, Alcides Munhoz, descreve a colônia como segue:

Ainda foi a presidência do Dr. Venâncio Lisboa que constituiu a colônia Pilarzinho, em 1871, em 500 hectares de terrenos do município e com 78 poloneses introduzidos na Província por Sebastião Saporski, que se retirou por conta própria de Santa Catarina. Alguns irlandeses vieram posteriormente. Hoje esta colônia, distante 3 quilômetros da Capital, contém colonos italianos, além dos da primeira origem. (“Observações gerais sobre o Estado do Paraná”, 1918, p. 46.)

As notas sobre a concorrente São Venâncio são mais breves ainda. Não havia o que descrever. A colônia foi fundada, mas, a exemplo de Argelina, volatilizava-se. Decaiu a tal ponto que 15 anos depois foi necessário enviar-lhe um reforço de 76 silesianos.

Como que para compensar as poucas palavras dos escritores, a Câmara Municipal de Curitiba publicou o documento que é o registro da colonização polonesa no Brasil.

O primeiro testemunho oficial sobre os colonos poloneses em Pilarzinho é muito pouco conhecido.

Saporski, exemplo de modéstia e abnegação, não se servia nunca desse documento. Eis o seu teor:

A Câmara Municipal da cidade de Curitiba atesta, a requerimento de Edmundo Saporski, o seguinte: 1) que existem estabelecidas no rocio desta Capital as 32 famílias polacas constantes da relação apresentada, ocupando alguns lotes de terrenos no Pilarzinho e outros terrenos, que requereram a esta Câmara e obtiveram por Carta de Foro; 2) que as mesmas famílias polacas são dedicadas ao trabalho, excelentes lavradores e mui morigeradas; 3) que não consta a esta Câmara haverem estas famílias recebido quaisquer favores ou adiantamentos premiativos do Governo para seu estabelecimento. Paço da Câmara, 15 de outubro de 1873. Eu, Ignacio Alves Correia, Secretário o escrevi. Ass. Antônio

Augusto Ferreira de Moura, Ildefonso Marques do Santos, Antônio M. de Oliveira, Antônio Mendes de Bandeira, Joaquim Ventura D'Almeida Torres. (Jornal "Gazeta polska", Curitiba, Almanaque 1939, p. 40.)

XVI

A América, em toda a sua extensão, já conhecia os imigrantes sem bandeira e apreciava-os altamente. Contudo em nenhum outro país eles eram recebidos com honra e respeito, como aqui. Para os excelentes trabalhadores dos rios Odra e Vístula, para os que já estavam em viagem, como para os que apenas pensavam em emigrar, a lisonjeira declaração dos governantes de Curitiba significava um convite cordial.

A primeira resposta veio de Joinville, Estado de Santa Catarina. Corria o ano de 1873. Durante três meses lá estava alojado nas barracas um grupo de imigrantes poloneses da Pomerânia, colonos dos arredores das cidades de Gniew, Pelplin e Starogard. Os colonizadores de Hamburgo tentavam despachar esse grupo para as florestas da recém-projetada São Bento, que a 100 quilômetros do mar seria uma espécie de guarda contra os botocudos. Dotados de espírito pioneiro, os imigrantes não fugiam para a cidade, apesar da falta de alimentos. Dessa maneira surgiram lugarejos como: Caminho d'Areia e Polaquia às margens do Itajaí, adiante de Blumenau, bem como as ilhotas na região de S. Bento. Mas a vizinhança alemã não lhes agradava. Quando tiveram conhecimento da fundação da colônia polonesa em Curitiba, enviaram mensageiros.

O sucessor do Dr. Lisboa, Presidente Dr. Frederico Abranches (1873-1874), provinha de São Paulo, onde os imigrantes voluntários já haviam adquirido boa fama. Ele concordou, pois, que o grupo, que constava de 64 famílias e 258 pessoas, se transferisse para Curitiba. A Câmara Municipal demarcou

720 hectares ao lado de Pilarzinho, distantes 5 quilômetros de Curitiba. E logo no mês de setembro do dito ano começou a surgir o primeiro e bem plantado rebento de Pilazinho, a próspera colônia Abranches, assim denominada em homenagem ao benemérito fundador.

Nas margens do Odra isso produziu um eco favorável. A nova de que na terra das “bétulas” existia uma cidade da classe administrativa de Opole, onde por falta de aldeias qualquer “pieron” (bom camarada) logo virava patrão, criou asas e espalhou-se por todos os recantos.

Apesar dos avisos em contrário do velho Simão Wos, em Siolkowice e regiões vizinhas aprontou-se uma turma de famílias como: Kulik, Kupko, Nadolny..., desejosas de emigrar. Era o ano de 1875. Pela primeira vez nas terras da Polônia levantou-se o grito: “Para o Brasil! Para o Paraná!” E pela primeira vez o caminho dos emigrantes conduzia diretamente a Antonina, sem tocar Santa Catarina.

Em Curitiba as coisas evoluíram do bom para o melhor. Iniciado por Frederico Abranches, o sentimento de apreciação em favor dos poloneses se transformou em franca amizade quando o Dr. Adolfo Lamenha Lins, pernambucano, tornou-se Presidente (1875-1876). Infelizmente a morte veio buscá-lo muito cedo (1845-1881). Contudo deixou atrás de si inúmeras obras meritórias. Formado pela Universidade de Pernambuco, e tendo já exercido as funções de presidente no Paiuí, trouxe a Curitiba a experiência administrativa. Na casa paterna aprendeu a admirar o valor militar de Cristóvão Arciszewski. A Terra dos Pinheirais recebia-o de braços abertos. As duas colônias foram-lhe apresentadas pelo Vice-Presidente Ermelino de Leão, seu colega da Universidade de Recife.

Para estabelecer o grupo que vinha vindo, Lins escolheu uma cômoda região no final dos campos, onde se elevavam grossos pinheiros, a 8 quilômetros de Curitiba, rumo ao sol nascente, na beira da Graciosa. Até Abranches não era longe. O local

recebeu o nome de Santa Cândida – nome da esposa do Presidente, protetora da colônia. O estabelecimento deu-se em agosto do mesmo ano, com a ocupação de 613 hectares divididos em 64 sítios.

Quantas pessoas haveria nesse grupo? É um ponto controvertido. Os documentos divergem. Saporski, que não estava presente porque fora a Paranaguá trabalhar na medição de terras, conta 179 pessoas. O Professor Paraná – 266, e o historiador Romário Martins – 300. Casimiro Gluchowski, baseando-se numa fonte de nós desconhecida, conta 274 pessoas. A inexatidão estatística sempre acompanhará esse acontecimento.

Em Santa Cândida acabam-se os caminhos dos errantes pioneiros poloneses. A época de experiência durou quatro anos (1871-1875). Estava na hora de fazer um balanço. Houve resultados positivos para ambos os lados. O Paraná adquiria três prósperas colônias. Ao mesmo tempo entrava em contato direto com a Polônia, fonte inesgotável de futuros imigrantes. Iniciou-se uma nova era. Os pioneiros das margens do Odra e do Vístula haviam alcançado a palma da primogenitura imigratória, tendo-se estabelecido firmemente. Instalando-se em ermos desabitados, encontraram terra livre, fértil e receptiva, à qual tinham o direito de chamar de “Nova Pátria”. Além do amor e da dedicação à terra, os poloneses caracterizavam-se ainda por uma nota que lhes permitia sobrepor-se a todos os outros imigrantes, voluntários ou forçados: eram os mais baratos. Segundo os cálculos feitos pelo Vice-Presidente Leão (“Dicionário do Paraná”, p. 14), o tesouro da Província despendeu, para organizar a colônia de Abranches, 1.748\$000, ou seja, 7.000 réis por pessoa.

XVII

Wos Saporski, o moço de fora, que foi escolhido pelo destino para dinamizar o povoamento da magnífica herança dos carijós e dos bandeirantes, uniu-se pelo resto da vida ao progresso da Terra dos Pinheirais. Do mesmo modo como todos os seus patrícios, sentia-se não menos feliz no rio Iguaçu do que no rio Odra. Lembra ele o exemplo bíblico do filho que sai da casa paterna e, além dos montes e dos mares, começa vida nova, não perdendo os laços de ligação com seu torrão natal.

Diplomado no ano de 1774 pelo Ministério da Agricultura no Rio, conseguiu com o correr do tempo formar uma verdadeira escola de agrimensores paranaenses. O Paraná deve-lhe o esboço da teia colonizadora que começa na baixada de Paranaguá e penetra no vale do Ivaí. Sua capacidade organizacional foi posta à prova pela primeira vez no ano de 1876, no segundo ano da gestão do Presidente Lins. No porto de Antonina desembarcavam levadas e levadas de imigrantes poloneses, vindas das regiões dos Cárpatos, da Pomerânia e da Silésia, num total de 3.580 pessoas. Para atender àquelas ondas humanas, foi criada uma comissão governamental chefiada pelo engenheiro francês Henri Rivière. Saporski era o responsável pela localização dos colonos. Graças à clarividência do Dr. Adolfo Lamenha Lins, surgiram junto às portas da Capital, de uma só vez, sete núcleos coloniais: Lamenha, Tomás Coelho, Santo Inácio, Órleans, Dom Pedro, Rivière e Dona Augusta, as últimas formando o distrito denominado Nova Polônia. Foi colonizada uma área de 60 quilômetros quadrados. Estabeleceram-se nela 831 chácaras suburbanas. Com esse cinturão verde acabou a parcimônia nas cozinhas e mesas curitibanas.

Saporski subia também na escala do êxito. Encontramo-lo na qualidade de Diretor da Colonização, primeiramente em São Mateus do Sul, nos anos de 1890-1892, chefiando a localização dos imigrantes vindos da Polônia Central, naquele tempo

ocupada pelos russos, e depois em Vera Guarani, onde nos anos 1910-1911 atendia a colonização galiciana.

Nos intervalos, eram outras obras públicas que reclamavam a colaboração técnica do Dr. Eti. Marcava ele os traçados das vias de comunicação, participava do grupo de construtores da estrada de ferro de Morretes e Rio Negro. Como testemunho de suas andanças, servem vários nomes espalhados pelo interior, por exemplo rio Saporski, que desce da Serra do Mar rumo a Guaratuba, e Linha Saporski, que conduz à velha Teresa, hoje Teresa Cristina, renovada pela colonização de 1917.

O ano de 1911 trouxe, embora com bastante atraso, o reconhecimento. A Saporski foi oferecida cadeira de deputado no Congresso Estadual. Chamavam-no “mensageiro dos colonos”. O número dos imigrantes era estimado em 100.000, e ainda vinham levas, sobretudo de Lublin e Lvov. A “Gazeta polska”, órgão tradicional dos colonos, festejou a promoção de Saporski com o editorial intitulado “Pela primeira vez” e a seguir, dando conta das atividades do “nosso mensageiro” no Congresso durante o biênio 1912-1913, conferiu-lhe o título de “Pai da imigração polonesa no Brasil”. Esse título foi aprovado por todos.

A esposa de Saporski, Maria de Oliveira Saporski, provinha da tribo dos carijós. Era o primeiro matrimônio celebrado entre um polonês e uma descendente dos tupis. Conheceram-se por acaso. Certa vez o engenheiro Saporski foi trazido inconsciente à casa de Maria, que habitava não longe de Antonina. O engenheiro tinha sido picado por uma cobra enquanto abria uma picada. Como faltassem outros meios de tratamento, a jovial Maria utilizou um tratamento à moda indígena: sugou o veneno, salvando assim a vida do paciente. Ele a chamava de Mariazinha. Ela falava um pouco de polonês, que seu hóspede lhe havia ensinado.

De seus seis filhos, o mais velho, Antônio, tornou-se chefe de gabinete no Congresso Estadual. E o filho dele, Sebastião Saporski Neto, abraçou a carreira jornalística, distinguindo-se como secretário da redação do mui popular diário curitibano “Gazeta do Povo”.

O segundo filho de Saporski, Pedro (1885-1954), tornou-se, a exemplo do pai, um engenheiro, colonizador e organizador da colonização. Conhecedor da serra do Mar, indicou a baixada do rio São João como a mais própria para dar lugar à construção da estrada de rodagem entre Curitiba e Joinville, e a seguir dirigiu a colonização da mesma baixada (município de Guaratuba, 1930-1940). De 1937 a 1941 ocupou o posto de redator-chefe do jornal polonês “Gazeta polska w Brazyliai”. Continuou assim a missão de seu pai, que, em 1893, sustentou o jornal que nascia e lhe garantiu sobrevivência por cinquenta anos.

O terceiro filho, Edmundo (1889-1934), engenheiro agrônomo, foi um dos desbravadores do Norte do Paraná, sendo considerado um dos fundadores de Cambará, onde residiu de 1922 a 1930. Foi casado com Rosa Leinig Saporski, primeira professora de Cambará, cuja Escola de Aplicação anexa tem seu nome. Edmundo Saporski pertenceu ao grupo dos primeiros que fizeram o levantamento das terras devolutas no Nordeste do Paraná. Iniciou sua obra colonizadora em Cambará em 1922, em companhia do engenheiro Inácio Szankowski, precedendo de vários anos a famosa colonização de Londrina, Capital do Café.

O filho de Edmundo, Edmundo Leinig Saporski, bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná. A Prefeitura Municipal de Curitiba confiou-lhe o cargo de conselheiro jurídico. Exerceu também o cargo de vereador, tendo assumido a prefeitura por duas vezes. Foi também, durante quatro anos, diretor do jornal “Correio do Paraná”.

Sebastião Edmundo Wos Saporski, o “pioneiro dos triticultores”, atingiu idade patriarcal. Residia numa casinha no Alto das Mercês, à sombra das palmeiras, donde contemplava como um sonho as suas duas Pátrias, Brasil e Polônia, que a seu exemplo construíram seu porvir de amizade e colaboração.

Alcançou o dia em que se cumpriu a profecia de Rui Barbosa relativa ao ressurgimento da Polônia e recebeu a medalha “Polonia Restituta”. Tomou parte ativa nas festividades do Centenário da Independência do Brasil.

O patriarca faleceu no dia 6 de dezembro de 1933. Faltavam-lhe 47 dias para atingir 90 anos. Foi sepultado no Cemitério Municipal, antigo “Campo Santo” de Curitiba, “campo de saudades” dos curitibanos. Ao longo dessa relíquia histórica corre uma bem movimentada artéria urbana que conduz ao não menos histórico Pilarzinho, hoje em dia pitoresco e alegre subúrbio da “Cidade Sorriso”.

RESUMO – STRESZCZENIE

Saporski dzięki zaangażowaniu na rzecz swoich rodaków, aby uzyskać dla nich lepsze warunki, nazwany został “Ojcem polskiego osadnictwa w Brazylii”. Powyższy tekst autorstwa Pawła Nikodema był publikowany w Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, vol. I, ano 1970, p. 57-92. Tradução: Mariano Kawka. Publikujemy w naszym periodyku ten tekst, aby kolejnym generacjom emigrantów polskich przypomnieć historię działalności S. Saporskiego i ks. Zielińskiego na rzecz naszych pierwszych osadników w Paraná.

RESUMO BIOGRÁFICO DE SAPORSKI*

Jan PITÓN**

O Centenário da Colonização Polonesa no Brasil lembra e expõe a figura do “Pai” das povoações polonesas no Paraná – Sebastião Edmundo Woś Saporski.

Prestando uma homenagem ao eminente pioneiro, apresento ao leitor um punhado de datas e de números nos quais se enquadra a rica vida e atividade do “Pai da Colonização Polonesa no Brasil”.

1844-1933 – Data do nascimento em Siołkowice, perto da Opole Silesiana, e da morte em Curitiba¹. Estudos: escola elementar e média em Opole.

1867 – Deixou o lar, os pais Simão Woś e Edviges Kampa e, via Londres, chegou a Montevideú, no Uruguai.

1868 – Blumenau – Gaspar, Santa Catarina, onde conheceu o Pe. Zieliński.

1869 – No dia 10 de abril, pedido encaminhado ao imperador D. Pedro II solicitando uma concessão para a colonização polonesa no Paraná; resposta positiva no dia 11 de maio, com a pergunta de onde e quantos poloneses –

* Este artigo foi originalmente publicado em polonês, com o título “Saporski w ramach lat”, em *Kalendarz Ludu – 1971*, Curitiba, 1971, pp. 74-80.

** O Pe. Jan (João) Pitoń (1909-2006) foi sacerdote da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo (Padres Vicentinos). Trabalhou no Brasil no período 1933-1974. Tendo voltado à Polônia, fixou residência em Cracóvia, onde faleceu com a idade de 97 anos. Foi um pesquisador da história da imigração polonesa no Brasil, tema ao qual dedicou muitos dos seus artigos.

¹ Certidão de 3 de junho de 1935 e *Gazeta do Povo*.

compatriotas viriam ao Paraná e em que o governo imperial poderia ajudar (transporte)².

Resposta de Saporski: os colonos viriam da Silésia e da região de Czeszochowa; no Paraná: terras na bacia do Iguaçu e Rio Negro, medidas por Antônio Rebouças. Convocação do Presidente da Província de Santa Catarina de 20.5.1869, para melhor elucidação e explanação.

1869 – Agosto – a Itajaí, Santa Catarina, vieram 16 famílias – no navio “Victoria” e foram encaminhadas para Brusque³.

1870 – Saporski encontra-se em Florianópolis com o Dr. João Franco, que apoia a imigração e os propósitos de Saporski no Paraná, recomendando-o ao governo.

1870 – Saporski muda-se para Curitiba por via marítima; trabalhou como professor numa escola alemã. A ação colonizadora forçou-o a reestudar o problema; por três anos aprofunda-se nas questões, estuda e presta o exame para agrimensor em 1874⁴.

1870 – Veio o segundo grupo de famílias de Opole a Itajaí – 16 famílias.

1871 – Empenhos de Saporski em Curitiba, junto ao governo, através do Pe. Lima e outros amigos, bem como dos colonos em Brusque – Itajaí, pela transferência deles ao Paraná. Requerimento dirigido ao subdelegado de polícia Germano Thiensen, do dia 14.8.1871; assinado por 26 famílias⁵.

1871 – De 30 de setembro a 9 de outubro essas famílias viajam de navio de Itajaí a Antonina, de onde são

² Arquivo Nac. Minist. Agr. 1869, n. 5.

³ Arquivo Santa Catarina, Florianópolis; relação das famílias no Arquivo dos Padres Vicentinos em Curitiba.

⁴ Min. Agr. Com. Obr. Públ. 13.10.1874.

⁵ Arquivo dos Padres Vicentinos.

transportadas a Curitiba em carroças, com as despesas pagas pelo governo provincial; vieram 32 famílias, 164 pessoas, às quais foram entregues lotes de 2-3 alqueires em terras municipais em Paiva, Mercês, Pilarzinho⁶.

1871 – No dia 4 de dezembro Saporski apresentou um requerimento à prefeitura de Curitiba, pedindo o título definitivo das terras em Paiva⁷.

1871 – Nos dias 7 e 20 de novembro os colonos apresentaram o requerimento pedindo à prefeitura da cidade o título de propriedade⁸.

1872-1873 – Consolidação e integração das primeiras famílias em Curitiba.

1873 – Setembro, ao porto de São Francisco, Santa Catarina, chegou um novo transporte da Prússia Ocidental – 64 famílias, 258 almas, que foi encaminhado pelo Pe. Carlos Boergershausen, pároco de Joinville, a Curitiba, província do Paraná. Em setembro essas famílias foram localizadas na colônia Abranches, nos arredores da capital; veleiros: *Terpsichon* e *Gutenberg*. A colônia foi chamada Abranches, em honra do presidente da província⁹.

1874 – No dia 13 de outubro Saporski recebe o título de agrimensor e assume o trabalho das medições na faixa litorânea, em Morretes, na firma Pereira Alves, Bendaszewski & Cia. Além disso, trabalhou em Palmeira e em Lapa.

1875 – Saporski encerra as medições em Paranaguá, Eufrosina. Ao mesmo tempo surgiu uma nova colônia em Santa Cândida, por iniciativa do Estado, onde se estabeleceram 179 silesianos.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

1876 – O movimento imigratório da Polônia Menor, impulsionado pelos agentes de Bendaszewski, trouxe ao Paraná novos núcleos, que foram denominados “Nova Polônia”: Órleans, Santo Inácio, Dom Pedro, Dona Augusta, Lamenha, Tomás Coelho; número dos imigrantes – 3.580.

1877 – Foram confiadas a Saporski as medições nos limites de Paraná e São Paulo, áreas montanhosas em Ribeira, Cachoeira, na Serra do Mar, até Antonina; motivo: disputa de limites. Saporski relatou os trabalhos acima em *Apontamentos de uma viagem ao sitio de Bom Sucesso, Bocahyuva*¹⁰. Na faixa litorânea Saporski contraiu a febre amarela.

1878-79 – Foram confiados a Saporski os trabalhos de medição em Morretes, Guaratuba, nas margens dos rios Canavieiras, Sagrado, bem como a construção da linha telegráfica Morretes-Joinville.

1878 – Surgiram as colônias: Murici, Zacarias, Inspetor Carvalho, no município de São José dos Pinhais, onde foram localizados 550 colonos; bem como Moema – Ponta Grossa – 84 pessoas.

1883 – Em razão de dificuldades na realização das medições na construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá pelos engenheiros concessionários Lazzarini Frederico von Broock, Carlos Westermann, Pedro Scherer e Dr. João Batista, a convite do Dr. João Teixeira Soares, diretor-geral, Saporski assumiu o titânico trabalho da exploração do trecho mais difícil na Serra do Mar – Viaduto Taquari – primeiramente dos 13 quilômetros Morretes-Saporema e depois Porto de Cima – 7 quilômetros. Realizou o trabalho assumido em prazo relativamente curto e recebeu por ele o elogio e o reconhecimento, bem como um prêmio, que soube dividir com os seus operários. Para a posteridade deixou o mais belo monumento, visto que o

¹⁰ Ibidem.

trecho mais difícil da ferrovia, em corajosas transposições, pontes e viadutos, esboçando a letra S, leva o nome “Curva Saporski”.

1884-1885 – A convite do Dr. Leopoldo Weiss, inspetor da linha telegráfica, Saporski deu início à construção de uma estrada na faixa litorânea, Rio Sagrado-Canavieiras; durante os trabalhos foi picado por uma cobra, e em condições verdadeiramente milagrosas evitou a morte.

1885 – No dia 29 de novembro adotou a cidadania brasileira, naturalizando-se: “O súdito silesiano Edmundo Vos Saporski, ao qual cabem a partir de agora todos os direitos de um cidadão brasileiro¹¹.

1883, 1884, 1912 – Saporski empenhou-se por conquistar o mercado europeu para o principal produto paranaense, a erva-mate, especialmente nos países eslavos. Uma numerosa correspondência e trabalhos (*O chá verde*) testemunham o interesse e o encontro de clientes em Varsóvia por Teófilo Rudzki e em Cracóvia por José Okołowicz. A exportação da erva-mate de Paranaguá, pela firma Frisina Stoll, demonstra em 1883 o envio de 50 barris ou 3.273 kg; em 1884, de 50 barris, e em 1912, de 50 barris. Objetivo: ascensão econômica do Paraná e do colono – do produtor polonês.

1886 – Saporski preparou as áreas para colonização no município de Campo Largo: Alice e Cristina, para famílias polonesas, e estabeleceu ali 245 pessoas. Não participou da colonização, em 1884, em Castro: Santa Clara, Santa Leopoldina, que foi uma colonização municipal, em que foram estabelecidas 220 pessoas. Igualmente no município de Tamandaré: Antônio Prado e São Venâncio, em 1886, 200 almas; Santa Gabriela, 1886, município de Curitiba,

¹¹ Diploma no Arquivo, *ibidem*.

| Artigos

colonização estadual – 200 pessoas; Imbuial – Rio Negro, 1887, iniciativa municipal – 170 pessoas.

1887 – 12 de abril, Saporski recebeu a nomeação para engenheiro da prefeitura de Curitiba.

1889-1890 – A convite de uma companhia francesa, na construção da ferrovia Curitiba-Serrinha-Ponta Grossa e Serrinha-Rio Negro, Saporski assumiu a sua exploração.

1889-1890 – O chefe da Comissão Colonizadora no Paraná, Dr. Carlos Greenalgh, confiou a Saporski a avaliação de novas áreas: Itaiópolis, Papanduva, Butiá, São João, onde em 1891 surgiram as colônias Lucena e Itaiópolis.

1890 – Saporski assumiu as medições na atual São Mateus do Sul, em Água Branca. Ele pode ser incluído entre os fundadores de São Mateus; a ele deve ser atribuído o plano da cidade, a localização do antigo porto, das estradas em São João do Triunfo, Palmeira, Eufrosina, Rio Claro. Ele também participou ativamente da ação de socorro no período da enchente que atingiu em 1891 as bacias do Iguaçu e do Rio Negro.

1890 – Saporski participou da primeira assembleia geral polônica em Curitiba, na qual foi instituída a primeira e a mais antiga sociedade polonesa, a Sociedade Tadeu Kościuszko; assumiu nela o cargo de vice-presidente.

1891 – No dia 18 de agosto Saporski foi nomeado Comissário em Palmeira e em São João do Triunfo.

1892 – Juntamente com Carlos Szulc, Saporski fez parte da primeira Sociedade Acionária, editorial, do primeiro periódico polonês no Brasil, o *Gazeta Polska w Brazylji* (Jornal Polonês no Brasil); dirigiu esse jornal como redator em 1893, no período mais difícil, durante a Revolução Federalista, conhecida pelo surgimento da “Legião de São Mateus” e pelo cerco de Lapa.

| Artigos

A “febre brasileira” lançou nos sertões uma massa de milhares de poloneses. Sob a supervisão do governo federal surgem as povoações:

1891 – Lucena – Itaiópolis, 1.488 pessoas; Augusta Vitória – 120 pessoas; Canta Galo, Eufrosina, Rio Claro.

1890-92 – Palmeira, Santa Bárbara, 8.200 pessoas.

1892 – Ponta Grossa (atual subúrbio), 613 pessoas; União da Vitória – General Carneiro, 320 pessoas; Antônio Candido, 545 pessoas.

1894 – No dia 16 de fevereiro Saporski assumiu o cargo e dirigiu a seção técnica na Secretaria das Obras Públicas do Estado do Paraná.

1894-96 – Através do Parlamento Galiciano em Lvov, Saporski se empenhou pela instalação de um consulado austríaco em Curitiba, com o objetivo de prestar assistência aos numerosos poloneses no Paraná.

1894 – Em nome da Exposição Universal de Lvov, como comissário, Saporski preside os trabalhos preparativos em Curitiba, envolvendo igualmente a Argentina. No dia 30.11.1893 foi instituída uma Comissão especial, constituída de Dr. Agostinho Ermelino de Leão, Barão do Serro Azul, Manuel Lisboa, Jaime Ballão, Pe. André Dziadkowiec, Pe. Casimiro Andrzejewski, Pe. Ludovico Przytarski, Pe. Francisco Soja, Eugênio Bendaszewski, Sebastião Saporski, Adão Stachowski, Aleixo Waberski, Miguel Jentsch, Francisco Domański, Miguel Bajerski, João Kościński, Fernando Zaze, Onofre Flizikowski, Alexandre Nadolny, Antônio Bodziak, Francisco Domański e outros.

Esse período foi rico em correspondência, relatórios, reuniões. Existe um livro especial, *Wystawa Krajowska Lwowska* (A Exposição Nacional de Lvov), no qual Saporski, como secretário, anota em polonês e em português o transcurso dos trabalhos. Pela sua ação, Saporski atraiu e interessou a sociedade paranaense, que forneceu ricos materiais para a

Exposição acima. Infelizmente, a borrasca revolucionária em 1894 impossibilitou o envio dos itens para a exposição na Europa, que se perderam no Rio de Janeiro. Restaram somente os relatórios, as estatísticas, a localização das colônias, o desenvolvimento, as dificuldades materiais, sociais e organizacionais das aglomerações polonesas no Brasil e na Argentina, que foram depositados no Arquivo em Lvov.

1895 – Saporski retomou os trabalhos de medição em São João do Triunfo.

Saporski foi homem de confiança da “Sociedade S. Rafael” e correspondente da *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração) em Lvov, um periódico econômico-social, tendo como redator Stanisław Kłobukowski. Os relatórios e os questionários relacionados com a imigração polonesa no Paraná, em número de 96, provavelmente se encontram na Biblioteca da Universidade Jagiellônica em Cracóvia.

1896 – Saporski, juntamente com outros, instituiu a “Sociedade Colonizadora”, adquirindo terrenos em São Mateus; a ação falhou, visto que os sócios se afastaram.

1896-1897 – Realizou medições e dirigiu a construção da ferrovia em Fernandes Pinheiro.

Nesse período (1895-96) surgiram as colônias Alberto de Abreu, perto de União da Vitória – iniciativa municipal – 350 pessoas; Antônio Olinto, federal, 2.800 pessoas; Santos Andrade, em São José dos Pinhais – iniciativa federal – 5.200 pessoas; Prudentópolis – iniciativa federal – 1896, 8.000 pessoas.

1898 – Saporski participa ativamente da “Assembleia Polonesa” em Curitiba, que tinha por objetivo a fundação da “União Nacional para a América do Sul”; ele representava a Sociedade Comercial e Geográfica de Lvov. Essa iniciativa falhou.

Saporski apoiou moral e materialmente as mais importantes organizações sociais, culturais e educacionais polonesas.

a – Em 1896, a Sociedade Casimiro Pułaski, em São Mateus do Sul, nomeou-o “Sócio honorário” pelo apoio e pela ajuda na fundação da biblioteca.

b – Em 1897, a Sociedade “Łączność i Zgoda” (União e Concórdia) – Sala de Leitura Polonesa em Curitiba conferiu a Saporski o título de “Presidente Vitalício de Honra” dessa Sociedade.

c – Em 1912 a Sociedade Polonesa de Assistência e Cultura, no Rio de Janeiro, reconheceu-o como “Membro fundador”.

d – Em 1919, a Sociedade Mercês confere a Saporski o título de “Sócio Honorário e Benemérito”.

e – Em 1923, a Sociedade Escolar Nicolau Copérnico, em Mallet, conferiu-lhe o título de “Pioneiro da ciência” por ele ter oferecido a instalação de uma estação meteorológica.

f – A Organização “Oświata” (Instrução) conferiu a Saporski o “Diploma honorário” pelo seu trabalho na área da ação colonizadora, social e política.

g – O Colégio Henryk Sienkiewicz, em Curitiba, expressou o reconhecimento a Saporski pelo seu apoio na fundação da biblioteca.

Toda iniciativa cultural, em qualquer forma, entre as organizações polonesas no Paraná encontrava o reflexo no generoso coração do “Pai” da colonização polonesa; p. ex. as obrigações da “União Nacional Polonesa no Brasil” em 1911; a “Comuna Polonesa” em 1900, diversos Comitês de Assistência Social no período da Primeira Guerra Mundial. Ele ofereceu um terreno para a construção de uma escola polonesa em Curitiba, que foi vendido, e o dinheiro foi utilizado para a construção do prédio da Sociedade Kościuszko.

1899 – Saporski analisou as questões da imigração e da colonização ultramarina com Roman Dmowski durante a sua estada no Paraná em 1899-1900 e escreveu artigos na *Przegląd Wszechpolski* (Revista Universal Polonesa).

Saporski tornou-se membro da “Sociedade Colonizadora Polonesa” em Lvov; objetivo: informações e ajuda aos emigrantes.

Nesse mesmo ano de 1899 apresentou-se pela segunda vez na lista dos candidatos para deputado estadual em oposição ao governo, da parte do “Comitê Eleitoral Polonês”. Houve um interessante e impressionante apelo ao “Povo polonês”, que lembrava a obrigação de apoiar nas eleições um candidato polonês ao Congresso estadual: “Na bancada dos deputados o povo polonês deve ter o seu representante, defensor dos seus direitos e interesses. Compatriotas! Poloneses! Em nome da nossa Pátria crucificada, em nome da justiça e da verdade, em nome da nossa honra comum, do bem comum, apelamos a que todos, independentemente do partido a que pertencem, votem no candidato polonês Edmundo Saporski. Viva o povo polonês no Paraná!”.

Mas não teve sucesso essa campanha e propaganda eleitoral; pela segunda vez Saporski não foi eleito; ele havia feito a primeira tentativa em 1897. Não contou com o apoio nem com o reconhecimento das esferas governamentais, porquanto pertencia à oposição, aos chamados “maragatos”. O primeiro deputado polonês só tomou posse em 1912, e foi justamente Edmundo Sebastião Saporski. Cuidou da propaganda eleitoral em grupo de pessoas – amigas de Saporski, sob a direção de José Okołowicz.

1900-1901 – Após a fracassada campanha eleitoral para deputado estadual, Saporski voltou ao seu trabalho profissional; tendo sido nomeado Comissário de Terras, passou a trabalhar em medições em Imbituva – Prudentópolis.

| Artigos

1906 – Medições em Guarapuava, fazenda Luiz Fernandes. Saporski também estudou e mediu as quedas na localidade de Caiacanga. Além disso, lançou mão da pena e a pedido de Casimiro Warchałowski, redator de *Polak w Brazylji* (O Polonês no Brasil), transmitiu à posteridade uma história e uma descrição do estado do Paraná.

1907-1908 – A pedido de Artur Franco, Saporski prepara os terrenos para uma grande colonização federal empreendida por Afonso Pena em Calmon – Ivaí; encontramos vestígios dessa colonização até agora; uma das colônias leva o nome de Saporski.

1909-1911 – Saporski foi transferido e destinado à colônia federal que estava surgindo na bacia do Iguaçu, ao lado da estação ferroviária Paulo Frontin, que primitivamente se chamava Cândido de Abreu e depois Vera Guarani; a vila, as ruas, a praça foram projetadas por Saporski.

1911 – Graças à ação de recrutamento do Conde Le Hon na antiga Galícia, as massas da população aldeã, mobilizadas pelas promessas dos propagandistas da emigração, bem como as da região de Lublin, instigadas pelo Pe. José Anusz, Saporski recebeu a incumbência de preparar os barracos em Paulo Frontin para centenas de famílias e as chácaras em Cruz Machado – Santa Ana.

Nesse período surgiram novas colônias federais:

Em 1908, Irati, Gonçalves Júnior, Itapará, Taió-Ipiranga – 5.531 pessoas.

Em 1909-10, Ivaí-Calmon e Afonso Pena – 5.409 pessoas.

Em 1911, Cândido de Abreu, Cruz Machado – 9.592 pessoas.

Em 1912, Senador Correia, Apucarana, Herval – 2.874 pessoas.

1912 – Saporski enfrentou problemas de saúde e teve que submeter-se a um tratamento; interrompeu os trabalhos em Cruz Machado.

Igualmente naquele período, a pedido de amigos, e especialmente de Stanisław Kłobukowski, Saporski aceitou candidatar-se, pela terceira vez, para o cargo de deputado estadual. Dessa vez, após uma exaustiva campanha eleitoral, Saporski entrou na Assembleia Estadual como o primeiro deputado polonês no Paraná, contando quase 70 anos e tendo uma honrosa página de realizações:

a – a localização de 56.982 imigrantes poloneses no Paraná, além das vilas e das famílias ucranianas;

b – as medições de terras nas quais se estabeleceu a população polonesa de 1871 a 1912;

c – a construção de estradas de chão batido e de ferrovias, do telégrafo, do viaduto Taquari;

d – a defesa das fronteiras do estado do Paraná na disputa com São Paulo, em Ribeira, e no Contestado, em Santa Catarina.

e – a iniciativa e a ajuda na organização da vida social e cultural nos núcleos poloneses;

f – a instituição e a direção do primeiro semanário polonês em Curitiba, o *Gazeta Polska w Brazylji* (Jornal Polonês no Brasil), em 1892.

g – a defesa da população polonesa pela instituição do consulado austríaco em Curitiba;

h – a propaganda do Brasil além das fronteiras, na Europa, pela erva-mate e pela Exposição Nacional Universal em Lvov.

1913-15 – Saporski tornou-se deputado estadual no Paraná. Nesse período exerceu diversas funções: em 1915 foi Comissário de Terras, Secretário da Agricultura etc. Aqueles eram tempos inquietos e difíceis. A Primeira Guerra Mundial, a crise econômica, a guerra dos fanáticos, a disputa fronteiriça

Paraná-Santa Catarina pelo “Contestado”. Saporski foi testemunha do renascimento da Polônia e da vinda do primeiro cônsul, Kazimierz Głuchowski, da união das organizações polonesas na “União Polonesa” em 1920 etc.

1924 – Em reconhecimento pelos seus méritos no campo social, o governo da Polônia conferiu a Saporski a condecoração do Renascimento da Polônia – *Polonia Restituta*, que ele recebeu no dia 9 de novembro de 1924 na presença de representantes das autoridades brasileiras e das sociedades polonesas.

Ele passou o entardecer da sua bela vida, rica em trabalho social, junto a seus familiares mais próximos em Curitiba; atingiu a idade provecta de 89 anos; munido dos sacramentos, faleceu no dia 6 de dezembro de 1933. Foi sepultado no Cemitério Municipal em Curitiba.

1927 – Kazimierz Głuchowski, ao escrever a obra *Wśród Pionierów Polskich na Antypodach* (Entre os Pioneiros Poloneses na Terra dos Antípodas), Varsóvia, 1927¹², dedicou o seu trabalho a Sebastião Saporski, “Pai da Colonização Polonesa no Paraná”, Embaixador do nome polonês no Brasil.

1953 – Por ocasião das solenidades do Centenário da Emancipação Política do Paraná, no bairro de Abranches, onde pisou o pé do pioneiro da imigração polonesa – Sebastião Edmundo Woś Saporski, o Comitê Polonês das Comemorações do Centenário, sob a direção do Dr. Edwino Tempski, deputado estadual, realizou o descerramento de um monumento e de uma placa comemorativa em honra do “Pai da Colonização Polonesa”.

¹² Esta obra foi publicada em tradução portuguesa: *Os poloneses no Brasil – Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*, Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. (N. do T.)

O Cemitério Municipal da capital do Paraná – Curitiba situa-se na saída de linha colonial do Pilarzinho, cujos primórdios remontam aos tempos dos primeiros colonos das margens do Odra, Opole, em 1871.

O túmulo do “Pai da Colonização Polonesa” foi voltado com a sua face para o lado da imortal obra que permanecerá sendo para sempre um trabalho colonizador pioneiro para as duas Pátrias: a Polônia e o Brasil. Os seus restos mortais, que descansam no Cemitério Municipal, irradiam o entusiasmo, a dedicação, o sacrifício e o amor a esta Terra Paranaense, que deu o pão e a liberdade a milhares do Povo Polonês, e à quarta geração anunciam que pelo caminho espinhoso e difícil se caminha aos ideais do lema “Ordem e Progresso”.

Num modesto túmulo descansaram os restos mortais de um Homem que empreendeu tanto esforço e honesto trabalho para o progresso do Paraná.

Que este modesto trabalho que aqui publicamos seja uma homenagem prestada e um penhor de reconhecimento àquele que se sacrificou pelo Povo Polonês. Que seja a pedra angular de uma nova estrutura social para as futuras gerações.

No Centenário da Colonização Polonesa, sem medo de errar podemos repetir as palavras com que outrora foi honrado Rui Barbosa: “Amou ternamente a Pátria, viveu pelo trabalho e não perdeu o ideal”.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu, ks. Jan Pitoń (1909-2006), członek Zgromadzenia Księży Misjonarzy św. Wincentego a Paulo, w okresie 1933-1974 pracował jako misjonarz w Brazylii, dostarczając duszpasterskiej opieki tamtejszej Polonii. Sprawował m. in. urząd Rektora Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii. W 1974 wrócił do kraju, gdzie zamieszkał w Krakowie i zmarł w wieku 97 lat. Był znakomitym badaczem

| Artigos

spraw związanych z emigracją polską w Brazylii i na ten temat opublikował szereg artykułów.

W niniejszym artykule, napisanym z okazji stulecia polskiej emigracji w stanie Paranie, w Brazylii, i opublikowanym w Kalendarzu Ludu 1971 pod tytułem "Saporski w ramach dat", autor przedstawia sylwetkę Sebastiana Edmunda Wosia Saporskiego (1844-1933), zwanego "Ojcem Kolonizacji Polskiej w Brazylii", ponieważ to z jego inicjatywy zapoczątkował się w 1869 r. masowy i zorganizowany ruch emigracyjny z Polski do Brazylii.

Saporski przyczynił się również do utrwalenia polskiej obecności i polskiego imienia w Brazylii poprzez działalność przez niego rozwiniętą na polu zawodowym (jako geometra), politycznym (był posłem Kongresu stanowego) i społecznym. Należy on do kluczowych osobistości w historii już 150-letniej polskiej obecności w Brazylii.

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE POLONÊS

*Cláudia Regina Kawka MARTINS**

Introdução

Dedico este artigo em homenagem e memória de meu tio, José Kawka, que, juntamente com seus pais, Eva e Estanislau, e com seu irmão Casimiro, veio da Polônia para o Brasil em 1937, em busca de melhores condições de vida. Viveu desde então na colônia Gleba Orle, em Arapongas, Norte do Paraná, e faleceu em fevereiro deste ano. Era o único da família original que veio da Polônia que ainda estava vivo e também o último daquele grupo de poloneses que vieram naquela leva. Com o seu falecimento encerra-se uma parte da história da imigração polonesa ao Norte paranaense. Mas a sua lembrança permanecerá viva dentro da nossa família, hoje bastante extensa e espalhada por várias cidades e estados do Brasil e até no exterior, e que mantém muito das tradições trazidas da nossa querida e distante Polônia.

A colônia Gleba Orle

A colônia Gleba Orle foi criada no final da década de trinta do século XX pela companhia colonizadora Paraná Plantations Ltd., depois Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, dentro do moderno processo de ocupação de terras do Norte paranaense ocorrido nos anos vinte e trinta do século passado. Esse processo consistiu em concessões de terras por parte do governo paranaense a companhias colonizadoras,

* Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

com o intuito de ocupar a região através do sistema de pequena propriedade.

Considerando que as antigas áreas cafeeiras no estado de São Paulo já estavam em vias de esgotamento, em 1925 Simon Frazer, o 15º Lord Lovath, um empreendedor inglês, obteve do governo estadual uma concessão de áreas de terras para a Paraná Plantations Ltd., envolvendo 870 mil hectares, construiu uma estrada de ferro, abriu estradas e deu início ao loteamento.

Dentro desse projeto, ele se dirigiu pessoalmente ao governo polonês, oferecendo boas condições para os colonos. Em 1934 o Ministério das Relações Exteriores da Polônia enviou um delegado para examinar a questão *in loco*. Tanto o delegado (Edward Paciorkowski) como o Consulado da Polônia em Curitiba pronunciaram-se positivamente a respeito das possibilidades de colonização. Dessa forma ocorreu no Norte do Paraná a fundação de núcleos especiais de colonização para os poloneses, os quais receberam nomes poloneses, que perduram até hoje: Gleba Orle e Warta. As proibições e restrições introduzidas naquela época pelo governo de Getúlio Vargas fizeram com que nessas localidades não se fixasse um número significativo de poloneses emigrados da Polônia, mas principalmente poloneses ou descendentes de poloneses provenientes do Sul do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Em razão da necessidade de caixa para o Tesouro inglês para financiar o esforço de guerra, em 1942 Lord Lovath vendeu a sua empresa colonizadora a uma sociedade anônima brasileira, que a absorveu sob o nome de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Dessa forma o Norte do Paraná se transformou numa imensa plantação de café, até a grande geada de 1975, quando a economia daquela região derivou para outras culturas, como a soja, o milho, além da pecuária. Surgiram dezenas de

idades, tendo como o seu principal centro urbano a cidade de Londrina (uma homenagem aos pioneiros ingleses), que cobriram como uma espessa rede uma região antes vazia, coberta de mata-virgem.

Foi então nesse contexto que meus avós paternos, Eva e Estanislau Kawka, e meus dois tios, Casimiro e José, com 9 e 7 anos, respectivamente, saíram de Lublin, na Polônia e vieram viver na região da atual cidade de Arapongas, no Norte paranaense, mais precisamente na Colônia Gleba Orle. Na época a colônia fazia parte do município de Londrina e foi uma das últimas colônias de imigrantes eslavos no Sul do País. Logo após a sua fundação, a eclosão da Segunda Guerra Mundial praticamente interrompeu o afluxo da imigração estrangeira em grande escala para o Brasil.

Entrevista com José Kawka

Há alguns anos, em 1994, eu e meu pai, Mariano, fizemos uma entrevista com meu tio José como parte da pesquisa que deu origem à minha monografia de graduação em História e, mais tarde, ao livro *A presença eslava na formação de Arapongas*. Reproduzirei aqui alguns trechos adaptados dessa entrevista que traz algumas memórias de meu tio José, as quais nos dão uma ideia de como foi a partida da Polônia e os primeiros anos de vida no Brasil.

José Kawka veio da Polônia para o Brasil em 1937, juntamente com seus pais Eva e Estanislau Kawka e seu irmão Casimiro, falecido em 1977. Na ocasião José Kawka tinha sete anos de idade. Outros dois irmãos, Mariano e João, nasceram no Brasil, alguns anos depois, em 1941 e 1943, respectivamente.

José era, até o início deste ano, o único dos quatro membros da família original que veio da Polônia que ainda permanecia vivo. Ele acabou falecendo no dia 17 de fevereiro de 2021, aos 91 anos, em sua casa na Gleba Orle.

Como uma singela homenagem ao meu tio José, adaptei alguns trechos da entrevista que fiz com ele, em 1994, separando as suas falas por temas, tais como a vida na Polônia antes de virem para o Brasil, a viagem, as lembranças dos primeiros anos no Brasil, a dificuldade na questão da comunicação, o aprendizado da língua portuguesa e a questão da alimentação.

Atualmente reconhece-se que muitos aspectos da realidade histórica podem ser buscados via fonte oral, através do resgate da memória, a qual é uma construção e uma seleção do passado. Aqui utilizo então a história oral como uma fonte histórica possível para entender melhor alguns aspectos da vida desses imigrantes poloneses, porquanto os depoimentos e as histórias de vida vêm ocupando cada vez maiores espaços nas pesquisas historiográficas.

A vida na Polônia antes da partida para o Brasil

Na Polônia eu lembro que comecei a andar na escola. Eu andei uns quatro, cinco meses, mais ou menos, na escola. Levava as vacas para pastar, porque lá não se deixavam as vacas soltas nos pastos, mas eram levadas aos campos. Então eu me lembro disso... esse era o serviço das crianças. As vacas lá eram mansas, não igual aqui. Então cada um pegava as vacas e levava nos pastos. A vida lá era muito diferente daqui, quase não tem jeito de explicar tudo. As comidas eram diferentes... lá se comia mais batatinha, massas, "pierogi"... Carne se comia pouco, pouco. Eu lembro que quando tinha carne era uma novidade. Não era assim como aqui, que todo dia tem. O mato também era muito diferente do daqui. Era mato limpo, a gente podia andar no meio do mato sem usar foice. Não tinha cipó, não tinha arranha-gatos.

Meu pai tinha uma oficina de fazer carroções, sabe? Ele não era lavrador lá. Tinha um trecho de roça, mas quase não vivia disso. O serviço dele era fazer carroções. Ele fazia carroções e depois levava numa feira. Alugava outro carroção e enchia de peças. Levava

desmontado, tinha vezes que vendia tudo, outras vezes voltava com os carroções, não conseguia vender...

A vinda para o Brasil

Naquele tempo eu quase não sabia nada do Brasil. Foi o nosso pai que trouxe essa história de que existia uma emigração, e ele sempre queria ter mais terras. Porque lá na Polônia quem tinha, por exemplo, cinco, seis “morgas” (uma “morga” corresponde aqui a mais ou menos meio hectare) já estava bom. Como ele conseguiu dar uma entrada para comprar cinco alqueires no Brasil, então já seria um grande proprietário. Então foi assim que saímos lá da Polônia. Da nossa região só saímos nós, porque não tinha muitas famílias. Ficamos conhecendo no porto os que vieram de outros lugares. Veio gente de Lublin também, mas de outra região, que nós não conhecíamos.

Eu me lembro que nós saímos de navio e que o pessoal que ficou estava balangando os lenços. Nós saímos com um navio polonês, o Batory, e fomos até a Inglaterra, onde pegamos outro navio, o Arlanza, que veio até o Brasil. Fomos passando por diversos portos até chegar aqui no Brasil.

Chegamos primeiro em Santos e lá ficamos num hotel, onde nos serviram comida brasileira. Ninguém começava a comer, todo mundo ficava só olhando. E tinha uns litros brancos, pensaram que era pinga, mas era água. Na Polônia ninguém tomava água na hora da refeição, não se tinha esse costume. Experimentamos também caqui: “Mas que tomate brasileiro ruim, nem tem gosto de tomate...”. Depois pegamos o trem e viemos até Rolândia, e depois ônibus até o Campinho (já perto da Gleba Orle).

Os primeiros tempos no Brasil

No Campinho tinha umas barracas já preparadas. Cada um tinha um quarto. Tinha uma tarimba feita de coqueiro, mas sem colchão, sem nada. E disseram: “Aqui é a cama de vocês”.

Era bem diferente do que a gente imaginava, aí o pessoal já começou a reclamar, inclusive meu pai. Na hora em que chegamos eu lembro que já tinha uns imigrantes no Campinho, muitos ficavam nas barracas e demoravam para ir embora. Eles tinham direito a alguns dias por conta da companhia e, quando vencesse esse prazo, tinham que viver por conta própria, mas havia alguns que estavam morando lá. Nós ficamos pouco tempo ali. Porque o nosso pai não tinha paciência. Ele já começou a andar pra cá e pra lá. Aí veio aqui no sítio e não gostou do sítio. Então ele foi a uma fazenda perto de Rolândia e nós ficamos nessa fazenda, trabalhando. Ele trabalhava de carpinteiro e nós apanhávamos algodão, eu e meu irmão Casimiro. Logo ele resolveu mudar para Rolândia, porque na fazenda não tinha muito serviço. Ficamos numa casa que ele alugou. Ele começou a trabalhar pra cá e pra lá, mas não gostava. Ele fazia casas também, no estilo polonês, não podia ter uma frestinha. Juntava uma tábua com a outra, pegava uma plaina e acertava para não ter fresta. Aí o chefe que comandava o serviço ficava brabo e pegava uma tábua, deixava uma fresta, pregava, deixava outra fresta. Então o pai começou a olhar para ele pra ver o que ele ia fazer. O chefe pegou a mata-junta, fechou o buraco de um lado, fechou de outro e disse que era assim que se faziam casas. Com isso o pai já desgostou e disse que ia voltar pro sítio mesmo. Ele resolveu vir aqui, alugou uns peões, mandou derrubar um trecho perto do rio, um alqueire mais ou menos. Mas ele falava para os peões não derrubarem todas as árvores, para deixarem algumas, porque aqui no Brasil era um calor danado e as árvores iam fazer sombra, e a plantação cresceria melhor com a sombra. Derrubava o mato no machado, na mão. Não era fácil. Aí ele fez a casa ele mesmo. Vinha de Rolândia pra cá, ficava a semana toda trabalhando. Fez primeiro um rancho na beira do rio e por fim conseguiu fazer uma casinha, até mais ou menos boa, coberta com tabuinhas. Ele fez, cobriu e aí trouxe a mudança. Quando terminou a casa, ele resolveu nos trazer. Tudo isso foi no mesmo ano, em 1937.

Então ele ajustou um caminhão para trazer a mudança e resolveu comprar uma porca para trazer. Tentou explicar para o

motorista, era duro de se explicar, mas ele falou devagar. Aí esse motorista entendeu que era para pegar a porca na fazenda e depois a mudança. Mas então, nesse meio tempo, apareceu outro caminhão que vinha aqui pegar toras e quase não cobrava para trazer a mudança, era quase de graça. Por isso o pai tratou com esse. Quando vai ver, vem aquele primeiro caminhão que ele já tinha tratado e o pai disse pra ele que já não ia mais com esse caminhão. O outro, como entendeu que a pessoa é meio sofrida, disse: “E o porco?”. O pai não entendia bem, mas como ele escutou isso algumas vezes, disse para minha mãe: “Ele tá me chamando é de porco”. E o porco já estava no caminhão. Então passaram pro outro caminhão o porco, carregaram a mudança e trouxeram. O outro nem ficou brabo, ele sabia que as pessoas não se entendiam. A mudança foi trazida, e aí já ficamos no sítio.

E tinha que derrubar o mato, então avisava que tal dia iam derrubar mato em tal lugar. Convidava, trazia umas pinguinhas para tomar de noite e por isso vinha muita gente. Assim derrubavam o mato, um dia fazia um alqueire e ficava quase derrubado. No outro dia outro, e pagava com o mesmo serviço. Uma vez derrubava na propriedade de um, outra vez na de outro. Isso saía mais em conta, porque não pagava e rendia. Uma pessoa só não fazia nada. Nosso pai às vezes demorava um dia para cortar uma árvore, um dia inteiro. Começava cedo e no escurecer a árvore caía. Aí ele vinha pra casa. Então calcule quanto trabalho. Era difícil.

Também tem a história da nossa primeira vaca... Meu pai descobriu que um dos vizinhos resolveu vender o sítio e ir para São Paulo de mudança. Ele tinha uma vaca e estava vendendo essa vaca. Então meu pai foi lá ver essa vaca. Foi lá, não demorou muito e já estava voltando. Disse que achava que não ia mais comprar a vaca, disse que ia comprar o sítio, porque o homem estava vendendo o sítio no mesmo preço da vaca. Disse que preferia comprar o sítio e não a vaca. Mas a maior parte da família foi contra, nós dobramos ele, e ele acabou comprando a vaca.

A questão da alimentação

Comida, isso era difícil. Faziam-se uns bolinhos de feijão, que os poloneses aprenderam aqui com os ucranianos. Batiam esse feijão e faziam uns bolinhos e assim a gente comia esses bolinhos de feijão como se fosse trigo. E também comia quirera de milho. Tinha aqui um tipo de moinho manual e a gente moía e fazia quirera, depois peneirava, tirava as impurezas e comia, cozinhava como se fosse arroz. Isso se chamava em polonês “kaszanka”. Então comia aquilo ali, isso era coisa muito boa e ainda se tinha alguns torresminhos, era bom. E depois começaram a criar porcos. Então, quando um vizinho tinha um porco, não matava sozinho. Se combinavam duas, três famílias e então repartiam. Compravam as partes do porco. Aí já começou a aliviar, só que pra conservar não tinha geladeira. Então tinha outro sistema de fazer. Toucinho, carne, por exemplo, a gente fritava junto com a banha, depois colocava na lata e ficava tirando devagar. A banha conservava, podia ficar muito tempo. Então fazia assim para não estragar. Eles aprendiam assim muitas coisas para poder viver. A mãe também fazia “pierogi”, e sopas polonesas, como o “barszcz”.

As dificuldades com a língua portuguesa

Tinha um livrinho que a gente recebeu lá no sindicato de Lublin que tinha informações sobre o Brasil e sobre a língua também, mas o pessoal não via muito o livrinho, pensavam que as pessoas poderiam se virar assim mesmo. A gente chegou no Brasil sem saber nada do português, então o pai ia aprendendo. A sorte é que tinha uma venda no Campinho e que nessa venda se falava em polonês. Lá se comprava a prazo, porque naquele tempo não tinha que pagar na hora, e as despesas eram poucas. Se tivesse que fazer uma compra mais importante, tinha que ir até Rolândia, certas vezes até Londrina. Arapongas tinha só umas três casas, não tinha comércio.

Depois começamos a andar na escola. Tinha uns empregados da família Szewczak (que veio da Polônia junto com o nosso grupo), que vieram de Minas Gerais. Tinha um deles que era muito

inteligente e dizia que era professor. Então ele começou a dar aulas à noite. O nome dele era Marinho. A gente pegava a lanterna, a lanterna a querosene e passávamos beirando o rio. Toda noite nós íamos nessa escola. Tinha uma turma de alunos que se reunia. Aí já começamos a aprender a falar em português algumas coisinhas e a escrever. Depois foi indo até que construíram uma escolinha aqui na vila, então tinha outro professor, que era também particular e pago. Depois pensaram na igreja também. Tinha um iugoslavo que deu o terreno. O pessoal se juntou para construir a igreja, serravam na mão a madeira, assim como na Polônia, tudo reforçado.

Em casa a gente falava em polonês todo o tempo. O pai e a mãe falavam para a gente ensinar português para eles. Mas não dava certo, sabe? Porque a gente queria falar alguma coisa e já estava respondendo em polonês. A mãe queria aprender, mas ficava difícil. A gente ia pelo mais fácil, achava estranho falar em português com o pai e com a mãe. O pai não sabia falar bem o português, mas ele fazia de conta que sabia. Ele era corajoso, falava um português bastante atravessado, mas se fazia entender. A mãe, um pouco menos talvez, mas também se virava. Enquanto o pai e a mãe viveram, a língua oficial em casa era o polonês, mas eles sempre incentivaram a gente a aprender o português.

Conclusão

Essas memórias nos remetem a um tempo tão distante e tão diferente do nosso e muitas nos surpreendem bastante, como a questão dos valores e da importância das coisas, como o exemplo da terra e da vaca. Hoje não se pensaria duas vezes em ficar com a terra, mas naquele tempo a vaca parecia tão mais importante para a vida deles.

Sempre me surpreendo também com a coragem dos meus avós em deixarem a terra natal e virem para um país desconhecido, com a língua tão diferente, os costumes, o clima... Deixar tudo para trás, a família que nunca mais encontrariam, a não ser através da comunicação por cartas, o

país natal que nunca mais tornariam a ver. Tudo em busca de uma vida melhor para eles e para os filhos pequenos. E, apesar de tantas dificuldades, as coisas foram se arrumando e dando certo, a família foi aumentando e se espalhando pelo Brasil. Alguns permaneceram no sítio, outros foram para a cidade e cada um foi seguindo o seu caminho.

Hoje Arapongas é uma cidade grande e muito bonita, e a Gleba Orle continua lá. O sítio que meu avô comprou passou para meu tio José e hoje dois de seus filhos, Domingos e Válter, vivem e trabalham ali junto de suas famílias, dando continuidade a um sonho que começou há mais de oitenta anos.

Referências bibliográficas

KAWKA, José. Entrevista realizada em Arapongas, 1994.

LEPECKI, Mieczysław Bohdan. *Parana i Polacy*. Warszawa, 1962.

MARTINS, Cláudia Regina Kawka. *A presença eslava na formação de Arapongas*. Curitiba: Vicentina, 2008.

Wiadomości o Brazylii. Nakład Syndykatu Emigracyjnego: Warszawa, 1937.

RESUMO – STRESZCZENIE

W stanie Parana, w południowej Brazylii, koncentruje się gros Polonii brazylijskiej. Grupowa emigracja do tego stanu miała początek w 1871 r., a więc półtora wieku temu. Polacy osiedlili się przeważnie w południowej i zachodniej części stanu. W latach trzydziestych ubiegłego wieku powstały w północnej Paranie kolonie Warta i Gleba Orle. Były to już ostatnie kolonie polskie założone w Brazylii, ponieważ wybuch II wojny światowej przerwał kolonizację polską w tym kraju w stylu zapoczątkowanym jeszcze w XIX wieku.

| Artigos

Na podstawie wywiadu przeprowadzonego w 1994 r., autorka artykułu, wnuczka jednego z emigrantów polskich, Stanisława Kawki, który w 1937 r. osiedlił się na kolonii Gleba Orle, przedstawia wspomnienia Józefa Kawki, syna Stanisława, z pierwszych lat życia na tej kolonii. Józef Kawka zmarł w b. roku, w wieku 92 lat. Potomkowie Stanisława Kawki, już urodzeni w Brazylii, żyją dotychczas na kolonii Gleba Orle, ale także w różnych stanach brazylijskich.

QUANDO O CORAÇÃO BATE MAIS FORTE

*Hércules Vinicius HOFFMAN E SOUZA**

O coração tende a bater mais forte por inúmeros sentimentos que vivemos todos os dias em nossas vidas, por uma pessoa que amamos, por um sentimento de gratidão do dia, por um susto, seja como for ele sempre reage às nossas sensações.

Essas sensações que mexem com a gente podem advir de nossas origens, nosso DNA, porque, quando falamos em passado, todos temos marcas e lembranças que fazem o coração bater mais forte.

Comigo não foi diferente.

Assim como muitos, tive a grande felicidade de voltar para minhas origens diretamente na Polônia, onde tudo começou com um lado da minha família.

Em final de março de 2017, juntamente com meus tios e primos, realizei minha primeira viagem internacional, uma experiência que, por si só, já é uma emoção muito grande para qualquer pessoa. Por isso, sem dúvida o coração bateu forte e acelerado na ansiedade e esperança de desbravar o continente europeu, e assim foi sendo um misto de insegurança, de felicidades e emoção, pois nada mais nada menos estaria chegando aonde sempre sonhei chegar.

Conheci outros lugares antes de chegar ao nosso destino que tínhamos eleito como principal. Foram dias frios e de baixas

* Advogado.

temperaturas, como três graus Celsius negativos, o que não é tão distante do frio que faz onde resido no Rio Grande do Sul. Entretanto isso não nos abalou, porque estávamos quentes e cheios de saudosismo de nossos antepassados.

Saber que estive próximo das origens da minha família é uma emoção que poucas pessoas podem sentir. Descobri depois que retornei da Polônia que esse lugar da minha origem é Brdów, Koniń, onde tudo começou.

Pisar firme em solo polonês foi algo bem especial, saber que adiante iria conhecer o lugar aonde morou nosso amado Karol Józef Wojtyła, que ficou mais conhecido como João Paulo II, nome que adotou quando alcançou o papado. Conhecemos o local onde ele rezava suas missas na igreja que era centralizada na parte antiga de Cracóvia, dentro do antigo castelo que era protegido aos pés por um lendário dragão. Sem dúvida, foi o momento mais emocionante de toda nossa viagem.

Lembro de minha avó materna quando era pequeno, juntamente com minha prima, ainda sem entendermos nada. Ela tentou nos ensinar algumas palavras em polonês, provavelmente algum dialeto de alguma região, para o que chegamos a ter um caderno em que escrevíamos errado, mas tentávamos da mesma forma. Lembranças que se fazem mais presentes quando vejo um quadro que está escrito “Niech będzie pochwalony Jezus Chrystus” (Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo).

Enfim, muitos momentos que mudaram minha visão sobre aquele país, aquela nação sofrida e dilacerada que tanto sofreu com tudo, que não vem ao caso mencionar.

Sem dúvida a Polônia para mim é um símbolo de força e de esperança, de se reerguer das cinzas para ser uma nação imponente e de fibra, que ganhou seu espaço na Europa e no mundo, um povo que lutou e luta todos os dias por dias melhores e de igualdade.

Obrigado, Polônia, por nos ensinar tanto, obrigado por nos mostrar que a força de um povo sofrido pode resplandecer em décadas, gerações depois, enaltecendo o amor e o carinho por esse chão. Sinto muito orgulho de ter minhas raízes plantadas aí, nessa bela terra, nessa bela Polônia!

RESUMO – STRESZCZENIE

Być w Polsce i poznać kraj, sz którego wyemigrowali przodkowie jest marzeniem niejednego Brazylijczyka polskiego pochodzenia. Autor powyższego tekstu wspominając pobyt w Polsce wyraża swoje nie tylko wspomnienia, ale równocześnie uzewnętrznia uczucia serdeczności wobec kraju, z którego wyemigrowali jego przodkowie wybierając Brazylię, jako kraj swojego osiedlenia.

HERANÇA

*Krzysztof GŁUCHOWSKI**

“... e mais uma vez faço a pergunta: grandeza, onde está o teu nome? – e encontro a resposta: a grandeza da nossa nação na época de 1863 existiu, e consistia no único governo na nossa história que, de nome desconhecido, era tão respeitado e tão ouvido que pode despertar a inveja em todos os países e em todas as nações.”

Marechal Piłsudski, na palestra “Ano 1863”, pronunciada no salão do *Colosseum* em Varsóvia, 20 de janeiro de 1924.

Lembro-me de que, quando em janeiro de 2018 era comemorado no paço municipal de Varsóvia o aniversário dos 75 anos do Levante de Varsóvia, nós olhávamos com grande respeito para os veteranos daquela trágica insurreição nacional. Os velhinhos vestindo uniformes azul-escuro eram para a geração dos nossos pais e para nós, filhos da Polônia Independente, o símbolo do amor à Pátria nas condições mais difíceis.

Quando veio um tempo mais favorável, os nossos pais novamente empreenderam a luta e conquistaram, e a seguir defenderam, a Polônia Independente.

O país renascido, destruído pela guerra, encontrava-se diante de inúmeras dificuldades. Sobretudo tinha que remover a herança da divisão em três partes durante 123 anos.

* Durante II guerra mundial lutava contra os alemães que ocupavam a Polônia. Era um dos membros que lutavam durante o Levante de Varsóvia em 1944. Após a guerra morava por algum tempo na Inglaterra e depois transferiu-se para Rio de Janeiro onde morava até a morte.

Ainda no decorrer das lutas da guerra, os quadros dos oficiais, suboficiais e soldados poloneses, procedentes dos três exércitos ocupantes, juntamente com aqueles treinados pelas organizações que lutavam pela independência, começaram a integrar-se e a remover as diferenças.

Foi introduzida a língua polonesa como a língua oficial, substituindo as línguas dos ocupantes.

Em outras áreas a situação igualmente não era fácil. Tomemos como exemplo as ferrovias. A sua rede, ampliada segundo as necessidades dos três ocupantes, no território da Polônia não constituía um sistema uniforme. Com esse começo tão difícil, torna-se simplesmente difícil de acreditar que no decorrer de alguns anos as Ferrovias Nacionais Polonesas se enquadraram entre as melhores e as mais pontuais da Europa.

A mesma coisa aconteceu com o dinheiro. No início, na área do novo Estado, circularam quatro moedas: a coroa austríaca, o marco alemão, o rublo russo e, além disso, o marco do Reino da Polônia. Após um breve período de exclusividade do marco polonês atingido pela hiperinflação, a situação foi salva pela profunda reforma financeira de Grabski, que introduziu o zlóti como moeda plenamente conversível, o que proporcionou condições para o desenvolvimento econômico da Polônia.

Por coincidência um sobrinho de minha esposa, Gustavo Henrique de Barroso Franco, veio visitar-nos no período em que estava escrevendo a sua tese de doutorado em Harvard sobre o tema “Aspectos da economia política da hiperinflação: Questões teóricas e pesquisas históricas de quatro hiperinflações europeias nos anos 1920”. Conversamos um pouco a respeito da situação da Polônia naqueles tempos. Já após ele ter escrito a tese, recebi dele uma carta na qual escrevia: “De todos os países nos anos 1920 que examinei, a Polônia é sem dúvida a mais interessante. Com aqueles em situação semelhante, como a Áustria e a Hungria, a

comparação é incomum. Ambos os países foram obrigados a subordinar-se às grandes potências e a aceitar a intervenção das Liga das Nações, que atuava da mesma forma que o Fundo Monetário Internacional atua hoje em dia em relação a países como o Brasil, a Argentina e semelhantes. A Polônia é um excelente exemplo de oposição contra esses gêneros mais sutis de dominação adotados pelas grandes potências em nome de ‘sadios princípios financeiros’. Um exemplo que poderia inspirar os argentinos e os brasileiros [...] caso o episódio fosse suficientemente conhecido!”. Alguns anos mais tarde o Gustavo chegou ao cargo de presidente do Banco Central do Brasil e foi um dos principais autores de uma reforma monetária muito bem-sucedida.

Voltando à Polônia em renascimento, um pouco mais tarde surgiu a reforma de Jędrzejewicz, organizando a situação do ensino e introduzindo um programa uniforme e muito progressista. Józef Zielicki, uma das figuras mais interessantes entre os emigrados, sempre afirmava que o sistema escolar polonês era muito melhor que o inglês. E não se tratava de uma opinião infundada, visto que ele a baseava em suas próprias experiências. Na época em que, após o encerramento das operações bélicas, o 2º Corpo se encontrava na Itália, ele foi o diretor do Ginásio e do Liceu da Base, que contava mais de dois mil alunos e que se localizava nas vilas de Alessano e Matino, no “salto da bota italiana”, e mais tarde, na Inglaterra, foi diretor em duas “public schools” de primeira categoria.

Na Polônia unificada talvez nem tudo fosse ideal, mas o balanço geral dos esforços de toda a Nação era positivo. Em tais condições estudou e desenvolveu-se a nossa geração. Alegavam-nos todas as conquistas polonesas e, levando em conta o difícil começo, elas não eram poucas. O maravilhoso porto em Gdynia, a artéria carbonífera que ligava a Silésia com o mar, o Distrito Industrial Central, a capital otimamente

administrada, a rede ferroviária eletrificada de Varsóvia, os numerosos e modernos prédios escolares, os museus, os conjuntos residenciais e administrativos, o travessia do Atlântico pelo capitão Skarżyński no avião polonês RWD 5bis, a vitória de Kusociński na pista de corrida, as medalhas de ouro conquistadas nas exposições internacionais em Paris pela locomotiva PKP Pm36 e pelo avião de bombardeio Łoś, a primeira patrulha sanitária feminina no mundo em paraquedas, os vários prêmios nas competições em balões Gordon Bennett e tantos, tantos outros.

Durante o ano, nas escolas construíamos o nosso futuro vinculando-o com o passado. Durante as férias, nos acampamentos, nas excursões, nas viagens conhecíamos o país inteiro.

Nós amávamos a nossa Pátria.

No dia 1 de setembro de 1939 atacou-nos o inimigo do oeste, dando início a assassinatos de inocentes já a partir do primeiro dia. Abandonada a si mesma pelos aliados, a Polônia defendeu-se heroicamente. No dia 17 de outubro o inimigo do leste cravou a faca nas nossas costas e juntou-se ao assassinato de inocentes. Apesar disso, os destacamentos do exército polonês continuaram a luta, infligindo pesadas perdas a ambos os inimigos. O último grande agrupamento, do general Kleberg, depôs as armas no dia 6 de outubro de 1939.

A nossa luta passou à clandestinidade. Ao mesmo tempo, fora das fronteiras da Polônia, os poloneses continuaram a luta onde fosse possível.

Dentro do nosso país surgiu o Estado Clandestino Polonês e o seu braço armado – o Exército Nacional, em cujas fileiras ingressou também a nossa geração.

Por quase dois anos o país dividido foi tiranizado pelos dois ocupantes, que tinham por objetivo a destruição da nação polonesa. Em 1941, o autor de Katyń e de outros crimes foi enxotado pelo seu sócio. Por três anos permaneceu

somente o autor de Palmiry e de Auschwitz. Torna-se simplesmente difícil de acreditar que, no tempo em que ele torturava e assassinava sem compaixão, na clandestinidade decorria com eficiência a nossa vida organizada. As fileiras do Exército Nacional, o maior exército clandestino na Europa ocupada, que em 1943 contava mais de 350 mil membros, conscienciosamente preparavam-se para o momento em que poderiam abertamente lançar mão das armas.

Em Varsóvia esse momento chegou no dia 1 de setembro de 1944. Às dezessete horas teve início a mais maravilhosa e ao mesmo tempo a mais trágica insurreição do Exército Nacional.

Do leste aproximava-se novamente, cometendo novos assassinatos, o autor de Katyń.

Muito já tem sido escrito a respeito da decisão de iniciar o Levante de Varsóvia e dos seus resultados. A discussão a esse respeito certamente se estenderá por muitas gerações.

Uma coisa é certa: o Levante ocorreu, e nenhuma discussão o apagará das páginas da história. Quando se iniciou, absolutamente todos – poloneses, alemães, russos, aliados – avaliavam que sem ajuda de fora não duraria mais que cinco dias, no máximo uma semana. Perdurou por sessenta e três dias. Por quê?

Sem dúvida a coragem e o heroísmo dos destacamentos revoltosos desempenharam um papel primordial. Não acredito, no entanto, que apenas isso seria suficiente para sustentar o Levante por um tão longo período de tempo sem uma base adequadamente organizada e atuante.

É por isso que vale a pena examinar como se apresentavam os serviços que foram indispensáveis na defesa da Varsóvia livre.

Um dos mais importantes era o serviço sanitário. Cada destacamento tinha as suas enfermeiras, moças treinadas em

primeiros socorros, que faziam companhia aos seus colegas soldados na linha de frente.

Desde o início os hospitais estiveram sob o comando de médicos, oficiais do Exército Nacional. Esses hospitais funcionaram durante todo o Levante, numa situação a cada dia mais difícil. Os cirurgiões operavam em porões em condições terríveis, à luz de pequenas lâmpadas de carboneto ou a querosene. Foram registrados casos tão sérios como a trepanação do crânio em que o paciente sobreviveu. Funcionavam igualmente farmácias para atender ao Levante.

Um outro serviço era a comunicação por rádio, que contatava o Comando do Exército Nacional e as Autoridades Civas com o Governo Polonês em Londres e os destacamentos do Exército Nacional no interior do país. Quando faltava energia elétrica, as baterias eram carregadas por voluntários que pedalavam em bicicletas especialmente adaptadas para a carga dos geradores.

Surgiu um inesperado problema de comunicação. Os transmissores utilizados pelo Exército Nacional eram projetados para a transmissão em longas distâncias, seja no interior do país seja para a Inglaterra, e não podiam ser utilizados para a comunicação entre partes distintas, mas muito próximas da mesma cidade.

A comunicação através de Londres, necessariamente cifrada e numa transmissão repetida, ocupava tempo demais. As linhas telefônicas normais não podiam ser utilizadas sem energia elétrica. Além disso, as centrais telefônicas encontravam-se em mãos dos alemães.

Ocorreu a urgente necessidade de outras vias de comunicação. A solução para isso foi a excelente rede de canais que se encontrava sob a cidade.

No começo esses canais só eram utilizados por mensageiros, mas aos poucos foram elaborados métodos que permitiam a sua utilização para o transporte de armas e de

munição, a remoção dos feridos, a penetração dos terrenos em posse dos alemães, a instalação de linhas telefônicas e, finalmente, para a eficiente e estupenda retirada de cerca de 4.500 soldados da Cidade Velha para o Centro, o que exigia controle na entrada, divisão em grupos comandados por um guia, silêncio total, paradas para a entrega de transportes de munição para os destacamentos, que deviam ocorrer por último, a marcha num trecho iluminado já perto do Centro e a rápida ajuda da parte dos postos na superfície. O trajeto principal tinha cerca de dois quilômetros, dos quais uma terça parte, no canal menor, tinha 1,5 m de altura. Graças a um eficiente controle, o percurso levava cerca de 3 horas e 20 minutos. Foram também utilizados outros caminhos através dos canais de dimensões menores, que apresentavam dificuldades maiores e levavam bem mais tempo.

A mais longa linha telefônica instalada nos canais, desta vez de menores dimensões, encontrava-se entre Żoliborz e o Centro e tinha quase 5 quilômetros.

Tragicamente, nos últimos dias do Levante os alemães começaram a lançar nos canais carboneto e granadas, e muitas pessoas que tentaram passar de Mokotów ao Centro encontraram a morte nos canais. Essa tragédia foi mostrada por Andrzej Wajda no excelente filme *Canal*.

A rede dos telefones de campo servia à comunicação local, mas, com os constantes bombardeios, exigia contínuos reparos e assistência, no que não se podia confiar plenamente.

A comunicação baseava-se principalmente nos mensageiros, na maioria moças, chamadas ordenanças.

Para diminuir um pouco a falta de armas, teve início a produção própria. Já antes do Levante existiam fábricas clandestinas das pistolas automáticas *Błyskawica* (Relâmpago) e de granadas. Durante o Levante foi construído um carro blindado, iniciou-se a produção de lança-chamas, de lança-granadas e prosseguiu a produção das pistolas *Błyskawica* e de

pelo menos três tipos de granadas com materiais explosivos fornecidos gentilmente pelo inimigo em forma de bombas e projéteis não explodidos e a seguir desmontados pelos pirotécnicos do Exército Nacional.

Da produção industrial do Exército Nacional faziam parte também a confecção de vestuário e a produção de curativos.

A movimentação pelo espaço livre era ameaçada por atiradores alemães de elite e pelo lançamento de pequenas granadas. Para diminuir as perdas, o Comando dos Sapadores organizou a construção de diversas passagens protegidas, inclusive com túneis debaixo das ruas maiores. Foi introduzida uma estrita disciplina de movimentação.

Convém recordar que Varsóvia era uma cidade de um milhão de habitantes, que de repente se transformou numa fortaleza com diversas fortificações sitiadas. Além do Comando Militar, atuavam igualmente as Autoridades Cíveis.

A população civil, que espontaneamente apoiou o Levante desde o primeiro momento, foi organizada em comunidades residenciais. Em razão da falta de funcionamento das adutoras da cidade e dos poucos poços e fontes no interior do espaço livre, o Comissariado Civil mobilizou especialistas e foi perfurada certa quantidade de poços artesianos. A água era racionada, com primazia para os hospitais. Os armazéns de alimentos surgiam sob o controle das autoridades. Foram distribuídos cartões de alimentação para a população civil. No final do Levante, a principal fonte de alimentação eram os armazéns de uma cervejaria que se encontrava na linha de frente. Foram organizadas caravanas que transportavam cevada até os pontos de distribuição. Os destacamentos do Exército Nacional geralmente tinham as suas próprias cozinhas, cujo serviço garantia que não faltasse alimentação para os combatentes.

Havia também cozinhas organizadas para alimentar os fugitivos das áreas ocupadas pelos alemães. Uma atenção especial era dedicada à sobrevivência das crianças. O leite das poucas vacas que se encontravam no território livre era reservado às crianças nascidas durante o Levante ou um pouco antes.

No início do Levante, um cartaz apelava: “Lutando com o fogo defendes Varsóvia: a luta com o fogo é uma ação de combate”. Muito esforço era despendido nessa direção. Com o tempo, com a falta de água, os incêndios estavam fora de qualquer possibilidade de controle.

Nas primeiras semanas de agosto funcionou o Correio servido pelos escoteiros mais jovens. Nesse período foram entregues mais de 50 mil cartas.

Durante o Levante existiu certa liberdade de imprensa. Era publicado um grande número de diários e de periódicos que representavam todos os partidos e opiniões e que eram distribuídos por pequenos jornaleiros, que os transportavam até as mais distantes barricadas.

Causam uma profunda impressão os documentos que se preservaram e que falam desse trabalho diário de apoio, que não cessou durante todos os bombardeios. Em toda a parte vemos a organização, a disciplina e a criatividade.

Em mais um aniversário fico pensando a respeito do que significa a memória do Estado Clandestino Polonês e do Levante de Varsóvia de 1944 para vocês, a jovem geração que vive com os seus computadores, tablets e celulares num mundo que hoje é tão diferente.

Deus permita que nunca tenhamos que lutar com armas pela independência da Pátria. No entanto, também no tempo de paz a Polônia necessita da coragem da inteligência, da disciplina e do trabalho de vocês. Construam o seu futuro nas escolas sem esquecer as experiências do passado. A

grande rede cibernética mundial também lhes poderá servir de ajuda.

Apresentem-se como objetivo que, com a ação comum na vida, podemos provar ao mundo que somos uma nação maravilhosa, não somente quando nos oprimem os inimigos.

RESUMO – STRESZCZENIE

Pełniąc posługę duszpasterską wśród Polonii w Rio de Janeiro miałem okazję poznać Krzysztofa Głuchowskiego, z którym zaprzyjaźniliśmy się. Spotkania z Nim były dla mnie ubogacające, szczególnie kiedy pamięcią powracał do swojej działalności patriotycznej podczas drugiej wojny światowej.

Przeglądając moje zbiory znalazłem tekst napisany przez Krzysztofa Głuchowskiego w języku polskim “Dziedzictwo”. Mam przekonanie, że ten tekst nie był publikowany w języku portugalskim. Warto zatem poznać mentalność patrioty, emigranta ... W zamieszczonym powyżej artykule autro wyraził całą swoją miłość do Ojczyzny.

FUNDAÇÃO JOSÉ WALENDOWSKY

*Nilton Jair PROENÇA**

A Fundação José Walendowsky, com sede em Brusque, foi instituída oficialmente no dia 10 de julho de 2013, por um grupo de pessoas formado essencialmente por descendentes de poloneses, liderados pelo Engenheiro Civil e Empresário Ivan José Walendowsky.

O objetivo principal da Fundação, previsto em seu estatuto, é preservar, fomentar, divulgar e manter junto à comunidade polonesa dos Municípios de Brusque, Guabiruba e Botuverá, a cultura, as tradições, a culinária e a língua polonesa.

O primeiro presidente da Fundação José Walendowsky foi o empresário João Paulo Loyola Walendowsky. Hoje a entidade é presidida pelo Engenheiro Civil Valdir Rubens Walendowsky.

Desde que foi instituída, a Fundação tem por responsabilidade a realização anualmente do Evento Cultural Polonês, hoje em sua décima segunda edição, que até então era organizado pela família Walendowsky. Este evento acontece todos os anos, interrompido apenas em 2020 e 2021 em função da pandemia do Coronavírus, no dia 25 de agosto ou próximo a ele. A data foi especialmente escolhida, pois, por força de Leis Municipal e Estadual, é o Dia do Imigrante Polonês em Brusque e no Estado de Santa Catarina. Neste dia 25 de agosto

* Radialista Aposentado e o atual Secretário Executivo da Fundação José Walendowsky em Brusque-SC.

de 1869, foi batizado em Brusque, pelo Padre Gattone, um menino com o nome de Stefan Sienovski, que nasceu no vapor Victória, que transportou para o Brasil e Brusque as primeiras 16 famílias de poloneses que deram início à imigração polonesa no Brasil.

Desde sua instituição, a Fundação tem realizado ainda outros eventos, sempre voltados à cultura polonesa. Em 2018, realizamos a primeira excursão à Polônia de descendentes de poloneses. Foram 29 pessoas, na grande maioria descendentes e alguns não descendentes, mas intimamente ligados às atividades da Fundação. Visitamos Varsóvia, Łódź, Wrocław, Tomaszów Mazowiecki, Auschwitz, Cracóvia e Zakopane.

Também em 2018, realizamos vários eventos preparativos às comemorações dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil. Logo após a viagem à Polônia, que aconteceu no final de março, início de abril, no mês de maio sediamos no Clube Esportivo Paysandu, a Exposição Natureza Brasileira – Olhares e Inspirações, com obras de artistas de descendência polonesa. Em agosto, no Centro Universitário Unifebe, promovemos em conjunto com a Universidade uma palestra sobre a vida de Sebastião Wos Saporski, considerado o pai da imigração polonesa no Brasil. Em outubro, tendo como sede a Casa de Brusque, realizamos uma exposição fotográfica sobre a vida e obra de Saporski. Em todos estes eventos, contamos com a parceria do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, da Casa da Cultura Polônia Brasil e da Braspol.

Em 2019, a Fundação focou suas atenções para as comemorações dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil. Nos dias 23, 24 e 25 de agosto, realizamos o Décimo Segundo Evento Cultural Polonês, com a promoção de lançamentos de livros, festival de folclore, inauguração do marco da Praça Imigrantes da Polônia e shows musicais.

No dia 23 de agosto, na Casa de Brusque, foi lançado o livro “Uma Geografia para os Polacos”, de autoria da escritora e historiadora Maria da Glória Ramos Krieger. Dia 24 de agosto, inauguramos o marco da futura Praça Imigrantes da Polônia. Este marco é composto por duas esculturas em granito cinza, ambas de autoria do Escultor David Rodrigues. A primeira delas, denominada “O Semeador”, esculpida em alto-relevo, foi inspirada na original que está localizada em Curitiba na Praça Eufrásio Correia, de autoria do escultor polonês Jan Zak, também conhecido como João Zaco Paraná. A segunda escultura foi denominada como “O Batismo”, simbolizando o batismo de Stefan Sienowski. Neste mesmo dia realizamos um show com a banda Wolosatki, integrada por jovens universitários da Universidade Politécnica de Kielce, Polônia, em parceria com a congregação dos padres da Sociedade de Cristo.

No dia 25 de agosto, na Sociedade Santos Dumont, promovemos o lançamento do selo comemorativo aos 150 anos da imigração polonesa no Brasil, prestamos homenagens a alguns descendentes das famílias que aportaram no Brasil em 1869, realizamos um festival gastronômico polonês e reunimos no palco o Grupo Wolosatki e os Grupos Folclóricos Orzeł Bialy, da Linha Batista, em Criciúma, Wawel, da Colônia Murici, São José dos Pinhais e Junak e Wisła, ambos de Curitiba. Também tivemos a apresentação da Banda Die Lustigen Muzikanten, que, apesar do nome alemão, faz uma apresentação com músicas exclusivamente do folclore polonês.

Neste ano de 2021, apesar de algumas restrições em função da Covid-19, promovemos o lançamento do livro “O Voo da Águia – 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil”, de autoria da Professora Rosemari Glatz, reitora do Centro Universitário Unifebe em Brusque. O lançamento ocorreu no dia 25 de agosto no Clube Esportivo Paysandu.

Mais recentemente, no dia 6 de novembro, recebemos em Brusque o Projeto “Laços Brasil Polônia”, da Orquestra Sinfonia Brasil, com a Direção Artística do Maestro Norton Morozowicz. O Projeto foi desenvolvido para as comemorações dos 152 anos da imigração polonesa no Brasil. Participou como solista do Projeto o maestro e pianista polonês Rafael Luszczewski, que veio especialmente da Polônia para executar as obras de Frederic Chopin.

Agora a Fundação está focada na obtenção de recursos para a construção da Praça Imigrantes da Polônia, em um terreno com mais de 8 mil metros quadrados que a Prefeitura Municipal de Brusque cedeu à entidade no Bairro Jardim Maluche. O Projeto Arquitetônico já está pronto. A equipe da Secretaria de Infraestrutura Estratégica do Município está agora elaborando os projetos executivos da obra. O Projeto Arquitetônico da Praça foi elaborado com base em um amplo estudo realizado pelos arquitetos da Secretaria sobre a cultura, as tradições e a arquitetura polonesa. Será um espaço comunitário dedicado aos pioneiros que aqui semearam a língua, as tradições e a cultura dos poloneses, como forma de um agradecimento coletivo pela forte contribuição que tiveram para com o desenvolvimento de Brusque, de Santa Catarina e do Brasil.

RESUMO – STRESZCZENIE

W 2013 roku w Brusque, w stanie Santa Catarina, powstała Fundacja Walendowsky. Celem tej organizacji jest upamiętnienie przybycia pierwszej grupy Polaków z Siołkowic koło Opola w 1869 r. właśnie do dzisiejszego Brusque. Każdego roku organizowane są wydarzenia upamiętniające obecność polską w tamtym regionie Santa Catarina - południowego stanu Brazylii.

**TOMÁS LYCHOWSKI – POETA, PINTOR,
PROMOTOR
DA CULTURA POLONESA NO BRASIL ***

Atualmente o poeta se torna cada vez mais um missionário da esperança. Trazer a esperança é uma obrigação do poeta – disse à Rádio Polonesa para o Exterior Tomás Lychowski, polonês e brasileiro, poeta, tradutor, pintor e líder polônico com uma extraordinária biografia.

Desde 1949 o artista reside no Rio de Janeiro, onde desenvolveu as suas paixões de vida – a pintura e a poesia. Pinta principalmente paisagens ensolaradas, coloridas, muito brasileiras. Seus quadros foram também expostos na Polônia.

Publicou alguns volumes de poesia em português, inglês e polonês. Em 2010 foi publicado em Varsóvia um volume autobiográfico em prosa de sua autoria intitulado *O meu caminho à Lua*.

Tomás Lychowski também traduziu poemas de: Julia Hartwig, Ryszard Krynicki e Ewa Lipska para uma publicação da Academia Brasileira de Letras. Para a revista *Polonicus* traduziu poemas selecionados de Karol Wojtyła.

O poeta contribuiu para que os brasileiros se interessassem pela cultura polonesa, o que foi reconhecido pela União dos Escritores Poloneses no Exterior. O artista, que diz a seu respeito que sempre lhe faz companhia a multietnicidade e o multilinguismo, juntamente com o Professor Henryk Siewierski e o Padre Zdzislaw Malczewski recebeu em 2016 o prestigiado Prêmio Literário da União dos Escritores Poloneses no Exterior.

* www.polskieradio.pl (acesso aos 19 de maio de 2021).

| Artigos

Tomás Lychowski nos informou que graças ao apoio do Consulado Geral da Polônia em Curitiba conseguiu publicar ultimamente dois livros: *Post Scriptum*, uma coleção de ensaios, e o volume de poesias *Brama*.

Para Tomás Lychowski, a poesia constitui um importante meio de expressão artística, sendo também uma forma de descrever o mundo e de reagir aos acontecimentos que dificilmente podem ser explicados de outra forma. Principalmente agora, durante a pandemia, a poesia deve expressar um sentimento importante – a esperança – acredita o poeta. A poesia expressa a esperança, mas é também uma forma peculiar de lembrar quão valerosa moeda é o tempo.

As reflexões a respeito da arte de produzir no difícil tempo da pandemia foram feitas a pedido de Maria Wieczorkiewicz.

RESUMO – STRESZCZENIE

Polskie Radio nadało w bieżącym roku - w jednym ze swoich programów - wspomnienie o Tomaszu Lychowskim, poecie, malarzu, działaczu polonijnym w Rio de Janeiro. Bogata biografia naszego rodaka jest fascynująca.

**IGNACY FELCZAK:
A EXTRAORDINÁRIA VIDA DE UM “ANCESTRAL”
EM PROL DO BRASIL**

*André Luiz de SOUZA DIAS**

Como oficial do Exército Brasileiro, é uma grande honra para mim escrever breves palavras sobre a vida e a experiência de um dos cidadãos mais extraordinários que tive a chance de conhecer: o Tenente-Coronel Engenheiro Ignacy Felczak. Em primeiro lugar, algumas considerações a respeito da escolha. Esse homem não é boliviano, nem brasileiro, mas de origem polonesa. Além disso, não é um ancestral meu. Entretanto, poderia ser, seja pelos laços de camaradagem, admiração e respeito, seja pela relação de amizade sincera que se desenvolve e se fortalece a cada ano.

O contexto em que a marcante trajetória de Ignacy se insere é a Segunda Guerra Mundial e a sua posterior vida e trabalho no Brasil. Marco oficial do início deste grande conflito, a invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939 não só dividiu a nação polonesa entre germânicos e soviéticos, mas também teve como consequência toda uma sociedade presa e oprimida. Nesse sentido, é possível confirmar que a Polônia e o seu povo têm sido, durante séculos, um exemplo de resiliência, coragem e amor à pátria.

Desde a sua fundação no século X, precisamente no ano 966, guerras, invasões e levantes forjaram o espírito inabalável do cidadão polonês e seu sentido incondicional de nacionalidade. Ignacy sintetiza essas virtudes de uma forma

* Cel Inf QEMA.

muito perceptível. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, não seria difícil supor que os poloneses não voltassem a reagir em nome da liberdade. Nesse contexto, clandestinamente o esforço se fez por meio da criação do Exército Secreto Polonês na França e do *Armia Krajowa* (Exército Nacional) dentro das fronteiras ocupadas da Polônia.

Numa Polônia invadida por forças inimigas, o jovem Ignacy lutou com resignação e bravura como voluntário no Exército Nacional, precisamente na Oitava Divisão, como integrante do Décimo Terceiro Regimento da Floresta Kampinos, próximo a Varsóvia. O grupo clandestino era formado por soldados que não foram capturados e permaneceram no país. Além disso, receberam reforços de civis, homens, mulheres e até crianças, tendo sido responsáveis pelo Levante de Varsóvia entre 1 de agosto e 5 de setembro de 1944, cujo resultado foi a destruição da cidade e a morte de 168.000 pessoas.

Não há dúvida de que a história da Polônia na Segunda Guerra Mundial foi escrita com suor, coragem e sangue, consubstanciados em uma série de eventos gloriosos. No entanto, a Conferência de Yalta entregou a Polónia à influência soviética. No final do conflito, cerca de 20% do território original foi perdido. Essa redução de 77.500 km² causou, entre outras coisas, um fluxo migratório considerável de poloneses das áreas subtraídas para diferentes partes do mundo.

Nesse sentido, o Brasil foi privilegiado como um dos destinos escolhidos, o que garantiu a continuidade e a consolidação de um processo migratório iniciado no século XIX. Como reflexo, hoje o País se regozija por possuir quase 2 milhões de descendentes de poloneses totalmente integrados à sociedade e representando a terceira maior população com essa ascendência em todo o planeta. Foi assim que o jovem herói polonês Ignacy Felczak chegou ao Brasil.

A política genocida desumanamente imposta aos judeus e outras raças, cujo resultado foi o Holocausto, envergonha a humanidade e jamais será esquecida. A Polônia, que ao longo de sua história renasceu repetidas vezes como nação, hoje floresce e prospera a um ritmo acelerado, com um desenvolvimento vigoroso e uma sociedade que valoriza a cooperação internacional e a convivência harmoniosa entre os povos. Seus exemplos de determinação e resiliência são atemporais, despertando admiração mundial, ao mesmo tempo que representam ensinamentos valiosos e servem como um alerta para toda a sociedade.

Desde 1987, Ignacy Felczak foi o Presidente da representação da Federação Mundial dos Ex-Combatentes Poloneses no País, a denominada Associação dos Ex-Combatentes Poloneses no Brasil (*SPK - Stowarzyszenie Polskich Kombatantów – Brasil*). Esta importante Associação encerrou suas atividades em 2020, cumprindo as normas de seu Estatuto, pois atualmente só existe um ex-combatente polonês vivo no Brasil, justamente o Sr. Tenente-Coronel Ignacy.

Por mais de 30 anos, os feitos heroicos dos soldados poloneses foram exaltados e divulgados em um belo evento anual organizado por Ignacy e pela Embaixada da Polônia no Brasil, no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no tradicional bairro do Flamengo, na Cidade do Rio de Janeiro – Brasil. Nessas ocasiões, ao serem reverenciados os feitos dos ex-combatentes poloneses, e igualmente dos militares brasileiros de origem polonesa que integraram a Força Expedicionária Brasileira, eram fortalecidos os laços de amizade entre o Brasil e a Polônia, o que representa um grande exemplo de fraternidade universal para a sociedade e em especial à juventude brasileira.

Por tudo isso e muito mais, o conceituado Tenente-Coronel Ignacy Felczak merece todo tipo de homenagem.

Jovem combatente polonês nas batalhas de libertação da Segunda Guerra Mundial, imigrante em terras brasileiras, destacado presidente da SPK Brasil, dedicado e muito querido marido, pai e avô, este é o nosso herói! Tenente-Coronel Ignacy Felczak, ao Senhor apresento minha mais vibrante e respeitosa continência. Vida longa, meu amigo!

RESUMO – STRESZCZENIE

Brazylijski wojskowy, który podczas obchodów Dnia Żołnierza Polskiego w Rio de Janeiro poznał Ignacego Felczaka byłego członka Armii Krajowej. Powyższy artykuł wyraża więzy przyjaźni polsko-brazylijskiej, które najbardziej się uzewnętrzniały podczas uroczystości organizowanych przez Stowarzyszenie Polskich Kombatantów (SPK) przy pomniku usytuowanym w Rio dla uczczenia poległych żołnierzy sił zbrojnych Brazylii, którzy walczyli podczas II wojny światowej we Włoszech. Autor wyrażając swoją przyjaźń do wieloletniego prezesa SPK (1987-2020) ukazuje równocześnie szkic historii Polski.

SESQUICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO
POLONESA
NO PARANÁ

*Tomasz ŁYCHOWSKI**

Cento e cinquenta são
Dez vezes quinze?
Seis vezes vinte e cinco?
Três vezes cinquenta?

Ou, talvez
Aquelas trilhas na mata
O suor escorrendo pelas costas
O ansiado fim do dia
O lar improvisado
Tão lar

A partilha do pão
Dia após dia
Semana após semana!
Mês após mês
Ano após ano

E, então
O madeirame protetor
O telhado
A fumaça subindo

* Líder da sociedade polônica no Rio de Janeiro, pintor, poeta, escritor, membro do Conselho Consultivo de *Polonicus*.

| Poemas

Mesa, cadeira
A família ao redor

Tempo de futuro chegando
Filho na escola
Agricultor, artesão, doutor
Nora, genro, neto, bisneto

Na verdade
São seis gerações
De vinte cinco em vinte cinco
Para chegar aos cento e cinquenta

Com desafios sem conta

Com amor

150-LECIE EMIGRACJI POLSKIEJ DO PARANY

Tomasz ŁYCHOWSKI

*Sto pięćdziesiąt
to dziesięć razy piętnaście?
sześć razy dwadzieścia pięć?
trzy razy pięćdziesiąt?*

*A może raczej
ścieżka wyrąbana w puszczy
pot spływający po plecach
wymarzony koniec dnia*

| Poemas

*doraźna strzecha
ostoja*

*Dzielenie się chlebem
dzień po dniu
tydzień po tygodniu
miesiąc po miesiącu
rok w rok*

*I wreszcie
ściany z drewna
dach, piec
garnki z ciepłą strawą
stół, krzesła
przy stole rodzina*

*Przyszłość nadeszła
syn w szkole
rolnik, rzemieślnik, doktor
synowa, zięć, wnuk
prawnuke*

*Tak naprawdę
pokoleń jest sześć
co dwadzieścia pięć lat
do stu pięćdziesięciu*

Wyzwań ogrom

Miłości

PARA ALÉM DO HORIZONTE
para Fryderyk Chopin e August Zamoyski

Tomasz ŁYCHOWSKI

A caminhada foi longa
começou em Żelazowa Wola
passou por Paris
terminou no Rio de Janeiro
na Praia Vermelha
à sombra do Pão de Açúcar
na Pista Cláudio Coutinho
no coração dos Cariocas

O amigo das artes
também veio de longe
atravessou guerras, continentes
se encantou com esta Terra
para matar as saudades
esculpiu a nostalgia

Agora, juntos, irmanados
lançam um olhar pensativo
para além do mar
para além do horizonte
para a Polônia amada

Rio, 19/10/2021

POZA HORYZONT

Fryderykowi Chopinowi i Augustowi Zamoyskiemu

*Długo trwała jego wędrówka
z Żelazowej Woli
przez Paryż
do Rio de Janeiro
na plac Praia Vermelha
w cieniu Głowy Cukru
na ścieżce Claudio Coutinho
w sercu Cariocas*

*Przyjaciół sztuk pięknych
też przybył z daleka
przemierzył wojny, kontynenty
oczarowany Brazylią
z nostalgii wyrzeźbił tęsknotę*

*Teraz, tak sobie bliscy
zadumani patrzą w zamorską dal
poza horyzont
na Polskę
ich ukochaną ojczyznę*

Rio, 19 październik 2021 r.

GLATZ, Rosemari. *O voo da águia – 150 anos da imigração polonesa no Brasil*. Brusque: Ed. UNIFEBE, 2021, pp. 320

*Cláudia Regina Kawka MARTINS**

A obra de Rosemari Glatz, escritora, pesquisadora, funcionária pública federal aposentada, professora universitária e reitora do Centro Universitário de Brusque – (SC), foi originalmente pensada pela autora para ser publicada em comemoração aos 150 anos da imigração polonesa no Brasil, em 2019, que começou por Brusque. Porém ela foi tomando uma dimensão muito maior e acabou sendo publicada neste ano, 2021, e assim acabou incluindo o próprio relato sobre os festejos realizados em Brusque, em 2019, em homenagem aos 150 anos da imigração polonesa no Brasil.

O livro divide-se em quatro partes e inicia-se com uma apresentação da obra e de como foi feita a pesquisa (Concepção). Em seguida apresenta-se um histórico sobre a Polônia e a imigração polonesa para Brusque e outras regiões do Estado de Santa Catarina (História). A terceira parte trata mais precisamente da colonização polonesa em Santa Catarina, em outras cidades que receberam os imigrantes poloneses, além de Brusque, tais como Blumenau, Canoinhas, Criciúma, Indaial, Itaiópolis, Mafra, Massaranduba e São Bento do Sul (Legados). A autora finaliza a obra com as suas concepções e experiências pessoais a partir das suas viagens à Polônia (Relatos e Retratos).

* Historiadora e professora de História.

A obra é permeada por informações riquíssimas, fruto de uma ampla e bem feita pesquisa tanto no Brasil quanto na Polônia. Na parte sobre a História da Polônia, destaca-se uma linha do tempo muito didática e interessante, que vai desde o ano 500, quando da instalação das primeiras tribos eslavas na região onde hoje é a Polônia, até o ano de 2004, com a entrada da Polônia na União Europeia, perpassando pelas diversas etapas da História do país, como as diversas invasões, a perda da independência, o desaparecimento do país do mapa europeu, as guerras mundiais e também com destaque a figuras históricas importantes, tais como Copérnico, Chopin, Marie Curie e Lech Wałęsa. Em seguida, a autora fala da vinda dos primeiros poloneses para o Brasil, inicialmente para a região de Brusque e então traz uma análise histórica do povoamento de Santa Catarina, da chegada dos primeiros imigrantes no século XIX e a transmigração para Curitiba, com destaque para a importância de Sebastião Edmundo Woś Saporski nesse processo. Depois ela trata da segunda onda imigratória a Brusque, entre 1889 e 1896, quando da chegada dos “tecelões poloneses” e do importante papel desses imigrantes no processo de transformação da cidade em polo industrial têxtil, uma vez que grande parte desses imigrantes não era formada por agricultores, mas sim de operários vindos de centros têxteis da Polônia, os chamados “tecelões de Łódź”, conhecedores do ofício da tecelagem. Esses imigrantes tecelões abriram as portas para uma importante mudança na história da cidade e na configuração do que hoje Brusque significa na economia do Estado. Ainda nessa parte da obra, há uma análise muito interessante sobre a arte cemiterial, com os cemitérios sendo vistos como fonte histórica e com importância para a preservação de uma memória familiar e coletiva, tanto cemitérios visitados na Polônia como também em Santa Catarina.

A parte intitulada “Legados” divide-se em Colonização polaca em Santa Catarina e Festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil. No item sobre a colonização a autora apresenta elementos e manifestações que destacam o rico legado cultural deixado pelos imigrantes, tais como na culinária, na religiosidade, na arquitetura, nos grupos folclóricos, as dificuldades iniciais e a política nacionalista do presidente Getúlio Vargas e seus efeitos sobre a educação e a cultura polonesas. A parte sobre os festejos de 2019 é bastante interessante e inclui uma síntese da programação que foi feita em agosto daquele ano, em Brusque: a abertura, com o lançamento da Mostra Fotográfica “Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil” e as demais festividades, tais como o lançamento de livros, inauguração da Praça Imigrantes da Polônia e descerramento dos marcos dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil, a procissão memorial, que finalizou com o depósito, no Cemitério Parque da Saudade, de uma coroa de flores aos pioneiros e seus descendentes já falecidos, a apresentação de vários grupos folclóricos, o show internacional da Banda Wolosatki e o ponto alto dos festejos que se iniciou com uma Missa de Ação de Graças, seguido do lançamento do Selo comemorativo dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil e da apresentação do espetáculo “Teares que Cantam e Encantam”, pelo Coro do Centro Universitário de Brusque.

A parte final do livro, com as impressões da autora sobre a Polônia, inclui a visita para os locais de onde emigraram seus antepassados, como Pomerânia e Luboszyce, a terra natal do Papa João Paulo II, Wadowice, o Santuário Centro João Paulo II, em Cracóvia, a mina de sal de Wieliczka, as tradições da Páscoa e do Natal na Polônia, as impressões sobre a visita a Auschwitz, além de dicas para quem for também conhecer a Polônia.

| Resenhas

Além da riqueza da parte escrita da obra, fruto de intensa pesquisa, que a faz sem dúvida importante para a compreensão da história da Polônia e da imigração dos poloneses para a região de Santa Catarina, o que impressiona muito o leitor e torna a obra um verdadeiro deleite é a beleza da apresentação do livro, ricamente ilustrado com fotografias da Polônia, de Brusque e de muitas outras regiões de Santa Catarina, diversos mapas históricos e atuais e inúmeras gravuras. É um livro que impressiona pelo cuidado e carinho na sua concepção, apresentação e finalização. Sem dúvida, a obra registra os 150 anos da imigração polonesa ao Brasil de forma muito primorosa e merece estar no rol das leituras que acabam se tornando imprescindíveis para o entendimento da nossa História.

MARIN, Iraci José. *Histórias de ontem*. Caxias do Sul-RS: Editora São Miguel, 2021, pp. 96

Mariano KAWKA*

A fábula é um gênero literário cuja característica principal é a narração alegórica, fantasiosa, sem compromisso com a realidade, mas permeada por recursos lúdicos e pedagógicos, geralmente com a participação de animais.

Entre os fabulistas brasileiros podemos citar, por exemplo, Monteiro Lobato (*Fábulas*) e Luís da Câmara Cascudo (*Lendas brasileiras*).

Em outras épocas e em outros países, foram fabulistas famosos o grego Esopo, o romano Fedro, o francês Jean de La Fontaine. Na literatura polonesa temos: Mikołaj Rej, Aleksander Fredro e outros.

Percebe-se, então, que esse gênero literário, a narrativa de histórias, contos ou fábulas, vem de muito longe (Esopo viveu nos séculos VII-VI a.C.), o que demonstra que a sua popularidade é imorredoura.

O gaúcho Iraci Marin também comprova isso com o seu mais recente livro, *Histórias de ontem*. De origem italiana, mas com interesse focado também na presença de outras etnias em seu estado, especialmente na polonesa, em razão de laços familiares, é autor de diversos livros, inclusive sobre a Polônia e os poloneses, por exemplo: *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano* (2014) ou *A Polônia e os poloneses* (2019).

* Articulista, professor e tradutor.

Em *Histórias de ontem* o autor nos apresenta 13 narrativas que denomina “histórias”, mas que especificamente poderiam ser também chamadas contos, lendas ou fábulas. Entre as histórias apresentadas, algumas são do imaginário pessoal do autor, outras foram inspiradas em lendas indígenas brasileiras, bem como em lendas alemãs, italianas e polonesas (o conto *O monstro de asas* é inspirado na lenda do Dragão de Wawel, do lendário polonês). Algumas delas são recriações de narrativas da tradição oral.

O livro apresenta ilustrações do especialista em Artes Visuais, também gaúcho, Vinicius Ornelas de Ávila.

Uma outra marca original de *Histórias de ontem* é que elas também foram publicadas em versões que apresentam a tradução paralela dos textos em alemão (tradução de Jussara Maria Habel), italiano (tradução de Juvenal Dal Castel) e polonês (tradução de Olga Klein Willers). A tradutora para o polonês é uma ucraniana, formada em bioquímica, comércio exterior e administração pública, que fez estudos de especialização na Polônia, em Cracóvia. Entre fevereiro de 2019 e setembro de 2020 morou em Caxias do Sul-RS. Retornou para Cracóvia, onde mora com seu marido brasileiro e trabalha numa empresa multinacional.

As narrativas apresentadas por Marin se direcionam preferencialmente ao público infantil e juvenil, mas podem ser também apreciadas por leitores adultos, especialmente pelos aficionados do gênero literário utilizado pelo autor. As versões em outras línguas se reportam à presença dos diversos grupos étnicos que moldaram a população sul-rio-grandense, à sua miscigenação e à sua harmoniosa convivência.

REINAUGURAÇÃO DO “MARCO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO POLONESA” EM CRUZ MACHADO - PR

Texto elaborado por Schirlei Mari FREDER, com colaborações de Denise Joly Barczak, Juliane Muller, Padre Zdzislaw Malczewski, Padre Anderson Spejorin

Em 22 de agosto de 2021, a Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec*, em conjunto com apoiadores e lideranças locais, reinaugurou o Marco Histórico da Imigração Polonesa em Cruz Machado, bem como inaugurou a reforma do Cruzeiro do Cemitério do Rio do Banho, esses importantes monumentos que são símbolo do patrimônio cultural polonês do município. Este momento solene de reinauguração também marcou a celebração dos 110 anos da imigração polonesa em Cruz Machado, bem como os 150 anos da imigração polonesa no Paraná.

* A Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemec – APBPDN, fundada em 2018, é uma entidade com personalidade jurídica de direito privado, sem fins econômicos, de caráter cultural, educacional, social e esportivo, sediada em Santana, Cruz Machado - PR. Entre seus objetivos está a manter e fomentar a pesquisa, a promoção e o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Polônia, desenvolvendo parcerias ou convênios com entidades públicas ou privadas para a consecução dos seus objetivos; Cooperar e promover o resgate, a conservação e divulgação do patrimônio cultural, histórico, artístico, tradições e dos costumes poloneses; Realizar e promover eventos em consonância com os objetivos gerais da Associação.

Dentre os objetivos da Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec, fundada em 2018, estão a manutenção e preservação do patrimônio cultural material e imaterial, vinculados à cultura polonesa no município de Cruz Machado/PR. A partir desse direcionamento foi identificada a necessidade de reforma desse importante monumento histórico, pois desde a fundação em 1986 foram feitas apenas manutenções pontuais, que ocorreram ao longo dos anos, por famílias voluntárias que residem próximo ao marco histórico. A partir da identificação da necessidade de uma reforma e



também sonhando com uma revitalização, foi solicitado apoio junto ao Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba. Com a aprovação da verba para o ano de 2021, foi mobilizada a comunidade local, que voluntariamente colaborou para que o projeto acontecesse.

1986 - Inauguração do Marco Histórico da Imigração Polonesa

O Marco Histórico, idealizado e inaugurado pelo Padre Daniel Niemiec no ano de 1986, é um importante monumento que marcou os 75 anos da imigração polonesa no município. Com o objetivo de termos o resgate histórico das fotos da inauguração, várias pessoas cederam as fotos com esses registros. Por isso agradecemos a colaboração da: Paróquia Santana Matriz e também das famílias de: Leao Szymanek,

Edvino Szymanek, Arlete Milczuk Levandoski e Tereza Luczynski Savicki.

Os dizeres da placa inaugural não deixam dúvida da importância desse espaço patrimonial em memória aos primeiros imigrantes em Cruz Machado:

“75 anos da imigração polonesa - 1911-1986 - “A morte foi absorvida na vitória. Morte onde está tua vitória?” (I Cor 15,55). Em memória do martírio dos poloneses primeiros colonos desta terra. A gratidão dos descendentes.”



A reforma e revitalização

O Arquiteto Edmundo Litka nos explica sobre a inspiração do projeto de revitalização:

Partido e conceito: “Quando então convidado para a reforma do monumento, parti do

princípio em remeter os conceitos da cultura, onde traços foram adotados da arquitetura polonesa. Como a simetria já estava definida, foram usados complementos em torno do símbolo máximo do monumento que é a CRUZ, revitalizando-a e a iluminando. Para memória dos nossos antepassados imigrantes, implementou-se um painel, onde foram colocadas as bandeiras do país “maternal” e do país que os adotou. Pensando neste fator, foram também usados lambrequins, que são adornos tipicamente usados e trazidos pelos imigrantes, bem como as cores da pátria outrora deixada”.

A obra de revitalização

A obra foi executada por Lucio Daiko, no período de 28 de abril a 17 de junho de 2021.

Texto que consta no painel do novo marco histórico:

REINAUGURAÇÃO DO MARCO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO POLONESA EM CRUZ MACHADO

Representado por uma cruz que demonstra toda a fé do povo polonês, este marco da imigração polonesa foi idealizado pelo Padre Daniel Niemiec no ano de 1986, em comemoração aos 75 anos da imigração polonesa em nosso município e para homenagear o local que recebeu os primeiros imigrantes poloneses. Com bravura, os poloneses demonstraram força, fé e perseverança, enfrentaram a falta de estrutura, doenças e dificuldades, mas venceram, com a benção de Deus! Nossa eterna homenagem aos nossos bravos ancestrais que muito nos orgulham.

Cruz Machado, 22 de agosto de 2021.

Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec

Presidente Denise Joly Barczak

Gestão 2018-2022

Arquiteto Edmundo Litka

Apoio: Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba

O Cruzeiro do Cemitério do Rio do Banho

A Cruz do Cemitério do Rio do Banho também é um importante marco histórico, tendo em vista que é o primeiro cemitério do município, por isso foi feita a reforma e inauguração de nova placa com o objetivo de manter e cuidar desse importante patrimônio histórico para o município.

Agradecendo aos voluntários e apoiadores

Cabe destacar que todo o trabalho para que esse resgate do patrimônio cultural acontecesse só foi possível graças aos vários voluntários que apoiaram as diferentes etapas da obra. Desse modo apresentamos a equipe que trabalhou na reforma

e revitalização do Marco Histórico da Imigração Polonesa e também na reforma do Cruzeiro do Cemitério do Rio do Banho:

Coordenação Geral: Denise Joly Barczak

Coordenador da liturgia da Celebração de Ação de Graças da reinauguração: Padre Antonio Kolodziejski

Projeto e execução: Arquiteto Edmundo Litka

Pedreiro: Lucio Daiko

Madeiramento: Adir Rocco

Placa em granito: Arnildo Demuth

Tradução em polonês: Irmã Małgorzata Maria Brodowiak, MChR

Revisão da tradução em polonês: Profa. Dra. Karolina Bielenin-Lenczowska

Arte e diagramação do painel e e-book: Tiago Freder Zamboni Freitas

Pesquisa e texto do painel: Edmundo Litka, Schirlei Mari Freder

Pesquisa e texto do e-book: Schirlei Mari Freder, com colaborações de Denise Joly Barczak, Juliane Muller, Padre Zdzislaw Malczewski, Padre Anderson Spejorin

Voluntários que colaboraram em várias frentes diferentes:

Elizangela Zakszeski, Eduardo Litka, Natalia Scheffer, Vinicius Barczak, Felipe Gaias, Lincon Milczuk, Bruno Zavadzki, Geovane Marques, Claudia Dziurza, Gislaine Ferreira de Almeida, Sonia da Silva, Elvira de Lima, Arlete M. Levandoski e Geraldo Levandoski, Claudio Zavadzski, Silvano Tracz, Ana Joana Zimolong, Maria Juscelia Muller.

O projeto de revitalização é uma realização da Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec e foi viabilizada por meio de recursos próprios, bem como de verba recebida do

Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba e de empresas parceiras.

Mais informações e colaborações pelo e-mail associacaoapbpdn@gmail.com, bem como por mensagem na página do Facebook: Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka tekstu opisuje historię powstania znaku polskiej obecności w Cruz Machado. Idealizatorem powstania tego znaku był ks. Daniel Niemiec SChr ptagnący upamiętnić 75-rocznicę przybycia polskich osadników do dzisiejszego municypium Cruz Machado.

W obecnym roku z okazji 150 lecia obecności polskiej w Paranie (110 lat w Santana kolo Cruz Machado) historyczny znak został odnowiony i odbyła się uroczystość jego reinaugurację.

09 de setembro:

O arqueólogo e historiador Fabricio Vicoski conta da sua tese de doutorado junto ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Wrocław, sobre a redução jesuítica de Santa Teresa del Curiti. Mais informações no site: <https://bit.ly/3gWxD4c>

Sapiência BR – Polônia é uma parceria entre LABI UFSCar e a Embaixada do Brasil em Varsóvia. A série apresenta o trabalho e a trajetória de brasileiras e brasileiros que desempenham atividades de CT&I na Polônia, com foco no estabelecimento de pontes entre os dois países.

10 de setembro:

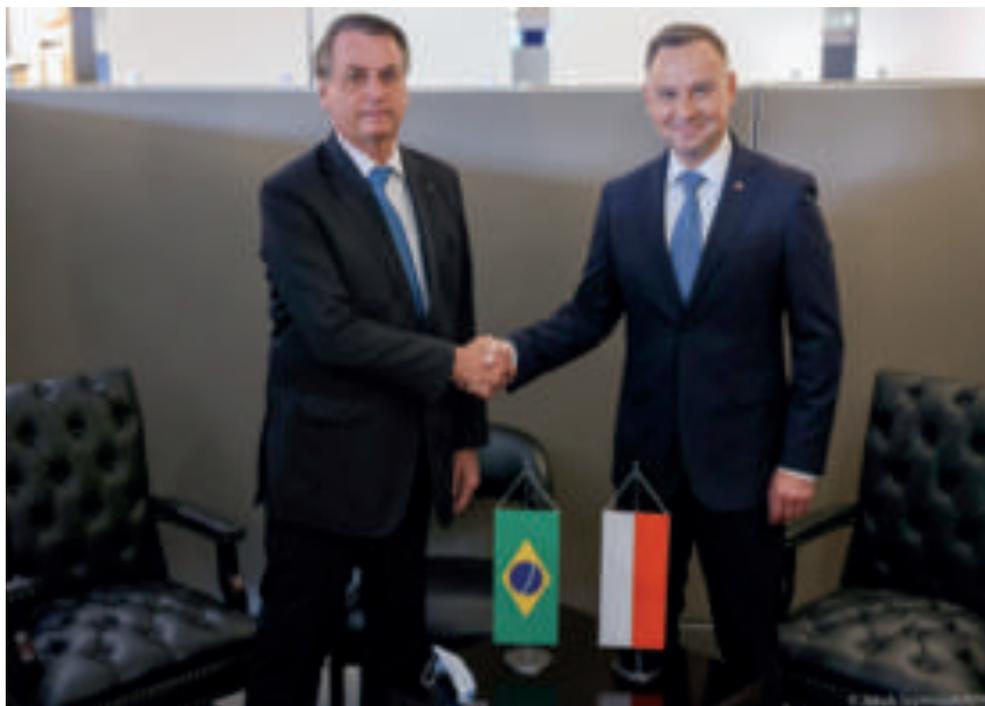
O Embaixador Hadil da Rocha Vianna recebeu, na chancelaria da Embaixada do Brasil em Varsóvia, a visita do Diretor do Liceu Rui Barbosa, de professores e dos alunos que mais se destacaram no aprendizado da língua portuguesa. O Embaixador conversou sobre as relações do Brasil com a Polônia e respondeu a várias perguntas dos alunos. A visita também serviu para que a Embaixada reiterasse sua disposição para preservar a tradicional cooperação que mantém com o Liceu.

17 de setembro:

O Embaixador Hadil da Rocha Vianna compareceu à cerimônia de inauguração do Consulado Honorário do Brasil na cidade de Wrocław, capital da província polonesa da Baixa Silésia, com jurisdição também sobre as regiões de Opole e Lubúsquia. O novo cônsul honorário é o Sr. Radoslaw Tadajewski. Ao evento, que contou com a presença de autoridades locais e regionais, compareceu o governador da Baixa Silésia (marszałek Województwa Dolnośląskiego), Cezary Przybylski.

18 de setembro: O Embaixador Hadil da Rocha Vianna, a convite da prefeitura da cidade de Wałbrzych, na Baixa Silésia, participou de cerimônia de inauguração de rua e de estátua em homenagem a Ayrton Senna. O evento reuniu políticos, empresários e aficionados do automobilismo, locais e regionais. Estátuas de bronze em tamanho real de Ayrton Senna existem na Itália, no Brasil, no Reino Unido e, agora, na Polônia.

21 de setembro: Em Nova Iorque realiza-se a Assembleia Geral da ONU. Aproveitando a oportunidade o presidente da República da Polónia Andrzej Duda encontrou-se com o presidente da República Federativa do Brasil Jair Bolsonaro. Os presidentes conversavam sobre novos desafios comerciais para nossos países.



9 de outubro:

A Embaixada do Brasil organizou o BRAZILIAN COFFEE

|Crônicas

DAY – festa de café brasileiro em Varsóvia. Convidamos todos os amantes do café para a feira na qual será possível provar e comprar cafés especiais brasileiros, torrados por torrefações locais, bem como provar comida brasileira que acompanha o café no Brasil e ouvir música brasileira ao vivo, tocada por SambaSoul!

Ao mesmo tempo, profissionais do setor cafeeiro podem participar de palestras, painéis e cuppings! Durante os painéis professores, líderes de pesquisa da área de tecnologias agrícolas, bem como produtores e torrefadores discutirão sobre as questões como mudanças climáticas, métodos pós-colheita, evolução de produção de café e como será produzido o café no Brasil no futuro.

O evento é organizado por Unroasted e NuCoffee, com apoio da Embaixada do Brasil em Varsóvia e Brazil Specialty Coffee Association. Celebremos juntos esse dia especial, no ambiente agradável que os brasileiros sabem criar!

Lugar: Centrum Praskie Koneser, Varsóvia

Entrada livre

COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DA PRESENÇA POLONESA EM CURITIBA

*Zdzislaw MALCZEWSKI Schr**

A título de introdução: os primeiros poloneses no Brasil

A título de introdução à presente reportagem, que pretende ser uma apresentação sintética das comemorações dos 150 anos do estabelecimento dos imigrantes poloneses em Curitiba, eu gostaria de enfatizar que antes ainda da grande emigração dos poloneses ao Brasil, que se iniciou na segunda metade do século XIX, muitos compatriotas nossos assinalaram de forma muito nítida a sua presença no Brasil. Do grupo dos pioneiros poloneses fazem parte viajantes, pesquisadores de diversas especialidades, jornalistas ou pessoas em busca de aventuras.

Dentre os pesquisadores e engenheiros, quero mencionar os mais conhecidos: Paulo Edmundo Strzelecki veio ao Rio de Janeiro no dia 13 de dezembro de 1835 (ele deixou uma das mais belas descrições da selva brasileira), Inácio Domeyko, José Warszawicz (1850), Constante Jelski (1881), os engenheiros Bronislau Rymkiewicz e Alexandre Brodowski, que construíram a ferrovia São Paulo-Santos. A cidade por onde passa a ferrovia construída pelos mencionados engenheiros se chama Brodowski. Por sua vez em Manaus, no Amazonas, os mencionados engenheiros foram os responsáveis pela construção do porto fluvial, e Alexandre Brodowski exerceu também a função de diretor da

* Redator do periódico *Polonicus*.

cátedra da Politécnica em São Paulo. O Professor da Universidade de Lvov José Siemiradzki esteve no Brasil três vezes: nos anos 1881, 1891/2 e 1895. Ele promoveu estudos de geologia e da emigração polonesa. Em 1891 o Professor José Siemiradzki veio acompanhado dos engenheiros Vitoldo Lazniewski e Antônio Hempel. O Professor da Universidade de Lvov João Sztolcman, geógrafo e pesquisador de minerais, esteve no Brasil em 1881, pesquisando a bacia do Amazonas. Em 1891 visitou diversas regiões do Brasil o líder social e literato Pe. Sigismundo Chelmski, que, como resultado das suas pesquisas e observações, publicou dois volumes que encerram descrições e memórias com o título *W Brazylji* (No Brasil) (1892). Por sua vez, nos anos 1895-1897 esteve na Argentina, no Paraguai e no Brasil Estanislau Kłobukowski, economista, fundador e redator da *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração), publicada em Lvov.

Um outro grupo de poloneses que vieram ao Brasil antes ainda da grande onda emigratória era constituído de refugiados políticos. Eles eram forçados a deixar o seu país em razão das intensificadas perseguições das potências ocupantes. Nesse grupo encontramos em primeiro lugar o jovem Roberto Trompowski, oriundo de uma família nobre, do brasão Toporczyk, da região de Cracóvia. Ele veio ao Rio de Janeiro no dia 23 de junho de 1829. Digno de menção é Pedro Luís Napoleão Czerniewicz, participante do Levante de Novembro [de 1830]. Pelo seu trabalho como médico e cientista, bem como pelas suas publicações, mereceu ser condecorado pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda „Cavaleiro de Cristo” e com a ordem „Cruz da Rosa”. Czerniewicz foi professor da Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro. Um outro polonês que vuscou no Brasil asilo após o levante foi André Przewodowski, que veio para este país em 1839. Em Salvador, capital do estado da Bahia, ele deixou muitos trabalhos, especialmente prédios governamentais e

particulares, o projeto e a execução da ponte metálica Dom Pedro II e outros. O Imperador Dom Pedro II honrou Przewodowski com a „Ordem de Cristo”. Dentro do grande número de refugiados políticos, vale a pena mencionar ainda o conde Floriano Rozwadowski, que veio ao Brasil em 1850 e se alistou no exército imperial com o posto de major. Realizou pesquisas topográficas na bacia do Amazonas e em seus afluentes em 1853. Foi o primeiro a chegar a áreas onde ainda não havia pisado o homem branco. Passou vários anos realizando pesquisas nas regiões tropicais, que produziram como resultado mapas topográficos, os primeiros mapas desse tipo no Brasil. Merece atenção mais um engenheiro polonês pertencente a esse grupo de imigrantes, a saber, Floriano Zurowski. Ele veio ao Brasil provavelmente em 1857 da Argentina, onde serviu na marinha. Dedicou-se à medição de terras no estado do Rio Grande do Sul. Mais tarde tornou-se diretor das colônias Santa Cruz e Santo Ângelo. Adotou a cidadania brasileira e é considerado como o primeiro polonês que obteve o título de cidadão deste país. Em 1852 encontramos no exército brasileiro muitos soldados com sobrenomes poloneses. Em 1875 veio ao Rio de Janeiro João Sztolcman. Navegou pelo Amazonas até Belém, no estado do Pará, onde realizou as suas pesquisas. Embora não possuísse estudos universitários concluídos, é considerado um especialista de alta classe na ornitologia. Digno de registro neste ponto é um outro ornitólogo polonês, que em época posterior realizou três viagens de pesquisa ao Brasil. Tenho em mente aqui o sempre pouco conhecido em nossos países Tadeu Chrostowski, que foi o primeiro a dedicar-se a pesquisas ornitológicas no Paraná. Durante a realização da terceira expedição na localidade de Pinheirinho (72 km de Foz do Iguaçu) adoeceu de malária, e ali também faleceu no dia 4 de abril de 1923. É oficialmente chamado pai da ornitologia paranaense. Um outro participante das lutas com o ocupante

russo foi Estanislau Kruszyński, que para evitar perseguições da parte do império russo deixou a Polônia e viajou à Suíça, onde na Politécnica de Zurique obteve o título de engenheiro mecânico. Em 1881 veio ao Brasil e fixou residência na vila de São Carlos, a 500 quilômetros de São Paulo, onde desenvolveu o seu trabalho de professor, contabilista e cientista. Introduziu a moderna contabilidade e é reconhecido como o pai da contabilidade brasileira.

Em meio a essa diversificada imigração polonesa que surgiu no Brasil, não pode ser esquecido o clero polonês. A vinda dos padres poloneses ao país relaciona-se com o início da nossa imigração ao Brasil. Padres, religiosos e religiosas vinham da Polônia para se dedicarem ao trabalho pastoral entre os emigrados poloneses. Como um dos primeiros dentre os padres poloneses que vieram ao Brasil é considerado o Pe. Antônio Zieliński, participante do Levante de Janeiro [de 1863]. Forçado a abandonar a Polônia, dirigiu-se à Inglaterra. Em 1865 é assinalada a sua presença em Liverpool. A seguir – provavelmente nos anos 1865-67 – viajou ao México. Após a derrota do arquiduque Maximiliano, refugiou-se nos Estados Unidos. Pouco tempo depois veio ao Rio de Janeiro, onde conquistou a amizade do Conde d’Eu, genro do Imperador Dom Pedro II. O Pe. Zieliński gozava de grande respeito na corte imperial. Tendo tomado conhecimento da vinda de um grupo de poloneses num grupo de imigrantes alemães a Santa Catarina, conseguiu junto ao Imperador a nomeação para pároco na colônia Príncipe Dom Pedro, naquele estado. Fixou residência provisoriamente em Gaspar, em 1869. Com o tempo conheceu Sebastião Edmundo Woś Saporski, que havia vindo de Montevideú a Blumenau. Juntamente com Saporski e com a ativa cooperação dos colonos poloneses, organizou a migração deles ao Paraná. Para a realização desses planos, o Pe. Zieliński utilizou-se da influência que possuía na corte imperial no Rio de Janeiro. É preciso enfatizar que o plano da

migração dos colonos poloneses de Santa Catarina ao Paraná não era bem-visto pelas autoridades colonizadoras locais nem pelos próprios colonos prussianos. Os membros da administração encontravam-se sob a influência dos chefes e dos colonos alemães. E para estes era conveniente que os colonos poloneses – que haviam vindo a Santa Catarina num grupo de colonos alemães – permanecessem no lugar. Por isso, de diversas formas era dificultada a migração dos poloneses ao Paraná. Foi organizado um ataque contra a casa onde residia o Pe. Zieliński. Informado antecipadamente do perigo que o ameaçava, ele se refugiou na casa de um colono e a seguir viajou à Argentina. Com o tempo voltou ao Rio de Janeiro, mas no final estabeleceu-se em São Paulo, onde faleceu.

Apesar das muitas dificuldades e dos obstáculos encontrados na migração da província de Santa Catarina ao Paraná, graças ao envolvimento de Sebastião Edmundo Woś Saporski e do Pe. Antônio Zieliński, e com o apoio do benevolente Imperador Dom Pedro II e dos seus mais próximos colaboradores na corte imperial no Rio de Janeiro, os colonos poloneses atingiram o seu objetivo: receberam terras numa região plana, climaticamente mais salubre, e não eram atormentados pela abordagem estereotipada que os imigrantes prussianos haviam trazido consigo da Opole polonesa por eles ocupada. A conquista de uma verdadeira liberdade, o respeito à sua dignidade humana e a obtenção de terras para cultivar era o principal objetivo dos imigrados poloneses em 1871 a Pilarzinho, nos arredores de Curitiba. Apesar das dificuldades iniciais com que se defrontaram, os desejos deles haviam sido realizados!

As comemorações dos 150 anos da presença polonesa em Curitiba

No dia 30 de setembro de 2021, no bairro de Pilarzinho, onde os imigrantes poloneses receberam terras

para a colonização, iniciaram-se as solenes comemorações em honra desse aniversário. Infelizmente, a pandemia ainda reinante e as obrigatórias restrições sanitárias relacionadas com o vírus da Covid-19 fizeram com que as planejadas solenidades fossem organizadas de maneira a serem preservadas todas as medidas de segurança. E assim, pela manhã, no moderno centro situado na parte antiga da cidade, ocorreu a solenidade relacionada com as mencionadas comemoração



Entre os participantes da solenidade encontravam-se representantes das autoridades, com o vice-governador do estado Darci Piana, bem como uma delegação especial do governo polonês, com os representantes do Ministério das Relações Exteriores: a diretora Aleksandra Kucy, o diretor Zbigniew Ciosek e o chefe de departamento Piotr Nowotny. Por sua vez o Ministério da Educação e da Ciência foi representado pela diretora Magda Witan. Da capital do Brasil veio o embaixador da Polônia Dr. Jakub Skiba juntamente com o adido de defesa Grzegorz Wasielewski.



No decorrer da solenidade realizou-se uma apresentação de folclore polonês, bem como o lançamento do selo lançado para a ocasião pelos Correios do Brasil.



Por ocasião da solene comemoração dos 150 anos da presença polonesa em Curitiba, mensagens especiais aos participantes das solenidades foram enviadas por ministros da Polônia. Eis o conteúdo dessas mensagens:

**SECRETÁRIO DE ESTADO
DELEGADO DO GOVERNO PARA ASSUNTOS
DA COMUNIDADE POLÔNICA E DOS POLONESES NO
EXTERIOR
Jan Dziedziczak**

Curitiba, 30 de setembro de 2021.

Aos
Participantes e Organizadores
das Solenidades dos 150 Anos da
Colonização Polonesa no Estado do Paraná

|Crônicas

Prezados Senhores e Senhoras!
Caros Compatriotas!

Com alegria recebi o convite para a celebração comum dos 150 Anos da Colonização Polonesa no Estado do Paraná, no Brasil. Lamento que, em razão da pandemia do coronavírus, não possa estar pessoalmente presente, com os Senhores e as Senhoras, nesses eventos importantes para a Comunidade Polônica brasileira. Asseguro-Lhes, no entanto, que em pensamento também eu estarei em Curitiba.

Os primeiros poloneses, juntamente com outros pioneiros da Europa, apareceram no território brasileiro de hoje já no século XVII. No entanto, é decididamente o século XIX que nos traz à mente a imigração polonesa que escolheu como seu destino este país sul-americano. Numa época em que a Polônia não era um Estado independente e se encontrava sob ocupação estrangeira, muitos poloneses foram forçados a deixar o seu país, o que muitas vezes era motivado por perseguições da parte das autoridades ocupantes.

Naqueles momentos difíceis para muitos poloneses, o Brasil acolheu os nossos compatriotas com profunda amabilidade e hospitalidade, pelo que todos somos gratos. Dessa forma surgiu no Brasil, e de maneira especial no estado do Paraná, uma comunidade polônica de consideráveis proporções, que, segundo diversas fontes, pode contar hoje até 2 milhões de pessoas de origem polonesa. Trata-se realmente de um grupo muito numeroso de descendentes de poloneses, que apresenta um grande potencial.

A Comunidade Polônica brasileira concentrada no estado do Paraná, com sua capital na cidade de Curitiba, que por muitos é chamada a Chicago Brasileira, durante os quase dois séculos de presença nessa terra teve uma enorme contribuição para o desenvolvimento do Brasil. Cartógrafos, geólogos, engenheiros ou médicos poloneses, pelas suas

muitas realizações, contribuíram para o desenvolvimento do Brasil e inscreveram-se definitivamente nas páginas da história brasileira e ao mesmo tempo polonesa. Essa contribuição teve e continua tendo uma influência crucial nas boas relações entre a Polônia e o Brasil.

Além do seu trabalho em prol do desenvolvimento do Brasil, a Comunidade Polônica brasileira jamais se esqueceu também da sua Pátria de origem. Uma bela expressão de solidariedade com toda a Nação foi a participação dos poloneses residentes no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Quando a Polônia se encontrou sob a brutal ocupação alemã e soviética, de braços abertos o Brasil recebeu os poloneses que fugiam do seu país. Apesar de o Brasil se encontrar a uma grande distância do palco das operações bélicas, cerca de 600 poloneses desse país apresentaram-se como voluntários nas Forças Armadas Polonesas no Ocidente e, ombro a ombro com os outros, lutaram pela independência da Pátria, o que foi uma expressão de belo patriotismo, digno do mais profundo elogio.

Alegremo-nos pelo fato de que já há tantos anos a Comunidade Polônica no Brasil cultiva as tradições e a língua polonesa. Atuam ali muitas organizações e entidades polonesas que se empenham por fazer que as futuras gerações sintam o seu vínculo com a Polônia, não se afastem da língua e da cultura dos seus antepassados e propaguem no Brasil as tradições e os costumes poloneses. Essa atividade, da mesma forma que a organização desses belos eventos, é a expressão de um profundo patriotismo. Sabendo do grande empenho que os Senhores e as Senhoras despendem no trabalho em prol da Polônia e da Comunidade Polônica, quero Lhes agradecer cordialmente e Lhes assegurar que a Polônia se lembra dos Senhores e das Senhoras, que os apoia e vai apoiar.

Mais uma vez agradeço sinceramente pelo convite. Desejo-Lhes sucesso nas comemorações e acredito que os

poloneses residentes aqui em Curitiba e em todo o Brasil vão continuar a desenvolver uma ação dinâmica em prol da propagação, do civismo e da edificação das boas relações polono-brasileiras!

Voltando com a memória à maravilhosa hospitalidade que me foi proporcionada em 2018, cordialmente saúdo a todos.

Jan Dziedziczak

* * *

**CHANCELARIA DA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
SECRETÁRIO DE ESTADO
Adam Kwiatkowski**

Curitiba, 30 de setembro de 2021.

Aos
Participantes e Organizadores
das Solenidades Comemorativas dos 150 Anos
da Colonização Polonesa no Estado do Paraná, Brasil

Caros Compatriotas,
Prezados Senhores e Senhoras,

Saúdo cordialmente a todos os Senhores e Senhoras que participam das solenidades comemorativas dos 150 anos da vinda dos colonos poloneses à terra brasileira, ao hospitaleiro estado do Paraná. Trata-se de um importante acontecimento na história da comunidade polonesa no mundo e na vida da Comunidade Polônica brasileira, que constitui o

mais numeroso agrupamento dos nossos Compatriotas na América do Sul.

O distante e exótico Brasil há séculos tem atraído a atenção de pesquisadores e viajantes poloneses, engenheiros, médicos, pessoas da cultura e sociólogos. Muitos dos nossos Compatriotas emigraram a esse país “em busca do pão”, à procura de fontes de sustento para suas famílias. Todos eles deixaram os indelévels vestígios da sua presença nessa terra, trazendo uma significativa contribuição para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Por séculos eles têm sido uma ponte entre as nossas nações e os nossos países, contribuindo para o fortalecimento das amistosas relações polono-brasileiras.

As solenidades de hoje constituem uma boa ocasião para recordar o seu legado, a sua coragem, o etos do seu dinâmico trabalho, que moldam a imagem da Polônia como a Pátria de pessoas empreendedoras e criativas, honestas e trabalhadoras, sobressaindo com frequência, pelo seu conhecimento e pela sua visão do futuro, aos tempos em que elas viveram. Expresso o reconhecimento e o profundo respeito a todas as ações que os Senhores e as Senhoras empreendem atualmente para preservar a língua polonesa, difundir o conhecimento da cultura polonesa e da herança nacional, cultivar as tradições e os costumes poloneses e transmiti-los às jovens gerações.

Em nome do presidente da República da Polônia Andrzej Duda e em meu próprio, felicito os Organizadores das solenidades de hoje e agradeço por terem tomado a iniciativa de promover essas solenes comemorações do sesquicentenário. Encaminho igualmente expressões de gratidão aos representantes do clero polonês pela presença e pelo exercício da assistência espiritual aos Compatriotas que, vivendo no distante Brasil, não se esquecem da Polônia. A todos os Senhores e Senhoras formulo votos de alegria nesses

momentos passados em comum, de muitos sucessos no trabalho social e de prosperidade na vida pessoal e profissional.

Com expressões de respeito,
Adam Kwiatkowski

A segunda parte dos festejos realizou-se no final daquele dia no bairro curitibano de Pilarzinho, ao lado da igreja paroquial do lugar. Lourival Araujo Filho foi o responsável por dirigir a programação das celebrações dos 150 anos da presença polonesa na capital do Paraná. A solenidade iniciou-se com a execução dos hinos nacionais por uma orquestra. O dirigente da programação saudou os presentes e lhes apresentou as mais importantes personalidades que representavam o ambiente político do estado e da cidade, a delegação especial vinda da Polônia e os representantes da coletividade polônica. A seguir discursou o Dr. Jakub Skiba, embaixador da República da Polônia no Brasil. Eis o texto do pronunciamento do diplomata:

Senhoras e Senhores,

Primeiramente queria dar minhas boas-vindas aos representantes das autoridades locais: ao Senhor Vice-Governador Darci Piana e ao Senhor Prefeito Rafael Greca, e aos convidados da Polônia: do Ministério de Relações Exteriores: Sra. Diretora Aleksandra Kucy, Sr. Diretor Zbigniew Ciosek, Sr. Chefe do Departamento Piotr Nowotny e do Ministério da Educação e Ciência – Sra. Diretora Magda Witan. Mas, antes de tudo, eu queria cumprimentar cordialmente a todos os representantes da diáspora polonesa de Curitiba, do estado do Paraná, assim como os vindos de outras regiões do Brasil.

Senhoras e Senhores,

Há exatamente um século e meio, em 1871, o primeiro grupo de colonos poloneses, que até então residiam no estado de Santa Catarina, chegou ao local onde nos encontramos hoje – Pilarzinho. Foi um total de 164 pessoas, 32 famílias, iniciando o assentamento polonês no estado do Paraná. Na década de 1930, o cônsul polonês em Curitiba, Kazimierz Głuchowski, viu uma referência simbólica à peregrinação no nome dado à primeira colônia – provavelmente por ele se referir ao culto mariano de Nossa Senhora do Pilar, popular na América Latina. É muito significativo, tendo em conta que os colonos poloneses, perante os desafios que enfrentaram, contaram, antes de tudo, com a proteção da Providência e provavelmente perceberam a si mesmos como uma espécie de peregrinos – os primeiros poloneses a começarem a construir uma nova vida na terra tão distante da sua Pátria. Os pais fundadores da colônia foram duas pessoas maravilhosas – um grande patriota polonês – o Pe. Antoni Zieliński, e um verdadeiro “homem-instituição”, Edmund Sebastian Woś Saporski. Este “patrono da colonização polonesa” no Brasil, que veio, como os próprios colonos, da Opole Silesiana, conseguiu convencer as autoridades locais a entregar terras muito valiosas aos recém-chegados para se estabelecerem neste núcleo, que mais tarde se tornou o principal centro da presença polonesa em Brasil. Ao longo dos anos, além de Pilarzinho, inúmeros outros assentamentos poloneses foram construídos: Abranches, Santa Cândida, Orleans, Tomás Coelho, Campo Largo, São José dos Pinhas, Araucária e outros que cercaram a capital provincial – Curitiba como uma coroa de flores. Desse núcleo inicial da colonização polonesa no estado do Paraná, os colonizadores poloneses espalharam-se ao longo das décadas seguintes em todas as direções, chegando a cerca de 40.000 pessoas no início do século XX, a aproximadamente 80.000 no início de 1920 e a mais de 100.000 na véspera da eclosão da Segunda Guerra

Mundial. Isso representava cerca de 40% de todos os poloneses presentes no Brasil e fez do estado do Paraná o principal centro de colonização polonesa. Também deu ao Paraná um caráter específico, em parte polonês, que é tão visível e perceptível aqui até hoje. A vida, a obra, os sucessos, mas também às vezes os fracassos dos poloneses que aqui se estabeleceram e, com o tempo, dos brasileiros de origem polonesa, tornaram-se tema de muitos livros científicos e obras literárias. Eles aproximam ao leitor a contribuição por parte dos membros da comunidade polonesa local ao desenvolvimento do Paraná, sua nova terra, e a sua participação no processo de transformação de um país outrora coberto de florestas num Estado desenvolvido e próspero, que é o Brasil contemporâneo. Hoje, no 150º aniversário da colonização polonesa no Paraná, todas essas gerações merecem respeito e reconhecimento da sua atual Pátria, mas também da Polônia, que jamais foi esquecida, apesar de já terem passado seis, sete ou mesmo oito gerações a partir da época em os primeiros imigrantes poloneses chegaram no Brasil.

A placa comemorativa inaugurada hoje, por iniciativa do Consulado-Geral de Curitiba existente desde 1919, bem como da filial da BRASPOL em Pilarzinho, é mais um testemunho da presença polonesa na hospitaleira terra brasileira. Muito obrigado aos seus idealizadores: Cônsul Geral Marta Olkowska e Presidente da Braspol Marilia Manikowski Pietruk. A placa não somente nos lembra uma longa história, mas também pretende apelar a despendermos ainda mais empenho, ainda mais trabalho para o desenvolvimento da cooperação entre os nossos países, contribuindo para o sentimento de orgulho dos descendentes dos poloneses pela sua origem e enriquecendo a sua cultura étnica em total consonância com a identidade brasileira. Agradeço, mais uma vez, a todos os presente, por terem

comparecido à cerimônia de hoje, confirmo a prontidão por parte das missões diplomáticas e consulares polonesas no Brasil para apoiar a diáspora polonesa local e desejo a todos muito sucesso no seu trabalho para fortalecer ainda mais os laços entre os nossos países, que sempre têm sido tão próximos, apesar de geograficamente tão distantes.

Obrigado pela sua atenção.



O ponto seguinte do programa foi o descerramento de um obelisco no qual foi localizado um texto em duas línguas, em polonês e em português:

30 września 1971 roku, 34 rodziny pierwszych emigrantów z ziem polskich dotarły do Kurytyby. Pochodzili z terenów Śląska, a Polska, ich daleka ojczyzna – była wówczas pod jarzmem zaborców.

W Brazylii, ich droga wiodła przez tereny ówczesnego stanu Santa Catarina i pod przewodnictwem Sebastiana Edmunda Wosia Saporskiego i księdza Antoniego Zielińskiego – dotarli do Parany. Tu osiedlili się na terenach dzisiejszego Pilarzinho, dzielnicy Kurytyby.

Determinação, trud i poświęcenie tych dzielnych pionierów polskiego osadnictwa w Brazylii były przez dziesięciolecia – aż do lat 50-tych XX wieku – przykładem dla kolejnych fal emigracji i ich pobratymców.

Wraz z ludnością już osiadłą i emigrantami innych narodowości położyli podwaliny a następnie rozwinęli gospodarkę tego wyjątkowego miejsca. Dziś Pilarzinho słynie z dziedzictwa historycznego i naturalnego piękna dzięki czemu stało się ważnym centrum turystycznym i kulturalnym „miasta uśmiechu”.

Konsulat Generalny RP w Kurytybie,

Władze stanu Paraná i miasta Kurytyba, oddział Braspol w Pilarzinho, wszyscy mieszkańcy Pilarzinho oraz grupy religijne skupione wokół Kościoła Rzymskokatolickiego składają hołd polskim emigrantom, którzy osiedlili się w stanie Paraná, reprezentowanym przez pionierów:

Aos 30 dias de setembro de 1871, trinta e quatro famílias que haviam migrado da longínqua região da Silésia, na sua Polônia ocupada, após passarem pela então província Santa Catarina, lideradas por Sebastian Edmund Woś Saporski e pelo padre Antoni Zieliński, chegaram ao Paraná. Com muito sacrifício e determinação, estabeleceram-se nestas paragens de Curitiba, onde hoje é o bairro do Pilarzinho.

Estes bravos pioneiros serviram de exemplo a outros irmãos poloneses, que seguiram o mesmo caminho nas décadas seguintes, até os anos 50 do século XX. Juntamente com a população já radicada e emigrantes de outras etnias, ocuparam e desenvolveram a economia e a cultura deste bairro singular. Hoje, o Pilarzinho é conhecido pelo seu rico patrimônio histórico e natural, que o transformou em importante polo cultural e turístico da bela „Cidade sorriso”.

O Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, o governo do estado do Paraná, a prefeitura municipal de Curitiba, a Câmara Municipal de Curitiba, o núcleo BRASPOL do Pilarzinho, as entidades religiosas da Igreja Católica Apostólica Romana e a

comunidade em geral, homenageiam a todos os imigrantes poloneses que colonizaram o estado do Paraná, nas pessoas dos pioneiros:

Fabian Barcik, Grzegorz Hyla, Bernard Fila, Baltazar Gbur, Kasper Gbur, Baltazar Gebza, Leopold Jelen, Stefan Kachel, Antoni Kania, Franciszek Kania, Andrzej Kawicki, Marcin Kempka, Filip Kokot, Błażej Macioszek, Szymon Otto, Walenty Otto, Andrzej Pampuch, Wincenty Pampuch, Bonawentura Polak, Franciszek Polak, Paweł Polak, Marcin Prudlik, Michał Prudło, Józef Kurkot, Józef Skroch, Dominik Stempka, Tomasz Szajnowski, Tomasz Szymański, Szymon Purkot, August Waldera, Walenty Weber, Mikołaj Woś, Ignacy



Miłek, Jakub Nalewaja – e seus familiares.

*Kurytyba, 30 sierpnia 2021
r. – Curitiba, 30 setembro 2021.*

*Apoio: Consulado Geral da
República da Polônia em Curitiba*

Após as solenidades em memória dos pioneiros poloneses que colonizaram a região de Pilarzinho, todos os presentes dirigiram-se à igreja local, onde foi celebrada uma Missa de ação de graças. A solene Missa foi presidida pelo bispo Dom Rafael Biernaski – ordinário da diocese de Blumenau, no estado de Santa Catarina. Concelebraram vários padres, entre eles os provinciais: da Congregação dos Padres Vicentinos (Pe. Odair Miguel Gonsalves dos Santos) e da Sociedade de Cristo (Pe. Casimiro Długosz). Antes do início da celebração, o Pe. Zdzislaw Malczewski – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil – saudou os presentes no santuário

e de maneira especial dirigiu-se em língua polonesa à delegação oficial do governo polonês. A seguir leu a mensagem enviada pelo bispo Dom Wiesław Lechowicz – delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para a Pastoral da Emigração Polonesa. Eis o texto da mencionada mensagem:



DOM WIESŁAW LECHOWICZ
Delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para a
Pastoral da Emigração Polonesa

Varsóvia, 21 de setembro de 2021.

L.dz. 155/21

Caros Irmãos e Irmãs,
Participantes da solenidade jubilar!

Com o coração comovido, grato e feliz, escrevo esta carta por ocasião do aniversário dos 150 anos da colonização polonesa no estado do Paraná, no Brasil.

Difícil se torna não ceder à emoção quando se recorda a história dos emigrantes poloneses que remonta ao século XIX. Em 1869 Sebastião Edmundo Woś Saporski, chamado “Pai da imigração polonesa no Brasil”, juntamente com o Pe. Antônio Zieliński, protetor dos poucos colonos poloneses na época, obtiveram do Imperador D. Pedro II uma concessão para o início da ação colonizadora polonesa no Brasil. A partir de então, cresceu continuamente o número dos poloneses que vinham ao Brasil em busca de meios de vida, para sustentar a sua família. Os emigrados poloneses não eram, então, como escreve Adam Mickiewicz nos *Livros da peregrinação polonesa*, errantes que vagavam sem rumo nem exilados expulsos do país natal. Diversas penúrias sofreram os nossos compatriotas no decorrer desses 150 anos, mas também nunca lhes faltou a dignidade, o amor à família, o apego à terra mãe, o vínculo espiritual com a Pátria e a fé em Deus professada na comunidade da Igreja. Apesar da mudança dos tempos e da sequência das várias gerações, esses valores parecem continuar a ser característicos da comunidade polônica brasileira, do que pude convencer-me pessoalmente durante a minha estada no Brasil em 2018.

A gratidão inunda o coração quando se percebe quanto os poloneses que vivem na bela terra brasileira têm cuidado e continuam a cuidar da preservação da sua identidade polonesa e cristã. Sinais visíveis desse desvelo pela herança espiritual dos antepassados são os santuários edificadas pelos poloneses que vieram ao Brasil, até hoje envolvidos de cuidado e constituindo lugares onde se elevam orações em língua polonesa. Merecem igualmente a atenção e a gratidão diante da comunidade polônica brasileira as iniciativas em apoio à independência da nossa Pátria durante

a II Guerra Mundial e nos anos posteriores à guerra, bem como aquelas que servem a promoção da Polônia no Brasil. Este aniversário redondo da colonização polonesa na Terra Vermelha proporciona uma ocasião para também, com afetuoso agradecimento, contemplar e avaliar o papel das paróquias polônicas e a pastoral organizada em língua polonesa, das instituições e associações polônicas, das sociedades, das escolas e dos conjuntos folclóricos.

Essas razões de gratidão causam alegria e fornecem motivo de celebração. Apesar do distanciamento físico, eu me uno espiritualmente com todos que estão comemorando o aniversário dos 150 anos da colonização polonesa no estado do Paraná. Juntamente convosco, elevo a Deus um cântico de gratidão e de glorificação pela Sua Providência sobre os emigrantes poloneses, com a fé de que no futuro as novas gerações que possuem raízes polonesas preservação essa marca específica da comunidade polônica brasileira, unindo-a com a abertura aos desafios e às oportunidades atuais.

Todo aniversário ou jubileu recorda-nos a verdade de que falava Cyprian Kamil Norwid: “O passado é o hoje, apenas um pouco mais distante [...]. Não é algo algures / Onde as pessoas nunca estiveram” (Passado). Por isso, com profundo reconhecimento penso em todos aqueles que criaram e criam a história da comunidade polônica brasileira na área cívica e religiosa, educacional e intelectual, cultural e social. Como Delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para a Pastoral da Emigração Polonesa, quero expressar o meu especial reconhecimento aos promotores da pastoral polonesa – padres, irmãs religiosas e pessoas leigas que se envolvem na pastoral em língua polonesa. Aos falecidos, que Deus recompense com a salvação; aos vivos, que generosamente abençoe!

Encaminho palavras de reconhecimento e de agradecimento aos promotores dessa pastoral por intermédio

do Pe. Zdzislaw Malczewski, Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, e mui benemérito para a pastoral da comunidade polônica brasileira. Transmito igualmente sinceras expressões de gratidão aos representantes da Igreja local, pela sua compreensão das necessidades dos nossos compatriotas e pela abertura ao caráter específico da religiosidade polonesa. Com uma cordial saudação dirijo-me aos líderes polônicos e aos representantes do Estado polonês, tendo à frente a Senhora Cônsul-Geral da Polônia em Curitiba.

Caros Compatriotas!

Que a sabedoria que brota do passado Vos permita projetar da forma mais bela possível um futuro favorável a todos os que vivem no Brasil e cujos corações pulsam ao ritmo de Chopin, e cujas mãos se põem para a oração com o olhar fixo na face da Madona Negra de Monte Claro!

Permaneço com a minha oração e bênção pastoral,

Dom Wiesław Lechowicz
Delegado da Conferência do Episcopado da Polônia
para a Pastoral da Emigração Polonesa



Os presentes na igreja receberam a mensagem lida do bispo Dom Wiesław Lechowicz com uma estrondosa salva de palmas. A santa Missa foi celebrada em língua portuguesa. Porém um grupo de fiéis entoou os cânticos religiosos em



língua polonesa.

No final da celebração da santa Missa, o reitor da Missão Católica polonesa no Brasil dirigiu aos presentes palavras de sinceras congratulações, estimulando a que seja preservado entre os descendentes dos colonos poloneses o orgulho pela coragem por eles demonstrada quando partiram para o desconhecido e pelo grande esforço despendido no desenvolvimento da região onde se estabeleceram, bem como das gerações seguintes dos imigrantes, pela sua diversificada contribuição para o desenvolvimento do estado do Paraná. Importa enfatizar que mais de 10% da população desse estado têm origem polonesa. A Missa foi encerrada com uma simpática mensagem do bispo Dom Rafael Biernaski e com a sua bênção.



Após o encontro religioso de ação de graças no santuário, muitas pessoas permaneceram ainda em pequenos grupos para partilhar as suas vivências, bem como para tirar uma foto junto ao obelisco comemorativo.



A segunda parte da celebração dos 150 anos da presença polonesa em Curitiba iniciou-se no domingo 10 de outubro de 2021. Na catedral situada na parte central da cidade. Convém asinalar que em razão das obrigatórias restrições sanitárias motivadas pela pandemia da Covid-19 somente a metade dos lugares no santuário podia ser ocupada pelos fiéis, com a preservação da adequada distância entre eles.



A solene Missa concelebrada foi presidida pelo arcebispo metropolitano Dom José Antônio Peruzzo. A convite da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (BRASPOL), o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil viajou de Porto Alegre para concelebrar nessa Missa de ação de graças. Antes do seu início, o Pe. Zdzislaw saudou os representantes das autoridades locais, do Consulado Gedral da Polônia, os líderes polônicos e todos os presentes na catedral. Em sua introdução à solene liturgia, expressou a gratidão diante de Deus pela postura aberta e hospitaleira do

Brasil, que há 150 anos recebeu os nossos imigrantes desejosos de liberdade e de acesso a melhores condições de vida. Agradeceu também aos representantes da Igreja local, que desde o início da colonização expressaram a solicitude pelo bem espiritual dos imigrantes poloneses. Lembrou o primeiro bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, que numa carta ao bispo de Przemyśl escreveu pedindo por amor de Deus que fossem enviados ao menos dez sacerdotes para assegurarem aos seus compatriotas a assistência espiritual. O reitor agradeceu à hierarquia da Igreja local, que tem possibilitado e continua a possibilitar aos imigrantes poloneses e aos seus descendentes a oportunidade de expressar a sua fé de acordo com a herança espiritual trazida da distante Polônia. Os polônicos e os habitantes de Curitiba têm por que agradecer a Deus! Os imigrantes poloneses e os seus descendentes trouxeram uma grande contribuição para o desenvolvimento da capital do estado, bem como do Paraná, em diversas áreas da vida dessa região do grande e belo Brasil.



O ponto seguinte da comemoração realizou-se à tarde, no memorial da imigração polonesa que é o Parque João Paulo II. O mencionado parque está situado na parte central da cidade, na proximidade dos prédios governamentais do estado do Paraná. Maria de Lourdes Kuchenny, da parte da BRASPOL, foi a responsável pela realização do cerimonial dessa solenidade. Os hinos nacionais da Polônia e do Brasil foram executados pela Orzeł Orkiestra e pela Banda Lyra de Curitiba. No decorrer da solenidade, apresentaram-se os grupos folclóricos poloneses “Szarotka” de Balsa Nova e “Wawel” de Murici. Discursaram Marta Olkowska, cônsul-geral da República da Polônia e a Sra. Danuta Lisicki de Abreu, coordenadora do Parque João Paulo II. O embaixador Dr. Jakub Skiba, que não pôde vir novamente a Curitiba, enviou por intermédio da cônsul-geral a seguinte mensagem dirigida aos participantes da mencionada solenidade:

Senhoras e Senhores,

Infelizmente não consegui, por outros compromissos já previamente assumidos, comparecer hoje às comemorações de 150 anos da imigração polonesa no Estado do Paraná organizadas pela BRASPOL do Brasil, peço Consulado Geral da República da Polônia e pelo Memorial da Imigração Polonesa no Brasil. No entanto, agradecendo muito o convite, queria dirigir algumas palavras aos participantes das solenidades de hoje, cumprimentando cordialmente a todos os representantes da diáspora polonesa de Curitiba e do estado do Paraná.

Há exatamente um século e meio, o primeiro grupo de colonos poloneses chegou ao estado do Paraná, enfrentando todos os desafios possíveis e muitas vezes podendo contar somente com a protecção da Providência Divina ao começarem a construir uma nova vida na nova Pátria brasileira. Desse núcleo inicial da colonização polonesa no

estado do Paraná, os poloneses espalharam-se ao longo das décadas seguintes em todas as direções, sem, no entanto, deixar o estado do Paraná, o principal centro de colonização polonesa. Isso deu ao Paraná um caráter específico, o ar de polonidade, tão visível e perceptível aqui até hoje, por causa da participação intensa dos poloneses e seus descendentes no processo de construção do Brasil contemporâneo. Hoje, no 150º aniversário da colonização polonesa no Paraná, todas essas gerações merecem respeito e reconhecimento por parte, ao mesmo tempo, do Brasil e da Polônia e das suas respectivas autoridades.

Senhoras e Senhores,

Desde a fundação da primeira colônia polonesa na província e, posteriormente, no estado do Paraná, a sua capital – Curitiba, tornou-se sede de muitas organizações que desempenharam um papel de extrema importância na história da diáspora polonesa no Brasil. Aqui, em 1890, foi fundada a primeira delas, a Sociedade Tadeusz Kościuszko, que existe até hoje, e o próprio Edmund Sebastian Woś- Saporiski, o Pai de Imigração Polonesa no Brasil, tornou-se seu vice-presidente. Entre as muitas iniciativas de associativismo polonês durante os 150 anos de história da presença dos imigrantes poloneses no Paraná, devemos destacar pelo menos outras três: a fundação, em 1930, na convenção de Curitiba, da União Central dos Poloneses no Brasil; a criação, em 1952, da Associação Beneficente e Cultural dos Poloneses no Brasil; e a formação, em 1990, do grande movimento étnico polonês da BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa No Brasil, uma das organizadoras da cerimônia de hoje. Todos os fundadores e ativistas dessas organizações, tanto no passado como no presente, merecem palavras de apreço e agradecimento por sua contribuição para promover a polonidade e as relações entre a Polônia e o Brasil. Portanto, gostaria de estender as minhas mais sinceras saudações e

agradecimentos ao Sr. Rizio Wachowicz, Presidente da BRASPOL, por todas as contribuições à diáspora polonesa no Brasil.

Senhoras e Senhores,

Agradeço a todos os idealizadores e pessoas presentes na cerimônia de hoje, reitero os meus votos de maior respeito a todas as autoridades presentes e aos representantes da BRASPOL e do Memorial da Imigração Polonesa no Brasil e confirmo a prontidão por parte das missões diplomáticas e consulares polonesas no Brasil para apoiar a diáspora polonesa local, estreitando ainda mais os laços entre o Brasil e a Polônia.

Obrigado pela sua atenção.

O ponto culminante da celebração foi o descerramento de uma placa comemorativa numa das casas no Parque S. João Paulo II. O descerramento da placa foi realizado pela consul-geral Marta Olkowska e por Rizio Wachowicz, presidente da BRASPOL. Eis o texto nela localizado:

BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro-
Polonesa no Brasil

Presta homenagem aos 150 anos da vinda da imigração
polonesa
ao estado do Paraná
1871 – 2021

Em memória a todos os imigrantes poloneses que vieram ao Estado do Paraná, que deixaram um legado importante em múltiplos níveis, em todos os segmentos da sociedade, nossa gratidão pelo bem maior que é a vida, e nosso reconhecimento pela coragem, desbravamento, determinação e empreendedorismo, formando em nosso Estado este lindo mosaico cultural.

Viva a Polônia!

Viva o Brasil!

Curitiba, 10 de outubro de 2021

Rizio Wachowicz

Presidente da Braspol do Brasil

Por ocasião das comemorações dos 150 anos da vinda dos imigrantes poloneses a Pilarzinho foram enviados votos da Polônia:

Felicitações da Sociedade Polono-Brasileira por ocasião dos 150 anos da vinda dos imigrantes poloneses ao estado do Paraná-Brasil

Em 2021 ocorre um importante aniversário histórico, apontando que a Polônia e o Brasil estão mais próximos do que parece.

As relações mútuas polono-brasileiras começaram a cristalizar-se no decorrer do longo processo dos processos migratórios dos poloneses ao Brasil, que se intensificaram sobretudo na segunda metade do século XIX. Uma consequência desse processo foi o surgimento, no Sul do Brasil, de colônias polonesas, especialmente no estado do Paraná. Foi ali que, há 150 anos, teve início o movimento colonizador dos camponeses poloneses, com o seu profundo apego à terra. Foram justamente eles que heroicamente contribuíram para a ocupação das terras cobertas por florestas tropicais e para a criação de uma área de produção agrária, do chamado cinturão agrícola nas proximidades de Curitiba.

No entanto os imigrantes poloneses permaneceram por longos anos isolados, sem a proteção consular do seu país de origem, porquanto aquele era o período em que a Polônia

havia perdido a sua autonomia política, tendo permanecido por 123 anos sob ocupação estrangeira: da Prússia, da Monarquia Austro-Húngara e da Rússia.

Por isso, o estabelecimento das relações polono-brasileiras normais só pôde ocorrer após a Polônia ter recuperado a sua independência em 1918. De fato, o Brasil foi o primeiro país da América do Sul a reconhecer a independência polonesa já no decorrer do processo da reconstituição do Estado polonês a partir das três partes ocupadas, embora as credenciais do primeiro representante diplomático da República da Polônia, o Conde Ksawery Orłowski, na qualidade de Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, tenham sido apresentadas ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitácio Pessoa no dia 27 de maio de 1920, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, no dia 3 de junho de 1921, o primeiro representante do Brasil na Polônia – o Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário Rinaldo de Lima e Silva, apresentou as credenciais ao Chefe de Estado polonês Józef Piłsudski, no palácio Belweder, em Varsóvia. Por isso podemos dizer que a Polônia e o Brasil estão unidos por um século de mútuas relações diplomáticas e de cooperação, não apenas de caráter internacional, mas que servem igualmente aos contatos atuais dos brasileiros de origem polonesa com o país dos seus antepassados.

Por ocasião do centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre ambos os países e dos 90 anos da existência da Sociedade Polono-Brasileira, surgiu a publicação *Polônia e Brasil – mais próximos do que parece*. O volume de estudos, com a redação do Prof. Dr. Jerzy Mazurek, foi publicado pelo Setor de Estudos Brasileiros do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, pelo Museu da História do Movimento Popular

Polonês, pelo Museu da Independência e pela Sociedade Polono-Brasileira.

Nesta reminiscência histórica é preciso também enfatizar que somente nove anos após o estabelecimento das relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil surgiu a iniciativa social de fundar a Sociedade Polono-Brasileira, que permaneceu ativa durante os 90 anos seguintes. Esse projeto foi apresentado pelo Prof. Dr. Júlio Szymański, eminente oftalmologista, na época presidente do Senado da República da Polônia e depois eminente líder social e cientista no Brasil, cujo neto, o também oftalmologista Dr. Jack Szymanski, de Cascavel, Paraná, preserva os contatos com a Polônia, participando, juntamente com sua esposa, igualmente oftalmologista, e com seus dois filhos, das solenidades que a Sociedade Polono-Brasileira organiza por ocasião de importantes aniversários.

Temos, portanto, três significativos momentos históricos, que, entrelaçando-se com os seus jubileus em 2020 e 2021, demonstram enfaticamente que a Polônia e o Brasil estão mais próximos do que parece.

Referindo-nos aos 150 anos da comunidade histórica polono-brasileira, apreciamos as conquistas da colonização agrícola no Paraná. Os colonos poloneses, como por diversas vezes tem enfatizado o eminente historiador paranaense Ruy Wachowicz, constituíram um elemento integral da modernização do país e da edificação da história contemporânea da sociedade brasileira.

É por isso que nos alegra a ascensão socioprofissional das antigas coletividades coloniais, da mesma forma que nos envaidecem os sucessos individuais no desenvolvimento do próprio potencial criativo e intelectual. Pessoas de origem polonesa estão hoje presentes em diversos setores da economia paranaense, o que pode ser facilmente comprovado pelo manuseio da lista telefônica de Curitiba...

Com pleno reconhecimento reportamo-nos igualmente ao esforço de preservar os artefatos históricos, porquanto eles constituem um fator de ligação entre o passado e o presente. As antigas colônias polonesas, como Pilarzinho, Abranches ou Órleans, com as suas históricas edificações sacras e metrópoles com os jazigos familiares dos poloneses, já se encontram no âmbito da cidade de Curitiba, capital do estado, onde se tornaram um elemento da paisagem cultural.

A continuidade da memória histórica é favorecida igualmente pelo extraordinário desvelo com a exposição de objetos autênticos trazidos pelos imigrantes poloneses, bem como com as autênticas moradas originais dos imigrantes, transportadas das antigas colônias polonesas no Paraná ao Museu Etnográfico da Imigração Polonesa no Parque João Paulo II em Curitiba. Sob a direção da coordenadora Danuta Lisicki de Abreu, com o apoio das autoridades paranaenses, esse núcleo desempenha um papel primordial na popularização da cultura polonesa no Brasil, sendo também o lugar de diversas solenidades.

Hoje os brasileiros de origem polonesa, da mesma forma que de muitas nacionalidades pós-imigratórias, envolvem-se com sucesso no processo da produção cultural de uma sociedade pluralizada. Eles já realizam voluntariamente as suas escolhas identitárias dentre os diversificados modelos culturais acessíveis numa sociedade cívica mesclada.

Expressamos o nosso reconhecimento aos descendentes dos pioneiros poloneses, que no contexto das atuais mudanças civilizacionais, buscas individuais e desejos de satisfazer novas necessidades culturais, foram capazes de conciliar as suas escolhas com a intuição do pertencimento à herança cultural polonesa e com a preservação do seu conhecimento histórico.

As comemorações dos 150 anos da colonização polonesa no Paraná constituem a melhor prova disso.

Sociedade Polono-Brasileira
Stanisław Pawliszewski – presidente

Varsóvia, setembro de 2021.

* * *

Associação “Wspólnota Polska”

Varsóvia, 7 de outubro de 2021.

P-33/51/21

Senhor
Rizio Wachowicz
Presidente da Representação Central
da Comunidade Brasileiro-Polonesa

Prezado Senhor Presidente,

Agradeço cordialmente pelo convite para as comemorações dos 150 anos da imigração polonesa no estado do Paraná. Sino extremamente não poder participar pessoalmente. No entanto, estou convencido de que esse evento será uma grande festa da coletividade de origem polonesa.

Durante a minha última visita a Curitiba, em 2019, tive a ocasião de me convencer de quanto o polonismo se encontra presente nas mais distantes regiões do mundo. Para mim, é muito comovente que após 150 anos da vinda dos primeiros imigrantes poloneses ao Paraná possamos visitar lugares tão ligados com a nossa história e tradição como o Parque João Paulo II. A cada passo sente-se ali a atmosfera polonesa, o que

demonstra a extraordinária determinação de muitas gerações dos imigrantes poloneses na preservação da identidade e na transmissão do amor e do apego à Pátria que eles tiveram que deixar. Somos muito gratos aos Senhores e às Senhoras pela incessante preservação do espírito polonês. A história da imigração polonesa no Brasil é uma parte importante da história da nação polonesa, e ela deve ser constantemente lembrada e enfatizada. Nesta ocasião eu gostaria de assegurar que a Associação “Wspólnota Polska” está sempre pronta a apoiar a ação dos Senhores e das Senhoras e a realização comum de um objetivo tão belo como é a preservação do polonismo no Brasil.

Desejo ao Senhor Presidente e a todos os participantes das solenidades que elas sejam um importante e comovedor momento para a edificação da comunidade polonesa.

Respeitosamente,

Dariusz Piotr Bonisławski

Presidente da Associação “Wspólnota Polska”

Para coroar as solenes comemorações – ainda que atingidas pelas restrições sanitárias em razão da pandemia – no dia 7 de novembro de 2021, no Teatro Regina Casillo, realizou-se um concerto em comemoração aos 150 anos da Imigração Polonesa em Curitiba (1871-2021). A Orquestra Sinfonia Brasil, regida pelo maestro Norton Morozowicz, com o pianista polonês Rafael Łuszczewski, executou a obra de Fryderyk Chopin *Grande Polonaise Brillhante*, e também obras de Henrique (Morozowicz) de Curitiba, de Mieczysław Karłowicz e de Ignacy Jan Paderewski. O evento contou com a presença do Prefeito de Curitiba Rafael Greca e da Primeira Dama Margarida, da Cônsul da Polônia Marta Olkowska e de João Casillo, cônsul honorário da Bélgica no Paraná, além de

outras autoridades locais e representantes da comunidade polonesa.

Concluimos com uma mensagem do Senhor Prefeito de Curitiba, Rafael Greca, alusiva às comemorações dos 150 anos da vinda dos primeiros imigrantes poloneses a Curitiba:

30 de setembro é o dia que registra os 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes poloneses em Curitiba. Um exemplo é a pioneira – retratada em meu livro *Curitiba Luz dos Pinhais* – Maria Grzybowski, nascida na Polônia em 1862, que chegou e se instalou no bairro Pilarzinho, na antiga colônia dos Voluntários da Pátria em 1875. São tantos os #Poloneses Curitibanos que marcaram e fizeram parte da nossa história, como o grande compositor Henrique Morozowicz (1934-2008) ou até mesmo o nosso saudoso prefeito de raízes polonesas Jaime Lerner (1937-2021). #Dziękuję Aos descendentes poloneses da nossa amada capital, abençoados pela Virgem Negra Nossa Senhora de Częstochowa, pela Nossa Senhora do Monte Claro, e que foram coroados pela visita, em julho de 1980, de S. S. o Papa São João Paulo II. Toda nossa gratidão e respeito por este povo que participou da construção da identidade da nossa gente. #StoLatPolônia #VivaCuritiba Rafael Greca – prefeito de Curitiba”. (www.facebook.com (acesso aos 01 de outubro de 2021)).

PADRE LOURENÇO BIERNASKI, CM
1929-2021

*Simão VALENGA, CM**

A irmã morte passou para levar consigo, no dia 6 de outubro de 2021, o Pe. Lourenço Biernaski. Esteve internado na UTI do Hospital XV desde o dia primeiro de outubro. Assim como os demais coirmãos idosos da comunidade, tinha acabado de tomar a terceira dose (reforço) das vacinas da COVID-19. Alguns dias antes vinha se sentindo fraco e com uma tosse seca persistente. Insuficiência respiratória, broncopneumonia, doença pulmonar obstrutiva crônica, hipertensão arterial sistêmica foram as causas que o levaram a óbito.

O Pe. Simão Valenga fez a motivação inicial da Missa de corpo presente convidando a todos a render graças a Deus pela pessoa do Pe. Lourenço Biernaski, enriquecida de dons, os mais variados, conforme oração do Ritual de Exéquias: “Nós vos damos graças por todos os dons que lhe concedestes na sua vida mortal para que fossem sinais da vossa bondade e da comunhão de todos em Cristo”. Prosseguiu com um breve histórico da sua existência.

No dia 7 de outubro, o Pe. Odair Miguel Gonsalves dos Santos, Superior Provincial, presidiu a Eucaristia na Paróquia Nossa Senhora da Anunciação, na Colônia Dom

* Membro da Congregação da Missão Província Sul, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Araucária, Paraná. Foi Superior Provincial da Congregação da Missão Província do Sul (CMPS) e atualmente faz parte do Conselho Provincial. Professor de Teologia na Faculdade Vicentina (FAVI).

Pedro II, onde o Pe. Lourenço foi sepultado no jazigo da Província no cemitério local, conforme seu desejo. Era preciso evitar aglomerações nestes tempos de pandemia. Duas celebrações haviam sido realizadas na Igreja São Vicente de Paulo: às 6h45, marcada pela presença das Irmãs Catequistas da Sagrada Família, das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração e de um número expressivo de fiéis, e às 10h, que contou com a participação de coirmãos e seminaristas da Província, das Filhas da Caridade, representantes dos Ramos da Família Vicentina, como SSVP, AIC, AFAVI, Juventude Marial, entre outros. Na Colônia Dom Pedro II o povo ocupou o vasto espaço da nave da matriz para prestar a sua homenagem a quem tanto o serviu.

O Pe. Lourenço Biernaski nasceu aos 17 de junho de 1929, na Colônia Dom Pedro II, Município de Almirante Tamandaré (Timoneira), PR, hoje Campo Magro. Seus pais foram Antônio Biernaski e Francisca Walenga Biernaski. O Sr. Antônio veio ao Brasil em 1885, com a idade de 3 ou 4 meses, acompanhado pelos seus pais Pedro Biernacki e Maria Filar, de Jablonice, Tarnów, Polônia. [A Sra. Francisca Walenga também era filha do imigrante pioneiro Gaspar Walenga, casado no Brasil com Tecla Szychta Walenga. Os pais de Ladislau Biernaski (futuro Bispo), Francisco Biernaski e Carolina Valenga Biernaski, bem como Miguel Valenga e Eva Biernaski Valenga, avós de Cláudio Walenga e dos irmãos Geraldo e Simão Valenga, Padres Vicentinos, eram irmãos e constituíram três famílias entre os Biernaski e os Valenga.]

O menino Lourenço (Wawrzyniec) frequentou a Escola dirigida pelas Irmãs da Sagrada Família da Colônia Dom Pedro. Lá surgiu a vocação, e o Pe. Silvestre Kandora logo se comunicou com o Pe. Wiktor Dewor, Diretor do Seminário Menor São Vicente de Paulo, em Curitiba, onde Lourenço se apresentou no dia 2 de fevereiro de 1942. Os seminaristas frequentavam as aulas no Instituto Santa Maria,

dos Irmãos Maristas. Em 1943, passaram a ter aulas ginasiais no próprio Seminário com os padres e professores leigos, sendo um deles o Dr. Antônio Firakowski, ex-aluno da *Bursa* (Internato) da associação *Oświata* (Instrução).

Estudou ali até o final de abril de 1947, quando foi enviado, pelo Pe. Ludovico Bronny, então Superior Regional, com dois colegas, Constantino Ostrowski e Tadeu Kulesza como os primeiros candidatos, para fazer o Seminário Interno (Noviciado) em Paris, Saint Lazare. Eram tempos de pós-guerra, pobreza e racionamento de tudo. Fez os votos na Capela das Aparições de Maria a Santa Catarina Labouré, Rue du Bac, no dia 31 de maio de 1949, na presença do Superior Geral, Pe. William Slattery, e concluiu os estudos de Filosofia (1950).

Frequentou a Teologia em Dax. Foi um estudante aplicado e teve mestres renomados, como os padres vicentinos Jean Cantinat, Bernard Pichon, Raymond Chalimeau, Maurice Vansteenkiste, entre outros. Os seus professores propuseram que continuasse com os estudos na área bíblica. Mas não foi possível. Foi ordenado no dia 13 de março de 1954 em Notre Dame du Pouy, Dax, França.

Logo que retornou ao Brasil, celebrou as primícias na Paróquia de Santo Antônio de Órleans, onde havia sido batizado. Na ocasião encontrou o menino Ladislau, seu primo, e perguntou se não gostaria de ser padre. Na hora recebeu uma resposta negativa, mas tempos depois esse menino tomou a decisão de entrar no seminário, tornou-se padre e bispo, deixando marcas de trabalhos pastorais e sociais como Bispo Auxiliar na Arquidiocese de Curitiba e como Bispo da Diocese de São José dos Pinhais, PR.

Ministérios e atividades

O Pe. Lourenço logo foi destinado para o Seminário Menor de Araucária, como professor de francês e latim. Em

1956 foi destinado como vigário na Paróquia de Prudentópolis. Entre 1957 e 1958 colaborou com as Missões Populares, começando pela Paróquia de Contenda e Serrinha. No ano de 1959 exerceu a função de Pároco na Paróquia de Rio Claro do Sul, PR, sendo benquisto pelos fiéis, que fizeram um abaixo-assinado para que não fosse removido. Mas um encargo importante o aguardava partir de 1960 até 1963: Diretor do Seminário Maior São Vicente de Paulo (noviciado e escolasticado) e professor de Psicologia no Seminário Maior Diocesano em Curitiba. Na época do Concílio Vaticano II, precisamente em 1964, ocupou-se da reitoria da Igreja São Vicente de Paulo e, quando a Reitoria foi erigida como Paróquia em 1965, foi pároco até 1967.

A partir dessa data, durante 15 anos, empenhou-se efetivamente com as Missões Populares nas Paróquias do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde havia a presença de famílias polonesas. O Pe. Lourenço Biernaski foi o primeiro brasileiro a ser ordenado na Congregação da Missão do Sul do Brasil. Merece um lugar especial na galeria de incansáveis missionários. Entre os anos de 1969 e 1979 pregou missões em mais de 50 Paróquias. Sabia se comunicar com crianças, jovens, adultos e casais. Também buscava adaptar-se às realidades e aos novos tempos. As missões populares tradicionais que evoluíram para novos métodos: pré-missões, missões e pós-missões. Fortaleceu a equipe com o engajamento de leigos, seminaristas e religiosas.

Como Superior Provincial, desde 1979, por um ano e meio o Pe. Lourenço se deslocava de fusca para atender a Paróquia de Guaraqueçaba. Quando impossibilitado, destacava outro coirmão. Depois de criada a paróquia de Guamiranga, PR (1981), e a laicização do primeiro Pároco, Pe. Firmino Perszel, foi nomeado Administrador Paroquial (1982). Voltou a ser pároco da Paróquia São Vicente (1990-1993). Prestou auxílio a diversas paróquias, como São Mateus do Sul,

Barreirinha, e foi Administrador Paroquial de Tomás Coelho em 1994, Barreirinha e Dom Pedro II, PR, em 1996. Sempre esteve disponível para auxiliar onde fosse necessário ou celebrar em polônês em algum evento ou no quinto domingo do mês na Colônia Cristina, Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Araucária.

Aventurou-se, em 1989, a ser professor de Latim para compor o quadro na Faculdade Versailles, em Curitiba.

Exerceu múltiplas atividades na Congregação da Missão Província do Sul, tais como: Ecônomo e Superior da Casa Central, este último cargo repetido por diversas vezes, Secretário da Província, Conselheiro Provincial (1987 e 1993).

Como Diretor da Associação das Senhoras de Caridade (AIC), exerceu este encargo a partir de 1965, por um período de 10 anos. Fundou diversos grupos nas paróquias da Arquidiocese de Curitiba e em outras dioceses. Desde 1965, permaneceu por 42 anos como assessor da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP). Participou ativamente de inúmeros encontros, retiros, visitas e festas regulamentais.

Na função de Diretor (1964) das Filhas de Maria Imaculada (Movimento Marial), destacou-se na organização, em 1965, do primeiro Congresso Marial Regional Sul, com a participação de 469 jovens consagradas a Maria Imaculada, provindas de 46 cidades do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Como pregador de retiros, foi requisitado por diversas congregações religiosas masculinas e femininas, pelos ramos da Família Vicentina, pelos Movimentos e Associações de leigos em incontáveis ocasiões. Destacava-se pelo conteúdo, pelas brincadeiras, piadas e pela simpatia que atraía a todos.

Foi Orientador Espiritual do Movimento dos Cursilhos de Cristandade quando, por anos, participou dos encontros de homens, mulheres ou jovens, com palestras, confissões e celebrações.

O Pe. Lourenço foi professor de Introdução à Teologia Dogmática na Escola de Diáconos (1996) e fez parte da Comissão de Diáconos Permanentes da Arquidiocese de Curitiba (2006). Colaborou com a formação dos Diáconos, com o seu apoio e os seus serviços.

Presença em momentos significativos e decisórios da CM e da CMPS

Participou, como Delegado eleito pelos coirmãos de Curitiba, da Assembleia Provincial de Cracóvia, quando se discutiu a criação da Vice-Província de Curitiba. Nessa Assembleia conquistou a todos com sua simpatia e suas piadas. Foi eleito Deputado para a Assembleia Geral de Paris (1968), na qual se aprovou a criação de Vice-Províncias.

Quando exerceu o cargo de Superior Provincial (1979 a 1983) inaugurou o Seminário Vicentino Nossa Senhora das Graças. Favoreceu a criação da Paróquia do Menino Jesus em Guamiranga, PR, e aceitou a Paróquia de São Jerônimo da Serra, PR.

Abriu frentes missionárias no exterior, como Zaire e Venezuela. Promoveu a ajuda à Prelazia de Cametá, Província de Fortaleza.

Como Superior Provincial, participou ativamente, com o Pe. João Górká, Deputado, da Assembleia Geral (1980), em que foram elaborados as Constituições e os Estatutos da CM.

Por ocasião da Assembleia foi eleito como Presidente da Conferência Latino-Americana das Províncias Vicentinas (CLAPVI).

Promoveu o encontro de Estudos Vicentinos realizado em Curitiba entre os dias 21 e 31 de julho de 1981 e aquele de Visitadores com o Superior Geral e Conselho Geral, em Bogotá (1983), que foi o primeiro e o qual começou a fazer parte da agenda da Congregação.

Organizador do Museu, do Arquivo e da Biblioteca dos Padres Vicentinos

Desde 1984 dedicou-se a organizar o Museu, a Biblioteca Vicentina, o Arquivo Polônico e a Biblioteca Polonesa. Graças ao seu empenho o acervo foi sendo substancialmente enriquecido.

Títulos

- Cidadão Honorário do Município de Contenda: 27 de junho de 2018.

- Prêmio “Papa João Paulo II” da Câmara Municipal de Curitiba: 14 de maio de 2014.

- Diploma de Sócio Benemérito do Círculo de Estudos Bandeirantes de Curitiba vinculado à PUCPR: 24 de agosto de 1999.

Polonidade

Por ser descendente de imigrantes poloneses e por saber da importância da história e do conhecimento dos personagens que se destacaram, o Pe. Lourenço fez um trabalho de “formiguinha”, recolhendo documentos, correspondências, notícias e organizando em pastas que constituem uma importante fonte de pesquisa. Buscou preservar e divulgar a cultura polonesa. Participou de inúmeros eventos, entre os quais, o do sesquicentenário da imigração polonesa do Paraná (2021), que ajudou a organizar, embora não pudesse celebrar. A sua invejável cultura geral, o seu conhecimento da história da Igreja e da Congregação, somados a uma prodigiosa memória, fizeram dele um pesquisador e estudioso ímpar.

Características

Exerceu o ministério sacerdotal com zelo e dedicação ao povo e à Congregação. Assíduo nas orações, fazia a comunidade participar da liturgia das horas (breviário) e da Eucaristia. De uma humildade que encantava, sem ufanismo, mas que conquistava as pessoas. Sabia dialogar com autoridades com reverência, mas também com firmeza, quando necessária. Foi sempre atento e cuidadoso para com o próximo, acolhia as visitas, servia quem quer que fosse, preparava a mesa e a hospedagem, gastava tempo ouvindo, dialogando, contando causos, chistes, com o famoso cachimbo. Promovia encontros festivos com os coirmãos e convidados na Casa Central, na qualidade de Superior Local, por ocasião de eventos diversos.

A vivacidade de espírito e a esperteza do Pe. Lourenço chamavam a atenção. Seja na pescaria, seja nas diversas atividades da casa, da horta ou cuidando dos pés de café, cujo processo, nos bons tempos, passava pelas suas mãos, desde a colheita, torrefação, moagem, até servir o cafezinho aos hóspedes ou coirmãos.

A sua agenda de bolso era famosa. Todo ano adquiria uma nova e todos os seus compromissos eram registrados ali. Não eram poucos e ele não se perdia. A partir dos anos oitenta, quando deixou o grupo missionário, atendia, pela manhã, a capelania das irmãs e celebrava aos sábados e domingos nas comunidades. Aceitava palestras, confissões e celebrações em encontros de casais ou jovens. Corria e fazia os outros correr. As missas “a mais” que assumia, ele as distribuía para os coirmãos “não fiquem ociosos”.

Quando foi ecônomo e provedor da Casa Central nos anos sessenta, dirigia pelas colônias um jipe DKV, cujo barulho denunciava de longe sua passagem, assustando a criançada. Mais tarde o fusca azul-celeste o transportou por estradas precárias, como a de Guaraqueçaba, PR, cuja paróquia atendeu por um bom tempo, viajando de Curitiba,

ou quando ia acompanhado de convidados ou visitas canônicas oficiais. A carteira de habilitação foi tirada em 1957, era válida, e esperava renová-la com os seus 92 anos de idade.

Quando octogenário, os coirmãos começaram a chamá-lo de Pai Abraão, pois chegou a uma idade que o salmo afirma ser “fato notável”. Mas os anos foram se sucedendo e o apelido foi caindo no esquecimento, já que ultrapassou o limite!

Obras publicadas

- *Quem foram, O que fizeram, esses Missionários*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 2003.
- *Quem foram, O que fizeram, Esses Missionários*. Volume II (no prelo).
- *Dom Inácio Krause, CM, 1896-1984. Apóstolo e Testemunha. China – Brasil*. Curitiba: ICQ Editora Gráfica, 2021.
- *Wenceslau Szuniewicz. Médico e Padre. A sua aventura humano-missionária*. Curitiba: ICQ Editora Gráfica, 2021.
- *Província de Curitiba 1969-2019. Crônicas dos Visitadores* (no prelo).

Artigos em revistas

Entre Amigos, Iprosul, Clapvi, Vicentiana, além de centenas de páginas de traduções, crônicas e história da Província e da Congregação.

Organizador de obras

- *Livro das Famílias: Nalepa, Biernaski, Walenga, Gorski*. Curitiba: ICQ Editora, Gráfica, 2016.
- *Ozanam Frederico: Mobilização de Leigos*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1978. 2009².
- *Jean-Gabriel Perboyre, Mártir da China*. Iprosul. Número Especial. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995.

Traduções

Traduziu para a língua francesa:

Afonso de SANTA CRUZ (Pe. Afonso Gessinger, SJ). *La Religieuse du Pardon (Maria Farani)*. Curitiba: Edições Rosário, 1990.

Promoveu e incentivou a publicação da Coleção Vicentina, agora com 56 volumes, entre outros:

DODIN, André. *Humanismo de São Vicente de Paulo*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1979.

DODIN, André. *São Vicente de Paulo e a Caridade*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1980.

AA.VV. *Semana de Estudos Vicentinos CLAPVI*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1981.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia szkic życia i działalności ks. Wawrzyńca Biernaskiego, CM (1929-2021), członka Zgromadzenia Księża Misjonarzy (w Brazylii znanych jako Księża Wincentyni). Członkowie tego zgromadzenia z prowincji polskiej objęli posługę duszpasterską nad emigrantami polskimi w Brazylii w 1903 r. Utworzyli w Brazylii wiceprowincję, która od 1969 r. przekształciła się w samodzielną prowincję.

Ks. W. Biernaski, który odbył swoje studia filozoficzne i teologiczne we Francji, był pierwszym księdzem Brazylijczykiem tego zgromadzenia w dawnej wiceprowincji a obecnej prowincji.

Autor artykułu przedstawia życiorys ks. Wawrzyńca, syna emigrantów polskich, oraz jego różnorodną i bogatą działalność duszpasterską, ale także administracyjną i kulturalną. Ks. W. Biernaski był autorem kilku książek oraz wielu artykułów opublikowanych w różnych czasopismach. Poprzez organizację Archiwum Polonijnego przy domu centralnym prowincji w Kurytybie przyczynił się w sposób znamieny do przechowania historii osadnictwa polskiego w Brazylii.

11 de novembro: Comemoração do dia da Independência da Polônia

No Teatro Regina Casillo, em Curitiba, foi realizado um concerto em comemoração do Dia da Independência da República da Polônia, com o pianista Rafał Łuszczewski. A palestra inicial foi apresentada pela Cônsul Geral Marta Olkowska. Registramos a presença do Prefeito Rafael Greca e de Dona Margarida entre os presentes no concerto.

A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE FESTEJA A DATA NACIONAL DA POLÔNIA

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Os polônicos de Porto Alegre comemoraram a Independência da Polônia. Apesar de no Brasil o 11 de novembro ser um dia normal de trabalho, o sentimento da união com a Nação Polonesa conduziu um grupo de polônicos para a santa Missa das 7 horas na Igreja Polonesa. Durante a Missa, o Pe. Zdzislaw, numa breve reflexão, apresentou aos representantes reunidos da comunidade polônica local e aos nossos amigos brasileiros o contexto histórico da recuperação da Independência após 123 anos de domínio estrangeiro imposto pelos ocupantes. O pregador procurou igualmente conscientizar os presentes na igreja da atual e delicada questão na fronteira oriental da Polônia. Informou aos fiéis a respeito

* Reitora da Missão Católica Polonesa no Brasil.

da questão da ajuda humanitária que nos últimos anos a Polônia (o governo, a Caritas Polonesa) tem oferecido a alguns países do Oriente Médio, tais como o Iraque, a Síria, o Líbano. Espiritualmente estamos apoiando a Polônia para que a questão da provocação da parte da Bielorrússia seja solucionada para o bem das nossas nações e a paz na Europa.

O Pe. Zdzislaw assinalou igualmente que os poloneses têm um sentimento de gratidão diante do Brasil, que no passado, através dos seus políticos, reivindicou na arena internacional uma Polônia livre e soberana. O mais envolvido na questão da independência da Polônia foi o jurista, senador e grande intelectual Rui Barbosa, além de Nilo Peçanha, ministro das relações exteriores do governo brasileiro da época. É por isso que, quando hoje rezamos pela Pátria livre Polônia, ao mesmo tempo nos lembramos da Pátria Brasil, na qual vivem tantos descendentes dos imigrantes poloneses, que constituem uma ponte nos contatos entre os nossos países amigos.

Imediatamente após a santa Missa dirigimo-nos para o outro lado da avenida, onde num prédio comercial localiza-se o Consulado Honorário da Polônia. Diante do prédio, Sergio Sechinski – que cumpre a missão de Cônsul Honorário da República da Polônia no estado do Rio Grande do Sul – dirigiu aos presentes, em palavras que brotaram de um coração polônico, uma mensagem na qual estimulou a que cultivássemos o orgulho da nossa origem e preservássemos os valores que os nossos antepassados trouxeram consigo da distante Polônia. As sucessivas gerações emigratórias na segunda, terceira ou quinta geração que vivem na capital e no território deste rico estado, territorialmente um pouco menor que a Polônia, foram capazes de cultivar e de transmitir aos novos herdeiros a riqueza das nossas tradições e manifestações culturais. Eis a mensagem do nosso Cônsul Honorário:

*“11 de Novembro – Dia da Independência da Polônia,
Para nós, poloneses e descendentes de corajosos imigrantes poloneses
que durante as opressões estrangeiras e dificuldades diversas,
optaram por emigrar para o Brasil, dirigidos pelo seu espírito
desbravador e conquistador, é imprescindível acompanhar e lembrar
a história, da qual, mesmo não sendo protagonistas, herdamos e
preservamos um verdadeiro patrimônio, através da nossa cultura
materna. Transmitiram-nos, dentre vários, o profundo amor à
liberdade e os valores pátrios.*

*Festejar uma data nacional da Polônia, comemorar um grande fato
histórico tem sua importância na medida que, individualmente, nos
comprometemos com o legado que recebemos de nossos antepassados.
Ensinar os filhos a cultivar nossas raízes e tradições, buscar o
conhecimento sobre a história e nela sentir-se envolvido por um
espírito de respeito e honra, somente nos faz melhores cidadãos, no
chão que habitamos.*

*Hoje, focando o centro da Europa, temos uma Polônia que nos é
motivo ainda maior de orgulho da nossa descendência. Pois, como
fênix, esta Polônia ressurgiu dos escombros de tantas batalhas e duas
guerras, se mostra, mesmo em meio aos rigores de tantas
transformações, como um horizonte de prosperidade, de uma vibrante
economia de mercado, um país de expressiva gente e riqueza cultural.
Da Independência, que hoje, 11 de novembro, de 2021, comemoramos
103 anos, olhemos para os valores que constituíram e edificaram a
nação polonesa dos nossos ancestrais. Captemos o testemunho de
garra e coragem de luta pela liberdade.*

*Que a Virgem de Czestochowa, Rainha e Padroeira da Polônia e de
todos os descendentes pelo mundo afora, dirija seu olhar materno de
proteção, para que a Polônia e seus filhos escolham sempre valorizar
os mais profundos princípios de amor e respeito à pátria que ladeiam
sua história, até os dias de hoje.*

*Viva a Polônia, Livre e soberana! Viva o Brasil, que um dia acolheu
os poloneses e os integrou”.*

Após a sua alocução, o Cônsul pediu ao padre que posicionasse a bandeira polonesa num lugar especial na entrada do prédio. Em seguida cantamos o nosso hino nacional.

O evento religioso-cívico foi coroado por um encontro na sede do Consulado, onde o Cônsul Sergio nos recepcionou com o tradicional e aromático cafezinho brasileiro acompanhado de bolachas. Durante o cafezinho tivemos a ocasião para um amistoso diálogo comum, bem como para a apresentação de sugestões para a solene comemoração da Independência da Polônia com a participação do Embaixador da Polônia, Dr. Jakub Skiba, que fará uma visita oficial ao estado do Rio Grande do Sul nos dias 18-21 do corrente mês de novembro. O Senhor Embaixador trará consigo algumas propostas para uma cooperação comercial e intelectual mais ampla da Polônia com o estado do Rio Grande do Sul. O programa da visita do Senhor Embaixador é muito rico em contatos com representantes das autoridades, empresários, intelectuais e, naturalmente, com a comunidade polônica, no domingo 21 do mês corrente. Visto que continuam em vigor as restrições sanitárias, tanto na santa Missa no domingo 21 como depois, no almoço com o Senhor Embaixador, teremos que nos restringir a certo número de representantes da coletividade polônica.

Hoje, durante todo o dia ensolarado – com uma suave brisa – tremulou a bandeira alvirrubra em companhia da bandeira brasileira diante da Igreja Polonesa. No outro lado da avenida, na entrada do prédio comercial, onde tem a sua sede o Consulado Honorário da Polônia, igualmente tremulou a bandeira polonesa. Numerosos transeuntes se detinham e olhavam...

Viva a Polônia livre e soberana e a nossa sempre amiga República Federativa do Brasil! Que Deus abençoe as

nossas Nações, e que a Madona Negra de Monte Claro e de Aparecida proteja os nossos países dos perigos e preserve neles o espírito de uma profunda e sincera amizade.

RESUMO – STRESZCZENIE

11 listopada br. w święto Niepodległości Polski, pomimo dnia pracy w Brazylii, grupa Polonusów przybyła na poranną Mszę św. do Kościoła Polskiego, aby się modlić za kraj swoich przodków. Bezpośrednio po Mszy św. zebraliśmy się przed budynkiem, w którym znajduje się biuro Konsulatu Honorowego RP w RS. Po przemówieniu Sergia Sechinskiego – Konsula honorowego duszpasterz umieścił polską flagę przy wejściu do budynku i wszyscy zebrani odśpiewaliśmy Hymn Polski.

Następnie Konsul honorowy zaprosił zebranych na małą czarną do biura Konsulatu, gdzie mieliśmy kolejną możliwość do dłuższych rozmów.

A VISITA OFICIAL DO EMBAIXADOR DA POLÔNIA A PORTO ALEGRE

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr **

A visita oficial do Embaixador da Polônia ao estado meridional do Rio Grande do Sul foi um acontecimento incomum, histórico e aguardado pela nossa orgulhosa comunidade polônica. Apesar da hora avançada da noite, uma delegação da coletividade polônica, com as nossas bandeiras do Brasil e da Polônia, saudou o ilustre hóspede no aeroporto da capital, Porto Alegre (17 de novembro de 2021, às 24h00).



* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

No aeroporto estiveram presentes também representantes do serviço estadual de segurança, que acompanhariam o diplomata polonês durante a sua estada oficial no estado brasileiro mais meridional do País e que faz fronteira com o Uruguai e a Argentina, o Oceano Atlântico e, ao norte, com o estado de Santa Catarina. Após a apresentação da delegação polônica ao Senhor Embaixador e à sua esposa e um breve diálogo, os senhores da segurança estadual levaram os nossos ilustres hóspedes ao hotel, e nós, satisfeitos e felizes porque a tão esperada visita se tornou um fato, voltamos às nossas casas.



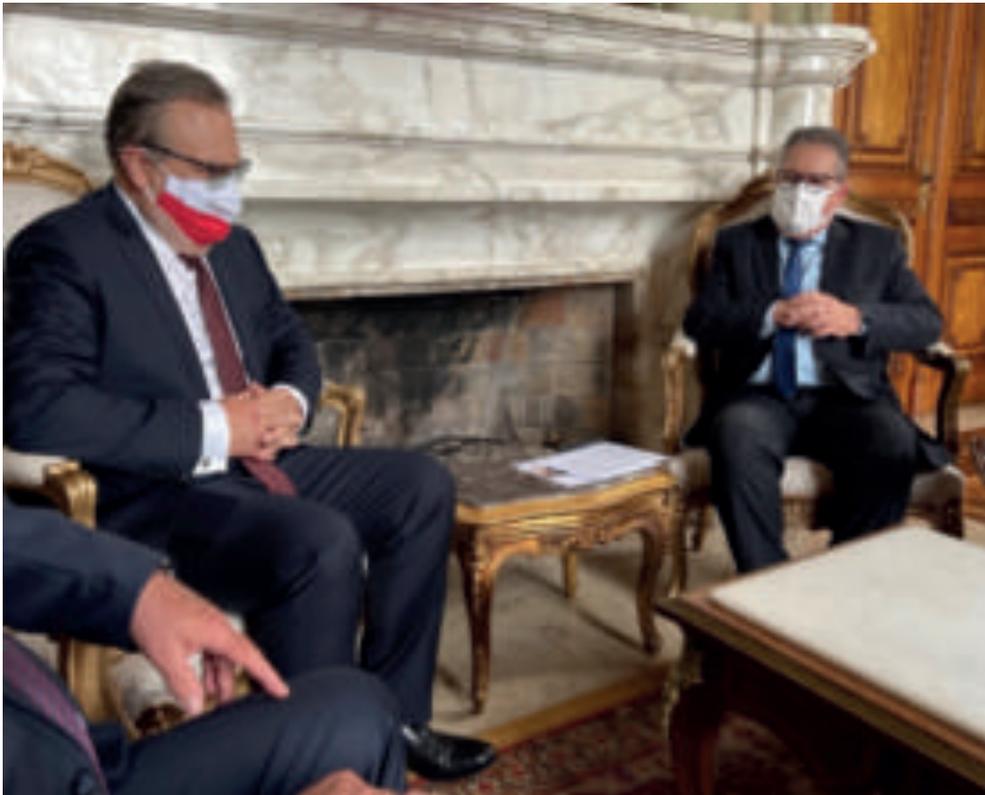
O dia 18 de novembro de 2021 foi o primeiro dia da visita do Embaixador da Polônia a Porto Alegre. As autoridades do estado deixaram à disposição do diplomata polonês um carro oficial com um discreto serviço de segurança. A primeira visita foi ao prefeito do município, Sr. Sebastião Melo, jurista de formação e um devotado político.

Graças à sua administração a cidade começou a apresentar um novo panorama e as ruas se tornaram muito mais limpas.

O segundo encontro oficial do Senhor Embaixador da Polônia naquele dia realizou-se no período da tarde, no Palácio Piratini, na parte central da cidade. O deslocamento realizou-se com o carro oficial, com policiais em motos, que interrompiam o trânsito no trajeto da passagem do representante do Estado Polonês no Brasil. Visto que o Senhor Embaixador expressou o desejo de que eu o acompanhasse nos encontros oficiais, pude observar de perto como a população local viu essa visita do diplomata polonês. Quando, diante do hotel, estávamos embarcando no carro oficial, um grupo de oficiais em motos interrompeu o trânsito nas ruas laterais a fim de que a avenida central da cidade permanecesse sem movimento de carros, visto que pomposamente por ali passava o diplomata polonês.



Após a chegada ao Palácio Piratini (sede oficial do governo do estado), a orquestra da polícia executou o hino nacional polonês. A seguir o Senhor Embaixador recebeu as honras da Polícia Militar, que naquele dia 18 de novembro estava festejando os 184 anos da sua instituição em 1837. No palácio, no primeiro andar, o diplomata polonês encontrou-se com o Vice-Governador, Sr. Ranolfo Vieira Júnior (que possui formação jurídica) e com os mais importantes secretários do estado. Os diálogos no gabinete foram muito construtivos, tendo por objetivo o estreitamento e a ampliação dos contatos em muitas áreas entre a Polônia e o estado do Rio Grande do Sul.



O encontro seguinte do Embaixador da Polônia, Sr. Dr. Jakub Skiba, no dia 18 de novembro, foi a recepção no Consulado honorário da Polônia no Rio Grande do Sul, com a presença do prefeito do município de Áurea, Sr. Antônio Jorge Slussarek, que veio acompanhado pelo Sr. Waszczuk,

presidente da seção local da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol). O Senhor Embaixador foi convidado para a Festa da *Czarnina* do próximo ano, que há anos é organizada em Áurea, onde mais de noventa por cento dos habitantes são de origem polonesa (a população do município é de 3.535 pessoas). Por semanas o Cônsul honorário Sr. Sergio Sechinski envolveu toda a sua energia e conhecimento no mundo político, polônico e midiático local numa boa preparação da visita oficial do diplomata polonês que pela primeira vez estava fazendo uma visita ao estado do Rio Grande do Sul.

No segundo dia (19 de novembro) do Embaixador Sr. Jakub Skiba em Porto Alegre, houve um encontro com empresários do estado do Rio Grande do Sul interessados em contatos com a Polônia. No seminário, a partir das 9h00, estiveram presentes também representantes da Agência Polonesa do Desenvolvimento e do Comércio. Participou do encontro também o Cônsul honorário Sr. Sergio Sechinski. Representantes de diversos ramos da indústria do Rio Grande do Sul, inclusive da agricultura, demonstraram um grande interesse no estabelecimento de contatos concretos com instituições industriais polonesas. O seminário Polônia-Rio Grande do Sul foi encerrado com um almoço comum.



Naquele mesmo dia 19 de novembro, no período da tarde, o Embaixador da Polônia, em companhia do Cônsul honorário Sechinski e do Pe. Zdzislaw Malczewski SChr, Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, fez uma visita oficial à Pontifícia Universidade Católica, onde na reitoria ocorreu o encontro com Evilazio Teixeira, Reitor da mencionada instituição de ensino.



O Reitor esteve acompanhado de alguns dos seus mais próximos colaboradores.

Após as conversações oficiais, dois professores mostraram ao Senhor Embaixador a parte técnica da universidade. Após a visita à universidade, o Embaixador, com escolta policial, voltou ao hotel.

O último ponto da programação oficial da visita do Embaixador da Polônia a Porto Alegre (no dia 19 de novembro) foi uma participação no concerto do pianista polonês Rafał Łuszczewski (Raphael Lustchevsky) na capela

universitária da Pontifícia Universidade Católica. Rafał Aleksander Łuszczewski, conhecido igualmente como Rafał A. Łuszczewski, Raphael Alexandre Lustchevsky (n. 1979), é um pianista polonês, chopinista, pedagogo, propagador da música de Frederico Chopin no mundo, idealizador e coorganizador dos concursos de Chopin nos países da América do Sul. Deu concertos na maioria dos países da Europa, da Ásia, de ambas as Américas, além de Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Oriente Médio. Colaborou com regentes como Horia Andreescu, Pavel Baleff, Łukasz Borowicz, Osvaldo Colarusso, Leslie B. Dunner, Achim Fiedler, Hiroyuki Iwaki, Chosei Komatsu, Nicolas Krauze, Wojciech Michniewski, Norton Morozowicz, Marek Pijarowski, Francisco Rettig, Federico García Vigil, Simon Wright, Oleg Zverev. Em outubro de 2018 realizou um concerto por ocasião do centenário da recuperação da Independência da Polônia no Grande Salão das Reuniões no Palácio das Nações da ONU em Genebra, acompanhado pela orquestra sinfônica da Universidade Chopin de Varsóvia, com a regência de Grzegorz Nowak.



O número dos participantes do concerto foi restringido em razão das exigências sanitárias relacionadas com a pandemia. Na entrada da capela era preciso apresentar um documento confirmando a recepção da vacina contra a Covid-19. Os lugares foram divididos em cinquenta por cento para a coletividade acadêmica e outro tanto para a comunidade polônica. Esse evento foi um banquete para os ouvidos e para a sensibilidade espiritual. O concerto realizou-se sob o patrocínio da Embaixada da República da Polônia no Brasil, do Consulado Honorário da Polônia no estado do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.

No sábado (20 de novembro), o Cônsul honorário Sergio Sechinski mostrou ao Senhor Embaixador e à sua esposa os mais importantes pontos históricos da cidade de Porto Alegre e ofereceu um almoço aos ilustres hóspedes. Após o almoço o Senhor Embaixador fez uma visita à sede da Sociedade Polonia, onde foi saudado pelo presidente Sr. Mariano Hossa. A programação da estada na sede da organização foi rica e interessante. No final do dia, o diplomata polonês e sua esposa voltaram ao hotel. O responsável pela pastoral polônica esteve presente na programação preparada pelo Cônsul honorário em honra dos nossos ilustres hóspedes da capital do Brasil.

A participação da Senhora Embaixatriz

Tenho consciência de que nos meus textos o personagem principal é Senhor Embaixador da Polônia, o que não significa que eu não tenha percebido as discretas mas também sugestivas propostas da esposa do nosso diplomata, a Sra. Bogusława Skiba. Conscientemente deixei esse entretcho para uma reportagem especial, visto que, enquanto o Senhor Embaixador realizava os encontros oficiais por dois dias (18-19 de novembro de 2021), a Senhora Embaixatriz, graças à

|Crônicas

amabilidade e à disponibilidade de três brasileiras, pôde conhecer os lugares relacionados com a cultura, a religiosidade e as tradições do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, discretamente ela chamava a atenção do nosso Cônsul honorário da Polônia no Rio Grande do Sul para os produtos que a Polônia vende a muitos países e alcança sucessos. O Senhor Sechinski já estabeleceu contatos com empresas que, esperamos, poderão exportar a Porto Alegre e a diversas regiões deste estado os seus produtos.



Expressamos os nossos sinceros agradecimentos à Sra. Clélia Maria Olszewski, que viajou 170 quilômetros desde Dom Feliciano (uma pérola da comunidade polônica no estado, onde setenta por cento dos moradores têm origem polonesa) para ser a guia e a tradutora da Senhora Embaixatriz. A Sra. Clélia concluiu estudos de pedagogia (foi professora, e atualmente já está aposentada), visitou oito vezes a Polônia e fala muito bem em polonês. Por sua vez a Sra.

Mariza Pezzol (psicóloga de formação e empresária) é de origem italiana, mas sua sogra era polonesa, e sua filha mais velha, Giulianna, está estudando na Politécnica de Varsóvia. A Sra. Marisa serviu como motorista e guia. Sua irmã, a Sra. Mairi Lunardelli (advogada), também acompanhou a Senhora Embaixatriz. As mencionadas senhoras não somente sacrificaram o seu tempo, mas utilizaram o conhecimento de pontos interessantes da nossa cidade para que a Senhora Embaixatriz pudesse conhecer manifestações de cultura um pouco diferentes das nossas, polonesas. Essas senhoras, em sua amabilidade, forneceram a descrição das suas impressões do tempo passado com a Senhora Embaixatriz Bogusława Skiba. Foram capazes também de caracterizar a personalidade dela. Um provérbio brasileiro diz que “por trás de um homem conhecido e influente se encontra sempre uma grande mulher”. Esse provérbio parece aplicar-se muito bem à esposa do Senhor Embaixador, a Senhora Bogusława.



Abaixo publicamos os comentários das Senhoras que fizeram companhia à Senhora Embaixatriz Bogusława:

Depoimento de Clélia Maria Olszewski (Professora aposentada, pós-graduada em Gestão Pedagógica)

Por ocasião da Visita do Embaixador da República da Polônia, Sr. Jakub Skiba, a Porto Alegre, fui convidada pelo Cônsul Honorário da Polônia no RS, Sérgio Sechinski, para acompanhar em alguns passeios a Embaixatriz Senhora Bogusława Skiba, juntamente com as Senhoras Marisa L. Pezzol e Mairi Lunardelli.

Com o objetivo de oferecer um momento mais prazeroso à Embaixatriz, que por sua vez não participava da agenda oficial do esposo, visitamos os principais pontos turísticos da Capital Gaúcha, incluindo a Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Praça da Matriz, Casa de Cultura Mário Quintana, Mercado Público, Santuário da Mãe de Deus, Orla do Guaíba, Rua Verde e vários parques.

Na sequência, também estive presente ao recital do pianista polonês Raphael Lustchewsky, na Igreja Universitária da PUC, onde ainda nos encontramos. A experiência desses dias foi de uma convivência foi muito agradável. Na companhia desta querida e simpática Senhora, tive que usar o idioma polonês, mostrando, junto com as minhas outras duas companheiras de passeio, Marisa e Mairi, um pouco da nossa cultura, costumes e estilo de vida da nossa gente gaúcha. Foi um prazer conhecê-la, com a certeza de que desse encontro nasceu uma amizade.

Depoimento de Mairi Lunardelli (Advogada)

Para mim foi uma oportunidade importante conviver momentos com a embaixatriz, visitando pontos turísticos como: a Casa de nosso poeta Mário Quintana, Igreja Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Teatro São Pedro, Praça dos Três Poderes. Encerramos a tarde na nossa central de compras Mercado Público.

Observei o encantamento da nossa visitante por esses locais, registrando todos os momentos e sempre atenta ao que nós mostrávamos a ela. A Senhora Bogusława Skiba é uma pessoa extremamente afetiva e mostrou-se encantada com tudo que via.

Fico na expectativa de que retorne à nossa cidade para convivermos outros momentos como estes.

Depoimento de Marisa Lunardelli Pezzol (Psicóloga, Empresária)

Para mim foi um momento muito especial poder acompanhar a Sra. Boguśława neste tour por Porto Alegre.

Mostrar um pouco de nossa cidade e observar o interesse que a visitante demonstrava a cada espaço visitado, sempre interagindo, me encantou, mesmo com toda a diferença da língua.

Pessoa afetiva e muito atenciosa e simpática com todos.

Escutar a pronúncia do polonês sempre mexe muito comigo, pois é a língua que minha querida filha Giulianna atualmente fala, por estar vivendo na Polônia.

Foi muito importante a presença da amiga Clélia, que fez seu trabalho de tradução, facilitando e permitindo a compreensão da fala da Sra. Boguśława.

Ao final de nossa convivência, registro a vontade de poder ter estado por mais tempo com ela e fico no aguardo do seu retorno. Que seja breve a próxima agenda, pois temos muitas coisas boas para conviver!

As mencionadas Senhoras entregaram à Embaixatriz um livro de fotos do Rio Grande de Leonid Strealiaev, como lembrança da visita à Capital Gaúcha.

Celebração cívico-religiosa

O ponto culminante da visita do Senhor Embaixador da Polônia e de sua esposa foi a participação na santa Missa (21 de novembro) celebrada na Igreja Polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro em Porto Alegre.



Os nossos ilustres hóspedes vieram do hotel ao santuário polônico acompanhados de uma escolta policial. Na entrada da igreja eles foram saudados por Maria e Eduardo, filhos de um casal de médicos, pelo Cônsul honorário da Polônia no Rio Grande do Sul e pelo padre que presta assistência à comunidade polônica no capital desse estado da Federação Brasileira. Apesar das restrições em razão da epidemia, a igreja se encheu de polônicos não somente da capital, mas também das cidades pertencentes à região metropolitana e até de Nova Prata, uma cidade situada a 200 quilômetros de distância.

Toda a liturgia foi celebrada em língua polonesa, com a exceção do sermão e do discurso do senhor Embaixador no final da santa Missa. Oferecemos o sacrifício da santa Missa pela Polônia, bem como pelo Exército Polonês, pela Guarda Fronteiriça e pela Polícia, que vigiam diligentemente a fronteira com a Bielorrússia. No encerramento da santa Missa



entoamos o cântico “Deus, que a Polônia”. Não foi fácil conter a emoção tendo a consciência de que a grande maioria dos polônicos presentes no santuário eram pessoas da segunda, terceira ou até quinta geração, e de que muitos dos que cantaram esse hino nem conhecem a Polônia.

Após a santa Missa muitas pessoas quiseram tirar fotos com o Senhor Embaixador e com sua esposa. Provavelmente foi essa a primeira visita de um diplomata polonês de Brasília à Igreja Polonesa para participar de uma Missa com a comunidade polônica local. Perguntei a muitos dos polônicos mais velhos e ninguém foi capaz de dizer se nos últimos trinta anos esteve na Igreja Polonesa e com eles rezou um embaixador polonês...

A Capelania Polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro preparou em honra dos ilustres hóspedes um almoço especial. Em razão das restrições sanitárias, limitamos o

número dos participantes a 100 pessoas, embora houvesse muito mais interessados.



Com o objetivo de mostrar ao Senhor Embaixador e à sua esposa algo da cultura do Rio Grande do Sul, foi convidado um conjunto de folclore gaúcho, que apresentou algumas danças tradicionais do estado. Na última dança envolveu-se o casal dos nossos hóspedes vindos da capital do País, bem como alguns casais que participaram do almoço. Depois houve ainda uma sessão de fotos, pois visitas desse tipo não costumam ocorrer com frequência...

Após o encontro com os nossos polônicos orgulhosos da sua origem, o casal Skiba foi conduzido sob escolta policial ao aeroporto local. O Cônsul honorário da Polônia e o padre responsável pela pastoral polônica local igualmente dirigiram-se ao aeroporto, onde agradeceram cordialmente aos policiais pelo serviço prestado ao Embaixador polonês durante os quatro dias da sua permanência no estado. Após a despedida dos policiais tivemos ainda um diálogo com o Senhor Embaixador e sua esposa, para fazer uma síntese dessa memorável visita, que já começa a produzir os seus frutos. O

interesse do estado, dos empresários e da universidade católica pelo estabelecimento de próximos e concretos contatos já começou a manifestar-se nesses dias nos contatos telefônicos com Sergio Sechinski, Cônsul honorário da Polônia, que com grande dedicação envolveu-se nos preparativos dos encontros oficiais do diplomata polonês com representantes da cidade, do estado, com autoridades da universidade pontifícia e com empresários.

Antes da despedida, abordamos na conversa mais alguns pontos como desafios para o nosso futuro polônico mais próximo. Desejando ao casal Skiba tranquilas duas horas de voo até a capital do Brasil e após as despedidas, voltamos ao nosso dia a dia, tendo a consciência de que, apesar da grande distância geográfica, a Polônia – graças a essa visita oficial do seu embaixador – aproxima-se do Rio Grande do Sul e da coletividade polônica local, que congrega cerca de 700 mil pessoas. O casal Skiba conquistou os corações dos nossos orgulhosos polônicos e dos nossos cordiais amigos brasileiros que participam dos nossos eventos polônicos. A visita oficial do Senhor Embaixador, com sua esposa, a Porto Alegre inscreve-se entre os acontecimentos históricos nos contatos polono-riograndenses, mas também polônicos. Esperamos que os contatos oficiais estabelecidos começarão a produzir os esperados frutos tanto para a Polônia como para este estado meridional do Brasil que é o Rio Grande do Sul.

Na breve reportagem acima procurei dar notícia desse importante acontecimento para a aproximação da Polônia do estado do Rio Grande do Sul em muitas dimensões. A presença e os encontros oficiais do Senhor Embaixador Dr. Jakub Skiba já estão tendo uma repercussão muito positiva entre as autoridades estaduais, os empresários e as pessoas interessadas no estabelecimento de contatos comerciais com a Polônia. A Pontifícia Universidade Católica já está aguardando uma abordagem positiva e a assinatura de um

acordo inicial com a Universidade Católica João Paulo II de Lublin a fim de instituir uma cátedra de cultura, literatura e língua polonesa nessa universidade pontifícia.

RESUMO – STRESZCZENIE

W dniach od 17 do 21 listopada br. przebywał z wizytą oficjalną ambasador Polski dr Jakub Skiba ze swoją małżonką. W programie pobytu były spotkania oficjalne z: prefektem municypium Porto Alegre, vice-gubernatorem stanu Rio Grande do Sul, przedsiębiorcami zainteresowanymi kontaktami handlowymi z Polską, wizyta w Papieskim Uniwersytecie Katolickim i rozmowa z rektorem i jego najbliższymi współpracownikami, koncert Rafała Łuszczewskiego, udział we Mszy św. z Polonią w Kościele Polskim. Po obiedzie ambasador z małżonką udał się w podróż powrotną do stołecznej Brasílii.

Nota de falecimento

30 de novembro:

Em Curitiba, faleceu Emília Piaskowski. A polônica Emília foi uma importante produtora e disseminadora da cultura polonesa em Curitiba e no Paraná. Artista plástica e cantora do Coral do Grupo Folclórico Polônês do Paraná e do Coral João Paulo II, era associada honorária da Casa da Cultura Polônia Brasil desde 2016, foi personalidade importante na difusão da arte de confeccionar recortes em papel, tradicional expressão popular polonesa, tendo recebido a “Ordem do Mérito Cultural da República da Polônia”. Contamos também com sua especial participação no livro “Lendas Polonesas”, em edições do “Boletim Tak!” e do site “Polonidade no Brasil – memória e legado”, com entrevistas e ilustrações, onde contou sua trajetória de vida, suas viagens à Polônia e falou da sua atuação junto ao folclore e dos cursos de *wycinanki*. Em 2019, aos 91 anos, D. Emília ministrou uma oficina de *wycinanki* na Casa da Cultura Polônia Brasil. Suas obras foram expostas em diversos locais, como o Muro da Sociedade Tadeusz Kościuszko, em 2018. O corpo da falecida polônica foi sepultado no Cemitério Parque Iguazu, no bairro Cascatinha, em Curitiba.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO CONSULADO HONORÁRIO DA REPÚBLICA DA POLÔNIA NO RS – ANO 2021

Reunião com PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Este encontro teve como pauta o interesse bilateral desta Universidade e da Polônia na constituição da Cátedra de Língua, Cultura e Literatura Polonesa com uma universidade polonesa. Participaram desta reunião, Thais Gonçalves - Analista de Assuntos Internacionais, Jéssica Ribeiro D. dos Santos e Carla Camargo Cassol da Silva do Escritório de Cooperação Internacional da PUCRS, eu e o Padre Zdzislaw Malczewski Reitor da Missão católica Polonesa no Brasil. Este assunto, iniciado em 2019, hoje em fase bastante avançada, tem continuidade, com a visita prevista do Reitor da Universidade São João Paulo II – KUL, em janeiro próximo, para definições do tema em andamento.

Realização de Curso de Língua e Cultura Polonesa, na modalidade on-line com o apoio financeiro da Stowarzyszenie Wspólnota Polska – Por se tratar de uma primeira experiência, e a primeira realização de curso de língua polonesa em Porto Alegre, com professor nativo da Polônia, e via internet, o planejamento requereu, além do processo de solicitação de apoio, também estudo e organização para um funcionamento didático adequado. Ainda em curso, temos atualmente 45 participantes, divididos em 5 turmas, incluindo os níveis Iniciante, Intermediário e Conversação.

Processo de busca de apoio financeiro junto à Stowarzyszenie Wspólnota Polska para a realização de curso de língua e cultura polonesa para o ano de 2022. Para esta próxima rodada do curso, prevê-se a participação de 60 participantes, na modalidade on-line com encerramento presencial dos professores, com evento sobre língua, cultura e história da Polônia. (Já tivemos a resposta favorável de apoio).

Manifesto de repúdio à prisão de ativistas poloneses na Bielorrússia – Além do manifesto enviado às autoridades bielorrussas no Brasil (embaixada), foi organizada manifestação por parte da comunidade polônica da capital Porto Alegre, com colocação de faixa em frente à Igreja dos Poloneses em Porto Alegre. Também foi enviado release a todos os veículos de comunicação das cidades com núcleos de descendentes de poloneses do Estado do RS.

Participação da teleconferência com o Ministro Jan Dziedziczak – Neste evento, em que participaram representantes de núcleos polônicos de todo o Brasil, foi discutida a atual situação e as perspectivas de ações concretas para a manutenção dos valores étnicos poloneses.

Reunião com a Faculdade de Música da UFRGS – Nesta reunião, que contou com a presença de Christianne Lobato Ramalho Guzas - Secretária de Relações Internacionais, se deu início às tratativas de uma aliança com o Instituto Frederyk Chopin de Varsóvia, com vistas a diferentes modalidades de atuação conjunta – tais como, convênios estudantis, eventos em parceria e outras. Este assunto continua em processo de ajustes para sua concretização em breve. Cabe se aqui ressaltar a qualidade e prestígio da Escola de Belas Artes – Música da UFRGS em todo o território nacional e até fora. Prevê-se com esta aproximação com a Polônia, um trabalho excelente no campo das artes.

Entrevista para a Rádio ZZPA - Związek Podhalań w Północnej Ameryce, narrando como vivem os descendentes de poloneses no Rio Grande do Sul. Esta entrevista comigo e com o Padre Zdzislaw Malczewski, foi uma oportunidade bastante importante, já que o ZZPA tem

forte atuação em vários segmentos como ensino da língua polonesa, atividades culturais e outras. Por outro lado, foi também uma oportunidade para mostrar como o estado do Rio Grande do Sul mantém suas tradições e cultura polonesa herdadas de seus antepassados.

Comemoração das datas nacionais da Polônia 2 e 3 de maio – Para estas duas datas, foi hasteada a bandeira nacional da Polônia no prédio do Consulado Honorário. Além desta manifestação, foi enviado release sobre os assuntos destas datas, a todos os veículos de comunicação da capital gaúcha.

Ainda, em comemoração destas datas, o Cônsul Honorário teve tempo reservado na Reunião mensal de Cônsules do RS, para pequena apresentação do fato histórico.

Inauguração do Portal do Consulado Honorário da República da Polônia no RS – Em 1º de maio, foi inaugurado o portal www.consuladohpoloniars.com.pl, que inclui informações consulares, informações sobre a Polônia e muitas outras. Nestes poucos meses de existência, já se pode considerar a grande demanda por este portal, como uma excelente referência de informação e promoção da Polônia. Com breves adaptações, já estão previstas várias apresentações de recitais, peças teatrais e até plataforma exclusiva para a realização de cursos, em tratativas com organizações polonesas.

Visita à Embaixada da República da Polônia em Brasília, a convite do Embaixador Jakub Skiba – Esta visita incluiu conversações sobre a polonidade no Estado do Rio Grande do Sul, sobre a economia e desenvolvimento do Rio Grande do Sul, os interesses de aproximação da Polônia com o Estado no âmbito da indústria, tecnologia, comércio, cultura e turismo. A partir desta visita, deu-se início às tratativas da visita oficial do Embaixador ao Estado.

Reunião com Sicredi/PR – A participação nesta reunião, em Curitiba, teve como objetivo conhecer o projeto de Convênio de Cooperação para intercâmbio de melhores práticas, entre NACSCU, SICREDI E WOOCU, com foco em 3 tópicos – essência do Projeto:

- Digital – Para conhecer e trocar conhecimento sobre os avanços digitais do setor.
- Relacionamento da Cooperativa com seus membros – principalmente dos coordenadores de núcleo.
- Metodologia de Venda de produtos financeiros – sobre a distribuição dos produtos SICREDI

Cabe se destacar que a partir desta reunião e reunião com Sicredi/RS, surgiu a possibilidade de inclusão do Estado do Rio Grande do Sul na próxima etapa, a iniciar no próximo ano.

Também já foi comunicado pela Sicredi que este Consulado Honorário recepcionará o grupo de poloneses que está atuando no projeto, em janeiro 2022.

Planejamento, organização e execução da visita oficial do Embaixador Jakub Skiba ao Estado do Rio Grande do Sul – Toda a organização e preparativos desta visita ficaram sob a responsabilidade do Consulado Honorário, incluindo muitos contatos e reuniões com órgãos públicos e organizações. Além destas etapas de trabalho, o Consulado Honorário acompanhou todos os compromissos e conduziu a divulgação e promoção da visita junto aos meios de comunicação do Estado, tendo excelente resultado em retorno de matérias publicadas, notícias veiculadas e entrevistas concedidas.

Planejamento e organização do Seminário “Promoção de Oportunidades e Relações Bilaterais Polônia-Brasil no RS” - Este evento foi realizado durante a Visita Oficial do Embaixador ao Estado do Rio Grande do Sul em parceria com a Secretaria Estadual de

Desenvolvimento Econômico/Setor Internacional e contou com a presença de empresários dos setores agrícola, eletrometalmecânico, energias renováveis, química, moveleiro e outros.

O evento que teve por objetivo a aproximação da Polônia com o Estado do Rio Grande do Sul, bem como a apresentação de oportunidades de possíveis parcerias no âmbito da tecnologia, comércio bilateral e a possibilidade de diversas modalidades de convênios e intercâmbios de negócios contou com mais de 20 participantes, dentre esses, empresários e responsáveis por setores de relacionamento internacional.

Cabe se destacar que, a partir da realização deste encontro, já tem as primeiras manifestações de interesse de aproximação – com maior ênfase do que vem acontecendo - os setores de química, transportes pesados e implementos para a agricultura, por parte do Governo do Estado.

Planejamento e organização da Reunião-almoço “Promoção de Oportunidades e Relações Bilaterais Polônia-Brasil no RS” - Este evento também foi realizado durante a Visita Oficial do Embaixador da Polônia ao Estado do Rio Grande do Sul e incluiu convidados das lideranças das principais organizações setoriais – Indústria, Comércio, Agricultura e Turismo e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do RS e Secretaria Estadual de Gestão e Governança do RS.

O objetivo desta reunião foi de sensibilização e aproximação com os líderes dos setores mais destacados da economia do Rio Grande do Sul, para que estes possam, cada vez mais, promover e apoiar empresas nas relações bilaterais com a Polônia.

Reunião com a Secretaria Municipal de Assuntos Extraordinários de Porto Alegre – Este evento aconteceu em dezembro, com o objetivo de participação da Polônia e Comunidade Polônica de Porto Alegre nos festejos de 250 da capital gaúcha – que possivelmente e já em fase de definições, deverá incluir a realização de um Recital com pianista polonês, a inauguração de um monumento de reconhecimento da etnia polonesa local, pela acolhida de Porto Alegre aos primeiros imigrantes poloneses que chegaram no Estado, no final do século XIX. Além destes itens, as tratativas terão continuidade com destacada participação da comunidade de descendência polonesa nos festejos, que iniciam agora em dezembro/2021 até dezembro de 2022.

Reunião específica “Cidade-Irmã” com a Secretaria Municipal de Assuntos Extraordinários de Porto Alegre – Este foi um outro acontecimento ocorrido em dezembro, cujo o objetivo foi de se tratar da escolha da cidade polonesa-irmã de Porto Alegre. O assunto deverá ter continuidade nos próximos dias, para uma definição de pauta e assinatura de Termo de Relação Mútua. A cidade polonesa, apresentada à Prefeitura de Porto Alegre é Gdynia. Tem se grande expectativa nesta intenção, que certamente incluirá uma grande aproximação com a Polônia, no que tange à cultura e Museu Municipal a ser inaugurado em breve.

Planejamento e realização do Masterclass com o pianista polonês Rafal Luszczewski – Este acontecimento com duração de um dia, foi uma ação cultural deste Consulado Honorário, com vistas à aproximação com a UFRGS – Faculdade de Belas Artes. A repercussão tem sido bastante positiva, o que certamente facilitará a realização de diversas ações em parceria.

Comemoração da data nacional 11 de novembro – Uma primeira etapa desta comemoração se deu no próprio dia 11 de novembro, com convidados pelo Consulado Honorário, em sua sede. Na ocasião, foi hasteada a bandeira nacional da Polônia e cantado o Hino Nacional da Polônia.

A continuidade desta comemoração ocorreu durante a visita do Embaixador Jakub Skiba ao RS e incluiu duas etapas - solene missa realizada no domingo 21/11, na Capelania Nossa Senhora

dos Poloneses (Czestochowa), com uma grande participação de descendentes e simpatizantes da cultura polonesa. Ao final, foi cantado o Hino Boże Coś Polskę.

O segundo momento foi o almoço oferecido pela Comunidade gaúcho-polônica, com o tradicional Churrasco. Participaram mais de 100 convidados. Neste almoço incluí-se demonstrações artísticas gauchescas, de música e dança.

Recital com o pianista Rafal Luszczewski na Capela Universitária Divino Mestre da Pucrs – Este evento foi promovido por este Consulado Honorário, durante a visita oficial do Embaixador da Polônia ao Estado do Rio Grande do Sul, e alusivo aos 73 anos de fundação da PUCRS.

Este foi um evento com ótima participação (mesmo com restrições da pandemia) de toda a Reitoria desta Universidade presente (que na tarde deste mesmo dia, recebia a visita do Embaixador Jakub Skiba, para formalizar a constituição da Cátedra com a Universidade São João Paulo II – KUL de Lublin), além de autoridades estaduais e municipais, jornalistas e outros.

Projeto Polo Integrado de Química – Nesta reunião, ocorrida em dezembro, que já é consequência da visita do Embaixador, se teve a apresentação do Projeto que inclui empresas brasileiras com a possibilidade de inclusão de empresas polonesas, com uma série de vantagens, tanto estruturais e de investimentos, como no âmbito de troca de tecnologias. Este assunto terá continuidade nos próximos meses.

Comemoração dos 150 anos da imigração polonesa no Paraná/Pilarzinho – Este Consulado esteve presente neste evento.

Outras atividades de rotina – Neste ano que se encerra, ainda inclui se neste relatório, uma série de atividades que são mais habituais e mais frequentes, mas que também exigem atenção e atendimento. Passo a listar algumas delas:

- **Atendimento a Prefeituras Municipais de localidades que têm núcleos de polonidade.** Geralmente estas procuram o Consulado para alguma informação, orientação e apoio em alguma atividade. Muitas vezes, até mesmo com a mera presença em algum acontecimento. Cito exemplos das Prefeituras de Dom Feliciano, Mariana Pimentel, Áurea, Caxias do Sul
- **Respostas a e-mails de solicitação de informações sobre cidadania polonesa.** São muitas e frequentes...quase que diariamente. São respondidas, indicando as várias referências para respostas.
- Respostas a telefonemas e mensagens de WhatsApp, dos mais diversos assuntos.
- **Redação e distribuição de releases aos veículos de comunicação,** de fatos históricos, datas comemorativas.
- Perguntas constantes, de várias formas (telefone, WhatsApp, e-mails) sobre as **restrições para viagens à Polônia.**

Porto Alegre, 14 de dezembro de 2021

Sérgio José Sechinski
Cônsul Honorário da República da Polônia no RS

